

Jaziel Guerreiro Martins

MANUAL DO PASTOR

e da Igreja

A. D. SANTOS
EDITORA

JAZIEL GUERREIRO MARTINS



MANUAL DO PASTOR E DA IGREJA

CURITIBA
2002

Todos os direitos reservados. Copyright© 2002.

A.D.SANTOS EDITORA

Capa: Luciana Marinho

Diagramação: Priscila Caroline de Souza

Impressão e acabamento: Editora Betânia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MARTINS, Jaziel Guerreiro

**Manual do Pastor e da Igreja / Jaziel Guerreiro Martins.-
Curitiba: A.D.SANTOS EDITORA, 2002. 374p.**

ISBN – 85-7459-069-X

1. Igreja - Administração 2. Liderança Cristã 3. Eclesiologia

CDD- 262 .1

1º Edição Brasileira, agosto/ 2002 - 3.000 exemplares

*Proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos,
xerográficos, fotográficos, gravação,
estocagem em banco de dados, etc.)
a não ser em citações breves,
com indicação da fonte.*



A. D.SANTOS EDITORA

AL.DR.CARLOS DE CARVALHO, III LOJA 14 - CENTRO - CURITIBA/PR

80410-180 - TEL. 41-223.0801 - 324.9390 - 223.8081

Site: www.adsantos.com.br - e-Mail: editora@adsantos.com.br

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
A IGREJA	5
1.1 O TERMO IGREJA	5
1.2 DEFINIÇÃO DE IGREJA	6
1.3 OUTROS NOMES BÍBLICOS PARA A IGREJA	9
1.3.1 Corpo de Cristo	9
1.3.2 Templo do Espírito Santo	10
1.3.3 Noiva de Cristo	11
1.3.4 Povo de Deus	12
1.3.5 Jerusalém Celestial.....	13
1.3.6 Coluna e Esteio da Verdade	14
1.3.7 Rebanho de Deus	14
1.3.8 Vinha de Deus	14
1.4 QUANDO SURGIU A IGREJA DE CRISTO	15
1.5 O REINO DE DEUS E A IGREJA	16
1.6 A MISSÃO DA IGREJA	17
1.6.1 Adoração	18
1.6.2 Comunhão	19
1.6.3 Evangelização	20
1.6.4 Serviço	21
1.6.5 Edificação	22
1.7 FILIAÇÃO E DESFILIAÇÃO NA IGREJA	23
1.7.1 Filiação à Igreja	24
1.7.1.1 Pelo Batismo	24
1.7.1.2 Por Carta de Transferência	25
1.7.1.3 Por Aclamação	25
1.7.1.4 Por Reconciliação	26

4.1.7 Questões Práticas do Batismo	75
4.1.8 O Oficiante do Ato Batismal	78
4.1.9 Esboço do Culto Batismal.....	79
4.1.10 Sugestão de Mensagem (Esboço)	80
4.2 A CEIA DO SENHOR	82
4.2.1 A Natureza dos Elementos	83
4.2.1.1 Transubstanciação	83
4.2.1.2 Consubstanciação	84
4.2.1.3 Presença Mística	85
4.2.1.4 Memorial	85
4.2.2 Modos de Celebrar a Ceia do Senhor	86
4.2.2.1 Ceia Livre Universal	86
4.2.2.2 Ceia Livre Restrita	86
4.2.2.3 Ceia Restrita	87
4.2.2.4 Ceia Ultra Restrita	87
4.2.3 Providências Antecipadas	88
4.2.4 A Cerimônia Propriamente Dita.....	89
4.2.5 Esboço de Culto de Ceia do Senhor	92
4.2.6 Sugestão de Mensagem (Modelo)	93

CAPÍTULO V

A DISCIPLINA NA IGREJA	95
5.1 A DISCIPLINA FORMATIVA	96
5.2 DISCIPLINA CORRETIVA	97
5.3 DISCIPLINA CIRÚRGICA	98
5.3.1 E AS COMISSÕES DE DISCIPLINA?	99
5.4 A RECUPERAÇÃO DOS EXCLUÍDOS	100

CAPÍTULO VI

COMO ORGANIZAR UMA NOVA IGREJA	103
6.1 LOCALIZAÇÃO	103
6.2 A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO	106
6.3 A PREPARAÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DA NOVA IGREJA .	109
6.4 A ORGANIZAÇÃO PROPRIAMENTE DITA.....	112

CAPÍTULO VII

A IGREJA E O CULTO	115
7.1 OS SÍMBOLOS DO CULTO	115
7.2 LITURGIA	116
7.3 AS PRINCIPAIS PARTES DE UM CULTO	117
7.3.1 Leitura Bíblica	117
7.3.2 Oração	119
7.3.3 Hinos e Cânticos	120
7.3.4 A Pregação	122
7.3.5 A Impetração das Bênçãos	123
7.4 MODELOS DE ORDEM DO CULTO	125

CAPÍTULO VIII

CERIMÔNIAS ESPECIAIS	127
8.1 CERIMÔNIA DE CASAMENTO	127
8.1.1 Modelos de Cerimônia de Casamento	132
8.1.2 Esboços de Mensagens Nupciais (Modelo)	133
8.2 CERIMÔNIA DE BODAS DE PRATA	137
8.2.1 Esboço de Programa (Ordem de Culto)	139
8.2.2 Esboços de Mensagens	140
8.3 CERIMÔNIA DE BODAS DE OURO	144
8.3.1 Esboço de Programa (Ordem de Culto)	145
8.3.2 Esboços de Mensagens	145
8.4 ANIVERSÁRIO DE 15 ANOS	149
8.4.1 Esboços de Ordem de Culto	151
8.4.2 Esboços de Mensagens	152
8.5 CERIMÔNIA FÚNEBRE	155
8.5.1 Esboços de Ordem do Culto	157
8.5.2 Esboços de Mensagens	159
8.6 DEDICAÇÃO DE CRIANÇAS	163
8.7 CULTO DE ORDENAÇÃO	165
8.7.1 Esboços de Ordem do Culto	168
8.7.2 Esboço de Mensagens	170
8.8 SOLENIDADES CÍVICAS	173

8.8.1 Modelo de Ordem de Culto	174
8.8.2 Esboços de Mensagens Para Culto Cívico	175
8.8.3 Uso dos Símbolos Nacionais	178
8.9 NOIVADO	180
8.9.1 Modelo de Ordem de Culto	182
8.9.2 Esboços de Mensagens	182
8.10 COLAÇÃO DE GRAU	185
8.10.1 Modelo de Programa de Formatura	186
8.10.2 Esboços de Mensagens	188
8.11 LANÇAMENTO DE PEDRA FUNDAMENTAL	190
8.11.1 Esboço de Programa	192
8.11.2 Esboços de Mensagens	192
8.12 DEDICAÇÃO DO TEMPLO	195
8.12.1 Esboço de Programa	196
8.12.2 Esboço de Mensagens	197
8.13 CULTO DE ANIVERSÁRIO	199
8.13.1 Esboço de Ordem do Culto	201
8.13.2 Esboço de Mensagem	201

CAPÍTULO IX

A IGREJA E OS LÍDERES EXTRA-BÍBLICOS	205
9.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DE UM LÍDER	206
9.2 TEMPO DE SERVIÇO	206
9.3 O (A) SECRETÁRIO DA IGREJA	207
9.4 O (A) SECRETÁRIO (A) DE TEMPO INTEGRAL DA IGREJA	209
9.5 O (A) TESOUREIRO (A) DA IGREJA	210

CAPÍTULO X

A IGREJA COMO PESSOA JURÍDICA	211
10.1 O ESTATUTO DA IGREJA	211
10.2 MODELO DE ESTATUTO	212
10.3 O REGIMENTO INTERNO	223
10.4 MODELO DE REGIMENTO INTERNO	224
10.5 MODELO DE ORGANOGRAMA	282

10.6 A DECLARAÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA	286
10.7 A INSCRIÇÃO DO PASTOR NO INSS	286
10.8 O ORÇAMENTO DA IGREJA	287
10.9 MODELO DE ORÇAMENTO	288
10.10 CONTRATO DE LOCAÇÃO DE IMÓVEL	290
10.11 RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA REGISTRO DE EMPREGADOS	294

CAPÍTULO XI

Os DEPARTAMENTOS E A PROGRAMAÇÃO DA IGREJA	297
11.1 DEPARTAMENTO DE EVANGELISMO E MISSÕES	297
11.2 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ	298
11.3 DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL	299
11.4 DEPARTAMENTO DE MÚSICA	300
11.5 DEPARTAMENTO DE FINANÇAS	300
11.6 DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA	302
11.7 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO	302
11.8 DEPARTAMENTO DE INTRODUTORES	302
11.9 DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO	303
11.10 DEPARTAMENTO DE ORNAMENTAÇÃO	303
11.11 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA	303
11.12 DEPARTAMENTO DE CONSTRUÇÃO	304
11.13 CALENDÁRIO ANUAL DE ATIVIDADES	304
11.14 MODELO DE UM CALENDÁRIO ANUAL	305
11.15 RELATÓRIOS ANUAIS	309
11.15.1 O Relatório Pastoral	309
11.15.2 O Relatório dos Departamentos	310

CAPÍTULO XII

A VIDA PASTORAL	313
12.1 SUA VIDA PARTICULAR	313
12.2 SUA CLÍNICA PASTORAL E VISITAÇÃO	317
12.3 AJUDANDO O PASTOR NO ACONSELHAMENTO - TEXTOS POR ASSUNTOS	324

12.4 SUA ÉTICA	328
12.5 SEUS LIVROS	331
12.6 BIBLIOGRAFIA BÁSICA DO PASTOR	334
12.7 VISITA AOS ENFERMOS	363
CONCLUSÃO	365
BIBLIOGRAFIA	369

INTRODUÇÃO

Muitos ministros religiosos e líderes eclesiásticos têm procurado uma obra que possibilite o fácil acesso e o livre exercício do ministério cristão de uma forma ordenada e reverente. Por causa dessa procura é que nasceu essa obra, que pretende ser, acima de tudo, um Manual para pastores, ministros, líderes da igreja em geral.

O primeiro capítulo trata da parte mais teórica do ministério cristão, definindo o termo “igreja”, os nomes bíblicos usados para ela, quando a igreja nasceu, qual a sua missão, qual a sua ligação com o reino de Deus. Discute-se também como uma pessoa pode entrar e sair de uma igreja. O segundo capítulo discute sobre os vários tipos de governo da igreja, mostrando as vantagens e desvantagens de cada um deles. No terceiro capítulo a preocupação é sobre os oficiais da igreja e quais as qualificações para alguém que aspira uma forma de liderança oficial na igreja de Cristo.

O quarto capítulo trata exclusivamente das ordenanças da igreja. Além de mostrar a diferença básica entre católicos e protestantes quanto ao assunto, dá-se inúmeras sugestões práticas tanto para o batismo quanto para a celebração da Ceia do Senhor. O quinto capítulo trata a ques-

tão da disciplina na igreja, enfocando especialmente a exclusão. Cada igreja tem sua forma particular de tratar esses assuntos e, portanto, oferece-se uma solução saudável e equilibrada no tratamento dessa questão.

Como organizar uma nova igreja? Essa é a preocupação do sexto capítulo. Nele, procura-se dar subsídios em como procurar um local adequado para a futura igreja, a construção do novo templo, a preparação e a organização dessa nova igreja. Detalhes que as vezes nunca foram pensados tornam-se fundamentais para o futuro da nova igreja, os quais poderão ajudar sensivelmente em seu crescimento no futuro.

Dependendo da necessidade de alguns pastores, os capítulos 7 e 8 são os mais esperados. Neles, trata-se das questões fundamentais do culto cristão. O capítulo 7 enfoca basicamente a liturgia da igreja, após trabalhar rapidamente os vários símbolos do culto cristão durante os séculos. Enfatiza-se as principais partes do culto cristão, tais como leitura bíblica, cânticos, oração, benção apostólica e assim por diante. O capítulo 8 enfoca as cerimônias especiais, tais como noivado, casamento, bodas de ouro e prata, cerimônia fúnebre, dedicação de crianças, culto de ordenação, solenidades cívicas, colação de grau, lançamento de pedra fundamental e dedicação de templo. Já os capítulo 9 e 10 tratam especialmente das funções de liderança extra-bíblicas, tais como tesouraria, secretaria e os vários departamentos que podem existir numa igreja. São muito importantes esses capítulos pois além de descreverem as funções básicas de cada um, apresentam as qualidades básicas que cada líder deve ter para assumir sua função no corpo de Cristo.

O capítulo 11 é assaz fundamental na vida do ministro, pois trata diretamente da vida pastoral em termos pes-

soais, de família e de igreja. Nesse capítulo o pastor pode ter informações importantíssimas sobre sua clínica pastoral, seu plano de visitação, sua ética com relação à família, igreja e colegas, seus estudos e a importância que se deve dar a eles. Também se enfatiza a importante tarefa de visitar e consolar os doentes e aflitos da igreja, e dá sugestões práticas sobre a preparação de sermões.

A esperança é que o leitor muito aproveite da leitura e do estudo deste livro, conhecendo melhor a igreja de Cristo e todas as tarefas envolvidas na vida pastoral, para que cada um possa realizar com esmero e muito eficazmente a obra do ministério. Que o livro venha contribuir grandemente para o fortalecimento do verdadeiro ministro de Cristo e vidas sejam edificadas, para a glória de Deus.

CAPÍTULO I



A IGREJA

1.1 O TERMO IGREJA

O termo “Igreja” vem da palavra grega *ekklesia*, originária do verbo *kalein*, que significa chamar. Entre os gregos, esse termo se referia a uma assembléia do povo convocada regularmente para algum lugar público, com o objetivo de deliberar sobre algum assunto¹. *Ekklesia* significa assembléia, congregação, mas os gregos não davam sentido religioso à palavra. Havia um outro tipo de reunião ocasional entre os gregos e o termo usado para tal reunião era *sullogos*. A palavra usada pelos autores do Novo Testamento é sempre *ekklesia*, pois ela denota a idéia de convocação, o que se enquadra perfeitamente no objetivo da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo.

No Antigo Testamento o termo usado no hebraico para as assembléias dos hebreus é *kahal* (Dt 23.1-3, Ne 13.1 e Lm 1.10), cujo sentido geral é o mesmo da palavra grega, ou seja, convocação. Entretanto, *kahal* toma ênfase religiosa, pois a convocação era feita por Deus. A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, sempre traduziu a palavra *kahal* por *ekklesia*, mostrando que o

¹Para verificar tais reuniões entre os gregos basta ler Atos 19.32,39,41.

povo de Deus sempre se apresentava solenemente diante do Senhor.

A palavra **Ekklesia** aparece 114 vezes em o Novo Testamento, sendo que apenas 5 vezes ela aparece com o sentido secular. Das 109 vezes em que aparece com o sentido cristão, 95 ela se refere à Igreja como um grupo de fiéis e, nas outras 14 vezes, o sentido é universal². Jesus foi a primeira pessoa a usar a palavra **ekklesia** em o Novo Testamento, aplicando-a ao grupo daqueles que se reuniam ao redor dele e aceitavam os princípios do reino por Ele estabelecidos (Mt 16.18).

Com o avanço da Igreja, o termo foi adquirindo vários significados, dos quais os mais importantes são:

a) Um grupo de fiéis reunidos em alguma localidade definida (At 11.26; 1 Co 11.18; Rm 16.1; Gl 1.2). É a igreja local que em alguns lugares se reuniam nas casas.

b) O número total daqueles que no mundo todo professam a Cristo Jesus e se organizam com o fim de cultuar a Deus sob a direção de bispos e diáconos, oficiais designados para tal função (1 Co 10.32; Ef 4.11-16). É a igreja universal, no sentido restrito.

c) Todo o corpo de fiéis, tanto na terra quanto no céu, que se unem ou se unirão a Cristo como Salvador (Ef 1.22,23; 3.10-21; Cl 1.18). É a igreja universal, no sentido amplo.

1.2 DEFINIÇÃO DE IGREJA

É mister fazer-se uma distinção entre Igreja universal e Igreja local. A Igreja universal é o conjunto de todo o

²FERREIRA, Ebenézer S. *Manual da Igreja e do obreiro*. Rio de Janeiro : JUERP, 1993. p.33.

povo de Deus em todos os séculos, o total dos eleitos, incluindo os do Antigo Testamento. A expressão pode também designar todo o povo de Deus no mundo em determinada época na história.

A Igreja local é uma comunidade de pessoas que pela fé e obediência estão unidas a Cristo, e, organizadas, promovem o Seu reino. Igreja local é uma congregação composta de pessoas professas em Jesus Cristo, regeneradas e batizadas que, voluntariamente se reúnem sob as leis do evangelho de Cristo, procurando estender o Reino de Deus não só em suas vidas, mas nas de outros, através da adoração a Deus, comunhão, serviço, evangelização e edificação própria.

Ao se definir Igreja, existem alguns aspectos essenciais que precisam ser ressaltados:

- a) Cristo é o cabeça e o chefe supremo da Igreja.
- b) A Igreja se subordina somente às Sagradas Escrituras em matéria de fé e prática. Ir além da Bíblia seria traír o próprio Cristo, pois nenhuma autoridade religiosa, por mais santa e competente que seja, pode tomar o lugar da autoridade que é a Palavra de Deus revelada na Bíblia.
- c) A Igreja deve ser livre e independente, não se sujeitando hierarquicamente a nenhum poder, embora as denominações possuam hierarquias para facilitar sua administração.
- d) A Igreja é completamente competente para dirigir seus próprios atos e ações de acordo com os ensinamentos de Cristo.
- e) A Igreja deve ser separada do Estado, em virtude de seu caráter e de suas funções espirituais, embora existam Igrejas que são ligadas ao Estado que, com isso, possuem a

vantagem de terem cultos e adoração em países onde o cristianismo é religião proibida.

f) Cada cristão é o seu próprio sacerdote e tem completa liberdade de consciência. Cada pessoa é competente para aproximar-se de Deus não necessitando de intermediários humanos (1 Tm 2.5; Rm 14.12). Alguns inventaram a doutrina da transferência ou procuração, pela qual alguém pode, na terra, interceder pelo semelhante junto a Deus e perdoá-lo, mas a doutrina neotestamentária é que cada cristão é, perante Deus, o seu próprio sacerdote.

g) Todos os membros possuem direitos e privilégios iguais, bem como as mesmas responsabilidades.

h) Os líderes religiosos, como oficiais bíblicos, não têm autoridade sobre a Igreja, a não ser aquela da sua vida moral ilibada. Os oficiais são despenseiros, servos da própria Igreja.

i) A Igreja é Una, ou seja, embora haja cerca de 22 mil grupos cristãos diferentes, ela é una. Embora não haja uniformidade no culto, na liturgia, na estrutura e na doutrina, ela é una, é a Igreja de Jesus Cristo.

j) A Igreja é Santa, ou seja, ela é separada daquilo que é profano e está dedicada ao serviço de Deus.

l) A Igreja é católica, ou seja, universal. Isso significa que a Igreja tem a mesma identidade na sua origem, na sua relação com o senhorio de Cristo Jesus e no seu propósito. Indica também que a Igreja é para todos, sem exclusão de ninguém que queira entrar nela. O termo católico adquiriu um sentido polêmico a partir do século III, para referir-se aos ortodoxos em contraposição aos carismáticos e hereges da época; e, hoje, quase que exclusivamente designa a religião Católica Romana.

m) A Igreja é Apostólica, ou seja, ela está edificada sobre o fundamento lançado pelos apóstolos, sendo o nosso Senhor Jesus Cristo a principal pedra (Ef 2.20).

1.3 OUTROS NOMES BÍBLICOS PARA IGREJA

O Novo Testamento apresenta vários outros nomes para a Igreja de Jesus Cristo. Através desses nomes pode-se ver alguns aspectos da vida essencial da Igreja e de seu relacionamento com Ele. Os vários nomes apresentados pelos autores neo-testamentários são:

1.3.1 CORPO DE CRISTO

Embora este nome não seja uma definição completa de Igreja, ele é uma figura poderosa que revela algo da natureza da Igreja. Esse nome é dado tanto à Igreja local (1 Co 12.27) quanto à Igreja universal. “Corpo de Cristo” mostra a unidade orgânica da Igreja, cuja vitalidade está na sua relação com o cabeça que é Cristo. O nome também dá ênfase sobre o relacionamento harmonioso que deve existir entre os membros da Igreja. Em algumas passagens bíblicas, Cristo é visto como o corpo inteiro e nós somos vistos como sendo apenas membros (Rm 12.5; 1 Co 10.16). Já em outras passagens, Ele é apenas a cabeça e nós cristãos, juntos, formamos o corpo, e individualmente somos os membros (Ef 5.23; Cl 1.18; 2.19).

A figura mostra que existem muitos membros, o que importa em multiplicidade. Cada um deles exerce a sua respectiva função e cada uma dessas funções é importante para a vida coletiva da Igreja, onde nenhum membro individual

funciona com exclusividade. Cada membro do corpo precisa de todos os outros membros; cada qual é indispensável para os demais. Nenhum membro, isoladamente considerado, pode representar o corpo de Cristo, motivo também pelo qual nenhum deles tem o direito de destacar-se acima dos demais, preocupando-se com sua própria promoção e importância. Além disso, o “corpo” não é equivalente à igreja visível, e sim, ao corpo místico de Cristo, composto daqueles que são conhecidos por Cristo, que têm experimentado algum conhecimento do Espírito Santo de Deus.

1.3.2 TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO

Em 1 Coríntios 3.16, o apóstolo Paulo chama a Igreja de “santuário de Deus”. Em Efésios 2.21,22 ele trata a Igreja como um edifício que cresce para templo santo no Senhor, para morada de Deus no Espírito. O apóstolo Pedro também usa a expressão “casa espiritual” quando faz menção à Igreja (1 Pe 2.5). Essas designações dos apóstolos enfatizam o caráter espiritual da Igreja, como sendo uma criação do Espírito Santo de Deus, indicando que ela é santa, inviolável, pelo fato de que o Espírito Santo presente nela lhe dá um caráter exaltado. Interessante notar que, como templo, a igreja estará completa no futuro, na consumação de todas as coisas (Ap 21.3).

Os cristãos não são mais estrangeiros ou peregrinos, que habitam uma terra que não é sua, onde não gozam o direito de cidadania. Antes, eles mesmos se tornam a habitação do Espírito Santo, o lugar de sua manifestação. Pelo fato que em nós habita o Espírito Santo, nos é conferida a comunhão com Deus e nessa comunhão é que nos tornamos habitação do próprio Deus. O Espírito Santo não é

apenas o meio ou o instrumento, mas é igualmente o medi-aneiro por cuja virtude Deus habita na Igreja³.

Ao habitar na Igreja, o Espírito Santo partilha com ela sua vida. As qualidades que lhe são próprias e referidas na Bíblia como fruto do Espírito (Gl 5.22-23), são encontradas na Igreja. O Espírito Santo também produz unidade no corpo. Isso não significa uniformidade, mas uma unanimidade em propósito e em ação. Além disso, é o Espírito Santo que transmite o poder para a Igreja, como Jesus indicou em Atos 1.8. O Espírito Santo cria, também, uma sensibilidade à liderança do Senhor e traz à lembrança os ensinamentos do Senhor, guiando os cristãos em toda a verdade.

1.3.3 NOIVA DE CRISTO

No Antigo Testamento temos a figura simbólica de Israel atuando como noiva e esposa de Deus (Is 62.6; 54.5; Os 2.19-20; Ez 16). Portanto, a infidelidade de Israel, quanto às coisas religiosas, era tratada como adultério (Ex 34.15). Assim, o abandono das idéias religiosas erradas era como se a nação deixasse seus amantes e tornasse a casar-se com o Senhor (Is 49.18; 69.10). O livro de Cantares de Salomão apresenta-nos um vívido quadro do namoro e do amor nupcial, representando o amor de Deus por seu povo. Muitos autores cristãos têm visto, no livro de Cantares, uma figura do amor de Cristo por sua Igreja.

Já o Novo Testamento apresenta Cristo como noivo da Igreja (Mc 2.18-20; Ef 5.27; Ap 19.7). Essa figura serve para enfatizar o tipo de relação de Cristo com a Igreja: um

³CHAMPLIN, R. N. & BENTES J. M. Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia. São Paulo : Candeia, 1995. Vol.6. p.425.

amor sem reservas, pois Ele a escolheu e por ela morreu. A figura também destaca o futuro da Igreja, um futuro glorioso juntamente com Ele (Ap 19.7; 21.2). Essa metáfora é um mistério, um grande segredo divino, antes oculto, mas agora revelado. Uma das principais lições que pode ser notada através dessa figura é o amor que caracteriza as relações entre Cristo e sua Igreja.

1.3.4 POVO DE DEUS

No Antigo Testamento o povo de Deus era o Israel físico. Deus havia criado um povo para si mesmo. Em o Novo Testamento, esse conceito de Deus escolhendo um povo é alargado, passando a incluir tanto judeus quanto gentios como povo seu. A partir do Novo Testamento, a Igreja é o povo de Deus; é o novo Israel (2 Co 6.16; Gl 6.16; 1 Pe 2.9; Tt 2.14). Os cristãos tornaram-se os sucessores da antiga nação hebréia, como “povo de Deus”, em contraste com os que se mantêm na incredulidade. O segundo concílio do Vaticano usou o termo para referir-se à Israel e à Igreja. Os elementos distintivos na idéia de povo de Deus são: o chamado divino (a Igreja é a comunidade viva daqueles que responderam ao chamado); a aliança, a eleição, e o reino de Deus⁴.

O conceito de Israel no Antigo Testamento e da Igreja em o Novo Testamento como povo de Deus contém algumas implicações. Ele provê cuidado e proteção ao seu povo; ele o mantém “como a menina dos olhos” (Dt 32.10). Ele, por outro lado, espera que a

⁴SEVERA, Zacarias A. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: A.D.Santos Editora, 2000.

Igreja seja seu povo sem reservas e lhe seja totalmente fiel. Espera-se, consequentemente, que o povo de Deus seja puro e santificado (Ef 5.25-27).

1.3.5 JERUSALÉM CELESTIAL

Em Gálatas 4.26, o apóstolo Paulo chama a Igreja de “a Jerusalém que é de cima”, personificando a cidade celestial como mãe do verdadeiro Israel, contrastando com a personificação de Roma como a meretriz. O autor de Hebreus a chama de “Jerusalém Celestial” (Hb 12.22); e, João a chama de “a nova Jerusalém” (Ap 22.2). Obviamente, os autores estão se referindo à igreja universal e não à igreja local. A igreja é, portanto, a reprodução da cidade de Jerusalém, a qual era descrita no Antigo Testamento como o local onde Deus habitava. Sendo assim, a Jerusalém Celestial é o lugar da habitação de Deus, onde o povo cristão entra em comunhão com Ele. Embora esse lugar de habitação esteja agora na Terra, ele pertence à esfera do céu e por causa disso será vista no futuro reino de Deus.

A nova Jerusalém é também a “Noiva de Cristo” (Ap 19.7-10), a qual está adornada com a santidade de Deus, com toda a plenitude de Deus, participando de seus atributos. No Apocalipse temos as suas dimensões (21.15-17), sua composição (21.18-21) e sua glória (21.22-27).

1.3.6 COLUNA E ESTEIO DA VERDADE

O autor das *Pastoriais* apresenta a Igreja como uma coluna e esteio da verdade (1 Tm 3.15). Essa figura serve para descrever a Igreja como guardiã, protetora e defensora da verdade divina, contra todos os inimigos do reino, sejam de fora ou os hereges que saem de dentro dela. Conquanto se refira à igreja em geral, pode-se aplicar esse nome à igreja local. A idéia da frase é que a igreja é aquele alicerce e estrutura que contém, defende e sustenta a verdade, que é a fé cristã.

1.3.7 REBANHO DE DEUS

Esse nome ressalta a completa dependência da Igreja ao seu Senhor; somos ovelhas Dele e, portanto, Ele nos alimenta, nos guia e nos protege, pois somos alvo de seu amor e de seus cuidados (Hb 13.20; 1 Pe 5.4; 2.25; Jo 10.2-15). A Igreja é o rebanho do Senhor Jesus e Ele é o Pastor dela.

1.3.8 VINHA DE DEUS

Esse termo enfatiza, por um lado, o cuidado de Deus pela sua Igreja: o Senhor Jesus aparece como a videira verdadeira, nós como os ramos, o Pai Celeste como o viticultor, tudo apontando para os ternos cuidados de Deus. Por outro lado, essa figura denota a responsabilidade que os cristãos têm de apresentar frutos para Deus (Jo 15.1-8). Também é fortíssimo o sen-

tido de dependência total em que devemos viver diariamente diante do Senhor, dependendo Dele em tudo, pois um ramo desligado da videira não pode produzir qualquer fruto.

1.4 QUANDO SURGIU A IGREJA DE CRISTO

As opiniões são muito divergentes quanto ao momento em que a Igreja foi organizada. Alguns pensam que teria sido quando Cristo convoca seus primeiros discípulos; outros asseveram que foi no dia de Pentecostes; e, ainda outros afirmam que foi depois quando a cristandade já tinha um corpo de doutrinas definido e já era composta de oficiais aptos para dirigi-la.

Pode-se dizer que a fundação e o estabelecimento da Igreja foi um processo gradual e progressivo, e não um momento único na história. A Igreja já existia antes do Pentecostes, em forma incipiente, pré-natal. Havia pessoas arrependidas, regeneradas, batizadas, celebravam a Ceia e havia até um tesoureiro (Jo 13.29); isso significa que os elementos essenciais de uma igreja já existiam antes do Pentecostes, embora em um estágio embrionário. Nesse período, a Igreja tem a presença corpórea de Cristo. Era uma igreja, mas em forma embrionária, pois ela não estava preparada e pronta para executar a sua tarefa.

É só a partir do Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo, que a Igreja está completamente preparada e pronta para realizar a sua tarefa. A Igreja ainda vive sob a tutela de Cristo, sem a existência de oficiais, ou seja, de pastores e diáconos. No entanto, para todos os efeitos e propósitos seus, a Igreja está completamente equipada para a sua obra.

pelo derramamento do Espírito Santo e pela atuação e função apostólica dos 12.

A maturidade da Igreja foi um processo vivido por várias décadas, pois com a morte dos apóstolos começou a surgir a necessidade de estabelecer os oficiais para a execução dos propósitos da própria Igreja. É nesse período que a Igreja atinge a sua maturidade: a Igreja já está estabelecendo seu corpo de doutrinas, os livros que mais tarde vieram a se tornar normativos para a Igreja já estão sendo escritos e, a Igreja já possui oficiais e se mostra apta para dirigir-se.

1.5 O REINO DE DEUS E A IGREJA

No Antigo Testamento, em termos bem amplos, a criação inteira é o Reino de Deus. Ele é o rei do céu, retratado como quem está sentado no trono do governo universal (Sl 103.19; Ez 1.26-28). Deus cuida de tudo e governa tudo, como o Rei Eterno (Sl 33.13; 145.13; Dn 4.3-4). Sua jurisdição abrange todas as nações (Sl 22.28; Jr 46.18). O direito que Deus tem de ser Rei deriva-se do fato de que Ele é o criador de todas as coisas (Sl 95.3-5). Em termos bem específicos, a nação judaica era o reino de Deus; Ele governava no monte Sião ou Jerusalém e era conhecido como o Deus de Israel (Sl 48.2; 99.1; Dt 33.5; 1 Sm 12.12; Jz 8.23).

Muitos fazem, atualmente, confusão com relação aos termos “Reino de Deus” e “Igreja”; portanto, existe a necessidade de distinguir ambos os termos. Em primeiro lugar, o Reino de Deus sempre existiu antes da Igreja de Jesus Cristo, enquanto a Igreja começou com Ele. Em segundo lugar, o Reino inclui todos os filhos de Deus en-

quanto que a Igreja se confina aos crentes no Cristo histórico. Em terceiro lugar, o Reino não pertence a esse mundo e é invisível, consistindo no domínio de Cristo na vida de seus súditos, enquanto a Igreja é visível e pertence a esse mundo no que diz respeito às suas relações sociais e políticas. Em último lugar, o Reino não tem caráter orgânico, mas a Igreja é um organismo local⁵.

Submissa ao reinado de Cristo, cuja realeza ela confessa e proclama, a Igreja não constitui o Reino de Deus; até o fim ela pode apenas proclamá-lo como a esperança final sua e do mundo e anunciar os sinais anunciadores do novo mundo. Sendo assim, a Igreja de Cristo faz parte do Reino, mas não é o Reino. A criação inteira também faz parte do Reino de Deus, a nação hebréia também fez (ou faz, conforme algumas interpretações) parte Reino de Deus, o reino messiânico esperado pelos judeus também fazia parte do Reino. O futuro governo de Deus também fará parte do Reino de Deus. A Igreja pertence ao Reino, é uma parte dele, a parte organizada e visível mais importante das forças do Reino, mas o Reino é um conceito mais amplo que a Igreja, pois ele representa o domínio de Deus em todas as esferas da vida humana.

1.6 A MISSÃO DA IGREJA

A Igreja de Jesus Cristo é um organismo espiritual e precisa realizar funções básicas que lhe dêem vitalidade e força. A Igreja existe para cumprir com seus propósitos e objetivos. A Igreja deve cumprir dignamente a sua missão, pois do contrário, ficará espiritualmente doente, ao

⁵FERREIRA, Ebenezer F. Op. Cit. p.33.

tentar funcionar de uma forma que o Senhor nunca pretendeu que funcionasse. Quais seriam, então, as funções que a Igreja precisa desempenhar? Como ela pode cumprir seu papel condignamente? A seguir são enfocadas as principais funções que a Igreja deve exercer.

1.6.1 ADORAÇÃO

A adoração é a relação vertical do homem com Deus; é a homenagem prestada a Deus. Adoração a Deus é a função primordial que a Igreja deve exercer na face da terra. Adorar significa cultuar, orar, rogar, venerar, homenagear. Deus deve ser adorado pelos seus filhos em vista de sua majestade, poder, santidade, bondade retidão e providência em favor dos homens⁶.

A Igreja é apresentada em o Novo Testamento como sendo uma classe de sacerdotes que serve a Deus com sacrifícios de louvor (Hb 13.15; 1 Pe 2.5). Nos templos neotestamentários, a Igreja reunia-se para adoração e instrução e, depois, saía para evangelizar. A adoração pode ficar prejudicada se a reunião da Igreja passar a ser orientada primeiramente para a interação dos cristãos ou se o culto for inteiramente voltado para a evangelização de incrédulos.

Deus procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23,24); a tarefa da Igreja é proporcionar condições e ambiente para que os seus membros cumpram com essa exigência bíblica. Além disso, a adoração é a maneira mais direta pela qual a Igreja honra a Deus. Como exemplos de adoração na Bíblia, temos o livro de Salmos, as doxologias nos livros do Novo Testamento (Rm 11.33-

⁶CHAMPLIN, R. N. & BENTES J. M. Encyclopédia de bíblia, teologia e filosofia. São Paulo : Candeia, 1995. Vol.1. p.48.

36; 16.27; Judas 24-25, Ap 1.5-6), algumas fórmulas litúrgicas, como Maranata (1 Co 16.22), Amém (Rm 1.25), Abba, Pai (Rm 8.15). Não somente na terra, mas também no céu a adoração é apresentada como sendo algo fundamental (Ap 4.8-11; 5.11-14; 7.9-12).

Na adoração bíblica encontramos alguns elementos fundamentais: no Antigo Testamento temos o louvor, a oração, a leitura da Lei, e a oferta; em o Novo Testamento temos o louvor, a leitura da Palavra de Deus, a oração, a oferta e a prática das ordenanças (Ceia e Batismo). Os cristãos não se reúnem para simplesmente reverenciar a memória de alguém; pelo contrário, a Igreja conta com a presença de Cristo na adoração, celebrando, portanto, a presença viva do Cristo vitorioso. Há ainda, a presença do divino Espírito Santo, o qual dinamiza a adoração santificando, inspirando oração e louvor, conduzindo o fiel à verdade divina, capacitando a Igreja com dons espirituais, e convencendo os incrédulos do pecado, da justiça e do juízo (Jo 4.24; Fl 3.23; Rm 8.26-27; Ef 5.18-19; 1 Co 2.10-13; Rm 12.4-8; Jo 16.8; 1 Co 14.12-16).

1.6.2 COMUNHÃO

Comunhão é uma palavra originária do termo grego **koinonia**, a qual significa participar juntos em alguma coisa. Além da idéia de participação, o termo grego envolve a idéia de companheirismo e contribuição, pois essa é uma das maneiras de se compartilhar com outros das posses e dons que Deus nos confiou. Comunhão é muito mais que associação mútua, embora a associação mútua esteja implícita na comunhão.

A comunhão está intrinsecamente ligada à adoração e a base da comunhão cristã é a participação do cristão na vida de Deus (1 Jo 1.3-7). Essa é a razão pela qual a comunhão era restrita apenas àqueles que perseveravam na doutrina dos apóstolos (At 2.42; Gl 1.8-9) e, aqueles que se desviavam do caminho cristão eram excluídos da comunhão (1 Co 5.4-5).

A manifestação especial da comunhão demonstrada em o Novo Testamento era o amor abnegado pelos irmãos (1 Co 13; 1 Jo 3.16). O amor cristão era o sinal marcante da Igreja e um meio profícuo de levar as pessoas a crerem em Cristo (Jo 13.34-35; Jo 17.23). Esse amor abnegado implicava também: no levantamento de ofertas para socorrer aos que precisavam (Rm 15.25; 2 Co 8.9), na hospitalidade (Hb 13.2; 1 Pe 4.9), no suportar as cargas uns dos outros (Gl 6.2), no encorajamento mútuo (Hb 10.25), na oração uns pelos outros (Fl 1.9-11,19), e na Ceia do Senhor (1 Co 10.16)⁷.

1.6.3 EVANGELIZAÇÃO

Uma das funções básicas da Igreja é evangelizar. Uma das principais maneiras de uma igreja obter crescimento é através da evangelização. Na maioria dos casos, o sucesso das igrejas repousa no seu ardor evangelístico, no seu testemunho, na divulgação da mensagem do Evangelho. A Evangelização do mundo compete à Igreja. Ela pode ser feita pessoalmente, de dois em dois, em equipes, em campanhas evangelísticas, através de sermões, cultos nas casas, núcleos de estudos bíblicos. Todos os meios de comunicação ao alcance da Igreja podem e devem ser usados, como

⁷SEVERA, Zacarias A. Op. Cit. p.122.

por exemplo, rádio, televisão, videocassete, periódicos, comunicação escrita, Internet e assim por diante.

O ponto central das instruções de Jesus Cristo aos seus discípulos foi a convocação para testemunhar (Mt 28.18-20; At 1.8). A palavra testemunhar, *martyria*, significa, no contexto legal, fazer uma defesa; consequentemente, o testemunho verbal é a essência de seu significado. A Igreja precisa, portanto, contar o que Cristo realizou e ensinou aqui na terra para salvar o homem.

Consequentemente, para que a Igreja seja fiel ao seu Deus, ela deve se empenhar ao máximo para levar o evangelho a todas as pessoas, independentemente se gostamos delas ou não, ou se elas são ideologicamente, culturalmente ou politicamente diferentes de nós. Num sentido bem real, evangelização local, nacional ou mundial são a mesma coisa, com uma única diferença: o comprimento do raio⁸. Se a Igreja não evangeliza, é sinal claro e certo de que ela está doente.

1.6.4 SERVIÇO

A palavra usada em o Novo Testamento é *diakonia*, podendo ser traduzida por “ministério” ou “serviço”. Servir é uma das características fundamentais dos cristãos e um meio de dar glória a Deus (Mc 9.33-37; Lc 22.24-27; 1 Pe 2.12). Quem capacita os cristãos é o Espírito Santo, o qual lhes dá dons específicos para servirem (Rm 12.3-8; 1 Co 12.4-11; Ef 4.11-12). O propósito desses dons seria glorificar a Jesus Cristo e promover o crescimento do corpo de Cristo. O serviço efetuado pela cristandade deve ser em primeiro lugar aos que fazem parte da Igreja, mas

⁸ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo : Vida Nova, 1997. p.447.

deve ser estendido também aos que não fazem parte dela, pois assim a Igreja se torna sal e luz na sociedade (Gl 6.10; Mt 5.16).

Importantes tarefas a serem executadas pela Igreja, ao lado da evangelização, são a beneficência e a educação. O ministério da Igreja, é por extensão, o próprio ministério de Cristo. Ele andou por toda parte fazendo o bem, curando, realizando beneficência e ensinando, porque amava a sua gente. A obra de beneficência, então, é o resultado do amor que a Igreja tem pelos perdidos; é praticar aquilo que ela prega e ensina, mantendo creches para atender crianças cujas mães trabalham, escolas para alfabetizar pessoas que não tiveram ainda a oportunidade de ler e escrever, escolas de primeiro, segundo e até terceiro grau para nosso povo carente de educação, albergues para amparar desabrigados que vivem passando frio e fome, casas de recuperação para alcoólatras e viciados, clínicas de saúde para a população enferma, lares para idosos e crianças abandonadas, além de providenciar alimento para os famintos e roupas àqueles que não as possui. É através de tais atividades benficiais e educacionais que a Igreja concretiza e materializa o que ela prega e diz.

1.6.5 EDIFICAÇÃO

Em relação a seus próprios membros, a Igreja possui uma missão extremamente importante: é a edificação própria (Ef 4.11-13), cuja meta é a medida de Cristo. Embora o Senhor Jesus tenha destacado a evangelização, a edificação dos crentes é logicamente anterior. A Bíblia

fala repetidas vezes sobre a edificação do corpo de Cristo, que é a Igreja. Ela pode ser edificada com o ensino das Sagradas Escrituras (Jo 17.17; 2 Tm 3.16,17), com oração (Mt 5.44; 6.5-15; Lc 11.1-13; Tg 5.13-18), na comunhão de seus membros (1 Co 12.24s; Gl 6.2; 1 Ts 5.14), no sofrimento (Lc 14.25-33; Jo 12.23-25; Ap 1.9), através dos dons espirituais (Ef 4.11-13) e, através da disciplina interna (Mt 18.15-17).

A edificação visa a unidade de toda a Igreja, a qual cresce sob o mandato de Cristo. É interessante notar que a edificação é um trabalho mútuo realizado por todos os membros do corpo. Não é somente o ministro ou o pastor que deve edificar os outros membros, pois a todos os membros o Espírito Santo distribui dons e talentos, para que todos possam mutuamente se edificar.

1.7 FILIAÇÃO E DESFILIAÇÃO NA IGREJA

Existem certas condições essenciais para que alguém se filie à uma determinada igreja local, sem as quais seria impossível considerar alguém como sendo um cristão verdadeiro. Em primeiro lugar, o indivíduo precisa ser convertido a Jesus Cristo, regenerado pelo Espírito Santo de Deus. Sem essa condição básica, ninguém deve ser colocado no corpo de Cristo, a santa Igreja de Deus. Em segundo lugar, é preciso que essa pessoa seja batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme Mateus 28.19, depois de professar fé pública em Jesus Cristo. Para as igrejas que entendem que o batismo bíblico é por imersão, a aceitação da pessoa no rol de membros é comumente condicionada a tal forma de batismo.

Em terceiro lugar, é imprescindível que a pessoa esteja disposta a assumir um compromisso sério com Cristo e com a Igreja na qual a pessoa está ingressando. Ela deve se dispor a procurar cumprir com as regras e se submeter à disciplina da igreja. Preenchidos esses requisitos básicos, a pessoa está apta a ingressar na igreja local.

1.7.1 FILIAÇÃO À IGREJA

Existem quatro meios, através dos quais alguém pode se tornar membro de uma igreja, mas todos eles são levados a efeito pela votação da igreja em assembléia:

1.7.1.1 PELO BATISMO

Se a pessoa ainda não é batizada, precisa batizar-se para se tornar membro da igreja local. Após declarar publicamente sua profissão de fé, a igreja vota a aceitação do candidato ao batismo, e por conseguinte, a aceitação dele como membro da igreja após batizado. Pessoas que vêm de outras denominações cujo batismo não tenha sido ministrado de acordo com as condições bíblicas, precisam ser batizadas na maneira como a igreja crê ser o ensino bíblico quanto à questão. Por exemplo, quando alguém vem de uma denominação que não batiza em nome da Trindade, esse batismo que ela teve não foi bíblico. Outro exemplo: para aqueles que acreditam que a pessoa deve ser convertida primeiro para depois ser batizada; uma pessoa que foi batizada quando era infante teve um batismo que não preenche essa característica fundamental, necessitando ser batizada após confessar Jesus Cristo como Senhor e Salvador de sua vida.

1.7.1.2 POR CARTA DE TRANSFERÊNCIA

Quando o cristão deseja mudar de uma igreja para outra da mesma denominação, ela manifesta seu desejo de filiar-se a nova igreja. Esta, depois de decidir em assembleia se aceita o novo membro ou não, solicita à igreja de origem a carta de transferência daquela pessoa. A carta de transferência é uma recomendação, um atestado de idoneidade moral e espiritual, com o intuito de que o fiel seja aceito noutra igreja da mesma fé e ordem (mesma denominação). A carta de transferência deve ser feita entre as igrejas e jamais deve ser entregue na mão do membro, evitando assim certas anomalias de crentes que ficam com a carta no bolso e passam a visitar igrejas aqui e acolá, como e quando desejar. Assim sendo, a igreja não mais terá qualquer controle sobre sua vida espiritual.

1.7.1.3 POR ACLAMAÇÃO

Quando o novo membro vem de uma outra denominação com quem não se faz transferências por cartas, a igreja decide aceitar o novo membro mediante votação em assembleia, desde que o batismo que ele recebeu for considerado válido e desde que, mediante pública declaração de fé, o candidato venha aceitar as doutrinas da igreja na qual está ingressando. Pode haver também aceitação por aclamação de pessoas procedentes da mesma denominação, como no caso de após várias solicitações da carta de transferência sem obtenção de qualquer tipo de resposta.

1.7.1.4 POR RECONCILIAÇÃO

Quando o fiel está excluído da igreja onde deseja filiar-se, ele pode ser recebido mediante um pedido de reconciliação, o qual deve ser aceito pela igreja em assembléia. Antes da aceitação do pedido, é mister verificar se, realmente, a pessoa está plenamente arrependida e se não há nada que a impeça de voltar à comunhão da igreja. No caso da exclusão ter ocorrido em outra igreja da mesma denominação, o pedido de reconciliação e de solicitação de carta de transferência deve ser enviado à igreja co-irmã para que esta reconcilie o irmão e envie a sua carta de transferência.

1.7.2 DESFILIAÇÃO DA IGREJA

Quanto à desfiliação de alguém da igreja, existem três meios, através dos quais alguém pode ser desligado de uma igreja, mas todos eles são levados a efeito pela votação da igreja em assembléia:

1.7.2.1 POR CARTA DE TRANSFERÊNCIA

Quando o fiel deseja mudar para uma outra igreja da mesma denominação, ele manifesta seu desejo de filiar-se àquela nova igreja, a qual, depois de decidir em assembléia se aceita o novo membro ou não, solicita à igreja de origem a carta de transferência daquela pessoa. A carta de transferência deve ser feita entre as igrejas e jamais deve ser entregue na mão do membro.

1.7.2.2 POR MORTE

Nesse caso, quando o crente passa desta vida para a Canaã celestial, ele é desligado porque já não pertence mais à igreja militante e, sim, aos remidos da glória. Nesse caso específico não há a necessidade de votação, mas simplesmente de uma consignação em ata de que aquela pessoa foi promovida à glória e já não faz mais parte da igreja local.

1.7.2.3 POR EXCLUSÃO⁹

Após a aplicação da disciplina formativa e corretiva, muitos membros da igreja ainda continuam rebeldes ou persistem no erro. Nesse caso, a igreja precisa usar a disciplina corretiva, desligando aquela pessoa. Para que haja exclusão, o membro precisa ter dado motivo para tanto: quando há conduta incorreta inaceitável da qual não se arrepende. Também é usada quando a pessoa abandona a igreja por muito tempo e depois de comunicada e procurada várias vezes, não retorna à mesma, ou quando a pessoa filia-se a uma outra denominação, pois não há transferência de cartas de uma denominação à outra. A exclusão também é feita quando a pessoa solicita o seu desligamento por escrito ou em assembleia. Nesse caso, deve-se tomar o cuidado para não desligar pessoas que não estejam conscientes do que realmente querem ou que num ímpeto de momento fazem algo que podem se arrepender depois; a liderança da igreja deve analisar tais casos com sabedoria e prudência, antes de aceitarem o pedido simples de desligamento de uma pessoa.

⁹Quanto ao assunto “disciplina na Igreja” ver o capítulo V deste livro, o qual trata do referido assunto.

CAPÍTULO II

ஓர்க்க

O GOVERNO DA IGREJA

Durante a história, o governo da igreja seguiu vários sistemas, assumindo várias formas, inclusive copiando modelos seculares vigentes. Existem, atualmente, várias formas de governo que prevalecem em vários grupos cristãos. Embora os defensores dessas várias formas concordem que Deus é a autoridade final, eles diferem no **como** ou por meio de quem ele expressa ou exerce essa autoridade.

2.1 O SISTEMA MONÁRQUICO

O sistema monárquico é aquele através do qual o governo está na mão de uma só pessoa, sendo tal pessoa o cabeça da organização mundial, o qual dita o que os outros devem crer e fazer. É o sistema da Igreja Católica Romana. Nesse sistema a congregação local quase não tem voz em assunto de igreja. É a famosa frase **Roma locuta est, causa finita est**, isto é, Roma falou, está falado¹⁰.

De acordo com Berkhof, a Igreja Católica possui uma monarquia absoluta onde o Papa é infalível e tem o direito

¹⁰FERREIRA, Ebenézer Soares. Op. Cit. p.42.

de determinar e regulamentar a doutrina, o culto e o governo da Igreja. Existem classes e ordens inferiores cuja obrigação é governar a Igreja com a obrigação de prestar contas aos superiores e ao Papa¹¹. Não há nenhuma base neotestamentária para esse sistema de governo, nem mesmo para a infabilidade do Papa.

2.2 O SISTEMA EPISCOPAL

O sistema episcopal é aquele que crê no governo dos bispos. Os Episcopais asseveram que Cristo confiou o governo da igreja a uma ordem de bispos, os quais são sucessores dos apóstolos. Essa idéia é muita antiga, surgiu no segundo século da era cristã, quando houve a necessidade de que alguém fosse o símbolo da unidade cristã e o portador da tradição apostólica, protegendo-se assim contra heresias. Assim, o bispo tornou-se o representante da doutrina verdadeira. Historicamente, parece ser o tipo de governo mais antigo da Igreja cristã.

A idéia de se ter os bispos como sucessores dos apóstolos partiu do protótipo judaico: a sucessão doutrinária (os bispos receberam o ensinamento verdadeiro dos apóstolos, assim como os profetas receberam de Moisés); e, a sucessão de ordenação (os bispos e seus sucessores tinham sido designados pelos apóstolos em linha ininterrupta, assim como a família de Arão). Nesse sistema, o colégio de bispos, que constitui o clero superior, governa a Igreja.

A forma mais simples de governo episcopal encontra-se na Igreja Metodista, que só possui um nível de

¹¹BERKHOF, L. Teologia sistemática. Campinas : Luz Para o Caminho, 1990. p.584.

bispos. Já o governo da Igreja Anglicana ou Episcopal é mais desenvolvido, havendo uma hierarquia bem mais estruturada .

2.3 O SISTEMA PENTECOSTAL OU NEO-PENTECOSTAL

Interessante forma de governo usado por muitas igrejas é o sistema pentecostal ou neopentecostal. Embora não seja uma forma clássica de episcopado, na prática funciona de forma semelhante, pois o fundador da Igreja ou o presidente da mesma exerce uma função de Bispo ou até de Arcebispo, embora muitas destas denominações não tenham tais designações em seu clero. As decisões maiores normalmente são tomadas pelo líder maior, o qual às vezes possui um grupo seletivo de pastores que podem ou não participar de tais decisões. Decisões menos importantes são tomadas por um grupo maior de pessoas, ou seja, pela classe de pastores ou bispos e a membresia da Igreja não participa de nenhuma ou quase nenhuma decisão.

2.4 O SISTEMA PRESBITERIAL

O sistema presbiteriano difere do episcopal no fato de existir só um nível de clero. O oficial principal na estrutura presbiteriana é o presbítero. Entende-se nesse sistema que a autoridade de Cristo é dispensada a indivíduos cren tes, que a delegam aos presbíteros por eles escolhidos pelos presbitérios. Existe na Igreja Local o Conselho, composto de presbíteros docentes (pastores) e presbíteros

regentes. Acima deles, está o Presbitério, formado de representantes dos conselhos das Igrejas. Acima do Presbitério está o Sínodo numa região maior, o qual é formado por igual número de presbíteros leigos e clérigos escolhidos pelos presbitérios. Finalmente, existe a **Assembléia Geral**, que no Brasil é chamada de **Supremo Concílio**, a qual é composta de representantes leigos e clérigos dentre os presbíteros.

O sistema presbiteral difere do episcopal no fato de existir só um nível de clero¹². Só existem os presbíteros; não existem níveis mais altos, como o de bispo, por exemplo. Outro jeito de nivelamento no sistema presbiteriano é uma coordenação deliberada entre clérigos e leigos, pois ambos os grupos são incluídos em todos os concílios, não possuindo alguém poderes especiais que o outro não possua.

2.5 O SISTEMA CONGREGACIONAL

De acordo com o sistema congregacional, o centro da autoridade é a Igreja local. Esse sistema prega a autonomia da igreja local, ou seja, a congregação é independente e governa a si mesma¹³. Nesse sistema não há poderes externos que possam ditar diretrizes para a comunidade local. O sistema congregacional também advoga a democracia da igreja, ou seja, cada membro da congregação local tem direito à voz e voto nos assuntos eclesiásticos. Em suas relações para com Deus, a Igreja é uma Teocracia; em sua relação para com os seus membros, ela é uma Democracia. As principais denominações que praticam essa forma de

¹²HODGE, Charles. *The church and its policy*. London : Thomas Nelson and Sons, 1879. p.119.

¹³PIEPER, Franz. *Chrisitan dogmatics*. St. Louis : Concordia, 1953. Vol.3. p.475.

governo são os batistas, os congregacionais e boa parte dos grupos luteranos¹⁴.

No sistema congregacional cada igreja local chama seu próprio pastor e determina seu próprio orçamento. Ela adquire e gera propriedades independentemente de quaisquer autoridades externas¹⁵. Obviamente, existem alguns elementos de democracia representativa dentro da forma congregacional de governo da igreja. Algumas pessoas são eleitas por livre escolha dos membros da igreja para servir de maneiras especiais e para representá-las em comissões, departamentos, associações e convenções. Entretanto, as decisões supramente importantes, tais como a contratação ou exoneração de um pastor, ou a compra e venda de propriedades, são tomadas pela igreja como um todo, pela maioria dos votos.

Em contrapartida, o governo eclesiástico democrático, como hoje é praticado, não corresponde exatamente ao que se vê em o Novo Testamento, pois, em vez de haver uma pluralidade de pastores (ou presbíteros ou bispos) dirigindo a congregação e decidindo sobre questões importantes que requerem maturidade espiritual, como era feito na época do Novo Testamento, é a congregação, composta de crentes experientes e inexperientes, que é consultada, e tudo é decidido por voto da maioria, um método completamente estranho ao que se vê no Novo Testamento. Ademais, o próprio pastor é eleito dentre certo número de candidatos ao ofício, uma prática que não tem qualquer antecedente em o Novo Testamento. Tito recebeu ordens para estabelecer e consagrar pastores nas igrejas (Tt 1.5), o que foi feito sem a aprovação formal através de qualquer tipo de votação.

¹⁴ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo : Vida Nov

¹⁵HISCOX, Edward T. *The new directory for Baptist churches*. Philadelphia : Judson, 1894. p.153-9.

2.6 AS ASSEMBLÉIAS DAS IGREJAS

As Assembléias são reuniões em que as igrejas de sistema de governo congregacional tomam a respeito de seu trabalho e funcionamento. Existem três tipos de assembléias: as ordinárias, também chamadas de regulares, as extraordinárias, e as solenes. As assembléias ordinárias são aquelas que se realizam nos dias já estabelecidos com antecedência; as extraordinárias são aquelas que se realizam conforme necessidades circunstanciais que visam o tratamento de algum assunto urgente, que não pode esperar até a próxima sessão regular, ou por força de estatuto, pois cada igreja coloca em seu estatuto que certos assuntos só podem ser discutidos através de uma assembléia extraordinária; as assembléias solenes são aquelas usadas para momentos de natureza espiritual, tais como posse de pastores, diáconos, diretoria da Igreja e afins, bem como batismos e outras cerimônias espirituais. Há, entretanto, igrejas que também sempre fazem duas assembléias regulares: uma de assuntos referentes às questões espirituais e outra de assuntos que envolvem questões não espirituais.

É importantíssimo haver uma reunião de liderança para preparar a agenda da assembléia. Todos os assuntos a serem levados à assembléia devem ser discutidos para que quando forem para a Assembléia, os mesmos já vão devidamente “mastigados”. Dessa forma, algum assunto que poderia causar problema ou discussão acirrada, não entraria em debate, ou já vai com algum tipo de proposta pela diretoria.

Outra medida importante é observar o estatuto da Igreja quanto ao quorum, para que a assembléia tenha o seu

valor legal. As decisões devem ser registradas em ata, a qual será assinada pelo secretário que a lavrou e pelo presidente da Igreja. Além do livro de atas, a Igreja deve ter um livro de presença onde os membros presentes à Assembléia assinam. Assim, quando houver necessidade de registro de uma ata, pode-se comprovar que houve quorum suficiente naquela reunião administrativa.

Quando a assembléia é extraordinária ela deve ser convocada respeitando-se o prazo estabelecido no estatuto da Igreja e o assunto a ser ventilado deve ser anunciado. As assembléias regulares não têm necessidade de convocação, haja vista que já constam no calendário anual da Igreja. O moderador deverá conhecer as regras parlamentares, a fim de conduzir os trabalhos com sabedoria.

A agenda de assuntos pode constar dos seguintes itens:

1. Devocional

- 1.1. Hino
- 1.2. Leitura de um texto bíblico apropriado para a ocasião
- 1.3. Oração

2. Abertura

- 2.1. Declaração de abertura da Assembléia, em não havendo impedimento.
- 2.2. Leitura da Agenda
- 2.3. Inclusão de algum outro item, se for requerido pela Assembléia

3. Expediente

- 3.1. Leitura da Ata Anterior
- 3.2. Leitura de correspondências chegadas
- 3.3. Movimentos de membros (se houver)

- 3.3.1. Pedidos de cartas de transferência da Igreja
- 3.3.2. Chegada de cartas de transferências para a Igreja
- 3.3.3. Solicitações de cartas de transferências de outras Igrejas
- 3.3.4. Reconciliações
- 3.3.5. Aclamações
- 3.3.6. Exclusões/Desligamentos
- 3.3.7. Desligamentos por falecimento

4. Relatórios

- 4.1. Relatório da tesouraria
- 4.2. Relatório financeiro de demais departamentos e organizações

5. Informações

- 5.1. Dos trabalhos evangelísticos das organizações
- 5.2. Das atividades pastorais

6. Assuntos específicos

7. Encerramento

2.7 REGRAS PARLAMENTARES

De acordo com o Art. 30 do Modelo de Estatuto de Igreja inserido no capítulo 9 desse livro, são as Regras Parlamentares que orientam as assembleias da Igreja. Para tornar esse documento ao alcance de todos faz-se necessária a sua publicação, lembrando que é preciso fazer certas adaptações necessárias à luz da linguagem de cada denominação. Estas são as regras parlamentares:

CAPÍTULO I

DAS ASSEMBLÉIAS

Art. 1º - As Assembléias da Igreja serão abertas pelo Presidente ou por seu substituto legal.

Art. 2º - No início da Assembléia, após os momentos inspirativos que deverão constar de leitura bíblica, cânticos e orações, deverá ser submetida à aprovação do plenário a ORDEM DO DIA, encaminhada pelo Presidente ou substituto legal.

CAPÍTULO II

Dos DEBATES

Art. 3º - Para ser discutido numa Assembléia, qualquer assunto deverá ser introduzido por uma proposta, devidamente apoiada, salvo os pareceres de comissões.

Art. 4º - Aquele que desejar falar para apresentar ou discutir uma proposta deverá levantar-se e dirigir-se ao Presidente, dizendo: "Peço a palavra sr. (ou irmão) Presidente.

Art. 5º - Concedida a palavra, o orador falará, dirigindo-se ao Presidente ou à Assembléia, expondo o seu assunto e enunciando claramente a sua proposta que, quando for muito extensa ou envolver matéria grave, deve ser redigida e encaminhada à mesa.

Art. 6º - Feita uma proposta, ela só será posta em discussão, se receber apoio por parte de outro membro da Igreja, o qual, dirigindo-se ao Presidente, dirá: “Apoio a proposta feita” ou, simplesmente, “Apoiado”.

Art. 7º - Posta a proposta em discussão, os membros que desejarem falar devem levantar-se e solicitar a palavra ao Presidente.

Art. 8º - O Presidente concederá a palavra ao membro que primeiro a solicitar e quando dois ou mais solicitarem a palavra ao mesmo tempo, concedê-la-á aquele que estiver mais distante da mesa.

Art. 9º - Quando muitos oradores desejarem falar, o Presidente poderá ordenar a abertura de inscrição, o que será feito pelo segundo Secretário, seguindo-se rigorosamente a ordem anotada.

Art. 10 - Por voto do plenário poderá ser limitado o tempo dos oradores.

Art. 11 - Feita uma proposta, apoiada e posta em discussão, qualquer membro pode apresentar uma proposta substitutiva, isto é, uma proposta baseada na que originalmente foi feita, mas modificando seus termos ou alcance.

Art. 12 - Uma proposta substitutiva não pode contrariar fundamentalmente a proposta original.

Art. 13 - Uma vez proposto e apoiado um substitutivo, a discussão passará a ser feita em torno dele.

Art. 14 – Encerrada a discussão e posta a votos a proposta substitutiva, se ela vencer, desaparece a proposta original; se não vencer, voltará à discussão a proposta original.

Art. 15 – Feita uma proposta e posta em discussão, qualquer membro pode propor emendas a ela para acrescentar palavras ou frases (emenda aditiva), para suprimir palavras ou frases (emenda supressiva), ou para suprimir, palavras ou frases e acrescentar outras.

Art. 16 – Apresentada e apoiada a emenda, a discussão passará a ser travada em torno dela.

Art. 17 – Encerrada a discussão sobre a emenda o Presidente pô-la á a votos; se vencer, será acrescentada à proposta original, que depois será posta a votos com a emenda.

Art. 18 – Para facilitar a discussão ou a votação o Presidente poderá dividir uma proposta que conste de vários pontos, submetendo à votação cada ponto separadamente.

Art. 19 – Uma proposta poderá ser retirada da discussão por solicitação expressa do seu autor, com a aquiescência do plenário.

CAPÍTULO III

DAS PROPOSTAS ESPECIAIS

A. PARA ENCERRAMENTO DAS DISCUSSÕES

Art. 20 – O plenário pode impedir a discussão de matéria

já suficientemente esclarecida por meio de aprovação de uma proposta para encerramento imediato da discussão, mesmo havendo oradores inscritos.

Parágrafo Único – A proposta para encerramento da discussão deve ser brevemente justificada.

B. PARA ADIAMENTO

Art. 21 – Qualquer membro poderá propor o adiamento por tempo definido ou não, da discussão de assunto em debate, para que sejam oferecidos esclarecimentos, se necessários, ao plenário, ou seja dada preferência a matéria mais urgente.

Parágrafo Único – Em qualquer Assembléia posterior, qualquer membro poderá propor a volta dos debates de assunto que esteja sobre a mesa.

C. RECONSIDERAÇÃO

Art. 22 – Uma proposta para reconsideração só pode ser feita por um membro que votou a favor do assunto que deseja ver reconsiderado.

Art. 23 – A proposta para reconsideração não pode ser feita na mesma Assembléia em que a questão a reconsiderar foi votada.

Art. 24 – Vencedora a proposta de reconsideração, o assunto anteriormente aprovado volta à discussão,

podendo ser confirmada, alterada ou anulada a decisão anteriormente votada.

D. NÃO ADMITEM DISCUSSÃO

Art. 25 – São propostas que não admitem discussão, devendo ser imediatamente propostas a votos, uma vez apoiadas:

- a) Para adiamento da discussão por tempo definido ou indefinido.
- b) Para encerramento das discussões e imediata votação.
- c) Para dirimir dúvidas sobre questões de ordem.
- d) Para responder a consulta da mesa sobre as questões de ordem não previstas neste regimento.
- e) Para que o assunto seja entregue ou devolvido a uma Comissão para reapresentação posterior.
- f) Para a volta aos debates de assunto que tenha sido adiado.
- g) Para limitar o tempo dos oradores ou da discussão sobre qualquer matéria.
- h) Para prorrogação ou encerramento da Assembléia.
- i) Para encaminhar o modo da discussão de um parecer.
- j) Para a concessão de honras especiais, manifestações de pesar, de reconhecimento ou de regozijo.
- k) Para concessão do privilégio da palavra.
- l) Para votação imediata da proposta original, independente de suas emendas ou substitutivas.

CAPÍTULO IV

DA VOTAÇÃO

Art. 26 - Concluída a discussão, o Presidente anunciará com clareza a proposta que vai ser votada, podendo determinar a sua leitura, se julgar necessário e então declarará a proposta em votação, utilizando a expressão “Está em votação”, ou equivalente.

Art. 27 - Após a declaração, pelo Presidente, de que a proposta está em votação, a nenhum membro poderá ser concedida a palavra sob nenhum pretexto, antes que os votos sejam contados.

Art. 28 - Uma vez anunciado que a proposta está em votação o Presidente deve pedir os votos a favor.

Art. 29 - A seguir o Presidente pedirá que se manifestem aqueles que são contra a proposta e anunciará o resultado da votação.

Art. 30 - Quando houver necessidade, a critério da mesa, os votos podem ser contados.

Art. 31 - Podem ser usadas as seguintes formas de votação:

- a) Levantarem uma das mãos os membros.
- b) Colocarem-se em pé os membros.
- c) Permanecerem sentados os que favorecem e levantarem os que contrariam a proposta.

- d) Permanecerem em silêncio os que favorecem.
- e) Dizerem “sim” os que favorecem e “não” os que contrariam.

Art. 32 – As deliberações da Igreja só terão validade quando aprovadas em Assembléias e pela maioria dos membros presentes, exceto os assuntos para os quais o estatuto prevê quorum especial.

Art. 33 – Em certas votações é conveniente o uso do escrutínio secreto.

Art. 34 – Qualquer membro que julgar que houve erro ou omissão na contagem ou soma dos votos poderá requerer à mesa a recontagem, que será feita imediatamente, sem discussão a critério da mesa.

Art. 35 – Qualquer membro que o desejar, tendo sido vencido na votação, poderá solicitar a inserção em ata da justificação do seu voto, que apresentará sucintamente.

CAPÍTULO V

DAS QUESTÕES DE ORDEM

Art. 36 – Qualquer membro poderá solicitar a palavra “Pela Ordem”, que lhe será imediatamente concedida, nas seguintes circunstâncias:

- a) Quando não está sendo observada a ordem dos debates nos termos deste Regimento.

- b) Quando algum orador tratar da matéria alheia ao debate em questão ou estranha à Assembléia.
- c) Quando desejar o encerramento da discussão.
- d) Quando desejar propor a votação imediata da proposta original independente de suas emendas ou substitutivas.

Art. 37 – Obtendo a palavra, o membro exporá brevemente a questão de ordem, devendo a matéria ser resolvida pelo Presidente, cabendo ao membro apelar para o plenário caso não concorde com a decisão do Presidente.

CAPÍTULO V

DOS APARTES

Art. 38 – O membro que desejar apartear um orador deve primeiro solicitar-lhe o consentimento e não falará se este não for concedido.

Art. 39 – Os apartes devem ser feitos para esclarecer o orador ou para fazer-lhe perguntas que esclareçam o plenário sobre o ponto que está em consideração.

Art. 40 – O tempo concedido ao aparteante não será descontado do tempo concedido ao orador que o conceder.

Art. 41 – Os apartes não devem ser discursos paralelos ao do orador aparteado.

Art. 42 – O Presidente não pode ser aparteado, nem o proponente ou relator que estiver falando para encaminhar a votação.

2.8. MODELO DE ATA

Ata número _____ da Assembléia Ordinária da Igreja _____, sita à _____, número _____, realizada no dia _____ do mês de _____ de _____. 1) Abertura: a reunião é iniciada às dezenove horas e trinta minutos sob a presidência do pastor _____, o qual faz a leitura de _____ (texto bíblico lido) e convida o irmão _____ para orar a Deus em favor da reunião. O presidente pede a contagem dos membros presentes e apresenta a ordem do dia, perguntando se há algum outro assunto de interesse da igreja que se deseja incluir na pauta dos trabalhos. 2) Leitura da ata anterior: Em seguida, é lida a ata anterior, de número _____, que foi aprovada com as seguintes emendas: a) _____ b) _____. (Se a ata não tiver emendas, basta dizer que a mesma foi aprovada conforme lida). 3) Correspondências: Foram lidas duas cartas, uma da Igreja (teor da carta) e outra carta da Igreja _____, convidando (teor da carta). 4) Movimento de membros: Apresentou-se perante nossa igreja a irmã _____ pedindo filiação a esta igreja. Recebemos carta da Igreja _____ solicitando (teor da carta). Esses dois pedidos foram apro-

vados. Em seguida, a Igreja ouve o relatório da comissão eleita na assembléia anterior para conversar com os irmãos _____, e _____.

Após o relatório da comissão, a Igreja votou a exclusão do irmão _____ e deixar o caso dos outros dois sobre a mesa.

5) Relatório financeiro: A irmã _____, primeira tesoureira da Igreja, apresentou o relatório financeiro, que é o seguinte: Entradas de dízimos: _____; Entrada de ofertas: _____.

Total de entradas: _____.

Saídas: a) Água _____; b) Luz _____;

c) Telefone: _____; d) Evangelismo: _____

e) Missões: _____; f) Cooperação Denominacional: _____;

g) Educação Religiosa: _____;

h) Beneficência: _____;

i) Honorários pastorais: _____;

j) Zeladoria: _____;

l) Material de escritório: _____;

m) Material de construção: _____.

Total de saídas: _____.

Saldo do mês anterior: _____.

Saldo atual: _____.

6) Informações: O departamento de evangelismo prestou relatório das atividades realizadas no período: foram realizados ____ cultos nos lares, com um total de ____ assistentes. Foram feitas ____ visitas evangelísticas, distribuídos ____ folhetos e ____ Novos Testamentos.

____ pessoas aceitaram a Cristo através desse trabalho.

O pastor também prestou seu relatório mensal à Igreja.

7) Assuntos Gerais: o pastor apresentou o plano de abertura de uma frente missionária no bairro _____ a partir do mês de _____. A Igreja aprovou o plano. O

pastor também lançou o desafio da realização de uma Conferência (ou Campanha) Evangelística por ocasião do aniversário da Igreja no próximo ano. A Igreja aprovou a realização e elegeu uma comissão composta dos irmãos: _____, _____ e da irmã _____, a qual auxiliará o pastor em seu planejamento quanto a datas, oradores, temas, programações e outros detalhes que a comissão achar importante. Tal comissão já dará seu relatório parcial na próxima Assembléia. 8) Encerramento: Não havendo nada mais a tratar, a sessão foi encerrada às _____ horas e _____ minutos, com uma oração pelo irmão _____. Eu, primeiro secretário, lverei a presente ata, a qual segue por mim assinada e o será pelo presidente após lida e sancionada pelo plenário.

Primeiro - secretário: _____.
Presidente: _____.

CAPÍTULO III



OS OFICIAIS DA IGREJA

As mais diferentes igrejas evangélicas possuem os mais variados tipos de hierarquia. A Igreja Metodista, por exemplo, possui um nível de bispos, responsáveis por regiões geográficas, os quais lideram os pastores e os enviam às mais diferentes igrejas.

Nas Assembléias de Deus existe a figura do Pastor Presidente, o qual exerce uma função de bispo, pois comanda uma região ou um Estado. Existem os pastores que dirigem as igrejas locais e há também os presbíteros e os diáconos. Na Assembléia de Deus o sistema funciona mais ou menos assim: existem os Diáconos, Presbíteros, Evangelistas e Pastores. O diácono exerce o seu serviço a nível local, assim como o presbítero, que exerce a função pastoral também em nível local. Já o evangelista e o pastor são consagrados em nível estadual e reconhecidos pela Convenção Geral. Não precisam, necessariamente, seguir a hierarquia desde o diaconato. Isso porque, são funções diferentes. Todavia, para ser pastor, exige-se a experiência de, pelo menos cinco anos como presbítero ou diácono.

No caso de um presbítero ou diácono vir de outro ministério mesmo dentro do estado, poderá ser reconhecido ou não. No caso de reconhecimento, normalmente se exige um período, mais ou menos de dois anos, para ser aceito. Essas regras podem sofrer pequenas variações de ministério para ministério.

Na igreja presbiteriana, o oficial principal na estrutura presbiteriana é o presbítero. Existe na Igreja Local o Conselho, composto de **presbíteros docentes** (pastores) e **presbíteros regentes**. Acima deles, está o Presbitério, formado de representantes dos conselhos das Igrejas. Acima do Presbitério está o Sínodo numa região maior. Finalmente, existe a **Assembléia Geral**, a qual é composta de representantes leigos e clérigos dentre os presbíteros. Já na Igreja do Evangelho Quadrangular não há sistema presbiteral ou episcopal; existem apenas os pastores e diáconos, sendo o pastor a pessoa que concentra muita autoridade nas mãos.

Os batistas consideram os pastores e diáconos como sendo os oficiais da Igreja. Em algumas igrejas os diáconos são ordenados; em outras, apenas eleitos por um determinado período, sem a imposição de mãos. Não há pastor chefe ou bispo, embora numa igreja onde existam vários pastores, haverá sempre o pastor titular, que dá a visão e a orientação geral para todo o ministério.

Nas chamadas “comunidades” o sistema pode variar de grupo para grupo. Normalmente o pastor ou bispo fundador é que dá todas as diretrizes para a determinada comunidade. Em algumas comunidades há uma liderança de leigos, em outras a ênfase sobre os pastores é muito forte. No entanto, sempre há um pastor ou bis-

po que coordena uma determinada área, o qual presta relatório ao fundador da comunidade.

Pode-se notar que, na época do Novo Testamento havia pelo menos dois cargos diferentes nas Igrejas: os bispos e os diáconos (Fil 1.1; 1 Tm 3.1-13).

3.1 PASTOR, PRESBÍTERO E BISPO

Em o Novo Testamento encontramos três títulos que expressam o ministério pastoral. A pergunta importante acerca desse assunto é: tais títulos representariam três diferentes categorias de oficiais ou expressariam idéias bíblicas do ministério pastoral e suas funções? A resposta mais coerente seria aquela de que esses três títulos do Novo Testamento representam essencialmente os mesmos cargos, e são usados como termos conversíveis¹⁶. Para Calvino, as Escrituras usam as três palavras como sinônimas¹⁷.

Realmente, Atos 20.17,28 denomina aqueles líderes de “presbíteros” (anciões), “bispos” e “pastores” que deviam apascentar o rebanho de Deus. Em 1 Pedro 5.1,2 os deveres de um pastor são atribuídos aos presbíteros. Em Tito 1.5-9, os termos “presbítero” e “bispo” são usados intercambiavelmente. Logo, bispo, presbítero e pastor eram três títulos que ressaltavam três aspectos diferentes de uma mesma função eclesiástica. Segundo Crabtree, os três termos referem-se às funções dos mensageiros de Deus, sem a mínima indicação de que qualquer um deles tivesse autoridade eclesiástica sobre qualquer outro¹⁸.

¹⁶THIESSEN, Henry C. *Palestras em teologia sistemática*. São Paulo : IBR, 1987. p.300.

¹⁷SEVERA, Zacarias A. Op. Cit. p.114.

¹⁸CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. Rio de Janeiro : CPE, s.d. p.21-2.

3.1.1 O BISPO

A palavra “bispo” é aplicada a Cristo (1 Pe 2.25), ao ofício apostólico (At 1.20) e finalmente, aos líderes das congregações cristãs locais (Fp 1.1). Como verbo, substantivo e adjetivo, a palavra aparece em o Novo Testamento por onze vezes (Lc 19.44; At 1.20; 20.28; Fp 1.1; 1 Tm 3.1,2; Tt 1.7; Hb 12.15; 1 Pe 2.12,25; 5.2). O título bispo é o termo de superintendência do ofício pastoral. O termo vem do grego *epískopos*, que era dado àqueles que tinham a função de vigiar, fiscalizar, principalmente as embarcações. Os gregos e os romanos usavam este termo para designar superintendente de obras profanas e em sentido sagrado¹⁹. O bispo, portanto, é o superintendente, o administrador da Igreja; é o organizador, diretor e presidente dos membros da Igreja.

É bem verdade que já existe nas Epístolas Pastorais uma aproximação ao ofício distinto de “bispo” que veio a surgir na Igreja já a partir do segundo século, o qual passou a ter autoridade sobre os anciãos de alguma área geográfica. Em Tito 1.5, Tito recebeu do autor o poder de consagrar anciãos para serem oficiais das igrejas da área onde ele trabalhava no evangelho. Entretanto, esse desenvolvimento no poder da função do bispo veio ocorrer somente no segundo século.

No primeiro século, os títulos “bispo” e “presbítero” eram usados geralmente como sinônimos. A partir do segundo século eles passaram a designar duas funções distintas. Isso porque as igrejas haviam crescido tanto que o seu governo havia ficado difícil. O bispo, gradualmente, tor-

¹⁹FERREIRA, Ebenézer S. Op. Cit. p.101-2.

nou-se presidente do corpo de presbíteros; a estes era confiada a direção das igrejas locais, e, àquele a administração da disciplina. Houve também, a necessidade de uma autoridade nas diversas comunidades cristãs, a fim de se preservar a unidade. Segundo Inácio, o bispo era o símbolo da unidade cristã e o portador da tradição apostólica. As congregações eram ensinadas a aterem-se aos seus bispos e a lhes obedecerem, protegendo-se assim contra heresias, pois o bispo era o representante da doutrina verdadeira.

Tal episcopado monárquico apareceu em primeiro lugar na Ásia Menor. Clemente enfatiza que os bispos são os sucessores dos apóstolos. Essa idéia é desenvolvida do protótipo judaico: sucessão doutrinária (os bispos receberam o ensinamento verdadeiro dos apóstolos, assim como os profetas de Moisés); e, sucessão de ordenação (tinham sido designados pelos apóstolos e seus sucessores em linha ininterrupta, assim como a família de Arão). Assim, o episcopado passou a triunfar, trazendo tranqüilidade e ordem, mas criando embaraços para o desenvolvimento espiritual e eclesiástico, produzindo o sacerdotalismo dos tempos posteriores. Os motivos eram puros, ao princípio, mas quando empregado pelos sucessores menos dignos, redundou em grandes e lamentáveis abusos.

A partir de Cipriano (250 d.C.) a idéia de que deveria haver alguém que interpretasse as leis e mantivesse a ordem entre os bispos, um bispo dos bispos, começa a ganhar terreno rapidamente. Isso veio culminar numa hierarquia eclesiástica, ao passo que o Novo Testamento nos apresenta a idéia de um ministério diversificado, mas sem superioridade e inferioridade.

3.1.2 O PASTOR

O título “pastor” é o termo de ternura que designa a tarefa do ministro de apascentar, de pastorear, a qual exige afetividade, renúncia e amor. No Antigo Testamento, “pastor” é alguém que, literalmente, cuida de ovelhas. No hebraico, a palavra correspondente é **raah**, baseada na idéia de “cuidar dos rebanhos”, “dar pasto”, a qual figura por setenta e sete vezes no Antigo Testamento. Já em o Novo Testamento, o termo grego correspondente é **poimen**, vocábulo que aparece dezoito vezes, como por exemplo, em Efésios 4.11, onde o pastor aparece como alguém que Deus deu à Igreja como um dom. O décimo capítulo de João apresenta Jesus como o principal pastor; todos os demais pastores são, na verdade, subpastores. Uma palavra grega cognata é **poimaine** (Jo 21.15), que significa “pastar”, e outra forma verbal é **poimanate** (1 Pe 5.2), a qual significa “pastoreai”, “dai o pasto”.

Esse pastoreio espiritual deve incluir um ensino sério, além do trabalho de cuidar das “ovelhas”, em todos os sentidos. Os bons pastores são imitadores do Bom Pastor, e dele recebem sua inspiração e orientação. O termo “pastor” focaliza o serviço de ministração ao culto divino, pondo em ordem a adoração da congregação, na qual o ministro administra as ordenanças e prega a Palavra de Deus. O termo denota, também, a habilidade do ministro nos cuidados pastorais, na qual ele cuida de alimentar espiritualmente o rebanho, mostrando-se vigilante e deixando-se envolver em boas obras e ações de misericórdia e compaixão. O pastor deve ter como alvo o aperfeiçoamento dos cristãos (Ef 4.11-12), mostrando-se espiritualmente alerta

(Hb 13.17), sendo capaz de exortar, advertir, consolar e orientar com autoridade.

3.1.3 O PRESBÍTERO

O título “presbítero” é o termo de dignidade do ofício pastoral. O termo grego é **presbúteros**, que significa “ancião, velho”. O presbítero é, por conseguinte, o ancião, o qual sempre merece respeito e honra, em virtude de suas experiências de vida. Os anciãos, diante do acervo de suas experiências, eram convocados para servirem como juízes e conselheiros. Em virtude de suas vivências com o ambiente, com os problemas, com a história, estão bem mais capacitados para aconselhar, para ajuizar.

Conseqüentemente, como bispo, o ministro religioso preside os trabalhos, as reuniões, organiza e supervisiona tudo, pois ele é o superintendente de todos os trabalhos de sua Igreja. Como pastor, ele apascenta o rebanho, preparando-lhe pastagens verdejantes, ou seja, sermões espirituais que alimentam, e, guiando-o a águas tranqüilas, proporcionando-lhe um ambiente espiritual alegre²⁰.

No começo não havia diferença entre um presbítero e um bispo; ambos eram apenas títulos diferentes para um mesmo ofício. Posteriormente, o presbítero passou a designar uma função distinta da função do bispo. A razão fundamental para que isso ocorresse foi o fato das Igrejas crescerem tanto que o seu governo havia ficado difícil. O bispo, gradualmente, tornou-se presidente do corpo de presbíteros. Aos presbíteros era confiada a direção das igrejas locais, enquanto que o bispo era o responsável pela ad-

²⁰TERREIRA, Ebenézer S. Op. Cit. p.102.

ministração da disciplina, representava a doutrina verdadeira e era ele quem ordenava os presbíteros. Os presbíteros passaram a prestar contas ao bispo e estavam sob sua autoridade. Com a passagem do tempo, o ofício do presbítero tomou a feição do ofício de um padre, dando origem, num futuro distante, à segunda das ordens maiores das igrejas católica romana, anglicana e ortodoxa oriental.

3.1.4 QUALIFICAÇÕES PARA O PASTORADO

Com respeito as qualificações para o ofício pastoral, elas estão explícitas em 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.6-9. Requer-se uma boa reputação, caráter reto e íntegro, capacidade para dirigir e ensinar. O pastor deve ser uma pessoa controlada, livre de vícios, não belicoso, sem excessos. Deve governar bem a sua casa, não pode ser um noviço, deve ter boa reputação, devidamente conquistada. Deve, também, ser avesso a maledicências e ao uso incorreto da língua. Não deve ser ganancioso e um homem que se santifica e se caracteriza por boas obras. Quanto à sã doutrina, deve ser uma pessoa incorrupta.

A pessoa adquire as qualidades acima de três maneiras: pelo dom natural, pela graça de Deus e pela preparação ao ministério da palavra. O ofício do pastor é um dom de Deus à Igreja. Um bom pastor deve possuir alguns dons espirituais importantes. Por exemplo, deve possuir o dom de governar, pois esse é um dom específico dos pastores. Deve ter, também, o dom da fé, ter o dom de ensinar e também de proclamar a palavra de Deus. O pastor deve ser possuidor de apreciável dose de compaixão e simpatia, gostando da companhia de seus semelhantes.

3.2 Os Diáconos

Os oficiais bíblicos de uma igreja são os pastores (ou bispos, ou presbíteros) e os diáconos. A palavra **diakonos** quer dizer “servo”. As diferenças básicas entre o ofício pastoral e o ofício diaconal são:

- a) O pastor é **ordenado** por uma igreja, após ser examinado por um concílio, para servir ao ministério da palavra, enquanto que o diácono é **eleito** pela igreja local para o ministério da benevolência.
- b) A investidura do pastor é **vitalícia**, enquanto que a investidura do diácono é **por tempo determinado**, a critério de cada igreja.
- c) A área de atuação do diácono se circunscreve à igreja local, enquanto que a do pastor se estende por toda a **denominação**.
- d) O pastor nunca deixa de ser pastor ao se transferir para uma outra igreja, a não ser que a igreja lhe casse as prerrogativas, em virtude de faltas graves como, por exemplo, heresia, apostasia, problemas morais. Enquanto que o diácono, ao se transferir para outra igreja, poderá ou não ser reconhecido como tal, a critério da igreja que o recebe como membro.

O ofício diaconal surgiu em torno do cuidado pelas viúvas da igreja de Jerusalém (At 6), tendo surgido para providenciar os problemas materiais essenciais da comunidade cristã; porém, o fato de que era exigido daqueles homens que fossem dotados de elevadas qualificações espirituais, mostra-nos que o trabalho material não era a única responsabilidade e labor de que estavam investidos. Por isso é que vemos que no livro de Atos aparecem as históri-

as relativas a Estêvão e Filipe, os quais não ficaram muito atrás dos próprios apóstolos no tocante ao poder espiritual e à eficácia de seu ministério de evangelismo²¹.

Parece que o ofício de diácono chegou ao meio cristão através da congregação judaica. Toda sinagoga tinha ao menos três diáconos, os quais eram chamados **parnasim**, palavra que significa alimentar, nutrir, sustentar, governar. O **parnas**, ou diácono, era uma espécie de juiz da sinagoga e de cada um deles se requeria doutrina e sabedoria, a fim de que pudessem discernir e passar julgamento justo, tanto nas questões sagradas quanto civis.

No Novo Testamento, os apóstolos são também intitulados de diáconos (2 Co 6.4; 9.19; Ef 3.7; Cl 1.23). O próprio Cristo é chamado de diácono da circuncisão em Romanos 15.8. Visto que esta palavra implica em ministrar ou servir, ela é aplicada a todos aqueles que possuíam a tarefa de ajudar os corpos ou as almas dos homens, sem importar se fossem apóstolos, pastores, ou até mesmo aqueles a quem hoje chamamos de diáconos. Nesse contexto, temos o sentido geral da palavra **diakonos**, onde qualquer ministro cristão ou mesmo cada cristão é um diácono. Entretanto, com o passar do tempo, a palavra passou a ter um significado especial (Fp 1.1; 1 Tm 3.8-13), designando aqueles que foram eleitos para deveres especiais na igreja local.

Quanto às qualificações, o diácono ou a diaconisa precisa ser equipado moral, espiritual e mentalmente (At 6.1-6). Um bom diácono é uma grande alavanca na igreja, uma esperança e um estímulo para todos; entretanto, o péssimo diácono é uma pedra de tropeço, um peso morto, uma decepção. É melhor não ter diáconos a tê-los sem que eles preencham os requisitos bíblicos exigidos. Acima de tudo,

²¹CHAMPLIN, R. N. & BENTES, J. M. Encyclopédia de bíblia, teologia e filosofia. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 2. p.138.

só devem ser eleitos para o diaconato aqueles que realmente tenham o dom de ministrar ou servir. De acordo com 1 Timóteo 3.8-13 deve ser:

1. Honesto e sábio em suas decisões.
2. Não de língua dobre.
3. Temperante.
4. Bom administrador de suas próprias posses.
5. Deve ser testado primeiro.
6. Deve ser pessoa de fé.
7. Deve ser irrepreensível.
8. Deve ser monogâmico.
9. Deve governar bem seus filhos e sua própria casa.

Quais seriam os deveres dos diáconos? Uma das funções básicas dos diáconos é servir: a) à mesa do Senhor; b) às mesas dos pastores; e, c) às mesas dos pobres. Quanto à mesa do Senhor, aos diáconos tem cabido a responsabilidade de funcionar na Ceia do Senhor. Não há ordem explícita em o Novo Testamento com relação a isso, podendo o pastor, portanto, escolher outros membros da igreja que gozem da simpatia do povo, para exercer essa função. No entanto, a prática já consagrou o costume de serem os diáconos a servirem à mesa do Senhor. Outra função honrosa dos diáconos é tratar do sustento pastoral. Ao corpo diaconal compete a tarefa de fazer um estudo minucioso das condições econômicas da igreja e das necessidades dos ministros para que estes se mantenham condignamente na função ministerial, com alegria e não gemendo (Hb 13.17).

Semelhantemente, os diáconos devem cuidar das necessidades das famílias da igreja e do bairro, pois os problemas sociais e filantrópicos absorvem muito tempo e

energia das igrejas em nosso tempo. Sendo assim, os pastores não ficarão sobrecarregados e poderão dedicar-se mais ao ministério da pregação da palavra, à semelhança da Igreja de Jerusalém (At 6.1-7).

Existem outras responsabilidades que os diáconos podem exercer na Igreja, tais como: ajudar a igreja no levantamento de ofertas; ajudar o pastor nas visitações e na disciplina eclesiástica; visitar os novos crentes e os doentes nos hospitais, evangelizar, dirigir cultos, etc. Os diáconos devem ficar à disposição durante o trabalho da igreja para ajudá-la em qualquer serviço ou necessidade, até mesmo quando o pastor não está presente por algum motivo e não haja ninguém escalado para substituí-lo, pois um diácono pode ficar na direção dos trabalhos, caso o vice-presidente da igreja também não esteja presente ou venha a solicitar a ajuda de algum diácono.

Uma das questões mais problemáticas que existem é a respeito do tempo em que um diácono deva exercer a sua função.

Em algumas igrejas os diáconos são ordenados e, portanto, possuem função vitalícia. Em outras igrejas, os diáconos são eleitos por um determinado período de tempo, prática essa que favorece o sistema de rodízio. As vantagens do sistema de rodízio são as seguintes:

1. Desenvolve maior número de homens e mulheres, educando maior número de pessoas no trabalho.
2. Traz vida nova e sangue novo, possibilitando a oportunidade a outros.
3. Dá aos jovens inspiração e oportunidade para servirem no diaconato.
4. Permite o afastamento de alguns da função diaconal,

sem embaraços, e dificulta o surgimento de “donos de igreja”.

5. É a maneira mais fácil e menos dolorida de se eliminar da função aqueles que não se adaptam bem à mesma.

6. É uma forma democrática e se dá o direito à igreja de sempre escolher os seus próprios diáconos.

Entretanto, há desvantagens perigosas nesse sistema de rodízio que precisam ser consideradas:

1. A possibilidade de eleger neófitos, pessoas não experientes. 1 Timóteo 3.8-10 ensina que o candidato ao diaconato deve ser provado para depois exercer a função.

2. A possibilidade de pessoas simpáticas à congregação serem escolhidas. Muitas vezes, o indicado não possui as qualidades espirituais necessárias, mas por ser muito simpática a um determinado grupo da Igreja, chega a ser eleito ao diaconato.

3. A possibilidade de pessoas simpáticas ao pastor ou aos líderes da Igreja serem escolhidos. Em alguns casos, o indicado não possui as qualidades espirituais necessárias, mas por ser completamente submisso ao pastor, ou jogar no time dos líderes, acaba sendo eleito para a função.

O importante acima de tudo é que antes da eleição ou da escolha deve haver um longo período de preparação da Igreja através de estudos, sermões e principalmente oração, pedindo que o Espírito Santo venha preparar e separar aqueles que Ele quer.

CAPÍTULO IV

AS ORDENANÇAS DA IGREJA

Há igrejas cristãs que falam em “sacramento” e outras que falam em “ordenanças”. Sacramento, segundo o catecismo da Igreja Anglicana, é um sinal exterior e visível de uma graça interior e invisível²². A Igreja Católica, entretanto, quando fala de sacramento, refere-se ao mesmo como um meio físico, material, através do qual a graça de Deus vem a nós. Logo, para a Igreja Católica Romana, os sacramentos são veículos da graça divina, do ministério do Espírito Santo, e, por conseguinte, necessários à salvação espiritual, ao bem-estar e ao desenvolvimento do homem. De acordo com os sacramentalistas extremados, os sacramentos podem transmitir graça até mesmo quando não são acompanhados de fé, como nos casos do batismo infantil e da extrema unção. A Igreja Católica possui sete sacramentos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, casamento, ordenação e extrema unção. Os protestantes históricos corretamente reduziram os sacramentos a dois: batismo e Ceia, pois os outros cinco carecem de base bíblica.

A palavra ordenança significa aquilo que foi ordenado ou mandado, e tem sido usada para descrever as duas

²²MILNEO, Bruce. *Conheça a verdade*. São Paulo : ABU, 1987. p.238.

instituições, o batismo e a Ceia do Senhor, que Cristo deixou para que as igrejas as observassem. Quase todas as denominações evangélicas são radicalmente anti-sacramentais, razão pela qual chamam o batismo e a Ceia do Senhor de ordenanças e não de sacramentos. «

Conquanto que as ordenanças não envolvam eficácia inerente que vá além de qualquer outra forma externa de adoração, vida e serviços cristãos, é importante ressaltar que os momentos do batismo e da Ceia do Senhor são momentos especialíssimos, em que a presença de Cristo se faz mais pronunciada, onde o crente desfruta de uma comunhão mais íntima com o Senhor nessas oportunidades. No entanto, isso não significa que sejam meios de salvação ou de graça especial, sendo, portanto, “ordenança” o termo preferível a ser usado.

Há três palavras relacionadas com os sacramentos: símbolo, rito e ordenanças. O Símbolo é um sinal, uma representação visível de uma verdade ou idéia invisível. Rito é um símbolo usado com regularidade e intenção sagrada. Ordenança é um rito simbólico que põe em destaque as verdades centrais da fé cristã, e que é obrigação universal e pessoal. O Batismo e a Ceia do Senhor são ritos que se tornaram ordenanças por ordem específica de nosso Senhor Jesus Cristo²³.

4.1 O BATISMO

Os ritos de iniciação e purificação são antiquíssimos, sendo comuns a praticamente todas as religiões. Nas religiões primitivas, acreditava-se que a água envolvia alguma

²³STRONG, A. H. *Systematic Theology*. Philadelphia : ABP, 1907. p.930.

espécie de vida, principalmente no caso de águas que manam do solo e se movimentam sob a forma de ribeiros ou de rios. Na religião dos gregos, encontramos muitas alusões poéticas a tais crenças. Na Índia, as águas do santo rio Ganges são especialmente valorizadas como purificadoras. No culto de Isis, o Rio Nilo figurava de forma proeminente, e suas águas eram levadas até mesmo para países estrangeiros, com o propósito de servirem em ritos religiosos. Os antigos teutões e celtas tinham ritos de iniciação e purificação que envolviam o elemento água, muito antes do cristianismo chegar em suas terras. Não se deve, entretanto, considerar tais cultos e ritos iniciatórios pagãos como antecedentes do batismo cristão²⁴.

4.1.1 ORIGEM DO BATISMO CRISTÃO

* O uso do batismo entre os cristãos data dos primórdios do cristianismo. Entretanto, o pano de fundo dessa cerimônia remonta ao judaísmo e não às religiões pagãs. João Batista imergia os convertidos no rio Jordão como sinal de arrependimento e identificação com o novo movimento religioso (Mc 1.4,5). João lançou mão da idéia do batismo de prosélitos. Os judeus criam que os pagãos ficavam livres da identificação com a idolatria e o paganismo através do batismo. Um gentio convertido ao judaísmo imergia-se em água, para indicar a purificação da idolatria, enquanto dois oficiais judeus ficavam do lado de fora do recinto fechado com cortinas, recitando passagens da Torah, ou seja, do Pentateuco. Isso significava que dali em diante, o batizado estava assumindo a obrigação de obedecer à Lei.

²⁴SILVA, Hylarino D. **O batismo nas águas**. Curitiba : A. D. Santos, 1998. p.60.

João Batista, quase que com toda a certeza, pertencia ao grupo dos essênios, os quais consideravam apóstata o resto do judaísmo. Isso explica o porquê de João tratar os judeus como pagãos, requerendo um batismo deles condicionado à conversão a um novo caminho. O movimento de João Batista era tanto o rompimento com o sistema antigo do judaísmo como o palco onde teria início um novo sistema, fundamentado sobre Jesus Cristo. O batismo de João enfatizava a necessidade de arrependimento dos pecados em virtude da proximidade do reino de Deus, envolvendo juízo severo (Mt 3,2; 7-12). O próprio Jesus reconheceu a autoridade do batismo de João (Mt 21,25) e Ele mesmo procurou ser batizado por João (Mt 3,13-17).

Não sabemos se Jesus batizou ou não os seus discípulos. O que podemos ter certeza é que a tarefa de imergir, desde o começo ou desde algum tempo mais tarde, foi delegada por Jesus aos seus discípulos (Jo 4,1-2). Não existe nenhum motivo para se duvidar que o batismo efetuado pelos discípulos de Jesus era idêntico ao batismo de João, dando a entender que os batizados tornavam-se parte de um novo movimento religioso, rejeitando a apostasia que se manifestava dentro do judaísmo. No entanto, o batismo cristão praticado pela Igreja possui significado e aspecto diferentes do batismo de João, pois foi instituído por Jesus momentos antes de subir às alturas.

4.1.2 SIGNIFICADO DO BATISMO

O batismo cristão apresenta uma simbologia muito rica de significado redentor. Ele significa nossa união com Cristo na sua morte e ressurreição, significando nossa mor-

te para a antiga vida de pecado e o ressurgimento para uma nova vida juntamente com Ele (Rm 6.3-11). O batismo é uma confissão de fé (At 8.38), onde o cristão neo-converso reconhece publicamente Jesus Cristo como Senhor e Salvador (At 2.38; 8.16; 10.48). É uma experiência de comunhão com Cristo, pois aquele que é batizado participa, de certo modo, da morte e ressurreição de Jesus Cristo (Cl 2.12), sendo o batismo também, um ato de consagração de vida para Cristo (Rm 6.4-22).

O batismo fala da morte e ressurreição de Jesus Cristo e da conversão do pecador para a salvação eterna e um viver digno do pai adotivo, o Deus eterno. Ele é a confissão de que o pecador reconciliou-se com Deus e por isso está sendo batizado; com este ato ele declara que é uma nova criatura, em Cristo Jesus, e que assim vai viver uma nova vida²⁵. O batismo é, portanto, um ato simbólico e jamais deve ser confundido com a realidade representada por ele; nem tampouco o batismo se identifica com a regeneração²⁶. Ninguém deve confundir batismo com ato purificador ou salvador.

4.1.3 FORMA DE BATISMO

A palavra **baptizo**, usada em o Novo Testamento, significa “imergir” e, portanto, a ordem para batizar é, na verdade, uma ordem para imergir. O fato de que **baptizo** significa geralmente “mergulhar” é corroborado pelo uso das preposições gregas “em” e “para dentro”, preposições estas usadas com a palavra **baptizo**. Além disso, há certas referências circunstanciais ao batismo sendo administrado

²⁵SILVA, Hylarino D. *O batismo nas águas*. Curitiba : A.D. Santos Editora, 1998. p.116.

²⁶BANCROFT, E. H. *Teologia elementar*. 4 ed. São Paulo : Batista Regular, 1983. p.228.

onde se tinha água disponível ou em abundância (Lc 3.3; Jo 3.23). Outro argumento em prol da imersão é o próprio simbolismo do batismo, isto é, a união do cristão com Cristo no Seu sepultamento e na Sua ressurreição, pois só o ato de mergulhar e sair da água expressa adequadamente o simbolismo da ordenança.

Os grupos cristãos que argumentam em favor de outra forma de batismo asseveram que o batismo em o Novo Testamento, em sua forma externa, é apenas uma lavagem, uma purificação, a qual pode ser levada a efeito tanto pela afusão, quanto pela aspersão, além da imersão. Afiram que alguns batismos em o Novo Testamento, provavelmente não poderiam ter sido feitos por imersão (At 2.41; 10.47,48; 16.33). Dizem também que, embora *baptizo* no grego clássico signifique “imergir”, a palavra veio a ser um termo técnico teológico em o Novo Testamento, pois o uso clássico e secular não pode ser normativo em si mesmo. Em verdade, a palavra é aplicada algumas vezes com o sentido de “lavar” ou “purificar com água” e não com o sentido de imergir (Lc 11.38; At 1.5; 2.3,4,17; 1 Co 10.1,2; Hb 9.10-23).

No entanto, a história da Igreja dá apoio inconteste ao batismo por imersão. Este era o modo do batismo de João e o batismo da igreja primitiva²⁷. Somente a partir do segundo século é que começam a surgir práticas isoladas diferentes da prática inicial: começam a surgir o batismo por afusão, o batismo por aspersão e o batismo infantil. Os autores dos séculos posteriores reconheceram que a imersão

²⁷Há testemunhos de vários autores que não batizam por imersão, os quais afirmam que o batismo era realizado, no princípio, por imersão. Dentre eles, destacam-se Moulton e Milligan, que compuseram a obra Vocabulário do Novo Testamento Grego; Herman Cremer, que produziu a obra Léxico Teológico-Bíblico do Grego do Novo Testamento; Martinho Lutero, João Calvino, Fisher, Moshein e Neander. Quanto às afirmativas desses autores, verificar o livro *Manual da Igreja e do Obreiro*, de Ebenézer Soares Ferreira, páginas 93-94.

era a forma primária na igreja primitiva, embora ressaltasse que outras formas eram permitidas em algumas regiões. O sétimo capítulo do *Didaquê*, livro escrito aproximadamente na virada do primeiro para o segundo século, dá instruções sobre o batismo que deve ser por imersão trina depois do ensinamento do catecismo. A aspersão não é permitida, a não ser em absoluta falta d'água.

O grande problema ocorrido com o passar do tempo foi a gradual atribuição de um poder mágico ao batismo. De meados do segundo século em diante começou-se a identificar o símbolo do batismo com a coisa simbolizada. Justino Mártir usa a expressão “banho de regeneração” e no terceiro século o emprego do vocábulo regenerar significando batizar é tão comum que se tornou quase regra. Uma das primeiras consequências foi o batismo clínico, o batismo daqueles que pensam estar enfermos de morte. O primeiro caso registrado foi o de Novaciano. Estando ele no leito, derramaram em redor dele grande quantidade de água para representar tanto quanto possível a imersão. Ele ficou restabelecido e entrou no ministério; a validade de seu batismo foi submetida a Cipriano, bispo da África (250), que usou o argumento “pouca água é o mesmo que muita”. Ele argumentou que a aspersão equivalia a lavagem da salvação; e que, quando fosse praticada com fé, era válida.

Em suma, pode-se dizer que a forma originária de batismo era a imersão e que as outras formas foram sendo inseridas na Igreja com o passar dos tempos, até se tornarem prática comum da cristandade. Sendo assim, devemos reconhecer que a imersão é a forma bíblica e primária e, embora a cristandade passasse a permitir e praticar outras formas, elas devem ser olhadas com certa reserva, pois esse desenvolvimento que trouxe tais mudanças no batismo foi

produzido por uma teologia equivocada que confundia o símbolo com a coisa simbolizada, ou seja, o batismo estava significando regeneração, pois quem não era batizado não podia ser salvo, descaracterizando assim, o significado e o verdadeiro sentido do batismo.

4.1.4 BATISMO DE CRIANÇAS

Obviamente, o batismo de crianças não é ensinado na Bíblia, em nenhuma parte. Até mesmo Berkhof, um defensor da prática do batismo infantil reconhece que a Bíblia não ensina isso²⁸. No entanto, alguns teólogos (católicos), defensores do batismo infantil alegam que é necessário que uma criança seja batizada para ser salva; outros, embora não creiam que o batismo seja necessário para a salvação da criança, afirmam que no antigo pacto as crianças participavam dos benefícios daquela aliança, recebendo a circuncisão e, que, o batismo, na nova aliança, substituiu a circuncisão como sinal e selo iniciatório da aliança da graça, havendo, portanto, a necessidade de batizar os filhos dos cren tes. Baseados em Atos 11.14, Atos 16.15 e Atos 16.31-34, afirmam que o batismo praticado em tais momentos foi extensivo a todas as pessoas da casa, inclusive às crianças.

Entretanto, os que não são favoráveis ao batismo infantil, apelam para as seguintes razões:

a) Não há ordem explícita, nem qualquer exemplo claro na Bíblia sobre o batismo infantil.

b) O batismo não é ensinado na Bíblia como sendo um substituto da circuncisão, embora possa haver alguma semelhança entre ambos. Paulo declara: “Porque em Cristo

²⁸BERKHOF, Op. Cit. p.638.

Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão é alguma coisa; mas sim a fé que opera pelo amor". No pacto novo é a fé pessoal em Jesus Cristo, e não o batismo, que está no lugar da circuncisão. O povo de Deus era marcado por um sinal físico exterior no Antigo Testamento; em o Novo Testamento, o povo de Deus é identificado por uma maneira nova de viver, operado pelo Espírito Santo no coração daqueles que crêem (Gl 6.15).

c) O batismo infantil não expressa a verdade que o seu simbolismo guarda: união do batizado com Cristo em sua morte e ressurreição (Rm 6.4ss).

d) É duvidoso que um recém nascido possa exercer fé, que é uma condição básica para alguém ser batizado, de acordo com a Bíblia.

Obviamente que o batismo de crianças foi outra consequência da idéia da regeneração batismal. Começou a crescer, com o passar dos séculos, o pensamento de que os que não são batizados não são salvos; logo, todos os que morressem na infância estariam perdidos, a não ser que fossem batizados. Daí a tese que a criança deveria ser batizada o mais breve possível depois de nascida. Tal prática era conhecida nos primeiros séculos da era cristã, mas ainda não generalizada. Logo, o batismo infantil foi sendo praticado mais e mais até se tornar regra absoluta dentro da Igreja. Sendo assim, devemos aceitar o fato de que o batismo de infantes não é bíblico, embora reconheçamos que a cristandade passou a praticá-lo no decorrer dos séculos, pois os cristãos passaram a crer que o batismo significava regeneração, porquanto se uma criança não era batizada não podia ser salva, descharacterizando assim, o verdadeiro significado e sentido do batismo.

4.1.5 CONDIÇÃO BÁSICA PARA O BATISMO

Segundo a Bíblia, a fé deve preceder o batismo (Mc 16.16; At 2.41; 8.37; 16.31-33). O batismo pressupõe o arrependimento, a fé, a conversão, a união com Cristo, a regeneração, a justificação. Deve ser batizado aquele que já está salvo por Jesus Cristo. O batismo não salva; apenas expressa simbólica e visivelmente a salvação operada na vida do crente. Além disso, sendo a fé o elemento essencial nas operações da graça divina, esta também opera na vida daquele que recebe o batismo, pois o batismo é um ato puro de fé em Jesus Cristo.

O batismo se segue à conversão e é o meio de entrada e filiação às igrejas locais²⁹. O batismo foi ordenado pelo próprio Jesus para ser efetuado sobre aqueles que nele cressem. Os seus apóstolos entenderam perfeitamente sua ordem, pois no livro de Atos encontramos inúmeros exemplos de batismos. Todos os que criam iam sendo batizados. Assim, a prática foi e vem sendo efetuada pela Igreja, em obediência a Jesus Cristo, na ordem dada em Mateus 28.19,20. Receber o batismo é um privilégio de todo crente em Jesus Cristo³⁰.

4.1.6 A FÓRMULA BATISMAL

Passagens bíblicas como Atos 2.38; 8.16; 10.48; 19.5; Rm 6.3; Gl 3.27, dizem que as pessoas foram batizadas em “nome de Jesus”, sem mencionar a Trindade. Alguns, portanto, advogam que os apóstolos não usaram a fórmula

²⁹ROBERTSON, A. T. *A vida de Jesus*. Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1948. p.126.

³⁰BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1943. Vol 2. p.358.

trinitária, o que é plenamente possível, embora não seja uma dedução necessária. Se o batismo foi realmente feito “em nome de Jesus”, podemos deduzir, como Berkhof, que os apóstolos não compreenderam as palavras de Jesus na grande comissão como prescrevendo uma fórmula definida³¹. Ou, então, podemos afirmar que o batismo foi feito em nome de Jesus para enfatizar que Ele é o Filho de Deus morto e ressuscitado. Era a implantação do cristianismo, o nome de Jesus era supramente importante e por isso que batizavam em seu nome. Além disso, é mister notar que os evangelhos foram escritos somente trinta ou quarenta anos depois do Pentecostes, e consequentemente, muitas coisas relacionadas a Jesus ainda eram desconhecidas ou ainda não bem compreendidas.

Com a produção do Evangelho de Mateus, algumas coisas não bem lembradas ou ainda não esclarecidas completamente, vieram à tona. Uma delas é a questão da fórmula batismal. Mateus apresenta a fórmula ritual do batismo, “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, de acordo com a própria ordem de Jesus Cristo (Mt 28.19). Com isso, progressivamente, a fórmula simplificada de batismo somente “em nome de Jesus”, a qual se encontra em Atos, vai cedendo espaço para a fórmula de Mateus. Tudo isso acontece em obediência à ordem de Jesus, de acordo com Mateus 28.19. Durante o Pentecostes nenhum livro do Novo Testamento havia sido já produzido; não havia um ritual definido para o batismo. Batizar em nome de Jesus aconteceu naturalmente, isto é, não foi algo baseado em cânones ou orientação específica sobre a matéria. É o evangelho de

³¹BERKHOF, L. Teologia Sistemática. Campinas : Luz para o Caminho, 1990. p.630.

Mateus que vai estabelecer o ritual formal e especial para a Igreja³².

A literatura da Igreja primitiva, tanto do primeiro século quanto do segundo, testemunha claramente de que a Igreja sempre manteve a ordenança de Jesus em Mateus 28.19, batizando “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Um dos exemplos clássicos é o **Didaquê**, também chamado de **O Ensino dos Doze Apóstolos**, escrito em torno do ano 100 d.C., que afirma categoricamente que a Igreja Cristã deveria batizar “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, comprovando que a prática cristã era feita conforme a ordem de Cristo em Mateus 28.19. Conseqüentemente, embora exista grande probabilidade de que os apóstolos batizassem, a princípio, “em nome do Senhor Jesus”, o Espírito Santo inspirou um deles, Mateus, para estabelecer e selar a fórmula batismal para toda a cristandade: “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Como cremos na revelação gradual e progressiva nas Escrituras, devemos ficar com o texto posterior que explicitamente estabelece a fórmula batismal através de uma ordem clara de Jesus, e não com atos e relatos históricos do início do cristianismo, quando ainda nem tudo estava completamente fixado e estabelecido. Além de tudo, Mateus estava presente no dia de Pentecostes e viveu os dias da igreja primitiva em Jerusalém. Como iria ele fixar uma fórmula vários anos depois, se ele não estivesse completamente seguro de que esta nova fórmula era realmente a ordem de Jesus, a qual foi lembrada por eles e interpretada condignamente pela Igreja?

³²SILVA, Hylarino D. Op. Cit. p.73.

4.1.7 QUESTÕES PRÁTICAS DO BATISMO

O ato batismal depende de certos preparativos, os quais merecem destaque especial:

a) Não se deve batizar a quem não está devidamente preparado para o batismo. Algumas coisas que podem provocar o adiamento do batismo são: enfermidade, dúvidas sobre pontos essenciais da fé cristã, decisão sobre a que denominação pertencer, vícios que não foram ainda abandonados, menor sem a autorização dos pais; união conjugal não legalizada, embora em muitas igrejas esse aspecto não seja fundamental.

b) O candidato deve passar pela classe de doutrinamento, sendo instruído sobre as questões principais da fé cristã e sobre o significado e a importância do batismo.

c) O candidato deve fazer uma pública profissão de fé em Jesus Cristo; feita a profissão de fé, a igreja deve aceitá-la e batizar o candidato, a não ser que haja boas razões objetivas para duvidar de sua veracidade, não cabendo à igreja o julgamento dos segredos do coração das pessoas, pois cada um é responsável pelo que faz diante de Deus.

d) O batismo pode ser feito em água corrente ou em batistérios nas igrejas.

e) Oferecer aos batizandos orientação quanto à roupa para o batismo. O candidato deve levar roupa adequada para o batismo, que não seja transparente, para ser usada debaixo da beca batismal. Isso é necessário devido ao fato de homens aparecerem só de calção e mulheres apenas com duas peças. O que acontece é que quando a beca se molha, ela agarra-se ao corpo, desenhando sua forma, o que traz

terrível constrangimento para o oficiante e aos que ajudam no ato batismal.

f) A beca deve ser preferencialmente branca. Os historiadores afirmam que os cristãos antigos faziam roupas brancas exclusivamente para o batismo, querendo demonstrar a brancura de suas novas vidas, pois o branco é símbolo da pureza e da paz³³.

g) Orientar os batizandos para que tragam toalha, pente, além de roupa para trocar após o batismo, não esquecendo também das roupas íntimas.

h) Seria interessante haver uma comissão de quatro pessoas, duas mulheres e dois homens, para encaminhar os batizandos às respectivas salas onde trocarão roupas. A comissão deverá também apresentar aos batizandos palavras animadoras, pois sempre há alguns que se sentem nervosos nessas horas. Em sendo época de frio, especialmente no sul do país, a comissão os ajudará servindo um chá quente após saírem da água e se trocarem.

i) O ministrante deve praticar, se possível, com os batizandos, o ato de imersão em local seco, isto é, sem água; isso aumenta a confiança do candidato no ministrante, especialmente, quando se tratar de pessoa obesa ou muito alta.

j) Na hora do batismo, o candidato deve dobrar os joelhos como se fosse ajoelhar, facilitando assim, o ato batismal e, dispensando esforço excessivo do ministrante, especialmente quando se trata de pessoa obesa ou muito alta.

k) Solicitar ao batizando que mantenha, na hora do batismo, as mãos cruzadas sob o queixo e, que, respire

³³FERREIRA, Ebenézer S. Manual da Igreja e do Obreiro. p.91.

fundo e prenda a respiração no exato momento em que for imerso. A fim de que o candidato não inspire algum pouco d'água, o oficiante poderá ter na sua mão um lenço branco com a finalidade de vedar o nariz do batizando, colocando-o no exato momento em que os cabelos tocam à água.

Durante o ato batismal propriamente dito, o ministro deverá proceder da seguinte maneira:

a) Com a mão esquerda sobre seu próprio coração, e a mão direita levantada acima da cabeça do batizando, ele proferirá as seguintes palavras: "Irmã (o) , você crê que Jesus Cristo é o Filho de Deus? (o batizando deverá dizer "sim"). Crês tu nele como teu único Senhor e Salvador pessoal? (O batizando deverá dizer "sim"). Segundo tua pública profissão de fé, como ministro do evangelho oficiante deste ato, por ordem desta igreja, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém".

b) Em seguida, colocando a mão direita sobre as mãos do batizando (as mesmas já se acham cruzadas sobre o peito), e a mão esquerda às suas costas, vai, aos poucos, imergindo o candidato. Após a emersão, o oficiante poderá recitar decor algum versículo bíblico que fala da segurança da salvação, tal como João 3.16; 5.24; 6.47; Romanos 5.8; 6.23; 8.1 ou 2 Coríntios 5.17, por exemplo.

É indispensável que haja uma parte devocional, que haja uma mensagem no culto de batismo. A mensagem,

além de dar fortalecimento espiritual e trazer à memória dos cristãos o dia de seu batismo, propicia que os visitantes e as crianças possam entender melhor o ato que está sendo realizado. O pregador deve ressaltar a importância e o significado do batismo. Os textos considerados propícios para a ocasião são: Mateus 3.13-17; 28.18-20; Atos 2.37-38; 8.26-39; Romanos 6.3-5; Colossenses 2.11-12. Há, também, hinos especiais para batismo em nossos hinários, embora haja outros hinos que, não sendo escritos especialmente para esse tipo de cerimônia, podem ser usados na ocasião. Entre o batismo de uma pessoa e de outra, a congregação poderá cantar uma estrofe de um hino.

4.1.8 O OFICIANTE DO ATO BATISMAL

Este aspecto tem trazido enormes dificuldades para muitas denominações. Em certos grupos, os pastores querem ter o monopólio do ato de batizar. Será que somente os pastores, os quais são ordenados ao santo ministério da palavra, é que podem batizar? Por tradição, os ministros realizam os batismos e os chamados “leigos” acham isso plenamente natural, pois os pastores são líderes da pregação e do ensino e tomam por obrigação do ministério a celebração da ceia do Senhor e a realização dos batismos, podendo-se adicionar cerimônias fúnebres e casamentos. Entretanto, isso não quer dizer que a realização dessas tarefas seja monopólio daqueles que fazem parte do “clero”. Em Atos 8 tem-se o caso de Filipe que batizava, e ele não pertencia ao grupo dos apóstolos; era um dos sete escolhidos em Atos 6, ou seja, um diácono.

A igreja local é que deve ter a palavra final sobre a questão. Ela pode autorizar, se assim o quiser, uma pessoa

leiga para batizar, em caso de necessidade. Há lugares distantes, no sertão ou no deserto, por onde não passa um pastor por um longo período de tempo. Há outros casos, onde missionárias ou evangelistas estão fazendo a obra e não existe pastor na região para oficiar o ato batismal. Nesses casos, é plenamente possível que tais líderes efetuem os batismos, caso a igreja os autorize, em caráter excepcional. Entretanto, se não há necessidade, a melhor decisão é que o pastor continue realizando batismos, pois já é algo tradicional em nosso meio, e sempre que possível a tradição deve ser mantida, embora ela não seja lei nem regulamento final sobre a questão.

4.1.9 ESBOÇO DE CULTO BATISMAL (MÓDELO)

- 1. Prelúdio**
- 2. Palavras Introdutórias**
- 3. Hino de Louvor**
- 4. Leitura Bíblica (correspondente ao tema)**
- 5. Oração**
- 6. Música Especial (Coro, Conjunto, ou outro)**
- 7. Cânticos (enquanto a congregação canta, pastor e batizandos se preparam em suas respectivas salas)**
- 8. O ato batismal propriamente dito (após cada pessoa ser mergulhada é interessante e inspirativo cantar uma estrofe de um hino que trata sobre o batismo)**
- 9. Oração**
- 10. Música Especial (Coro, Conjunto ou outro)**
- 11. Hino Congregacional**
- 12. Mensagem**
- 13. Hino**

14. Entrega dos Certificados de Batismo
15. Leitura em Uníssono do Pacto, Credo ou declaração doutrinária da igreja.
16. Oração Final e Bênção
17. Poslúdio

4.1.10 SUGESTÃO DE MENSAGEM (ESBOÇO)

Texto: Mateus 3.13 a 17

Tema: O Batismo pregado por João Batista e o Batismo Cristão

Introdução: O pregador ressalta que no cristianismo existem dois ritos ordenados pelo próprio Jesus: o batismo e a Ceia do Senhor. Enfatiza, também, que o batismo é uma ordenança estabelecida pelo próprio Cristo, praticada pela igreja primitiva e por toda a cristandade.

I. O que era o batismo de João

1.1. Todo batismo na Bíblia é a alguém ou a alguma coisa: a Moisés, à morte, a Cristo, etc.

1.2. Todos os israelitas batizados a Moisés na nuvem e no mar achavam-se associados com ele como o capitão da sua salvação.

1.3. João Batista não podia reunir o povo mediante o batismo em torno de Moisés , porque ele era falecido; nem a Cristo, porque Ele ainda não era manifesto. Então ele estendeu o estandarte de Arrependimento e reuniu o povo para esse centro.

1.4. O batismo de João terminou; hoje não se batiza ao arrependimento, mas a Cristo.

II. Jesus é batizado por João

2.1. Jesus não tinha pecados de que precisava arrepender-se. Ele não era pecador.

2.2. Por que Jesus submeteu-se ao batismo de arrependimento? Talvez porque quis, como israelita, reconhecer e confessar as culpas nacionais, ainda que pessoalmente ele não tivesse culpa nenhuma. Outra idéia é que Ele submeteu-se ao batismo para dar exemplo aos seus próprios discípulos e porque Ele se identificou com a mensagem do batismo de João: a chegada do Reino de Deus. A maior prova da chegada do Reino foi o seu próprio batismo.

III. Semelhanças do Batismo de João e o Batismo Cristão

3.1. Ajunta o povo para um centro comum.

3.2. Acentua e reforça o pensamento por meio de um rito.

3.3. Frisa a diferença entre o batizado e o não batizado.

3.4. Em ambos há a necessidade de arrependimento dos pecados.

IV. Diferenças do Batismo de João e o Batismo Cristão

4.1. Associa o batizado com uma pessoa (Cristo) e não com com um sentimento apenas (arrependimento)

4.2. Ensina ao batizando as mais sublimes realidades da vida espiritual: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mateus 28.19)

4.3. Associa o crente ritualmente com a morte de Cristo (Rm 6.3,4)

Conclusão: O pregador ressalta a importância do rito batismal e seu significado, indaga quem dos presentes já foi batizado e se os batizados vivem de acordo com seu sentido.

4.2 A CEIA DO SENHOR

Nossa palavra portuguesa “eucaristia” vem do grego **eucharistia**, que quer dizer “agradecimento”. Nas páginas neotestamentárias, a palavra é usada para indicar orações em geral, impelidas pelo senso de ação de graças. A expiação pelo sangue de Cristo dá-nos razões para sermos gratos, o que explica a aplicação da palavra à Ceia do Senhor. Jesus agradeceu ao partir do pão (1 Co 11.24), e assim referiu-se ao seu sacrifício iminente. O termo **eucharistia** era usado para indicar as ações de graças antes das refeições, tanto no caso das refeições informais quanto no caso daquela associada à Ceia do Senhor. Não demorou muito para que a palavra se tornasse o termo regularmente usado para designar a cerimônia da Ceia do Senhor.

Entre a maioria dos evangélicos os termos preferidos para a cerimônia são “Ceia do Senhor” e “Santa Ceia”, enquanto que “Eucaristia” é um termo usado mais pelos católicos e alguns grupos protestantes. Parece que os evangélicos não usam o termo mais por causa da tradição e do misticismo que se formou em torno da palavra **eucharistia**, e não porque haja alguma razão teológica pelo qual o nome não deva ser usado.

4.2.1 A NATUREZA DOS ELEMENTOS

Basicamente, há quatro interpretações diferentes acerca da natureza dos elementos da Ceia. Os cristãos não chegam a um acordo com relação a esse assunto, sendo um dos motivos básicos pelas grandes divisões dentro do cristianismo.

4.2.1.1 TRANSUBSTANCIAÇÃO

Transubstanciação é o pensamento da Igreja Católica Romana. É a idéia de que, após a consagração, o pão se transforma em carne e o vinho transforma-se no sangue de Cristo. A origem dessa idéia é um tanto antiga na história da Igreja: Cirilo, Gregório de Nyssa e Crisóstomo, por exemplo, os quais viveram no quarto e quinto séculos, disseram que de alguma forma a carne e o sangue de Cristo se combinavam com o pão e o vinho na Ceia do Senhor³⁴. No entanto, o maior teólogo da Igreja Antiga, Agostinho, embora falasse do pão e do vinho como o corpo e o sangue de Cristo, distinguia entre o sinal e a coisa simbolizada, não crendo na transformação da substância, como mais tarde se acreditou. A doutrina da Transubstanciação foi definida por Hildebert de Tours em 1134 e adotada pela Igreja Católica Romana no quarto Concílio de Laterano, em 1215.

No século XVI, no Concílio de Trento, a Igreja deu a formulação final dessa doutrina, asseverando que Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente no santo sacramento e através das palavras de consagração feitas

³⁴SEVERA, Zacarias A. Manual de teologia sistemática. Curitiba : A. D. Santos Editora, 1999. p.120.

pelo sacerdote, o pão é transformado no corpo de Cristo e o vinho no sangue do Mestre. Cada pessoa, ao receber uma porção da hóstia, recebe o Cristo completo. Por causa dessa presença real de Cristo, a adoração da hóstia é algo natural para eles. Obviamente, essa doutrina da Transubstanciação não possui qualquer sustentação bíblica.

4.2.1.2 CONSUBSTANCIAÇÃO

Esse é o ponto de vista de alguns reformadores, como Lutero, por exemplo. Eles rejeitaram a idéia da Transubstanciação da Igreja Católica, substituindo-a pela Consubstanciação. Lutero cria na presença corporal de Cristo na Ceia, isto é, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes em e sob os elementos do pão e do cálice, interpretando literalmente as palavras de Cristo: “Isto é o meu corpo... Isto é o meu sangue...”. Um contemporâneo de Lutero, chamado Occam, afirmou que Cristo está em, com e sob os elementos. Sendo assim, esse ponto-de-vista também acredita que, após a consagração do sacerdote, o fiel come a carne e bebe o sangue de Cristo, embora os elementos não se modifiquem, ou seja, os elementos permanecem exatamente como são, mero pão e mero vinho. É através de um processo místico que a substância do corpo e do sangue de Cristo é unida à substância do pão e do vinho, não tomando, entretanto, à primeira substância, o lugar desta última.

4.2.1.3 PRESENÇA MÍSTICA

Esse é o pensamento das Igrejas Reformadas. De acordo com esse pensamento, a união do fiel com Cristo é espiritual, de modo que, onde o sacramento é recebido com fé, a graça de Deus o acompanha. Calvino insistia na presença real do Senhor na Ceia, mas não corporal e, sim, espiritual. É uma presença mística, espiritual, especial de Cristo durante a cerimônia, sendo a Ceia um meio para fortalecer a fé.

4.2.1.4 MEMORIAL

Esse é o pensamento da maioria dos protestantes e evangélicos. Zwinglio dizia que a Ceia do Senhor é um simples sinal ou símbolo, representando e simbolizando figuradamente verdades ou bênçãos espirituais; ensinava também que o seu recebimento é apenas uma comemoração daquilo que Cristo fez pelos pecadores, e, acima de tudo, uma insignia da profissão de fé cristã. Esse ponto de vista insiste no fato de que Cristo instituiu a Ceia como um memorial, com o objetivo de manter viva no cristão a lembrança do sacrifício vicário de Cristo e, ao mesmo tempo, proclamar de modo simbólico o grande fato que efetuou a redenção do cristão: o sacrifício de Cristo.

É importantíssimo notar que o Senhor Jesus proferiu as palavras “isto é o meu corpo” enquanto ainda vivia fisicamente; consequentemente, parece lógico supor que Ele falava em termos simbólicos, pois enquanto estava sentado entre seus discípulos, inteiro e vivo, seria impossível que os discípulos participassem de seu corpo e de seu sangue de maneira literal. Sendo assim, parece ser essa Teoria do Memorial a mais plausível entre todas, embora quando se

fala da Ceia do Senhor, fala-se de um mistério inefável e indizível, sobre o qual seria ignorância dogmatizar ou afirmar categoricamente algo que não se pode perscrutar completamente.

4.2.2 MODOS DE CELEBRAR A CEIA DO SENHOR

4.2.2.1 CEIA LIVRE UNIVERSAL

A “Ceia livre universal” é aquela que é distribuída para todas as pessoas presentes na reunião, independentemente de credo religioso. De acordo com esse ponto de vista, podem participar da Ceia, além dos membros da igreja local, os membros de outras igrejas evangélicas, católicos, espíritas, muçulmanos, budistas e assim por diante. Obviamente, esse ponto de vista carece de base bíblica sólida, pois os não crentes devem ser excluídos da participação na Ceia, pois não pertencem à Igreja de Cristo.

4.2.2.2 CEIA LIVRE RESTRITA

A “Ceia livre restrita” é aquela que é distribuída para todos os salvos em Cristo presentes na reunião, independente de denominação. De acordo com esse ponto de vista, podem participar da Ceia, além dos membros da igreja local, os membros de outras igrejas evangélicas, desde que sejam pessoas convictas de sua salvação em Cristo, batizadas em nome da Trindade e que estejam em comunhão com sua igreja. Alguns limitam a participação apenas aos batizados por imersão, mas mesmo assim, ainda é Ceia li-

vre restrita. Importante ressaltar que, de acordo com esse ponto de vista, não devem participar elementos que fazem parte de seitas ou grupos heréticos, pois os tais não pertenciam à chamada Igreja de Jesus Cristo. Aqueles que mantém tal ponto de vista acreditam que todo aquele que pertence a Cristo e que está presente à cerimônia, não pode ser impedido de vir à Mesa do seu Senhor. A Ceia é do Senhor e todo aquele que pertence a Ele, estando em comunhão com sua igreja, pode participar, se assim o quiser.

4.2.2.3 CEIA RESTRITA

A “Ceia restrita” é aquela que é distribuída apenas para aqueles que fazem parte da mesma denominação, ou seja, para aqueles que fazem parte de uma igreja da mesma fé e ordem. Isso quer dizer que se houver pessoas presentes à reunião que não fazem parte da denominação que está celebrando a Ceia, os tais são deixados de lado e, mesmo sendo crentes, são impedidos de participar.

4.2.2.4 CEIA ULTRA RESTRITA

A “Ceia ultra restrita” é aquela que é distribuída somente para aqueles que fazem parte da igreja local, ou seja, nem mesmo os presentes que pertencem a uma outra igreja que faz parte da mesma denominação, podem participar. Os que esposam esse ponto de vista reconhecem que a Ceia não transmite nenhum ato de graça ao participante e que a Ceia é apenas um ato memorial, não havendo, portanto, união mística entre o Corpo de Cristo e o participante. As igrejas que seguem esse ponto de vista são minoria e tem diminuído consideravelmente nos últimos anos.

4.2.3 PROVIDÊNCIAS ANTECIPADAS

Faz-se necessário tomar algumas precauções antecipadas, a fim de que a Ceia possa ser celebrada condignamente e sem surpresas desagradáveis:

a) O pão e o vinho devem ser comprados com certa antecedência. Existem determinadas igrejas em que, no último instante, os diáconos estão procurando os elementos necessários à celebração da Ceia nos bares e panificadoras ao redor da igreja. Isso pode causar um mal estar na comunidade bem como um certo nervosismo nas pessoas à frente do trabalho.

b) Em algumas regiões, o suco de uva é o elemento mais usado para representar o sangue de Cristo. Preferencialmente, o elemento a ser servido deve ser o vinho de boa qualidade, ou senão pode ser usado o suco de uva, pelo motivo que pode haver algum ex-viciado em bebida alcoólica no meio dos participantes e seria melhor que o tal não tivesse contato nenhum com qualquer tipo de bebida alcoólica. Quanto ao pão, pode ser sem levedura, mas como é difícil encontrar tal tipo de pão nas panificadoras de certas localidades, pode-se usar qualquer tipo de pão.

c) Preferencialmente que haja cálices individuais, por questões higiênicas. Obviamente que um cálice comum a todos representaria melhor a cerimônia, mas num país tropical isso não é o mais sensato. Além disso, tanto as bandejas quanto os cálices devem estar muito bem lavados e que haja toalhas brancas para cobrir as bandejas com os cálices e os pratos com os pedaços de pães. O pão pode estar inteiro no prato pois, dessa forma, o oficiante vai vagarosamente quebrando-o em pequenos pedaços enquanto lê, prega ou fala sobre o corpo de Cristo que foi partido pelos fiéis,

causando assim, um impacto psicológico muito positivo nos ouvintes. No entanto, a prática mostra que os pastores preferem que o pão já venha partido em pedacinhos.

d) Para a celebração da Ceia deve haver **um** mesa colocada à frente do púlpito, na qual serão colocadas as bandejas com os elementos. Na mesa deve haver uma inscrição “Em memória de mim”, o que chama a atenção de todos para o significado da Ceia do Senhor.

e) Várias cadeiras serão colocadas junto à mesa, dependendo do número de diáconos e diaconisas que ajudarão na distribuição. O número de diáconos a tomarem parte na cerimônia depende do número de participantes. Em congregações pequenas, dois diáconos são suficientes, mas em congregações enormes dezenas de diáconos são necessários para a entrega dos elementos. Além das cadeiras para os diáconos, deve haver uma cadeira central para o ministro oficiante. O pastor também pode requisitar a outras pessoas, além dos diáconos, que ajudem na distribuição dos elementos, especialmente naquelas igrejas onde não existem diáconos ou quando há trabalhos especiais onde seria interessante que pessoas de determinados grupos, como por exemplo, jovens, adolescentes, senhoras, tomassem parte na distribuição.

4.2.4 A CERIMÔNIA PROPRIAMENTE DITA

Após convidar os diáconos para comporem a mesa, o ministro oficiante iniciará a cerimônia convocando o povo para que tome consciência de que está diante da mesa do Senhor, e que cada um deve se aproximar espiritualmente da mesma com fé, com a alma contrita, mas ao mesmo tempo com júbilo no coração. Deve-se dizer ao fiel que é hora de esquecer das ofensas que outros lhe fizeram, que é tempo

de buscar amar ao próximo e de procurar ter uma vida mais pura e consagrada a Deus. Deve-se convocar os cristãos a que estejam unidos num só sentimento, buscando o alimento espiritual em Cristo Jesus, o Pão da Vida. Normalmente, no dia da Ceia, o sermão gira em torno da mesma, não havendo um outro sermão antes ou depois do sermão eucarístico. Durante esse período, é salutar fazer uma exposição sobre o significado da cerimônia, levando os ouvintes a notarem que o momento é de muito respeito e reverência. É um momento onde todos os participantes se transportam mentalmente à cena da Ceia instituída por Cristo e ao Calvário onde Cristo morreu por todos nós. Textos apropriados para esse momento são: Mateus 26.26-29; Marcos 14.22-25; Lucas 22.14-20 e 1 Coríntios 11.23 a 32. Este momento também é usado para que o oficialente avise quem é que pode e quem é que não pode participar da Ceia, dependendo do ponto de vista adotado pela igreja.

Após a meditação sobre a Ceia, o ministro oficialente passará ao momento da distribuição dos elementos. Ele poderá pegar um prato com o pão e dizer: “A Bíblia diz que nosso Senhor, tomando o pão, deu graças. Oremos”. O pastor ou um dos que compõe a mesa fará uma oração, através da qual expressará gratidão pelo significado tão importante do Corpo de Cristo partido por nós. Na sequência, o pastor toma os pratos com os pães, entrega-os aos diáconos para que estes os repartam com os membros da igreja. Durante a distribuição, a congregação pode permanecer em silêncio, em atitude de reflexão ou pode cantar um hino propício para a cerimônia. Acabada a distribuição, os diáconos retornam todos ao mesmo tempo à mesa, entregando os pratos ao pastor; este, então, coloca os pratos sobre a mesa, exceto um, através do qual servirá aos diáconos e a si mesmo. Im-

portante ponto a ser lembrado é que antes do oficiante servir aos diáconos e a si próprio, deve-se perguntar aos presentes se alguém, porventura, não tenha ficado sem receber o pão. Caso haja alguém, um dos diáconos o servirá. Após servir aos diáconos e a si mesmo, o oficiante poderá ler um dos textos que fala a respeito do pão, como por exemplo, João 6.58 ou 1 Coríntios 11.23. Após a leitura do texto, o pastor dirá: “Assim como Jesus nos ensinou, façamos todos; comamos todos juntos”. Seguem-se momentos de silêncio, música suave e reflexão.

Em seguida, o oficiante pegará uma bandeja com o vinho e dirá: “A Bíblia diz que nosso Senhor, tomando o cálice o repartiu entre todos os discípulos. Oremos”. O pastor ou um dos que compõe a mesa fará uma oração, através da qual expressará gratidão pelo significado maravilhoso do Sangue de Cristo que perdoa todos os nossos pecados. Na seqüência, o pastor toma as bandejas com os cálices, entrega-os aos diáconos para que estes os repartam com os membros da igreja. Durante a distribuição, a congregação pode permanecer em silêncio, em atitude de reflexão ou pode cantar um hino propício para a cerimônia. Acabada a distribuição, os diáconos retornam todos ao mesmo tempo à mesa, entregando as bandejas ao pastor; este, então, coloca as bandejas sobre a mesa, exceto uma, através da qual servirá aos diáconos e a si mesmo. Deve-se lembrar que antes do oficiante servir aos diáconos e a si próprio, deve perguntar aos presentes se alguém, porventura, não tenha ficado sem receber o cálice. Caso haja alguém, um dos diáconos o servirá. Após servir aos diáconos e a si mesmo, o oficiante poderá ler um dos textos que fala a respeito do cálice ou do sangue de Jesus Cristo, como por exemplo, 1 João 1.7 ou 1 Coríntios 11.25. Após a leitura do texto, o pastor dirá: “Assim como

Jesus nos ensinou, façamos todos; bebamos todos juntos". Seguem-se momentos de silêncio, música suave e reflexão.

Após a entrega dos elementos pode-se fazer um apelo aos não-crentes para que meditem sobre o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário. Em algumas igrejas há o costume de cantar um hino que fala sobre a volta de Cristo, já que uma das finalidades da Ceia é anunciar a morte de Cristo até que Ele volte. Durante o cântico do hino, pode-se, também, recolher os cálices, se não houver um local adequado para eles ficarem nos bancos até depois da cerimônia, quando então serão recolhidos. É praxe, depois do hino, despedir a congregação com a bênção apostólica ou a bênção araônica.

Uma pergunta que sempre é feita é: "O que fazer com aquilo que sobra da Ceia?" Alguns têm o costume de jogar fora; outros de enterrar; e, outros, ainda, permitem que as crianças que não participaram da cerimônia, saboreiem o resto do pão e do suco. Não há uma norma definida sobre a questão, mas já que os elementos apenas representam e simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, tal representação só acontece durante a cerimônia propriamente dita. Mesmo após a cerimônia, o pão é simplesmente pão e o vinho ou suco continuam sendo como tais. Sendo assim, o que se faz com os elementos após a cerimônia, é algo insignificante, podendo ser aproveitado os elementos por quaisquer pessoas, inclusive crianças. Todavia, a igreja deve decidir sobre o assunto.

4.2.5. ESBOÇO DE CULTO DE CEIA DO SENHOR (MODELO)

- 1. Prelúdio**
- 2. Palavras Introdutórias**

3. Hino de Louvor
4. Leitura Bíblica (correspondente ao tema)
5. Oração do Pai Nossa
6. Música Especial (Coro, conjunto ou outro)
7. Mensagem (correspondente ao tema)
8. Oração
9. Música Especial (Coro, conjunto ou outro)
10. Leitura Bíblica de 1 Coríntios 11.23-26
11. Distribuição do Pão (enquanto se distribui deve-se cantar um hino sobre o tema)
12. Distribuição do Cálice (enquanto se distribui deve-se cantar um hino sobre o tema)
13. Hino de Júbilo
14. Oração Final e Bênção
15. Poslúdio

4.2.6 SUGESTÃO DE MENSAGEM (MODELO)

Texto: Isaías 53.1-7

Tema: Cristo nosso perfeito substituto

Introdução: O pregador deve mostrar que Jesus Cristo morreu crucificado, não por culpas próprias, pois não as possuía, mas para ser o nosso Redentor e Salvador.

I. Morreu Rejeitado

1.1. Foi desaprovado por Israel e seus líderes religiosos, embora fosse aprovado por Deus.

1.2. Não tinha o tipo de beleza que Israel aprovava.

1.3. Era desprezado, porque não era o tipo de Salvador que Israel esperava.

1.4. Era rejeitado, reprovado pelos homens pecadores, mesmo sendo o Sumo Bem.

1.5. Não fizeram caso dele, e hoje há pessoas que fazem o mesmo.

II. Seus sofrimentos foram em nosso beneficio

- 2.1. Nossas transgressões foram expiadas por Ele.
- 2.2. Ele castigado trouxe-nos a Paz.
- 2.3. Ele ferido nos deu saúde espiritual.

III. Sem Cristo a raça humana é errante

- 3.1. Nem todos são criminosos, mas todos têm seguido seu próprio caminho.
- 3.2. Temos errado como ovelhas, cada um andando após o outro, como ovelhas que não têm pastor.
- 3.3. Esse caminho da vontade própria costuma ser um desvio do caminho de Deus.

IV. Nossa atitude para com o Sacrificio de Cristo

- 4.1. Admiração pela submissão ao Todo-poderoso
- 4.2. Admiração pelo silêncio de quem podia ter sentenciado Seus perseguidores
- 4.3. Admiração pelas consequências para Deus e para nós de Sua silenciosa Submissão.
- 4.4. Gratidão por todos os benefícios consequentes.
- 4.5. Confiança e fé no valor da obra expiatória.

Conclusão: 600 anos antes da cruz o profeta anunciou o sacrifício vicário de Cristo; 2000 anos depois nós podemos dar graças por tal sacrifício, rememorando o fato através da celebração da Ceia do Senhor. Nossa atitude para com Seu sacrifício precisa ser analisado para que haja uma mudança substancial em nossas vidas.

CAPÍTULO V

DISCIPLINA

A DISCIPLINA NA IGREJA

Disciplina é uma palavra que se origina do latim e significa “ação de instruir, educação, ensino”. A função da igreja é ensinar. Uma igreja disciplinada é uma igreja instruída na Palavra de Deus, é uma igreja educada e ensinada nos princípios bíblicos. A disciplina eclesiástica visa manter a igreja dentro da pureza apostólica. Se não houver disciplina, a igreja vai se tornando corrompida com o tempo. Quando não se exerce a disciplina entre os membros, há uma grande frouxidão e o resultado é uma queda na temperatura espiritual da membresia.

Os ministros do evangelho estão autorizados pela Bíblia a estabelecer a disciplina nas igrejas (Mt 16.19; 18.18). A Bíblia é enfática quando diz que é preciso manter a sã doutrina (1 Tm 1.13); além disso, é mister repreender os ofensores (1 Tm 5.20), removendo os que são obstinados (1 Cor 5.3 e seguintes; 1 Tm 1.20). O fator essencial é que a pessoa que é espiritual submete-se à disciplina (Hb 13.17). Entretanto, a Igreja não deve ser apenas um hospital onde se realizam amputações e drásticas cirurgias. Precisa ser, acima de tudo, uma família saudável que ensina a seus filhos os segredos da medicina preventiva.

Há duas espécies de ofensas: as **particulares** e as **públicas**. As ofensas particulares são aquelas cometidas por

alguém contra uma outra pessoa da igreja. Nesse caso, elas devem ser tratadas conforme o ensinamento de Jesus em Mateus 5.23,24 e 18.15-17. É interessante notar que considerar um membro da igreja como gentio e publicano não pode, na ética cristã, envolver a idéia de ódio, escárnio ou espírito perverso, porque tudo isso é totalmente contrário ao espírito de Cristo, aos propósitos e à expressão geral deste mesmo texto de Mateus 18.15 a 18. As ofensas públicas são aquelas cometidas contra a Igreja ou algo cometido contra alguém, mas que já se tornou conhecido de toda a igreja. Nesse caso o modo de tratá-las se encontra em 1 Coríntios 5.3-5 e 2 Tessalonicenses 3.6. Quanto aos tipos de disciplina na Igreja temos três tipos:

5.1 DISCIPLINA FORMATIVA

A disciplina formativa é passada à Igreja através de pregações, estudos do púlpito ou através da Escola Bíblica Dominical ou organizações similares, apoio, conselhos e exortações pastorais. Esse é o aspecto mais importante da disciplina, pois tem por finalidade formar o caráter e a consciência dos crentes, propiciando o amadurecimento espiritual, ético e moral de cada cristão. É através desse tipo de instrução que os cristãos são preparados para enfrentar as dificuldades e as mais variadas tentações do mundo atual, evitando a queda que tem sido tão comum em nossos dias. Todos os membros da Igreja precisam receber esse tipo de disciplina. O ensino bíblico que encoraja o cristão a pensar e agir de forma a imitar o seu Senhor, visa sanar os erros de ignorância e negligência. A igreja tem a responsabilidade de ser a escola do cristão.

Sem a transmissão dos conhecimentos básicos da fé cristã, não se pode esperar obediência por parte dos fiéis. Serão como os filhos que certos pais abandonam nas ruas e ficam à mercê da sorte. Se tais crianças não receberem bons ensinos em casa e na escola, dificilmente prestarão bons serviços à comunidade. Jesus Cristo, nosso mestre por excelência, gastou muitas horas ensinando, instruindo seus discípulos na doutrina e na ética do Pai. Homens como João Marcos e Timóteo serviram com os missionários Paulo e Barnabé no ofício de catequistas, ou seja, gastavam seu tempo com os novos cristãos, passando-lhes ensinamentos sobre a vida, morte, ressurreição do Senhor e, ao mesmo tempo, instruções sobre a vida cristã. Os próprios apóstolos rejeitaram uma parte da função administrativa em Atos 6, preferindo ficar com a evangelização e o ensino. O apóstolo Paulo era um ensinador por natureza. Basta olhar suas cartas para perceber que ele era muito preocupado com o ensino e com a disciplina formativa, prevenindo a queda dos seus filhos na fé. Sem essa devida instrução a Igreja falhará inteiramente, podendo perder o rumo a ela dado por Deus, abraçando heresias ou se tornando apóstata, inimiga de Deus que a comprou com o precioso sangue pago por Jesus na cruz do Calvário.

5.2 DISCIPLINA CORRETIVA

É a disciplina terapêutica, que visa “corrigir” o cristão apanhado em desvio de conduta. Qualquer pessoa na igreja está sujeita a falhas. Quando alguém incide em algum erro ou algumas falhas, tais como, avareza, maledicência, espírito fâncioso, a inveja, o orgulho, o mundanismo, as

heresias e pecados sexuais, entre outros, devem ser corrigidos. Paulo ensina essa obrigação da Igreja em Gálatas 6.1.

Ao aplicar esse tipo de disciplina, deve-se fazê-la com toda a mansidão e brandura. Infelizmente, é comum que quando alguém ou um grupo vai falar com um irmão faltoso, ao invés de restaurá-lo, ganhá-lo, acabam afastando-o ainda mais da igreja. Isso ocorre sempre que as pessoas vão tentar restaurar alguém, mas vão com um espírito farisaico, com ar de superioridade e com muita censura. Esquecem-se de olhar o restante do versículo acima que diz: “olha por ti mesmo, para que tu também não sejas tentado”.

Existe a prática de algumas igrejas de punir o irmão faltoso, suspendendo-o por determinado período dos cargos que exerce ou de alguns direitos, como membro da Igreja. Conquanto seja normal e necessário agir em certos casos com a suspensão dos cargos que o faltoso exerce, precisa-se tomar o cuidado de como fazê-lo. Outras igrejas proíbem a pessoa de freqüentar certas reuniões ou até o próprio culto. Parece mais salutar, em certos casos, a suspensão dos cargos ou funções que a pessoa exerça, mas certas decisões que venham a prejudicar ainda mais seu relacionamento com Deus e com os irmãos devem ser evitadas.

5.3 DISCIPLINA CIRÚRGICA

◆ Quando existe alguma parte do corpo de uma pessoa que o prejudica e não há outra solução, os médicos são obrigados a amputar tal parte através de uma cirurgia. É sempre melhor perder uma determinada parte do corpo, do que ter todo o corpo deteriorado. Com a igreja é a mesma

coisa. Ela é um corpo, e se um de seus membros está sendo um perigo para a saúde espiritual do corpo, deve ser cortado, caso a disciplina corretiva não tenha dado resultado.

Obviamente que, a exclusão não deve ser a primeira coisa a se fazer quando se descobre que o crente cometeu um pecado, mas quando certas atitudes trazem escândalos e ofendem publicamente a boa moral de outros, a saída é aplicar a disciplina cirúrgica, quando a disciplina corretiva já não funciona mais. Exercendo tal tipo de disciplina, a igreja não está, de forma alguma, faltando com o amor ao irmão; estará sim, demonstrando que não pode compactuar com o pecado.

A exclusão, dependendo da denominação, exige autoridade das mais amplas possíveis, e somente a opinião geral da Igreja é que tem essa autoridade. Em outras igrejas, o pastor, a liderança ou uma comissão composta de apenas alguns membros da Igreja é que têm a autoridade para fazer isso. Outrossim, deve-se tomar o máximo de cuidado, pois a igreja, o pastor, os membros, ou a autoridade constituída da igreja para este fim, podem tornar-se culpados de erros não menos graves do que aquele que exigiu a disciplina, se agirem sem o espírito de amor e sem o propósito da reconciliação.

5.3.1 E AS COMISSÕES DE DISCIPLINA?

Algumas igrejas adotam o sistema de montar comissões de disciplina. Existem dois tipos de comissões: a) comissão de disciplina permanente ou por período eclesiástico; b) uma comissão de disciplina eleita para cada caso. A prática de se ter uma comissão permanente nem sempre é

uma boa política, pois tais comissões podem se tornar tribunais inquisitórios, criando na igreja um ar de patrulhamento e delação contumaz. Uma comissão eleita para cada caso parece ser salutar, pois quando bem orientada, tem um papel fundamental na recuperação do faltoso.

A comissão de disciplina não tem poder disciplinar. A comissão é para visitar o faltoso, ouvi-lo, aconselhá-lo, ajudá-lo com amor, orar pela pessoa e prestar o seu relatório à Igreja. A Igreja, conforme a denominação, é que tem a autoridade para tomar decisões e nunca a comissão de disciplina. Dependendo da denominação, o pastor, o colegiado de pastores, a diretoria, o corpo de obreiros, ou qualquer órgão para este fim determinado, é que tem a devida autoridade para tomar decisões quanto ao assunto.

5.4 A RECUPERAÇÃO DOS EXCLUÍDOS

Os excluídos são pessoas estigmatizadas e sofredoras. Precisam de reconciliação. Ao estarem fora da Igreja, não estão sob a égide do Espírito Santo e, sim, do mundo. Fora da Igreja não estão desenvolvendo seus dons espirituais, nem crescendo na graça e no conhecimento de Jesus Cristo. Os excluídos podem e devem voltar a ser úteis ao reino de Deus; além disso, a igreja precisa deles, de seus talentos, dons e trabalho. Além disso, os excluídos podem se tornar em grandes obstáculos à evangelização, pois estando frustrados, estigmatizados, entediados pela sua própria fé, acabam obstruindo o caminho dos incrédulos à salvação.

A reconciliação pode se dar mediante o pedido pessoal ou por escrito do próprio excluído à igreja que o ex-

cluiu. Outra igreja pode pedir a reconciliação, mas o melhor lugar para alguém se levantar é o mesmo lugar de onde caiu, ou seja, é preferível que volte à igreja de onde foi excluído. Mas, às vezes, por uma série de fatores, isso não acaba acontecendo e a igreja que pede a reconciliação é uma outra igreja. Nesse acaso, a igreja que recebe o excluído não deve ficar julgando a decisão tomada pela outra igreja; a decisão que a igreja anterior tomou deve ser respeitada.

Para que haja reconciliação, deve haver sincero arrependimento, o que envolve reconhecimento do erro cometido, a disposição de não reincidir no erro, reparação no que couber, com humildade mas não com humilhações. O amor deve ser o ingrediente que desponta em todo ato disciplinador e aqui na reconciliação ele é fundamental, pois quando há reconciliação apenas por um ato de conveniência, não haverá ajuda efetiva ao fiel.

É muito comum ver a Igreja de Jesus Cristo engajada em evangelizar os não convertidos. No entanto, a Igreja tem se esquecido daqueles que passaram por suas fileiras e hoje já não estão mais no exército do Senhor. Se cada Igreja recuperasse metade daqueles que se desviaram, ela cresceria consideravelmente, em torno de 20 por cento. Os excluídos geralmente são esquecidos, marginalizados, discriminados e jogados à mercê da vida.

A Igreja precisa mobilizar-se, através de seus departamentos, em buscar a ovelha perdida, desgarrada, que por um ou outro motivo saiu da Igreja. Relacionar o nome dos excluídos, buscar essas pessoas, promover o culto da centésima ovelha, estabelecer “ganchos” de convívio e amizade, são maneiras de atrair novamente essas pessoas. Não devemos deixar nossos excluídos morrerem sem acertar suas vidas com Deus e com a sua Igreja.

CAPÍTULO VI



COMO ORGANIZAR UMA NOVA IGREJA

6.1 LOCALIZAÇÃO

O primeiro passo que uma igreja deve tomar quando pensa em organizar uma nova igreja é a procura de um local adequado para o futuro templo. Algumas vezes a escolha do local é feita pelo fato da igreja ter vários irmãos morando numa determinada área da cidade, outras vezes, por se tratar de uma região carente da Palavra de Deus, havendo assim a necessidade de se plantar ali uma nova igreja. Outras vezes há a necessidade de se fazer estudos mais profundos para se determinar o local mais apropriado. Nos grandes centros urbanos é necessário se fazer um planejamento urbano, descobrindo as áreas mais necessitadas para se abrir uma nova igreja.

Enquanto os estudos estão sendo feitos é comum os fiéis se reunirem em lugares públicos, suas próprias casas ou em templos provisórios que funcionam improvisados. As alternativas basicamente se resumem em três:

- a) **Casa de um crente:** Centenas de igrejas tiveram início na casa de um irmão.
- b) **Escolas:** Outras centenas de igrejas tiveram início

em prédios públicos, especialmente em escolas que foram usados temporariamente.

c) **Prédio alugado:** É uma excelente opção por oferecer a possibilidade de uso exclusivo, condições de colocar placas com a identificação da igreja, além de permitir o uso de horários e dias convenientes aos irmãos.

Ao se escolher o terreno para a construção definitiva do templo, existem alguns fatores que precisam ser considerados:

a) **A área precisa ser adequada:** Nunca se deve construir uma igreja num terreno do tipo residencial, que geralmente contém em torno de 400 metros quadrados, pois logo haverá falta de espaço e **NENHUMA IGREJA CRESCERÁ MAIS DO QUE A CAPACIDADE DO TEMPLO QUE VAI CONSTRUIR**. O mínimo que uma igreja de visão deve pensar é em 800 metros quadrados para construção, já livre de todas as restrições municipais que houver, estacionamento, passagens, jardins, etc.

b) **Questões de infra-estrutura:** Antes de fechar qualquer negócio, é essencial contar com assessoria legal e técnica. A assessoria legal cuidará de toda documentação do terreno e a técnica sobre a viabilidade quanto ao planejamento futuro. Às vezes a prefeitura ou o Estado tem planejado alargar a rua ou a rodovia e se a igreja não prestar atenção, isso vai estragar o templo novo. É mister, portanto, verificar tais coisas junto à Prefeitura, DNER, RFFSA, concessionárias de água, energia elétrica, telefonia e outras similares.

c) **Localização:** Por um lado, é importante que o terreno não esteja numa rua demasiadamente movimentada, especialmente por veículos pesados, por causa do barulho

e da sujeira. Por outro lado, poderão ocorrer problemas de acesso no caso de estar a mais de duas quadras das ruas de transportes públicos. Outro problema é que um templo escondido ou numa rua pouco movimentada, pouco ou quase nada chama a atenção das pessoas. Um cuidado especial com a localização do terreno é que ele esteja numa área que não fique sujeita à inundações, caso a área seja propícia às enchentes.

d) Aspecto financeiro: É bom ressaltar que o aspecto financeiro não deve vir em primeiro lugar, na escolha entre dois ou mais terrenos. Está em jogo a vida e o crescimento de uma igreja e não apenas uma quantia a ser paga. Portanto, não se deve decidir entre duas propriedades apenas pela questão preço. A questão do preço deve entrar na discussão apenas quando for necessária a comparação entre dois ou mais terrenos. Quando a Igreja está decidida a comprar um determinado terreno, negocia-se com a imobiliária ou com o proprietário, buscando sempre um desconto ou melhores condições; entretanto, sabe-se que Deus é quem provê os recursos e quando o povo vê a viabilidade do investimento, contribui com generosidade e faz até o impossível para adquirir o tal imóvel.

e) Cláusulas de segurança: Quando o sistema da igreja for o congregacional, onde cada igreja local é autônoma, é preciso tomar alguns cuidados com as doações de terrenos e demais imóveis às novas igrejas. É absolutamente necessário colocar na escritura as chamadas cláusulas de segurança, impedindo assim que o terreno seja desviado de seu uso previsto ou perdido por cisão doutrinária.

f) Igrejas vizinhas: Não iniciar a nova igreja perto de outra, mesmo que seja de denominação diferente. Isso pode trazer problemas no futuro.

6.2 A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Ao construir um templo, a Igreja deve sempre pensar em uma construção funcional, ou seja, que funcione. O templo deve servir às finalidades da igreja, o que significa que deve ser muito bem planejada a sua construção. Alguns detalhes precisam ser levados em consideração:

a) Segurança: O templo é um lugar de reunião pública, e as autoridades competentes têm legítima responsabilidade sobre a segurança das pessoas e precisam verificar: a estabilidade estrutural do projeto e depois, do edifício pronto; as instalações, principalmente contra incêndio; os meios de saída em caso de urgência; acesso para portadores de deficiência física; vagas para estacionamento, entre outras tantas coisas. É absolutamente imprescindível que haja um engenheiro habilitado para assinar o projeto, supervisionar toda a construção e para ser o responsável perante as autoridades pela qualidade da obra.

b) Conforto: Os assentos precisam ser confortáveis o suficiente para que as pessoas não adquiriram problemas de coluna ou problemas semelhantes, principalmente se são idosos. A iluminação deve ser analisada com carinho. Se a iluminação for muito fraca, as pessoas no culto estarão muito tristes e introspectivas, causando até depressão naqueles mais suscetíveis ao problema.

Se quisermos um culto alegre, vibrante, cheio de vida, é importante também ter uma boa iluminação. Nos lugares quentes é preciso também verificar a questão da ventilação: faz-se tetos bem altos, pois o ar quente sobe; a ventilação cruzada também é muito desejável. Outro detalhe importantíssimo é que as janelas devem ser dispostas de tal

forma que o sol não reflete diretamente nas pessoas, o que prejudicaria as atividades da igreja. Fator de tremenda importância é com relação à acústica do ambiente. Para se ter uma boa acústica precisa-se planejar antecipadamente, pois a resposta sonora do templo depende de seu volume, seu formato, e do tipo de material empregado no teto, no piso e na parede. Um bom técnico na área será necessário e fundamental pois ele analisará toda a obra e aplicará os princípios básicos que poderão nortear um bom trabalho nessa área.

c) **Ampla circulação:** É imprescindível que qualquer pessoa saiba orientar-se dentro do prédio. As vias de movimento do povo devem ser amplas, retas e com referências visuais para o ambiente externo. Cuidado especial se deve ter com as escadas, as quais devem ser largas, com corrimãos e nunca com degraus em “leque”. Os degraus desiguais são um tremendo perigo, haja vista que a massa do povo está em movimento simultâneo no templo.

d) **Visibilidade e arranjo do salão:** Em templos pequenos pode-se conseguir uma boa visão do púlpito, desde o último banco, aumentando a altura da plataforma em até, no máximo, 90 centímetros. Para salões maiores, é melhor dar um certo declive progressivo ao piso. O púlpito deve ser localizado no ponto focal do salão, do ponto de vista visual e acústico. Em frente à plataforma do púlpito deve ficar a mesa da Ceia do Senhor. Em salões maiores há a necessidade de que essa mesa tenha um tablado ou uma elevação acima do piso, para ajudar a visibilidade. Atrás do púlpito pode haver espaço para o coral; acima e atrás do coral, o batistério, no caso de igrejas que batizam por imersão. As entradas do batistério devem ser a partir do pavimento superior. Em cada lado da plataforma haverá lugar para os instrumentos musicais, no nível do piso prin-

cipal, de modo que os instrumentistas possam olhar para o regente na plataforma. Obviamente que variações ou assimetrias também poderão funcionar muito bem, dependendo da necessidade de cada igreja local.

e) **Demais salas:** Um prédio, para ser totalmente funcional para o trabalho de uma igreja, necessita de diversas salas para determinadas finalidades, tais como educação religiosa, ministérios comunitários e vários outros trabalhos. É necessário observar certas regras para o bom uso das várias salas da igreja:

1) É preferível ter um número pequeno de salas grandes do que um número grande de salas pequenas. No futuro, com o crescimento da igreja, pequenas salas poderiam exigir remoção das paredes para ampliar os espaços; logo, é muito mais apropriado dividir uma sala grande com biombos do que derrubar paredes com o intuito de aumentar o tamanho das salas.

2) Sempre que possível, é preferível ter uma variação no tamanho das salas do que fazer todas as salas iguais, como nas escolas. Os diversos grupos na igreja são naturalmente desiguais, variando conforme a idade. Se as salas são variadas em tamanho, elas permitem uma maior flexibilidade no uso, colocando o grupo maior na sala mais espaçosa e o grupo menor na sala menos espaçosa.

3) É importante que cada sala deva ser designada para os trabalhos de determinada faixa etária; assim, os móveis e equipamentos serão compatíveis com os alunos, principalmente se forem crianças ou adolescentes. Muitas igrejas não pensam nas crianças quando planejam os seus templos, devendo elas se acomodarem em móveis e assentos que são próprios para adultos, o que é

uma lástima. Outras igrejas nem se preocupam em fazer banheiros apropriados para as crianças o que é uma ofensa aos direitos de cidadania de nossos filhos.

f)Planejar o templo de tal maneira que permita futuras ampliações sem grandes perdas: Isso é bem possível quando há um bom planejamento.

6.3 A PREPARAÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DA NOVA IGREJA

Muitas igrejas possuem dúvidas quanto ao momento certo para se organizar uma nova igreja. Deve-se analisar cuidadosamente a questão para que a organização não aconteça de forma precoce ou tardia. É um erro, tanto liberar determinados grupos para se tornarem igrejas sem o mínimo de condições para isso, quanto dificultar o processo quando o grupo está em condições para fazê-lo. A seguir são apresentadas algumas condições adequadas:

a)**Membrosia:** O grupo precisa contar com um número razoável de membros e colaboradores. Obviamente não há um número mínimo de membros para a organização de uma nova igreja, mas deve haver o suficiente para uma harmoniosa distribuição das várias funções de liderança.

b)**Maturidade:** A igreja a ser organizada precisa, impreterivelmente, apresentar certas características de maturidade espiritual para desenvolver suas atividades como igreja.

c)**Infra-estrutura:** A nova igreja precisa ter o seu templo construído ou o mesmo precisa estar em fase de construção. Não se deve organizar uma igreja que esteja reunin-

do em casa de um dos membros da congregação, em escola ou propriedade alugada. Se isso acontecer, tal igreja passará por sérias dificuldades na consecução de seu trabalho.

d) Firmeza doutrinária: A nova igreja precisa ter uma firmeza doutrinária inabalável. Precisa ter consciência das doutrinas bíblicas e das doutrinas de sua denominação em relação a outras confissões. A nova igreja precisa, obrigatoriamente, comprometer-se na observância da sã doutrina, pois caso contrário, ela poderá desviar-se num futuro próximo.

e) Capacidade administrativa: O grupo precisa ser preparado pela igreja-mãe para desempenhar as funções exigidas para o bom funcionamento da igreja. Deverá haver pessoas preparadas para as funções de liderança, tais como vice-presidentes, tesoureiros, secretários, líderes dos departamentos, diáconos, etc. A diretoria da nova igreja deve ser escolhida criteriosamente e homologada no dia da organização; os membros da diretoria devem ser pessoas maiores de idade e civilmente capazes de comporem a diretoria. A nova igreja deverá ter o seu próprio pastor desde o início de sua formação, pois o pastor terá uma visão acurada e bíblica para o novo grupo. A escolha do pastor deverá ser feita pela igreja-mãe, após ouvir a escolha feita pela congregação. A igreja-mãe precisa treinar adequadamente os irmãos da congregação para que eles possam estar prontos para o momento propício de efetuarem a sua tarefa.

f) Finanças: A novel igreja precisará ter capacidade financeira para manter o seu funcionamento, custeando as despesas normais de uma igreja, tais como o sustento pastoral, sustento de zeladoria, literaturas, taxas e impostos, materiais de conservação, cooperação denominacional, in-

vestimento em evangelismo, missões e assistência social, etc. A igreja-mãe pode, também, estabelecer um convênio de apoio com a nova igreja, por tempo determinado, com o intuito de ajudar uma determinada área da igreja, como por exemplo, no sustento pastoral. Isso é uma boa maneira de possibilitar melhores condições financeiras para o desenvolvimento do grupo.

g) Visão missionária: A nova igreja precisa ter a visão de expandir-se. Deve sempre colocar a sua ênfase na vocação de multiplicar-se. Para que isso ocorra, é preciso que a igreja-mãe ensine o novo grupo a amar Missões, a obra de evangelização e a assistência aos desamparados e grupos marginalizados.

Depois de serem verificadas as condições acima, é preciso tomar algumas providências para o bom andamento do processo de organização. Com antecedência, a congregação deverá solicitar a sua organização em igreja. A igreja-mãe, então, votará em assembleia o pedido do grupo e marcará o dia e horário do culto de organização, observando um período necessário para que todas as providências sejam tomadas. A Igreja doutrinará a congregação que está prestes a se organizar, ensinando a doutrina da Igreja, mordomia e cooperação denominacional, entre outros. A Igreja precisa, também, fazer um projeto de estatuto para ser aprovado pelo grupo e finalmente homologado no dia da organização da Igreja; é importante consultar um advogado cristão para o cumprimento dessa tarefa.

Outra preocupação que a igreja-mãe deve ter é preparar um orçamento para a nova igreja, garantindo assim, os recursos necessários ao seu funcionamento, principalmente na questão de sustento pastoral. É importante verificar se o orçamento está baseado na realidade financeira do

grupo. É de fundamental importância que a igreja-mãe estude e oriente à congregação sobre o nome da nova igreja. O nome deverá ser votado e homologado no dia da organização. A igreja-mãe precisa votar em assembléia, antes da organização, a concessão de cartas de transferência para os membros fundadores da nova igreja.

6.4 A ORGANIZAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

A fim de que o culto seja uma bênção e uma experiência realmente gratificante, é mister tomar medidas importantes com certa antecedência:

a) **Convites:** Enviar convites às igrejas da região e às entidades da denominação à qual a igreja pertence; também pode-se enviar convites à autoridades religiosas, civis e militares para se fazerem presentes; é preciso convidar os pastores da denominação para o Concílio Examinador; deve-se, ainda, convidar com antecedência o orador oficial.

b) **Providências:** Comprar uma Bíblia de púlpito para ser entregue à nova igreja como oferta da igreja-mãe; providenciar uma lista dos membros fundadores, em ordem alfabética, para ser entregue ao Concílio no dia da organização; preparar a ordem de culto; providenciar um registro histórico da ocasião, com fotos e reportagens; preparar uma confraternização após o culto.

c) **Modelo de Ordem de Culto:**

1. Oração de gratidão
2. Cânticos de louvor
3. Formação do Concílio

4. Leitura Bíblica
5. Exame Doutrinário da Congregação
6. Música Especial
7. Leitura dos nomes dos membros fundadores
8. Hino
9. Palavra da maior autoridade civil presente ou seu representante
10. Histórico da Novel Igreja
11. Música Especial
12. Organizaçāo da Nova Igreja com oração
13. Posse do pastor da Nova Igreja
14. Hino
15. Mensagem
16. Música Especial
17. Palavras Finais de Gratidão
18. Oração Final e Bênção Apostólica

O culto de organização, além de leitura bíblica, hinos, cânticos e pregação da palavra, deverá conter alguns elementos fundamentais: deve haver um histórico da congregação que está se tornando em igreja; deve haver a formação do Concílio, sob a responsabilidade do pastor da igreja-mãe; precisa haver a chamada nominal dos membros fundadores; deve haver o exame da Congregação pelo Concílio e o ato solene de organização da igreja com oração gratulatória, devidamente lavrados em uma Ata de Organização; posse imediata da diretoria da nova igreja e homologação do estatuto já previamente aprovado pela congregação. Se houver um pacto, credo ou declaração doutrinária da denominação, deve-se lê-la em uníssono dentro da programação.

CAPÍTULO VII



A IGREJA E O CULTO

O que é o culto? De acordo com Blackwood, citado por Ferreira, o culto é a resposta do homem à revelação de Deus; é honra, reverência e louvor que a criatura dedica à divindade³⁵. O culto é assaz fundamental para colocar a pessoa em relação pessoal com Deus e em comunhão com os demais cristãos; provê estímulos e desafios para a vida cristã; dá oportunidade para confissão e purificação dos pecados; fornece instrução para o viver diário; e, dá condições ao fiel para que tenha a sua fé e o seu ardor aumentados.

7.1 Os SÍMBOLOS DO CULTO

No início do cristianismo os símbolos mais usados foram o peixe e a cruz. O peixe deve ter sido o primeiro símbolo reconhecido pela cristandade. O uso da cruz, entretanto, cresceu em importância com o passar do tempo e tornou-se o símbolo fundamental e por exceléncia do cristianismo. Nas igrejas evangélicas, além da cruz, são usados alguns outros símbolos, tais como o púlpito, a Bíblia, a mesa da Ceia e o batistério ou pia batismal. Os símbolos são elementos fundamentais na preservação do cristianismo e

³⁵ FERREIRA, Ebenézer S. *Manual da Igreja e do obreiro*. Rio de Janeiro : JUERP, 1993. p.64.

na propagação de sua mensagem. Infelizmente, muitas igrejas evangélicas não valorizam suficientemente os símbolos sagrados da cristandade. Por outro lado, outras igrejas se tornam demasiadamente litúrgicas pelo apego exagerado aos símbolos, que em alguns casos, transformam-se em terríveis superstições.

7.2 LITURGIA

A palavra grega **leitourgía** significa “obra pública” ou “dever público”. A Septuaginta usa essa palavra no contexto religioso e o Novo Testamento, então, utiliza-se do termo por seis vezes (Lc 1.23; 2 Co 9.12; Fl 2.17,30; Hb 8.6 e 9.21). Na primeira passagem refere-se aos dias de ministração, prestado por Zacarias; os demais textos focalizam o serviço prestado por cristãos, em várias situações. O termo **leitourgós**, servo, figura por cinco vezes em o Novo Testamento (Rm 13.6; 15.16; Fl 2.25; Hb 1.7 e 8.2. O adjetivo **litourgikós**, “ministradores”, aparece em Hb 1.14.

A liturgia é uma coleção de formas ritualísticas prescritas, visando à adoração pública. Refere-se à adoração pública em suas formas, em contraste com as devoções privadas. Na liturgia estão em foco os ofícios divinos, as litanias e as maneiras em que são administrados os sacramentos. Algumas igrejas, como a Católica Romana, a Anglicana e a Luterana, são essencialmente litúrgicas. Algumas outras são bem mais flexíveis como a Presbiteriana, a Metodista, as Assembléias de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, os Batistas, as Comunidades e outros grupos. Estas são menos formais em seu culto e muitas vezes preferem o ter-

mo “ordem de culto” ao termo “liturgia”. Conquanto os cultos sejam mais simples nessas igrejas, isso não significa que eles não tenham ordem e reverência. Embora a liturgia em igrejas evangélicas seja mais flexível, normalmente segue-se uma ordem de culto padrão, que pode variar de acordo com a denominação e com a situação local.

7.3 AS PRINCIPAIS PARTES DE UM CULTO

7.3.1 LEITURA BÍBLICA

A leitura bíblica possui lugar de destaque em todo culto cristão. Sendo ela o livro básico do cristianismo, a palavra de Deus escrita, seria inadmissível um culto sem a leitura da Bíblia. Embora os fiéis devam estar com suas Bíblias para acompanhar a leitura do texto escolhido, é importante que os textos a serem lidos possam estar inseridos no boletim ou projetados, pois isso facilita a leitura pública, especialmente aos visitantes não crentes, devido ao fato de haverem várias versões e traduções diferentes. Ao se ler o texto bíblico, toda a igreja participa junta, beneficiando-se mutuamente da leitura e recebendo inspiração para a vida.

Há várias formas de leitura no culto. Pode-se ler de forma responsiva, ou seja, um grupo lê os versos ímpares e outro grupo lê os versos pares. Essa é uma forma agradável em que se pode fazer vários grupos alternados: dirigente e congregação, homens e mulheres, coral e congregação, solteiros e casados, pastores e leigos, etc. Outra forma é a leitura em uníssono, quando

todos lêem ao mesmo tempo. Outras vezes o dirigente lê em voz audível e os demais acompanham a leitura de forma silenciosa. Outro exemplo diferente de se ler as Escrituras no culto público é o Salmo 136: o dirigente lê a primeira parte de cada verso e a congregação responde com a segunda parte dos versos, “porque a sua benignidade dura para sempre”. Algumas igrejas lêem um texto do Antigo Testamento e mais tarde um outro texto do Novo Testamento; outras lêem um Salmo no início e um texto dos Evangelhos mais adiante; outras lêem apenas um texto de qualquer parte das Escrituras; outras já lêem um texto em que há ligação com o texto da mensagem que virá depois. Enfim, isso depende muito da forma litúrgica que a determinada igreja adota.

Nas igrejas litúrgicas, sempre há um leitor específico que é o pastor ou alguém escolhido que sempre faz as leituras. Em algumas igrejas é comum sempre se convidar um membro da congregação para dirigir a leitura bíblica, o que é um costume muito salutar e é mais uma forma das pessoas da congregação participarem do culto. Pode-se variar sempre, convidando um jovem, uma adolescente, uma senhora, um senhor, um diácono, uma diaconisa, um idoso, etc. As pessoas se sentem animadas e recompensadas por participarem ativamente dos cultos. Outra maneira de se fazer uma leitura bíblica é através de jograis elaborados pelos jovens e adolescentes. Alguns textos bíblicos já são transformados em música, e é uma boa idéia cantar esses hinos, pois a música edifica e consola, ainda mais se é um texto das Escrituras.

7.3.2 A ORAÇÃO

A oração é a expressão da alma perante o seu Deus. Ela é como uma alavanca que levanta a fé para superar as montanhas de dificuldades, que impulsiona os corações, que põe de pé os caídos, que soergue os fracos, desanimados e abatidos. É a janela da alma, pela qual vemos e falamos com Deus³⁶. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento apresentam inúmeros exemplos de orações dos filhos de Deus. Achamos as orações de pessoas como Abraão, Moisés, Davi, Salomão, Elias, Ana, Daniel, Paulo, Pedro e muitos outros.

O próprio Jesus nos deixou ensinamentos de como devemos orar. Ele nos deixou até uma oração modelo, a oração do Pai nosso: “Pai nosso que estás no céus, santificado seja o teu nome, venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós também temos perdoado os nossos devedores. E não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal. Porque tu és o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.” Jesus também censurou os hipócritas, os quais faziam longas orações mas que eram vazias de sentimentos. Oração da boca sem o coração é como uma bala perdida, não atinge o seu objetivo.

As orações públicas possuem algumas características, que são fundamentais: elas devem ser objetivas, claras e concisas. Muitas orações não possuem essas qualidades e, portanto, são ocas e não surtem os efeitos desejados. É comum pedir a alguém para orar agradecendo a Deus pelos

³⁶ FERREIRA, E. S. Op. Cit. p. 71.

dízimos e pelas ofertas e o “orador” ora sobre muitas coisas, menos pelos dízimos e pelas ofertas! É bom ensinar a igreja que há vários tipos de oração: de gratidão, de adoração, de confissão, de petição e de intercessão. Muitos possuem a pálida idéia que oração é só pedir, mas pelos exemplos bíblicos vemos que oração é muito mais louvor e gratidão do que petição. Nós somos mais inclinados a pedir e interceder do que agradecer e louvar. Somos um povo ingrato: pedimos muito e agradecemos pouco. Confessar pecados, nem pensar, para alguns. A pessoa que vai orar deve ter a nítida compreensão de que tipo de oração se vai fazer. É comum o fato de que o momento é de gratidão pelas bênçãos e a oração que é feita é quase que exclusivamente de súplica e intercessão.

7.3.3 HINOS E CÂNTICOS

É parte fundamental do culto, pois os hinos e os cânticos dão plena vitalidade ao mesmo (Cl 3.16). É através deles que as pessoas podem exteriorizar os seus sentimentos de louvor e gratidão ao divino. Os hinos são importantes pois expressam nossa fé e nosso amor a Deus. Também refletem nossa convicção inabalável e nossa firme esperança no mundo vindouro. Os hinos também servem para promover a comunhão entre os irmãos e para a evangelização, pois muitos deles falam sobre o amor de Deus e são convites diretos para os pecadores se aproximarem de Cristo.

O grande exemplo de louvor nas Escrituras é o livro dos Salmos. São a mais bela coleção de hinos do Antigo Testamento. A própria história do povo de Israel é repleta

de louvor e gratidão a Deus. Em o Novo Testamento, o Evangelho de Lucas possui a característica de enfatizar o louvor e a adoração. Basta olharmos para os cânticos, tais como, o da Anunciação (1.30-33), o Magnificat (1.46-55), o Benedictus (1.68-70), o Gloria in Excelsis (2.14), o Nunc Dimitis (2.29-32) e a Entrada Triunfal (19.38).

Quando o Senhor estabeleceu a Ceia, ele e os seus discípulos cantaram e provavelmente deve ter sido uma passagem do *Hallel*, que freqüentemente era cantado naquela época. Outro exemplo de cântico está em Atos 4, que era um hino que vem da poesia do Salmo 2. Esse hino cantado pelos cristãos os encorajava diante das várias dificuldades enfrentadas no início.

O apóstolo Paulo sempre admoestou a Igreja para que cantasse e mutuamente os cristãos se edificassem (Ef 5.19; Cl 3.16). No primeiro texto citado, Paulo mostra que os salmos, hinos e cânticos espirituais são a maneira através da qual os cristãos se enchem do Espírito Santo. Há outros textos em o Novo Testamento que a maioria dos teólogos afirma que são citações de hinos antigos dos primeiros cristãos, como por exemplo, Efésios 5.15, Filipenses 2. 6-11, 2 Timóteo 2.11-13. O Apocalipse também está repleto de cânticos de adoração e louvor. Em todo o livro a tônica é o louvor ao Deus vitorioso e ao Cristo glorificado.

Uma das características do cristianismo deve ser a alegria. Assim sendo, música alegre e cheia de vida é uma parte preciosíssima do culto cristão. Após uma semana de trabalho e de estudos com diversas dificuldades enfrentadas, nada melhor do que os hinos e cânticos para encorajar os fiéis e dar-lhes uma esperança para a nova semana que se iniciará. Muitos tipos de música funcionam como uma ex-

celente forma de terapia. A música cristã, por seu conteúdo riquíssimo que enfatiza a vitória e a esperança em Deus, pode perfeitamente ser uma excelente forma de terapia para a alma humana.

Da mesma maneira como a música pode inspirar e levar mensagens espirituais aos corações humanos, ela também pode passar idéias incorretas quanto à pessoa de Deus, seu plano salvífico e também com relação a outras questões doutrinárias. Por isso, deve-se ter um grande cuidado com as letras dos cânticos espirituais. Deve-se evitar videntemente os erros teológicos ou doutrinários. O pastor ou o líder da igreja deve fazer a revisão de todas as letras desses cânticos espirituais.

7.3.4 A PREGAÇÃO

Muitos consideram a mensagem a parte central do culto. Embora seja difícil dizer qual a mais importante, visto que todas as partes constitutivas do culto o são, é verdade de que o sermão tem papel essencial durante o culto cristão. É o momento quando o pregador, inspirado e com a visão espiritual que Deus lhe confere, passa para a Igreja a vontade divina para aquela comunidade. É o momento quando paramos para ouvirmos a voz de Deus.

O pregador possui uma responsabilidade muito grande, pois ele é o transmissor das verdades divinas ao coração dos fiéis e dos infiéis. Para isso, é necessário que o pregador possua certas qualidades cristãs: deve ser alguém cheio do Espírito Santo, maduro espiritualmente, boa conduta moral, que possua o dom da palavra, cheio de fé, cheio de sabedoria, que saiba interpretar corretamente as passa-

gens bíblicas e que tenha desejo ardente de continuamente estudar as Escrituras e livros afins.

Ao se pregar uma mensagem, precisa-se ter um propósito definido. É comum de se ver mensagens totalmente alheias em pauta. Ao preparar cada mensagem, o pregador deve ter em mente a ocasião específica e o tipo de ouvintes que vai atingir. Uma igreja equilibrada é feita com mensagens que atinjam os diferentes aspectos da vida cristã. Em algumas igrejas é comum que todos os domingos à noite o sermão seja evangelístico, mas e o crescimento dos cren tes? E o doutrinamento que é tão necessário? Outros pregadores só pregam sermões exortativos, parece que gostam de bater no povo; se cuidassem de um rebanho na fazenda estariam só com o reio e o laço nas mãos. Ninguém suporta ir para a igreja e ficar levando pancada todos os domingos, muitas vezes sem nada a ver com o peixe. Existem vários propósitos gerais na pregação cristã: evangelístico, doutrinário, consagração, ético, exortativo e de consolo. Para os detalhes sobre esse propósitos gerais da pregação e sobre os vários tipos de sermões, sugere-se a leitura de um bom livro de Homilética (ver a bibliografia ao final do livro).

7.3.5 A IMPETRAÇÃO DAS BÊNÇÃOS

É comum ao final de cada culto, o pastor oficiante impetrar a bênção araônica ou a bênção apostólica. Tal ato no término de cada culto não é propriamente um mandamento bíblico; entretanto, isso tem sido uma prática consagrada no seio da Igreja cristã, desde os tempos antigos, especialmente quanto à benção apostólica. A impetração da

bênção divina é marcante na vida do povo de Deus, desde os tempos dos patriarcas. No Antigo Testamento, os pais abençoavam os filhos, os sacerdotes abençoavam o povo. Em o Novo Testamento, sempre ao final das cartas e do Apocalipse, existe essa prática de abençoar os filhos de Deus.

A bênção araônica é aquela em que os filhos de Israel eram abençoados pelos filhos de Arão, conforme Números 6.23 a 26. Ela pode ser impetrada pelo pastor oficiante, o qual dirá: “O Senhor te abençoe e te guarde; o senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz”. Pode-se também usar o plural ao invés do singular: “O Senhor vos abençoe e vos guarde....” Em muitas ocasiões a congregação toda recita a bênção araônica. Nesse caso, usa-se a primeira pessoa do plural: “Que o Senhor nos abençoe e nos guarde....”

Já a bênção apostólica está inserida em 2 Coríntios 13.13 e normalmente o ministro a recita ao final de cada culto, algumas vezes com algumas variações: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam convosco (ou *com todo o povo de Deus*), Amém”. Em alguns lugares toda a congregação recita a bênção apostólica, à semelhança da bênção araônica, apenas trocando a palavra “convosco” por “conosco”. Alguns ainda acrescentam ao final os termos “hoje e para todo o sempre”. Cada pastor deve impetrar a bênção de uma maneira simples e sem muito florido, pois daí perde-se a essência da mesma, cujo objetivo principal é incutir na mente do povo que eles saíram abençoados por Deus e nada mais. Não é hora de enfeitar, é momento apenas de impetrar a bênção de Deus à comunidade cristã.

7.4. MODELOS DE ORDEM DE CULTO

Modelo 1

1. Chamada ao Culto : Salmo 100
2. Prelúdio
3. Hino Congregacional
4. Oração Invocatória
5. Saudação aos Visitantes
6. Música Especial - Conjunto
7. Leitura Bíblica
8. Oração
9. Cânticos
10. Poesia
11. Música Especial - Conjunto
12. Testemunho
13. Hino Congregacional
14. Mensagem
15. Hino Congregacional
16. Oração e Bênção Apostólica
17. Poslúdio

Modelo 2

1. Prelúdio
2. Hino Congregacional
3. Leitura Bíblica Responsiva
4. Oração Invocatória
5. Boas Vindas aos Visitantes
6. Cânticos

7. Oração
8. Música Especial - Coral
9. Ofertório
10. Hino Congregacional
11. Mensagem
12. Música Especial
13. Oração e Bênção Araônica
14. Poslúdio

CAPÍTULO VIII

CERIMÔNIAS ESPECIAIS

8.1 CERIMÔNIA DE CASAMENTO

O casamento é uma instituição divina e tem o seu fundamento, normas e princípios contidos na Bíblia Sagrada. O casamento é uma dádiva de Deus, dada ao ser humano para que ele possa demonstrar o seu amor a uma outra pessoa de uma forma total e que ambos se complementem, se realizem, e se satisfaçam tanto em companheirismo, diálogo, quanto em carinho, afeto e sexo. É de vital importância que os noivos sejam orientados pelo pastor ou pelo oficial do casamento, quanto à significação do ato, e o que ele representa diante de Deus e da sociedade. Isto é o que chamamos de aconselhamento pré-nupcial, onde o ministro os orienta em todas as facetas envolvidas no casamento.

Durante essa orientação, os noivos devem fazer um curso pré-nupcial, o qual será ministrado pelo pastor. Nesse curso são discutidos os mais variados assuntos de interesse do novo casal: vida a dois, comunhão com Deus, finanças, planejamento familiar, sexo, cuidados com os filhos e assim por diante. Há vários cursos diferentes que o pastor deve conhecer a fim de optar por aquele que considera o mais viável para a orientação do casal.

O casamento, além de ser uma instituição religiosa, é também uma instituição civil e consequentemente sujeito a determinadas leis do país onde os noivos estão se casando. O ministro religioso deve estar familiarizado com as leis do país e certificar-se que está cumprindo com os requisitos da lei. A igreja ou o ministro deve manter um registro no qual fará constar os casamentos com todos os dados necessários, as assinaturas dos noivos, das testemunhas e do ministro oficiante.

Há duas formas de casamento religioso: o casamento religioso com efeito civil, e o casamento com efeito apenas religioso. No caso do casamento ter apenas o efeito religioso é mister que o ministro tenha certeza de que já foi efetuado o casamento civil em cartório. Se o casamento religioso tiver efeito civil, é preciso que sejam tomadas todas as medidas cabíveis com antecedência, junto ao cartório, e lavrar o termo de casamento em formulário oficial conforme orientação do próprio cartório para a validade do ato realizado. O casamento religioso com efeito civil está previsto no Artigo 73, Lei 6015 de 31 de dezembro de 1973 e no artigo 180 do Código Civil Brasileiro. É preciso avisar aos noivos que o casamento religioso com validade civil, além da valorização do ato em si, sai mais em conta para os nubentes. Não se paga nada, além do que se pagaria no casamento religioso. Além disso, é apenas uma cerimônia, havendo menor pressão psicológica sobre os noivos e um lugar a menos para se locomover juntamente com as testemunhas.

O ministro deve combinar com os noivos a forma preferida para solenizar o casamento. Não há uma seqüência rígida ou cristalizada para uma cerimônia de casamen-

to; além disso, os noivos sempre gostam de participar na formulação do programa, dando idéias e mostrando suas preferências, o que deve ser altamente respeitado e levado em consideração. É de fundamental importância que o ministro e os noivos ensaiem com antecedência a ordem do programa da cerimônia para evitar confusões, procedimentos constrangedores e momentos hilariantes.

O programa todo de um casamento não deve ser superior a uma hora, sendo 45 minutos o ideal para toda a programação. Precisa-se ensinar aos noivos e fazê-los praticar a maneira de entrar e sair em uma cerimônia nupcial. Outro cuidado que o oficiante deve ter é guardar na memória os nomes dos nubentes ou tê-los anotados sobre a mesa ou no púlpito para consulta quando necessário. É também importante que a parte musical do ato religioso seja bem ordenada, para que não haja improvisações vexatórias. Tudo deve estar preparado de antemão e todos os músicos e pessoas que cuidam do som devem estar bem a postos para que tudo saia a contento.

Uma coisa a ser evitada é o atraso da noiva à cerimônia. Além de ser totalmente errado, pois foi anunciado no convite um determinado horário, é uma grande falta de respeito aos que chegaram à hora. Como cristãos, devemos agir conforme o Senhor nos ensinou: sim, sim; não, não.

Quando os noivos já estiverem diante do ministro, o homem à direita da mulher, o oficiante trará algumas palavras introdutórias à congregação. Tal introdução falada pode ter o seguinte tom: "Estamos aqui reunidos na presença do Deus Todo-Poderoso e destas testemunhas para solenizar em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o contrato de casamento que este homem e esta mu-

lher (ou pode-se dizer o nome dos nubentes) por livre e espontânea vontade desejam estabelecer. O casamento é um estado mui honroso estabelecido pelo próprio Deus, santificado pela presença de Jesus Cristo nas bodas de Caná da Galiléia. A Bíblia afirma que o casamento é digno de honra e o consagra como símbolo da união mística entre Cristo e sua igreja. A natureza desta união foi instituída por Deus com o primeiro casal humano, Adão e Eva, lá no jardim do Éden; seu propósito foi proporcionar felicidade à raça humana. Desde então os seres humanos a têm praticado, e, para dar-lhe consistência, a têm legalizado. O casamento foi ordenado para dar continuidade à sagrada instituição da família, e para que os filhos, que são herança do Senhor, sejam criados em piedade e retidão. O casamento contribui, também, para o bem-estar da sociedade e para transmitir, pela boa ordem das famílias, a pureza, a santidade e a verdade, de geração em geração. Para alegria de todos nós, _____ (nome do noivo) e _____ (nome da noiva) decidiram abraçar este estado tão honroso.”

A mensagem do culto de casamento deve ser objetiva, clara e não deve ser superior a 20 minutos. O tema deve ser algo vinculado ao amor e ao evento do casamento. Determinados conselhos práticos devem ser fornecidos durante o aconselhamento pré-nupcial e não no horário da mensagem. Quanto as promessas há várias formas de se fazê-las. Uma delas é da seguinte forma: o ministro se dirige ao homem e lhe diz: “_____ (nome do noivo), estás disposto a prometer diante de Deus e destas testemunhas, que tomas a esta mulher, _____ (nome), por tua legítima esposa, para vi-

veres com ela segundo ordenado por Deus, no santo estado do matrimônio? Prometes amá-la, honrá-la, consolá-la, e conservá-la tanto na saúde como na enfermidade, na prosperidade como em seus sofrimentos, e te conservares exclusivamente para ela enquanto ambos viverem?” O noivo deve responder com voz clara: “Sim, prometo”. Então o ministro se dirigirá à mulher e fará a mesma pergunta, apenas invertendo as palavras, nome e pronomes quando se fizer necessário. As alianças podem ser entregues durante esse momento de promessa ou num momento imediatamente posterior. Aí vai depender da forma do ministro oficiar e também da preferência dos noivos.

Após a oração final e a bênção nupcial, o ministro deve-se dirigir aos presentes e dizer: “Visto como _____ e _____ consentiram ambos em ingressar no estado de matrimônio, e para esse fim celebraram o contrato matrimonial diante de Deus e destas testemunhas, havendo ambos dado e empenhado sua fé e palavra um ao outro, o que manifestaram pela promessa e pela entrega das alianças, eu os declaro marido e mulher, casados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Que Deus os abençoe!”

Alguns textos apropriados para a mensagem ou para a bênção nupcial são: Gn 2.18-24; Rt 4.1-13 a; Et 2.1-18; Sl 103.1-5; Pv 3.3-6; Pv 31.10-31; Ct 2.8-15; Ct 8.6,7; Is 54.5-8; Mt 7.24-25; Mc 10.6-9; Jo 2.1-11; 1 Co 13; Ef 5.21-33; Cl 3.12-17; I Jo 4.7-12.

8.1.1 MODELOS DE CERIMÔNIA DE CASAMENTO

Modelo 1 - apenas religioso

1. Entrada dos padrinhos
2. Entrada do noivo (com a mãe)
3. Entrada do pai do noivo com a mãe da noiva
4. Entrada da noiva (com o pai)
5. Palavras introdutórias
6. Oração
7. Música especial
8. Mensagem
9. Música especial
10. Entrada da dama das alianças
11. Votos e troca das alianças
12. Música especial
13. Impetração da bênção com imposição das mãos
14. Declaração de casados pelo oficial
15. Saída dos noivos
16. Saída dos pais
17. Saída dos padrinhos

Modelo 2 - religioso com efeito civil

1. Entrada dos padrinhos
2. Entrada do pai do noivo com a mãe da noiva
3. Entrada do noivo (com a mãe)
4. Entrada da noiva (com o pai)
5. Oração
6. Mensagem

7. Música especial
8. Poesia
9. Ato civil: assinaturas e leitura dos termos
10. Entrada da dama das alianças
11. Votos e troca das alianças
12. Música especial
13. Impetração da bênção com imposição das mãos
14. Declaração de casados pelo oficiante
15. Saída dos noivos
16. Saída dos pais
17. Saída dos padrinhos

8.1.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS NUPCIAIS (MODELOS)

Esboço 1

Texto: Gênesis 2.18-25

Introdução: Abordar o evento alegre, mas ao mesmo tempo sério, do casamento.

I. O casamento é uma instituição divina.

- 1.1. Não é apenas um contrato legal.
- 1.2. Não é apenas uma formalidade religiosa.
- 1.3. Foi Deus que o criou no Jardim do Éden.
- 1.4. É uma instituição benéfica e necessária ao ser humano.

II. Por que Deus instituiu o matrimônio?

- 2.1. Para companheirismo.

2.2. Para a plena realização de duas pessoas que se amam.

2.3. Para procriação da espécie humana.

2.4. Para perpetuar o conhecimento de Deus.

III. As expectativas dos noivos

3.1. A ilusão do casamento perfeito ou do cônjuge perfeito.

3.2. As falhas ou defeitos do cônjuge.

3.3. As crises que a vida nos traz.

3.4. A ação do amor e do perdão no continuar da vida.

Conclusão: Asseverar que quando o casal se submete à vontade de Cristo e procura compreender o seu cônjuge, amando-o com toda a sua vida, suas forças e seu entendimento, o casamento é sólido, frutífero e duradouro.

Esboço 2

Texto: Salmo 128

Introdução: O casamento é um grande tesouro de Deus. Tesouros fascinam. Pensem na riqueza da rainha da Inglaterra, na riqueza dos caçadores de tesouros. Quais seriam os tesouros advindos do casamento?

I. O Tesouro dos Cônjuges

1.1. O marido

1.1.1. Segurança

1.1.2. Proteção

1.1.3. Companheirismo

1.1.4. Liderança**1.1.5. Cabeça****1.2. A esposa****1.2.1. Companheira em pé de igualdade****1.2.2. Cria o ambiente de harmonia em casa****1.2.3. Adjutora****II. O tesouro dos Filhos****2.1. Herança do Senhor****2.2. Beleza****2.3. Vida****2.4. Saúde****2.5. Recompensa****III. O tesouro da comunhão**

3.1. A expressão “lar” vem de “lareira”, lugar onde nos aquecemos.

3.2. Os momentos de refeições, de culto, das conversas.

3.3. A família precisa cultivar essa comunhão.

IV. O tesouro do Amor

4.1. Amor que une.

4.2. Amor que edifica.

4.3. Amor que permanece.

**4.4. O amor de Jesus é o maior tesouro da família.
Nada se compara a Ele.**

Conclusão: Os tesouros materiais são importantes e de grande valor, mas nada substitui o tesouro que há no casamento que vive na graça de Jesus.

Esboço 3

Texto: Gênesis 2.18-24

Introdução: O fracasso tem sido comum na vida de tanta gente: nos negócios, nas competições, no trabalho, na faculdade, na família. Muitos têm fracassado no casamento. Entretanto, há razões suficientes para que um casamento não venha a fracassar:

I. Porque o casamento veio de Deus

- 1.1. Deus formou o primeiro casal.
- 1.2. O casamento tem sua origem em Deus.
- 1.3. É um projeto de Deus.
- 1.4. Nasceu no coração de Deus.
- 1.5. É uma instituição de Deus.

II. Porque Deus está totalmente envolvido com o casamento de seus filhos

- 2.1. No Éden (Gn 3.9-21).
- 2.2. No Egito (Ex 12).
- 2.3. No ministério de Cristo (Jo 2.1-12).
- 2.4. O casamento e a família são pontos de honra para Deus.

III. Porque o casamento que vem de Deus o inimigo não destrói

- 3.1. Desde o princípio o inimigo sempre quis destruir o casamento.
- 3.2. Alguns programas de TV, o consumismo, o materialismo, a pornografia, o alcoolismo e tantos outros males são grandes inimigos de um bom casamento.

3.3. Mas Deus é maior. Ele está no controle. A promessa é que Deus garante a vitória aos seus filhos.

3.4. O que Deus constrói o diabo não destrói.

IV. Porque é uma coisa muito boa para não dar certo

4.1. Quando Deus o instituiu: “E viu Deus que era muito bom”.

4.2. É muito bom o convívio, o amor e a paixão de um casal.

4.3. É muito bom ter filhos, herança do Senhor.

4.4. É muito bom ver os filhos dos filhos.

4.5. Nenhum lugar, nenhum sucesso, nenhuma riqueza se compara à riqueza da família.

4.6. Como uma coisa assim tão boa fracassaria? Só quando não nos submetemos à vontade de Deus.

Conclusão: O que vem de Deus permanece para sempre. A família, o casamento, não é uma instituição fracassada. O é para aqueles que não seguem a Deus. Para os filhos de Deus, o casamento não fracassou. Louvado seja o Senhor!

8.2 CERIMÔNIA DE BODAS DE PRATA

A cerimônia de bodas de prata é um momento importantíssimo na vida dos casais e da igreja. Além de ser uma excelente oportunidade para louvar e magnificar a Deus pelas vitórias concedidas aos cônjuges e sua família, é um grande momento para testemunhar do amor de Deus, valorizar a instituição do casamento que está tão em baixa em nossos dias. Assim como uma cerimônia de casamento, essa

cerimônia não deve ser longa, como se fosse um culto normal numa igreja. O local para essa cerimônia pode ser no templo, na casa do casal ou num local adequado a desejo dos cônjuges.

O ministro precisa tomar alguns cuidados para que suas declarações sobre o casal não venham fugir à realidade dos fatos a respeito do casal. Para isso, o ministro deve procurar conhecer o máximo sobre a vida deles, mencionando no culto, apenas os fatos importantes para a ocasião. Só deve ser mencionado aquilo que, de forma positiva, marcou a vida do casal.

Os preparativos devem ser feitos de antemão e pode haver uma ordem de culto com: entrada do casal, música adequada para a ocasião, mensagem, confirmação dos votos matrimoniais, entrega de alianças, bênção do oficiante e assim por diante. Música especial também enriquece esse tipo de cerimônia.

Quando estiverem diante do ministro os cônjuges podem estar acompanhados de seus descendentes, e enquanto estão em pé o ministro pode dizer: "Nós louvamos e magnificamos a Deus por este casal que tem conseguido, em tempos de crise espiritual e moral, manter-se firme no propósito do casamento, fiéis e leais um para com o outro. Os nossos irmãos _____ e _____ são um maravilhoso exemplo deste fato que queremos solenizar neste ato de Celebração das Bodas de Prata desta feliz e próspera união. Por 25 anos esse casal tem vivido em santa união conjugal. As lutas, com certeza, foram muitas, mas o Deus a quem eles servem os levou à vitória em todas elas. A paciência, a boa compreensão, a cooperação mútua, norteou a sua vida conjugal, razão pela qual eles chegaram diante de Deus para oferecer um culto em ação de graças e testemu-

nhar que a promessa que firmaram há 25 anos se mantém firme para a glória de Deus e para a felicidade da família". O ministro poderá, então, trazer um sermão que magnifique a graça de Deus em manter viva a união familiar.

Quanto à entrega das alianças, o ministro entregará primeiro ao marido que colocará no dedo correspondente de sua esposa e dirá: "Querida _____, por 25 anos tens sido a minha companheira fiel, ajudadora incansável na formação de nossa família; como testemunho do meu amor por ti e do meu reconhecimento pelas virtudes que tens, eu coloco em tua mão esta aliança". Depois disso, a esposa fará o mesmo e dirá: "Querido _____, a tua lealdade, ajuda, companheirismo e responsabilidade como esposo e líder de nossa família levam-me a agradecer a Deus e neste ato solene a colocar esta aliança em tua mão como testemunho do amor que a ti dedico como esposa". Ao final de tudo o ministro orará e suplicará as bênçãos de Deus pelo casal.

Alguns textos apropriados para a mensagem ou para a bênção do casal são: Gn 2.18-24; Rt 4.1-13 a; Et 2.1-18; Sl 103.1-5; Pv 3.3-6; Pv 31.10-31; Ct 2.8-15; Ct 8.6,7; Is 54.5-8; Mt 7.24-25; Mc 10.6-9; Jo 2.1-11; 1 Co 13; Ef 5.21-33; Cl 3.12-17; I Jo 4.7-12.

8.2.1 ESBOÇO DE PROGRAMA (ORDEM DE CULTO)

- 1. Prelúdio - chamada ao culto**
- 2. Processional - entrada do casal e familiares**
- 3. Palavras introdutórias**
- 4. Cânticos**
- 5. Leitura bíblica**

6. Oração
7. Poesia
8. Palavra de um representante da família
9. Música especial
10. Testemunhos
11. Mensagem
12. Hino
13. Confirmação dos votos matrimoniais
14. Música especial
15. Entrega das alianças
16. Hino
17. Impetração da bênção com imposição das mãos
18. Recessional (saída do casal e de seus familiares)

8.2.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS

Modelo 1

Texto: Provérbios 3.33

Tema: A casa do justo é abençoada

Introdução: Esse texto fala de dois tipos diferentes de casas: a casa do perverso e a casa do justo. O texto diz que a casa do justo é abençoada. Quais as bênçãos que Deus tem para a casa do justo?

I. Deus abençoa com proteção

1.1. Algumas filosofias têm invadido a família: ateísmo, mundanismo, materialismo, consumismo, ativismo, individualismo.

1.2. O inimigo também tem minado a família: flechas, dardos venenosos.

1.3. Mas a Bíblia diz que a morada dos justos ele abençoa (**Gn 19.1-14**). Sim, ele abençoa com proteção.

II. Deus abençoa com provisão (Sl 27.15)

2.1. Vivemos numa época difícil. As famílias têm sido atingidas na sua vida econômica.

2.2. Mas o nosso Deus é o Deus que provê, que sustenta. Exemplos bíblicos: a viúva do profeta (**2 Rs 4.1-7**) e a viúva de Sarepta (**1 Rs 17.8-16**).

2.3. Deus provê: amor, paz, alegria, fé, esperança, saúde, vitória.

2.4. Deus provê porque ele envia sobre a casa do justo as suas misericórdias e a sua graça.

III. Deus abençoa com Salvação.

3.1. O propósito de Deus é a salvação da família.

3.2. Deus abençoa a casa dos justos com salvação (**At 16.31**).

3.3. As promessas de Deus para a salvação da família estão em Atos 2.38-39.

IV. Deus abençoa com sua presença.

4.1. Foi assim que Jesus fez com a viúva de Naim.

4.2. Foi assim com as irmãs de Lázaro.

4.3. Foi assim com Jairo.

4.4. Jesus é o amigo da família. Nas horas mais tristes, dificeis, escuras, incertas, ele está com a família.

Conclusão: Deus abençoa a família com sua agradável presença, com sua proteção, sua provisão e com salva-

ção. Toda a família pode experimentar isso deixando-o entrar na sua casa (Ap 3.20). A sua casa é a casa de um justo, a qual experimenta todas essas bênçãos?

Modelo 2

Texto: Isaías 61.1-9

Tema: Uma família bendita

Introdução: “Bendizer” significa abençoar, falar e desejar todo o bem. Isto é o que Deus quer para a família.

I. A bênção da Restauração (verso 4)

- 1.1. Edificarão os lugares assolados.
- 1.2. Restaurarão as casas destruídas.
- 1.3. Renovarão as cidades arruinadas.

II. A bênção da Primazia (verso 5)

- 2.1. Estranhos e estrangeiros nos servirão.
- 2.2. Cremos que Deus nos coloca nos lugares celestiais como filhos do Rei.

III. A bênção da provisão: (versos 6 a 11). Deus tem inúmeras bênçãos para a família em termos de provisão

- 3.1. Seremos chamados de ministros do Senhor.
- 3.2. Comeremos as riquezas das nações.
- 3.3. Em lugar da vergonha teremos a honra.
- 3.4. Teremos o dobro e ainda com alegria.
- 3.5. Nossos descendentes serão abençoados.

3.6. Beleza, adorno: o texto fala da beleza da noiva e do jardim.

IV. A bênção da unção (versos 1 a 3)

4.1. O segredo destas bênçãos está no verso 1: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu”.

4.2. O texto é messiânico, mas suas verdades se aplicam a nós.

4.3. Se a família não tem tal unção, ela não tem condições de vitória.

4.4. Essa unção do Espírito Santo é a chave da vitória das famílias.

Conclusão: Que todas as famílias da igreja possam assim ser reconhecidas: como famílias benditas do Senhor Deus.

Modelo 3

Texto: Salmo 127

Tema: Família, alvo permanente de Deus

Introdução: Em todas as coisas dependemos de Deus. A família em particular depende de Deus. A família é alvo de Deus desde os primórdios de sua criação.

1. Alvo permanente e por isso o Senhor a edifica: “Se o Senhor não guardar a casa”.

2. Alvo permanente e por isso o Senhor a preserva: “Se o Senhor não guardar a cidade”.

3. Alvo permanente e por isso o Senhor dá provisão: “Aos seus amados ele o dá enquanto dormem”.

Conclusão: Há muitas casas infelizes em nosso mundo, casas divididas, mas aquela casa que confia no Senhor, essa é feliz.

8.3 CERIMÔNIA DE BODAS DE OURO

A cerimônia de bodas de Ouro é outro importantíssimo momento na vida dos casais e da igreja. A celebração de bodas de ouro é basicamente a mesma das bodas de prata, contando com algumas diferenças: o testemunho e o exemplo possui muito maior significado; o número de descendentes é muito maior, pois na celebração de 25 anos, quando muito se possui apenas alguns netos pequenos, e agora já se tem até bisnetos; as dádivas e bênçãos a ser compartilhadas é muito maior. Portanto, além de ser uma excelente oportunidade para louvar e magnificar a Deus pelas vitórias concedidas aos cônjuges e sua família, é um grande momento para testemunhar do amor de Deus, valorizar a instituição do casamento que está tão em baixa em nossos dias.

O ministro poderá usar basicamente a mesma estrutura de celebração das bodas de prata, mas sempre tendo em mente que o momento é muito mais significativo e possui um alto valor não só para a família, mas para toda a igreja e demais pessoas presentes ao culto. É importante que quando o casal estiver diante do ministro os cônjuges devem estar acompanhados de seus descendentes, pois todos poderão vislumbrar as bênçãos de Deus sobre o casal. Os textos apropriados para a benção do casal podem ser os mesmos usados na cerimônia de bodas de prata.

8.3.1 ESBOÇO DE PROGRAMA (ORDEM DE CULTO)

1. Prelúdio - chamada ao culto
2. Processional - entrada do casal e familiares
3. Palavras introdutórias
4. Cânticos
5. Leitura bíblica
6. Oração
7. Poesia
8. Palavra de um representante da família
9. Música especial
10. Mensagem
11. Hino
12. Testemunho a respeito do casal
13. Confirmação dos votos matrimoniais
14. Música especial
15. Entrega das alianças
16. Hino
17. Impetração da bênção com imposição das mãos
18. Recessional (saída do casal e de seus familiares)

8.3.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS

Modelo 1

Texto: Salmo 128

Tema: A Felicidade do Casal que teme ao Senhor

Introdução: Esse texto fala que os que temem ao

Senhor são abençoados em tudo o que fazem e esperam. O texto diz expressamente que a casa do justo é abençoada. Quais as bênçãos que Deus tem para a casa que teme ao Senhor?

I) O casal que teme ao Senhor é abençoado em seu Trabalho

- 1.1 Terá forças para ganhar o seu próprio sustento.
- 1.2 Será feliz em seu trabalho.
- 1.3 Tudo irá bem em seu trabalho.

II) O casal que teme ao Senhor é abençoado no seu lar

- 2.1 A esposa será como uma videira frutífera.
- 2.2 Os filhos serão como rebentos de oliveira.

III) O casal que teme a Deus será abençoado em seu futuro

- 3.1 Vendo, nos seus dias, a prosperidade de onde mora.
- 3.2 Vendo, nos seus dias, os filhos de seus filhos.
- 3.3 Vendo, nos seus dias, a paz de seu povo.

Conclusão: Deus abençoa o casal que teme o seu nome, abençoando seu trabalho e seu lar, e abençoando seu futuro e de seus filhos com bênçãos terrenas e espirituais. Que bom se todos os lares do mundo agissem assim, temendo a Deus. Teríamos um mundo muito melhor. Se quisermos que Deus abençoe nossa família com sua agradável presença e com sua proteção precisamos temer ao Senhor.

Modelo 2

Texto: Jeremias 10.19-25

Tema: A família vencendo as crises

Introdução: A Bíblia nos aponta algumas crises que a família enfrenta, suas causas e como superá-las.

I. A crise (verso 20)

1.1. A crise da derrota. Muitos lares derrubados, muitas tendas estão caídas no chão.

1.2. A crise das emoções. Laços de romantismo, cordas de cordialidade, de estima, de carícias, dos afagos. As famílias estão frias nesta área.

1.3. A crise do desânimo. Muitos lares vendendo seus filhos irem para as drogas, para a prostituição, para o crime. Quanta desolação!

1.4. A crise da frustração. A família está num beco sem saída. Perplexa. Não há quem levante a tenda da família.

II. As causas da crise (verso 21)

2.1. A estupidez da sociedade. É uma sociedade irreverente, estúpida; muitos já não têm mais ética, postura, bom senso.

2.2. Não se busca ao Senhor. A família esqueceu, abandonou, jogou Deus para fora do círculo. O consumismo, a ganância, a insatisfação, o mundanismo, levaram a família a não mais buscar a Deus.

III. A vitória sobre a crise

3.1. Levantar os olhos e ver de onde vem o socorro.

3.2. O verso 23 mostra que a solução não está em nós mesmos, mas em Deus.

3.3. Buscar ao Senhor de todo coração.

Conclusão: A única saída para a família é Jesus Cristo. Ele é o caminho, a porta, a saída. Jesus é a esperança para a família. Ele faz todas as coisas novas.

Modelo 3

Texto: Efésios 5.22-33

Tema: Razões para o sucesso do casamento

Introdução: Ao findar da cerimônia religiosa sobra apenas o casal. O casal é como um tijolo. Com esse tijolo se pode fazer muitas coisas, como o início da construção de um muro de separação entre o casal, pode-se jogar o tijolo um no outro, ou se pode começar a construir um maravilhoso lar. Se o casal se relacionar como o apóstolo Paulo nos ensina, o casamento irá longe, caso contrário, pára no meio do caminho. Qual o sucesso de casamentos que chegam a comemorar 50 anos de feliz união? O segredo é o cumprimento do dever de cada um.

I. O casamento que perdura é aquele em que a esposa honra o seu esposo

1.1. Submetendo-se a Ele.

1.1.1. Submissão por causa do Senhor.

1.1.2. Submissão por causa de sua função.

1.1.3. Submissão que é total e de coração.

1.2. Respeitando-o.

II. O casamento que perdura é aquele em que o esposo ama a sua esposa assim como Cristo amou a sua Igreja

- 2.1. Com amor altruísta.
- 2.2. Com amor que zela.
- 2.3. Com amor conjugal.
- 2.4. Com amor fiel.

Conclusão: Os cônjuges que têm cumprido com os deveres de um para com o outro, conforme orientação das Sagradas Escrituras, são fortes e são casamentos de futuro. Ao ouvirmos uma palavra como esta, é mister que cada casal possa a partir de agora assumir um compromisso de obedecer a Palavra de Deus no que diz respeito ao relacionamento cristão entre esposo e esposa.

8.4 ANIVERSÁRIO DE 15 ANOS

A cerimônia especial que comemora o aniversário de 15 anos de uma garota é uma inovação trazida pela sociedade, sendo portanto um costume entre certos cristãos. Embora não seja um ato necessariamente bíblico, é um momento de gratidão a Deus pela vida da moça, sua família e hora oportuna para se transmitir à aniversariante conselhos bíblicos e básicos para a fase de sua vida.

O local para a celebração do culto pode ser o templo, a casa da moça, ou um outro local apropriado em comum acordo entre a família e o pastor. O pastor deve instruir os pais quanto à elaboração do programa e ao cenário do local, para que não haja excessos que transformem o culto em um evento social apenas. O culto

deve durar em torno de uma hora, não mais do que isso, para que não seja cansativo e fuja ao propósito que é, acima de tudo, a glória de Deus.

No início do programa o oficiante explicará a todos que se trata de um culto em agradecimento a Deus pelos quinze anos de _____, filha de _____ e _____. A aniversariante poderá adentrar no local no **início do culto** ao som de uma canção; os presentes devem se colocar de pé e a aniversariante se dirigirá ao seu local. É preciso que se tome cuidado com ingressos ostentosos, evitando assim, o sentimento vaidoso. Esse momento deve ser belo, criativo, mas singelo. Os pais da aniversariante devem ter também um local especial no recinto e deve-se fazer menção do valor e significado deles para a filha.

O ministro deverá proferir algumas palavras introdutórias e mencionará a pessoa da aniversariante, destacando sua vida cristã e sua iniciativa em celebrar um culto a Deus junto com familiares e amigos. Os hinos cantados nessa ocasião devem ser alegres, cânticos jovens que falam de gratidão a Deus, que falem de novos propósitos na vida de uma pessoa. Todas as apresentações que tomarem parte do culto devem ter uma cópia do programa em mãos para que saibam o momento exato em que atuarão. É conveniente saber de antemão, o conteúdo dos hinos e a procedência das músicas que serão apresentadas. A aniversariante poderá também tomar parte no culto, se quiser, através de uma leitura bíblica, poesia, música na companhia de amigos ou outra atividade que seja capaz de realizar.

Nesse tipo de culto não se pode ter ofertório, nem apelo, nem anúncios de qualquer natureza. Esses atos são só cabíveis em cultos normais da igreja. A mensagem deve ser curta, objetiva e enfatizar-se á o tema central de toda

mensagem bíblica que é o evangelho de Jesus Cristo. Ao término do culto, o público se coloca de pé e a aniversariante de joelhos e nesse momento o pastor fará uma oração de agradecimento a Deus e intercederá pela sua vida. O ato final deve ser a bênção apostólica que pode ser proferida assim: “O amor de Deus, a graça do Senhor Jesus, e a comunhão do Espírito Santo seja com _____ e todos os filhos de Deus, desde agora e para todo o sempre”.

Existem algumas formas de abrillantar o culto de aniversário de 15 anos, dando ao mesmo um caráter significativo e inesquecível. Alguns exemplos são: cerimônia das velas, cerimônia do sapato colocado em seu pé pelo pai; e, a cerimônia das 15 rosas, dentre outras.

8.4.1 ESBOÇOS DE ORDEM DE CULTO

Modelo 1

1. Processional
2. Entrada dos pais
3. Entrada da aniversariante - cerimônia das velas
4. Palavras introdutórias
5. Música inspirativa
6. Leitura bíblica
7. Oração de gratidão
8. Cânticos
9. Mensagem
10. Música inspirativa
11. Oração consagratória
12. Processional

Modelo 2

1. Processional
2. Entrada da aniversariante - cerimônia das 15 rosas
3. Palavras introdutórias
4. Música inspirativa
5. Mensagem
6. Hino
7. Cerimônia do sapato
8. Bênção dos pais
9. Cânticos
10. Oração consagratória
11. Música inspirativa
12. Processional

8.4.2 ESBOÇO DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto: Salmo 90

Tema: Com tudo para obter um coração sábio

Introdução: Muitos jovens nunca se preocuparam em adquirir um coração sábio nesta vida. Movidos pela estupidez, entregam-se aos vícios, à luxúria, vindo a sofrer as consequências num futuro não muito distante. A jovem cristã, vivendo sob orientação da Palavra de Deus, quer aprender como ser sábia para enfrentar as dificuldades da vida. E, tem tudo na vida para obter um coração sábio.

I. A Jovem que quer ter um coração sábio reconhece a Grandeza de Deus

- 1.1. Reconhece a maravilhosa fidelidade do Senhor para com seu povo.
- 1.2. Reconhece sua insondável existência eterna.
- 1.3. Reconhece sua avassaladora soberania.
- 1.4. Reconhece sua inquestionável justiça.

II. A Jovem que quer ter um coração sábio reconhece a pequenez do ser humano neste mundo

- 2.1. Sua curta existência.
- 2.2. Sua condição de humanidade decaída.

III. A Jovem que quer ter um coração sábio apresenta seus desejos a Deus

- 3.1. Busca sabedoria nos poucos anos que tem.
- 3.2. Busca o favor de Deus apesar da sua justa ira contra o pecado.
- 3.3. Busca a alegria do perdão e da graça restauradora de Deus.
- 3.4. Busca a manifestação das obras do Senhor.
- 3.5. Busca a confirmação de Deus sobre tudo o que faz.

Conclusão: A vida terrena é breve, frágil, cheia de dúvidas e inquietações, mas para a pessoa que anda no plano de Deus e busca adquirir um coração sábio, a vida torna-se um perpétuo hino de vitória e louvor.

Esboço 2

Texto: Colossenses 1.10

Tema: Viva a vida, jovem!

Introdução: A juventude tem um estilo de vida. Os jovens cristãos possuem um estilo de vida diferente do estilo de vida do mundo. Paulo disse: “Para mim o viver é Cristo” (Fp 1.21), e “Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Nesse texto Paulo fala de três aspectos da vida cristã. Então a jovem cristã deve:

I. Viver de modo digno, para o agrado do Senhor

1.1. Andando na verdade.

1.2. Andando como uma pessoa sábia.

1.3. Andando no Espírito.

1.4. Andando como Jesus andou.

II. Frutificar em toda a boa obra

2.1. Fomos salvos para frutificar.

2.2. O perigo de não dar fruto.

2.3. Produzir fruto é obra do Espírito Santo.

2.4. Sempre dar graças a Deus, com coração agradecido.

III. Crescer no pleno conhecimento de Deus

3.1. Este é o alvo para toda jovem cristã.

3.2. Quem cumpre esse alvo sempre está preparado para as dificuldades da vida.

3.3. Quem não cresce se atrofia, ou acaba desviando do caminho perfeito de Deus.

Conclusão: A Bíblia nos apresenta como a vida precisa ser vivida. O jovem quer viver, aproveitar. A melhor forma de aproveitar bem a vida não é em prazeres passageiros, humanos, mas sim, deixar que Cristo viva em nós, para a glória de Deus.

8.5 CERIMÔNIA FÚNEBRE

O pastor e a igreja precisam tomar certos cuidados práticos, sempre que ocorrer o falecimento de alguém da igreja. Assim que receber a notícia da morte de um dos membros de sua igreja, o pastor deve imediatamente ir à residência dos familiares para oferecer sua ajuda e consolo espiritual. É importante verificar os planos da família para o funeral, fazer sugestões pertinentes e ajudar em tudo o que for possível. O ministro deve agendar a hora e o local do funeral e se a cerimônia fúnebre será realizada na igreja, numa capela mortuária ou na residência do falecido. É de muita ajuda à família orientações no sentido de que se evitem certos gastos excessivos, como sucede com muita frequência quando as emoções profundas atacam o interior das pessoas.

O serviço fúnebre é um momento onde há oportunidade para meditação e reflexão e pode-se alcançar uma audiência tão heterogênea com a mensagem de esperança e salvação de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. O pastor deve chegar sempre bem adiantado, jamais em cima da hora em ocasião como essas. Durante a cerimônia propriamente dita, o pastor deve usar roupa escura; uma camisa branca ou escura ficará bem. A mensagem deve ser simples, breve, para não perder seu objetivo principal:

consolar a família e levar os ouvintes a um momento de reflexão sobre um futuro encontro com Deus. O tom de voz deve ser moderado, nunca como se tivesse pregando numa conferência evangelística ou um sermão exortativo. É preciso que se planeje a ordem de culto, para que tudo saia sem surpresas desagradáveis ou hilariantes. Antes de começar a cerimônia, o pastor deve pedir a **autorização** da família e solicitar a atenção de todos os presentes.

Há muitas passagens bíblicas oportunas para esse momento. Algumas destas passagens são: Salmo **46**; Salmo 90; Apocalipse 14.13; João 11.25,26; Apocalipse 21.3-7; 1 Tessalonicenses 4.13-18; João 5.28,29; 1 Coríntios 15.42-44; 1 Coríntios 15.53-55; João 14.1,2. Os hinos e as músicas especiais devem ser calmas e devem falar da ressurreição, do céu, da vida eterna e do **consolo** de Deus.

É importante no início da cerimônia fazer-se um relato breve da vida da pessoa falecida: onde nasceu, onde viveu, quando foi batizado, sua família, números de filhos e netos, seu trabalho e suas amizades na igreja. Esses dados devem estar escritos e confirmados pelas pessoas da família. Nessa parte introdutória, bem como no sermão, não se deve falar sobre os defeitos do morto e nem exagerar suas virtudes.

No caso de um descrente, nunca se deve dizer se foi ou não salvo. A ocasião é própria para consolo e evangelização. No culto fúnebre, deve-se falar sobre a brevidade da vida e o preparo que cada um tem de fazer para encontrar-se com Deus, no além. Nunca se deve apelar para o emocional dos familiares durante a cerimônia, pois isto além de ser desonesto, pode trazer um sentimento negativo dos parentes com relação à igreja.

É comum no Brasil que o ministro acompanhe a família ao cemitério. Nesse caso, deve-se fazer uma breve ceri-

mônia: normalmente canta-se um hino, faz-se uma leitura bíblica, ora-se invocando a bênção de Deus sobre a família enlutada, e pode-se terminar com as seguintes palavras: “Entregamos o corpo de nosso irmão (ã) _____ à terra, sabendo que sua alma está com Cristo (se for cristão autêntico) gozando parte das delícias do paraíso. Seu corpo aguardará a ressurreição do último dia, quando Cristo, cheio de poder e majestade, voltar para julgar os vivos e os mortos. A terra e o mar entregarão os seus mortos e os corpos corruptíveis dos que dormiram em Cristo serão transformados e feitos semelhantes ao Seu glorioso corpo, segundo a soberana obra pela qual pode sujeitar a si todas as coisas. Bem aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”. Então o ministro despede as pessoas com a bênção apostólica e o corpo é baixado à sepultura.

8.5.1 ESBOÇOS DE ORDEM DE CULTO

Modelo 1

1. Palavras introdutórias: palavras acerca da vida do falecido
2. Hino
3. Leitura bíblica
4. Oração
5. Música inspirativa: dueto, solo ou coro
6. Mensagem
7. Hino
8. Oração final

Modelo 2

1. Palavras Introdutórias
2. Histórico da vida do falecido
3. Leitura de algumas seleções das Escrituras
4. Oração
5. Música inspirativa: dueto, solo ou coro
6. Oração do Pai Noso
7. Hino
8. Mensagem
9. Hino
10. Palavras finais
11. Oração e bênção apostólica

Modelo 3

1. Hino
2. Palavras introdutórias
3. Leitura bíblica
4. Oração
5. Música inspirativa: solo, dueto ou coro
6. Histórico da vida do falecido
7. Hino
8. Oração do Pai Noso
9. Mensagem
10. Música inspirativa
11. Palavras finais
12. Oração e bênção araônica

8.5.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto: João 11.25,26

Tema: A esperança do Cristão

Introdução: A vida não tem seu fim com a morte. Com a morte começa uma eternidade que pode ser vivida ao lado ou longe de Deus.

I. Teorias a respeito da morte:

1.1. Alguns acham que a morte é o fim de tudo, não havendo vida depois dela.

1.2. Outros acham que a vida é composta de sucessivas reencarnações.

1.3. Outros acham que há um período de purificação após a morte, onde todos serão purificados e retornarão à divindade.

II. O que a Bíblia ensina sobre a morte:

2.1. A morte não é o fim de todas as coisas.

2.2. Depois da morte, vem imediatamente o juízo (Hebreus 9.27).

2.3. A morte é passagem da vida terrena para a vida no além.

III. O cristão não precisa ter medo da morte:

3.1. A Bíblia garante sua salvação.

3.2. Passou de um estado de morte para um estado de vida (João 5.24)

- 3.3. Nunca morrerá espiritualmente.
- 3.4. Ressuscitará no último dia.
- 3.5. Estará com Deus e com seu povo para sempre.

Conclusão: Cristo veio a esse mundo para garantir a vitória a todos aqueles que nele crerem. Aquele que crê nele, jamais morrerá, mas viverá eternamente.

Esboço 2

Texto: João 11.31-44

Tema: Jesus e a Morte

Introdução: Na ressurreição de Lázaro vemos o Senhor da Vida vencendo o poder da morte. A morte é sempre um acontecimento terrível. Mas a presença e o poder do Espírito Santo podem transformar a morte em uma entrada para a nova vida, a vida mais abundante.

I. As irmãs de Lázaro:

1.1. Estavam passando por uma experiência dolorosa: o falecimento de seu irmão.

1.2. Experimentavam toda a amargura da sua perda sem a consolação de saber que seu urgente recado tinha sido atendido. Jesus demorou uns 4 dias.

1.3. Ambas tinham a firme convicção que se Jesus tivesse chegado antes do falecimento, Ele teria podido salvar o doente.

1.4. Marta contava com o poder de Deus no porvir, mas não no presente.

1.5. Ela confessa sua fé em Cristo como o Messias.

II. Jesus, neste incidente, revela alguns característicos especiais:

2.1. Domínio sobre suas afeições. O mais natural seria ir socorrer imediatamente o amigo. Mas o tempo é de Deus.

2.2. Certeza do poder de Deus: "Vou despertá-lo".

2.3. Empenha-se por aumentar a fé dos discípulos.

2.4. Paciência em instruir a Marta num momento difícil.

2.5. Simpatia, vendo Maria chorar; simpatia pela tristeza de Maria que resultava da dor da morte. Esta emoção é notada 3 vezes (versos 33, 35 e 38).

2.6. Poder sobre a morte.

III. Nós mesmos:

3.1. Ficamos tristes e comovidos por ver o fim de uma vida.

3.2. A vida é um dom divino e que pode terminar de repente.

3.3. Se somos filhos de Deus sabemos que Deus cuida de nós e que quando um cristão parte, é porque é a hora permitida por Deus.

3.4. Jesus teve poder para ressuscitar Lázaro e esse mesmo poder Ele tem para nos ressuscitar no último dia.

Conclusão: Assim como a tristeza das irmãs de Lázaro se transformou em alegria, Deus há de enxugar toda a lágrima de seus filhos na eternidade. Enquanto isso, ele envia o Espírito Santo que consola os corações daqueles que sofrem pelo passamento de um ente querido.

Esboço 3

Texto: Gênesis 5.24

Tema: Deus leva pra Si os que com Ele andam

Introdução: Existe muita desesperança para aqueles que não possuem uma fé em Deus.

I. Enoc andou com Deus

- 1.1. Sua linhagem e família.
- 1.2. Sua vida.
- 1.3. Sua caminhada com Deus aqui na terra.
- 1.4. O cristão também tem uma caminhada com Deus.

II. Não foi mais visto

- 2.1. De repente, desapareceu.
- 2.2. Cessou seus trabalhos aqui na terra.
- 2.3. Seu sofrimento e sua labuta passaram.
- 2.4. Deixou seu testemunho de vida para a posteridade.
- 2.5. O cristão também parte deste mundo, deixando suas obras e seu trabalho como testemunho vivo.

III. O destino de Enoc

- 3.1. Deus para si o tomou.
- 3.2. Seu destino final não foi o túmulo, mas sim a eternidade com Deus.
- 3.3. O destino final do cristão não é o sepulcro, mas sim um eterno caminhar com Deus.

Conclusão: A Bíblia afirma que é melhor ir a um sepultamento do que a uma festa (Ec 7.2), pois podemos re-

fletir sobre nossa própria vida. Nesse refletir aprendemos que se com Deus caminharmos neste mundo, andaremos com Ele para sempre no mundo que há de vir.

8.6 DEDICAÇÃO DE CRIANÇAS

O ato de apresentar crianças na igreja não é um mandamento bíblico, mas tem respaldo em o Novo Testamento. Além de ser uma excelente oportunidade para louvar e magnificar a Deus pela vida de uma criança, bem como pela dádiva concedida aos pais e suas famílias, é um grande momento para testemunhar do amor e da graça de Deus. Essa cerimônia não deve ser longa, e deve constar dentro de um culto normal numa igreja.

O oficiante do ato é sempre o pastor da igreja, pois os pais e familiares sempre esperam que seu pastor oficie esse ato. Caso a igreja não tenha pastor, ou o mesmo esteja impedido, o responsável que responde imediatamente por ele, deve oficiar a dedicação da criança, pois não há nada que proíba uma pessoa que não é pastor, de oficiar o ato.

Esse ato pode ser celebrado no início ou no final do culto, com palavras do pastor aos pais e à igreja, cântico de um hino, leitura bíblica e oração, com os pais e todos os familiares à frente da igreja. O oficiante deve segurar a criança enquanto ora, e deve tomar o cuidado para segurá-la de forma delicada, terna, séria e segura. Se não tem o costume de segurar crianças em seu colo, deve fazer um ensaio antecipadamente.

O pastor deve memorizar o nome completo da criança, o nome dos pais, ou pelo menos anotá-los, para anunciar à igreja. Mesmo que os pais sejam conhecidos, é im-

portante dizer os seus nomes. É salutar que a congregação toda fique de pé enquanto se canta, enquanto o pastor diz algo sobre a criança, sobre a vida, lê o texto bíblico e ora pelo bebê.

Leituras apropriadas para o evento são: Mateus 19.13-15, Marcos 10.13-16, Mateus 18.14, Deuteronômio 6.4-9 e Provérbios 22.6. Na oração se pede a Deus pela conservação da saúde da criança, sabedoria aos pais para que possam educá-la nos sábios caminhos de Deus e, proteção em todos os sentidos. Após a oração, o pastor devolve a criança à mãe ou responsável e dá os parabéns aos pais.

As palavras do ministro durante o ato podem ser dessa maneira: “Deus ordenou a família como uma instituição divina desde os começos da humanidade. Os filhos são a herança que o Senhor confiou aos cuidados de seus pais. Daí a obrigação que eles têm, perante Deus e a sociedade, de cuidar de seus filhos. Confessamos e declaramos que sobre a nossa vida e sobre a vida de nossos filhos, Cristo é Rei e Senhor. Nós nos comprometemos, na medida do possível, a instruir esta criança em Sua lei e em Sua santa vontade. Os pais desta criança reconhecem sua responsabilidade de nutrir, ensinar, educar e orientar esta vida no temor e obediência da Palavra de Deus desde sua tenra idade”. Então, o ministro, dirige-se aos pais e pergunta: “Na presença de Deus e da igreja prometeis criar esta pequena criança no temor do Senhor?” Os pais respondem afirmativamente. “Prometeis guiá-la em todo conhecimento do caminho do Senhor diariamente?” Os pais respondem que sim. “Prometeis instruí-la para que conheça a Cristo como seu Salvador e Senhor pessoal?” Os pais respondem afirmativamente. “Prometeis que, no que depender de vós, dareis a esta pequena criatura

amor, cuidado e um exemplo digno da vida cristã?" "Prometei ajudá-la na formação do caráter cristão, e fazer tudo o que esteja a vosso alcance para criar um ambiente doméstico que sirva de exemplo de devoção a Deus?" Os pais respondem que sim. Após a oração o ministro pode, enquanto ainda segura a criança em seus braços, dizer: "(Nome da criança), nós te dedicamos a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Senhor te fortaleça todos os dias de tua vida."

O que fazer quando pessoas que não são da igreja trazem as crianças para serem apresentadas? Há muitos pastores que se negam visceralmente a apresentarem tais crianças. Entretanto, em Lucas 18.16 Jesus diz: "Deixai vir a mim as crianças, e não as impeçais, pois das tais é o Reino de Deus". É fundamental que não impeçamos aqueles que se aproximam do Reino de Deus; devemos sempre estar dispostos a pedir a bênção de Deus para uma criança que não responde pela vida de seus pais. Não há qualquer pecado em rogar a Deus que abençoe uma criança recém-nascida que não sabe discernir nada.

8.7 CULTO DE ORDENAÇÃO

No sentido religioso, ordenar significa "investir com uma função ou ofício religioso", ou então, admitir alguém a funções ministeriais ou sacerdotais. Os sacerdotes, os levitas, os profetas e os reis, entre os judeus, eram ordenados para as suas respectivas funções, através de um certo número de ritos e declarações. A imposição de mãos e o ungir com óleo eram partes do ritual de sua consagração. Os 12 apóstolos foram nomeados por Jesus (João 15.16), tendo

sido investidos em seu ofício e autoridade como discípulos especiais de Jesus e como seus instrumentos espirituais. Em Lucas 10, os 70 discípulos de Jesus também foram nomeados por Ele. Atos 14.23 também fala de ordenação de anciãos. Timóteo foi ordenado mediante a imposição de mãos (1Timóteo 4.14). Tito era ordenado aos moldes de Timóteo e tinha autoridade para ordenar a outras pessoas, em vários lugares (Tito 1.5). Isso indica que ele tinha autoridade sobre uma região e não sobre uma igreja local apenas. Desenvolvimentos posteriores trouxeram à tona uma hierarquia que não é nativa ao Novo Testamento, mas precisamos admitir, se somos honestos, que Timóteo e Tito tinham autoridade episcopal, ou seja, tinham poderes sobre áreas geográficas e não apenas sobre igrejas locais.

Atualmente, a cristandade é dividida quanto à natureza exata da ordenação. Na Igreja Católica Romana e na Igreja Ortodoxa Oriental, a ordenação é efetuada a fim de conferir graça e um caráter indelével, que não pode ser repetido nem anulado. Os grupos evangélicos e protestantes, em geral, rejeitam o aspecto sacramental da ordenação, preferindo frisar o aspecto funcional desse ato. Há até grupos cristãos que rejeitam totalmente qualquer ato de ordenação, pois pregam a doutrina da igualdade de todos os irmãos, com o direito de qualquer um de administrar as cerimônias ou cultos da igreja. No entanto, essa norma frouxa é totalmente contrária ao espírito e exemplo do Novo Testamento, conforme se nota na autoridade apostólica e na autoridade dos bispos subsequentemente ordenados por eles.

É comum, em muitas igrejas evangélicas, haver um Concílio Examinatório antes de se fazer a ordenação de alguém ao ministério da palavra. A processualística para se formar um concílio é a seguinte:

a) A igreja deve decidir a ordenação do candidato ao ministério pastoral, através de assembléia deliberativa, ou de outro meio competente, de acordo com as regras de sua denominação.

b) Envia-se uma carta às demais igrejas co-irmãs, convidando-as para a formação do Concílio.

c) Nesse concílio os pastores presentes examinam o candidato em termos de sua conversão, chamada ao ministério da palavra, seu posicionamento doutrinário, sua idoneidade, sua futura ética pastoral e sua cooperação denominacional.

d) A diretoria do Concílio deve ser composta de Presidente, Secretário e Examinador.

e) O Presidente, costumeiramente, é o pastor da igreja que convoca o concílio.

f) O secretário deve lavrar em ata todo o desenvolvimento do Concílio, pois isso será um documento importante não só para a igreja que招ocou o Concílio, mas também para a Denominação e para o próprio examinando.

g) Quanto ao examinador, pode-se ter um examinador geral que fará todas as perguntas, ou pode-se ter até três examinadores, onde um examina a convicção de conversão e chamada do candidato, outro analisa a questão de teologia, e um terceiro examina a parte de eclesiologia.

h) Após o encerramento do exame, o concílio de pastores vota a aprovação, ou não, do candidato.

i) Caso o candidato seja aprovado, a igreja marcará uma data posterior, dentro de 15 ou 30 dias, para o culto de ordenação do candidato, caso ainda não esteja marcado.

j) Nova carta convidando as igrejas co-irmãs, desta feita para ordenação, deve ser enviada, caso não tenha sido mencionado na primeira.

O rito de ordenação varia desde uma simples oração com imposição de mãos (entre os grupos evangélicos) até os ritos mais complexos da Igreja Católica Romana. É necessário lavrar uma ata de ordenação, o que é muito importante para fins de aposentadoria futura do candidato e por questões legais. O presidente do Concílio deve assinar a ata, juntamente com o secretário do concílio. Nas igrejas evangélicas, é de muito significado a igreja oferecer ao novo pastor uma Bíblia de presente à qual será entregue por um dos pastores idôneos presentes à reunião.

A ordenação propriamente dita é feita da seguinte maneira: o candidato ajoelha-se, todos os ministros presentes participam da imposição das mãos, a congregação toda fica de pé, e um dos pastores previamente escolhido fará a oração ordenatória, suplicando a bênção de Deus e a confirmação daquele acontecimento. Após a oração ordenatória, o presidente do Concílio e todos os pastores presentes cumprimentam o novo ministro. A mensagem normalmente é pregada por um dos pastores, às vezes à escolha do candidato, outras vezes por decisão do concílio. Ao final do culto, a bênção apostólica é impetrada pelo recém-ordenado ministro do evangelho de Cristo. Pode-se também, conferir um diploma de ordenação após a imposição de mãos.

8.7.1. ESBOÇOS DE ORDEM DE CULTO

Modelo 1

1. Prelúdio
2. Chamada ao culto: Salmo 126
3. Cânticos

4. Oração
5. Palavra do presidente do Concílio
6. Composição do Concílio
7. Leitura da ata do Concílio Examinador
8. Música inspirativa
9. Ato de ordenação com oração consagratória
10. Entrega da Bíblia ao novel pastor
11. Hino do ministro
12. Mensagem
13. Música inspirativa
14. Palavras do novel pastor
15. Bênção apostólica pelo novel pastor
16. Encerramento do Concílio
17. Poslúdio

Modelo 2

1. Processional
2. Formação do Concílio
3. Cânticos congregacionais
4. Leitura bíblica
5. Oração
6. Palavra do presidente do Concílio
7. Leitura da ata do Concílio Examinador
8. Música inspirativa
9. Mensagem
10. Música inspirativa
11. Ato ordenatório com oração consagratória
12. Entrega da Bíblia
13. Hino do ministro
14. Palavras do novo pastor
15. Bênção apostólica impetrada pelo novo pastor

16. Encerramento do Concílio**17. Recessional****8.7.2. ESBOÇO DE MENSAGENS****Esboço 1**

Texto: Atos 20.17-27, 35, 38.

Tema: O Obreiro Modelo

Introdução: O servo de Deus ensina mais pelo que é do que pelo que ele diz. Como Paulo chegou a ser um servo de Deus? O que ele poderia ter sido se não fora convertido? quais as qualidades que fizeram de Paulo um servo útil?

I. O que Paulo diz de si mesmo?

1.1. Que seu serviço passado começou com seu comportamento

- a) Era humilde
- b) Com lágrimas
- c) Sem interesse material
- d) Um exemplo
- e) Com provações dos judeus

1.2. Falava expressamente de arrependimento e fé.

1.3. Incluía todo o conselho de Deus.

1.4. Seu serviço futuro seria corajoso, pois seria perseguido.

1.5. O pastor hoje ordenado possui as qualidades cristãs necessárias para o exercício do ministério?

II. O que Paulo diz de sua mensagem?

2.1. Era útil.

2.2. Dirigida a todos: judeus e gregos.

2.3. Que promovia arrependimento e fé.

2.4. Declarava a graça de Deus.

2.5. O pastor hoje ordenado possui essa mensagem?

III. O que Paulo diz a respeito da Igreja?

3.1. É o rebanho de Deus.

3.2. Deve ser apascentada por aqueles que o Espírito Santo constituiu como pastores.

3.3. É remida pelo sangue de Cristo.

3.4. Que em seu meio também existem homens perversos.

3.5. Qual a visão dos pastores hoje sobre a Igreja de Cristo?

IV. O que Paulo diz a respeito dos anciãos?

4.1. Que deveriam olhar primeiro por si mesmos e depois pelo rebanho.

4.2. Que deveriam vigiar.

4.3. Que deveriam lembrar o exemplo apostólico.

4.4. Que a palavra de Deus seria sua suficiência.

4.5. Que deveriam seguir o exemplo que ele deixara.

4.6. Que se lembressem das palavras do Senhor Jesus.

4.7. Os pastores hoje seguem esses conselhos?

Conclusão: Que o novel pastor e os demais pastores pensem: quantas das qualidades de um obreiro modelo tenho eu? Como é a minha visão de ministério e da Igreja de Jesus Cristo? Qual é a minha função na Igreja de Jesus Cristo?

Esboço 2

Texto: 2 Coríntios 9.8 e 12.9

Tema: A graça de Deus na vida do ministro

Introdução: A palavra “graça” nem sempre tem o mesmo sentido na Escritura, embora sempre contenha uma característica: é sempre um dom espontâneo de Deus. Sempre uma bênção imerecida, sempre presumindo alguma necessidade humana. O ministro também é um ser humano e carece da graça de Deus.

I. A graça da Salvação

1.1. O obreiro precisa lembrar que também era um perdido.

1.2. O obreiro precisa reconhecer que foi salvo pela graça, não por seus méritos.

1.3. O obreiro precisa lembrar que foi salvo porque Deus o ama.

1.4. Lembrar do que era e do que é agora, é um exercício que faz bem à nossa mente.

II. A graça do fornecimento

2.1. Para que o serviço do obreiro seja eficaz

2.2. É necessário e suficiente esse fornecimento por parte de Deus. Sem ele o obreiro não terá sucesso no campo de trabalho

2.3. Essa graça deve crescer no obreiro, abundar de tal forma que transborde em ministério aos outros. Deus quer abundar em nós, para depois abundar de nós.

2.4. Essa graça cresce pela oração e pela obediência à Bíblia

III. A graça do sustento

3.1. A graça de Deus nos basta, e ela é um alento espiritual, vindo de Deus para seu servo.

3.2. Muitas vezes Deus nos coloca em lugares onde sentimos a impossibilidade de avançar sem Ele.

3.3. O melhor sustento é a graça de Deus.

Conclusão: A graça da salvação para a consciência do obreiro.

A graça do altruísmo para o coração do obreiro.

A graça do fornecimento para a necessidade espiritual do obreiro, e do sustento para a fraqueza do obreiro.

8.8 SOLENIDADES CÍVICAS

Existem certas reuniões cívicas que costumeiramente ocorrem em nossos templos. Uma das mais importantes é a celebração do dia da Independência do Brasil em 7 de setembro. Há, também, outras reuniões cívicas às quais se deseja dar uma feição religiosa, como se celebrasse um culto de ação de graças. O pastor da igreja deve sempre estar bem informado dessas reuniões, e conhecer muito bem as pessoas que representam o povo e a instituição que promove o evento. O programa para tais solenidades convém que seja criteriosamente elaborado, com o tempo bem distribuído, para que o nome de Jesus seja glorificado. Uma boa ordem do programa pode ser a seguinte:

a) Numa reunião cívica é importante sempre começar com o Hino Nacional Brasileiro e com a entrada das bandeiras. Normalmente, se entra com a Bandeira Nacional, a Bandeira do Estado, a Bandeira do Município e a Bandeira Cristã. O Hino Nacional é cantado por todos os presentes em uníssono, e tocado por uma banda especialmente convidada para tal.

b) Após o cântico do Hino Nacional o dirigente declara abertas as solenidades, mencionando os motivos de tal culto. O dirigente, então, faz a apresentação das autoridades presentes, nomeando-se os principais, que tomam parte à mesa principal.

c) Em seguida, lê-se a Bíblia, num texto próprio para a ocasião e ora-se, pedindo a Deus a direção e as bênçãos para a celebração.

d) A palavra é franqueada aos representantes das entidades civis, militares e eclesiásticas. As diversas palavras podem ser intercaladas com louvor ou música especial.

e) Por último, deve falar o representante da organização que promove o evento. Após esse orador não se deve mais dar oportunidade para ninguém falar sobre o evento, a não ser para alguém cuja representatividade sobrepuje à do último orador.

f) O último orador de fato será o mensageiro da Palavra de Deus, o qual representa a maior autoridade existente no céu e na terra, isto é, Deus. O pregador deve ter tempo suficiente para desenvolver sua mensagem que deve ter um cunho evangelístico, sem fugir ao assunto do evento.

g) O término sempre é feito com agradecimento, um hino, oração final e bênção apostólica.

8.8.1. MODELO DE ORDEM DE CULTO

1. Recessional

2. Hino Nacional Brasileiro e entrada das bandeiras

3. Declaração da abertura das solenidades

4. Apresentação das autoridades presentes

5. Leitura bíblica - Romanos 13.1-7

6. Hino
7. Palavra franqueada às autoridades
8. Música especial
9. Mensagem
10. Música especial
11. Agradecimentos
12. Oração final
13. Bênção apostólica

8.8.2. ESBOÇOS DE MENSAGENS PARA CULTO CÍVICO

Esboço 1

Texto: Miquéias 5.2-5

Tema: Este será a nossa Paz

Introdução: Conflitos no Oriente Médio, na África, 60 acidentes por dia em São Paulo, rebeliões nos presídios, operação do exército nos morros do Rio de Janeiro. Como está o nosso coração, a nossa expectativa, o nosso temor em tudo isso? Miquéias tem uma mensagem para o nosso coração.

I. Jesus é o príncipe da Paz (ver Isaías 9.6)

- 1.1. Um príncipe é líder, governante, homem de poder.
- 1.2. Um príncipe é um nobre, um dignitário.
- 1.3. Um príncipe é um notável.
- 1.4. Um príncipe é alguém que está à frente, é primeiro.

1.5. Jesus é o Príncipe da Paz, o nobre, o poderoso, o líder que governa promovendo e impondo a Paz.

II. Ele é o Senhor da Paz

2.1. Senhor é Dono, é amo.

2.2. Senhor é quem manda. Jesus é o Senhor do Universo (Fp 2.9-11)

2.3. O Senhor da Paz não é um chefe político, não representa um sistema de governo ou o poder econômico, não é um poderoso general que conquista e destrói com suas armas, não é um gênio da informática, não é um “expert” em economia, sociologia ou ciências políticas.

2.4. O Senhor da Paz é aquele cujos exércitos celestiais saudaram há quase dois mil anos, cantando: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra a quem Ele quer bem”.

III. Ele é o doador da Verdadeira Paz

3.1. Em João 14.27 Jesus faz uma das mais fascinantes declarações: “A minha paz vos dou”.

3.2. A paz de Jesus é perfeita, completa, é dele e só ele pode dá-la.

3.3. Jamais encontraremos esta paz em outras fontes; ela emana, ela vem do Senhor.

3.4. Ele no-la dá gratuita e graciosamente, ela é um presente, um dom.

Conclusão: Esta é a paz que excede toda a compreensão humana e que guarda os nossos corações e mentes (Fp. 4.7). É a paz que o mundo não pode roubar, é a doce paz que corre como um rio dentro de cada um de nós.

Esboço 2

Texto: 2 Samuel 5.1-12

Tema: O exemplo do reinado de Davi

Introdução: Em quaisquer circunstâncias é preciso saber como governar. Há muitos que têm o poder, mas não sabem usá-lo. Em dias difíceis é preciso ter paciência, resignação, coragem, esperança, confiança em Deus. Em tempos de prosperidade ou bonança, é preciso ter humildade, liberalidade, empreendimentos para novas vitórias, altruísmo, espírito agradecido.

I. Davi e os seus patrícios: As tribos de Israel reconheceram que Davi tinha um triplo direito à soberania, como no cristianismo reconhecemos ter Cristo.

a) O direito de parentesco: somos membros do corpo de Cristo; ele foi feito semelhante aos irmãos (Fp 2.7)

b) O direito de redenção: Davi os salvava dos filisteus; Deus nos salvou da morte.

c) O direito de uma nomeação divina.

II. Davi e seus inimigos: Desta vez são os jebuseus que desafiam a Davi, escarnecedo de seu poder. Todo líder político encontra inimigos que o desafiam, que querem derrubá-lo. Mas Davi tinha uma enorme confiança em Deus, e por isso ninguém o demovia. Deus o protegia, o capacitava cada vez mais para sua função. Davi era um rei vitorioso. E por quê? Porque Deus era com ele. Davi também soube conquistar a simpatia até de reis e pessoas que pertenciam a outros reinos. Hirão, por exemplo, rei de outra terra, sempre admirou e amou a Davi.

III. Davi e seu Deus:

- a) Davi reconheceu que Deus o colocara na posição que ocupava. Romanos 13 diz que não existe autoridade que não seja constituída por Deus.
- b) Davi fez aliança com as tribos perante Deus.
- c) Davi reconheceu a presença do Senhor sempre com ele.
- d) Davi reconheceu que foi posto num lugar exaltado a fim de servir ao povo de Deus.

Conclusão: A autoridade que teme a Deus tem consciência de que foi o próprio Deus que o constituiu como líder entre o seu povo, reconhece e vê a importância de Deus estar guiando a sua vida e suas decisões; e, está ali para servir o seu povo, a sua pátria, a sua nação.

8.8.3. USO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS

A Bandeira do Brasil tem o seu uso regulamentado pela Lei nº 5.700 de 1º de setembro de 1971, com alterações do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de outubro de 1972, da Lei nº 6.013, de 27 de maio de 1981 e da Lei nº 8.421, de 11 de maio de 1992. Essa legislação é largamente desconhecida do povo brasileiro e por isso, há muita gente que usa este símbolo nacional de forma irregular. De acordo com as leis brasileiras, é proibido usar a bandeira Nacional:

- a) De exemplar em mau estado de conservação.
- b) Como ornamentação em casas de diversões.
- c) Como reposteiro ou pano de boca.

- d) Como guarnição de mesa.
- e) Como revestimento de tribuna.
- f) Como cobertura de placas, painéis ou retratos que se inauguram.
- g) Como cobertura de estátuas, monumentos ou hermas que se inauguram.
- h) Como acréscimo de quaisquer indicações.

Quanto à condução e ao hasteamento da Bandeira Nacional:

- a) Quando hasteada em janela, porta ou sacada, estando isolada, **nunca deve ficar ao lado, mas ao centro**.
- b) Ficará à direita, se acompanhada da bandeira de **outra nação ou estadual** (lado direito de quem olha de dentro para fora).
- c) Ficará ao centro, se acompanhada de número de par de **outras** bandeiras, colocando-se a metade destas de cada lado.
- d) Estando acompanhada de outras bandeiras em número ímpar (perfazendo um total par), a Bandeira Brasileira ficará mais próxima ao centro e à direita.
- e) Quando distendida, sem mastro, tanto exteriormente num edifício, como interiormente num salão, será colocada horizontalmente, sendo proibida a sua colocação em posição vertical.
- f) Deve ser hasteada de sol a sol e só poderá ser usada à noite se estiver convenientemente iluminada.
- g) Nas reuniões, conferências e solenidades realizadas em recintos fechados, a Bandeira Nacional deve ser colocada estendida ao longo da parede e deve ficar por detrás das cadeiras da mesa da presidência ou da tribuna,

conforme o caso, mas sempre acima das cabeças dos ocupantes.

h) Quando em desfiles, préstitos ou procissões, a Bandeira Nacional deve ser conduzida por uma só pessoa, hasteada normalmente, sendo proibido trazê-la estendida.

Quanto ao uso do Hino Nacional Brasileiro, a lei regulamentada diz o seguinte:

- a) Sempre será executado em andamento metronômico de uma semínima igual a 120.
- b) É obrigatória a tonalidade de si bemol para a execução instrumental simples.
- c) Far-se-á canto sempre em uníssono.
- d) Nos casos de simples execução instrumental, tocar-se-á a música integralmente, mas sem repetição; no caso vocal, serão cantadas as duas partes do poema.

8.9 NOIVADO

O noivado é um costume adotado pela nossa sociedade. Quem pretende se casar, fica noivo antes. Não há nada que proíba um casamento sem que haja noivado, mas o mais comum é que os namorados fiquem noivos antes de se casarem. Freqüentemente os namorados solicitam ao pastor da igreja que celebre o seu noivado. Alguns pastores inexperientes às vezes ficam embaraçados quanto à maneira de realizar essa solenidade. Entretanto, a cerimônia é bem simples.

O noivado não deve ser realizado no templo da igreja como se fosse um casamento. Deve, sim, ser realizado num ambiente familiar, entre os amigos mais

achedados. O pastor que vai officiar o ato deve explicar ao casal de namorados que é muito melhor que a cerimônia seja realizada no recinto familiar do que na igreja. O pastor deve comparecer bem apresentável, mas de uma forma que não chame a atenção para si próprio. É importante que haja muita música alegre e agradável durante a programação.

Ao dar início à cerimônia, o ministro deve justificar o encontro e dizer as seguintes palavras, entre outras: "Prezados irmãos e irmãs, estamos aqui diante de Deus, para de forma solene celebrar o noivado de _____ e _____, considerando que os mesmos chegaram à conclusão de que Deus os quer unir um dia em casamento; como resultado, o casal deseja assumir um compromisso mais definido e o fazem diante do Senhor Jesus Cristo. Oremos".

Após a oração o ministro poderá ler alguma passagem da Escritura propícia para a ocasião. Após a leitura, o pastor dirigir-se-á ao casal mostrando a eles que a responsabilidade agora é muito maior, tanto diante da família como da sociedade e principalmente diante do Deus Todo-Poderoso. Enfatizará, também, que o noivado não abre caminho para a prática de atos amorosos que só são cabíveis dentro do matrimônio. Enfatizará a preparação do casal para o casamento que virá num futuro próximo.

Depois da mensagem, o pastor pedirá aos pais dos namorados para ficarem próximos aos filhos e com as alianças levantadas, dirá: "Estas alianças são o testemunho visível do acordo que estas duas vidas celebram diante de Deus. É um compromisso solene que deve ser respeitado por ambos e pelas famílias a que perten-

cem, cujos efeitos conduzirão ao altar do matrimônio com a segurança de que Deus confirmou a decisão tomada". Então o ministro pode pedir à mãe da moça que coloque a aliança no dedo da mão direita do rapaz. Em seguida, pedirá que o pai do rapaz ponha a aliança no dedo da mão correspondente da moça. Logo em seguida, o oficial fará uma oração a Deus pedindo-lhe que confirme o que acaba de celebrar. O ministro dá por encerrada a cerimônia com a bênção apostólica e segue-se então os cumprimentos entre as famílias e convidados.

8.9.1. MODELO DE ORDEM DE CULTO

1. Prelúdio
2. Palavras introdutórias
3. Oração
4. Música especial
5. Leitura bíblica
6. Cânticos
7. Mensagem
8. Música especial
9. Entrega das alianças
10. Oração
11. Hino
12. Bênção apostólica
13. Poslúdio

8.9.2 ESKOÇOS DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto: Filipenses 4.4-7

Tema: Noivos, mas de bem com a vida

Introdução: como as pessoas encaram a vida, o noivado, o casamento? como os jovens encaram tudo isso? Vocês estão de bem com a vida?

I. Noivos de bem com a vida sempre se alegram no Senhor

1.1. A alegria como um imperativo: “Alegrai-vos”. A alegria aparece nessa epístola 9 vezes.

1.2. Alegria permanente.

1.3. Normalmente a juventude procura a alegria em coisas desta vida.

1.4. O segredo da alegria: no Senhor. Fora de Jesus a alegria é ilusória.

1.5. A alegria que brota de um espírito de gratidão. Gratidão a Deus pela vida, pela saúde, pelos pais, pelo noivado, por este significativo ato na vida.

II. Noivos de bem com a vida não vivem ansiosos

2.1. Ansiedade é o mesmo que angústia, incerteza aflitiva.

2.2. Tudo o que nos causa ansiedade devemos levar ao conhecimento de Deus pela oração e súplica.

2.3. A ansiedade não traz soluções.

2.4. Os noivos geralmente ficam ansiosos: profissão, o casamento, os preparativos, etc.

2.5. A Bíblia ensina como enfrentar a ansiedade (Sl 23.1; 27.14; 37.5; 55.22; 1 Pe 5.7).

III. Noivos de bem com a vida buscam a paz de Deus

3.1. A paz é de Deus e não das pessoas.

3.2. Ela guarda os nossos corações.

3.3. Ela guarda nossas mentes.

Conclusão: O que podemos fazer para curar a mente? (Verso 8). Como vencer as apreensões, a ansiedade? Cristo é o segredo para uma vida feliz, para um noivado feliz e próspero.

Esboço 2

Texto: 1 Coríntios 13

Tema: O melhor caminho de um noivado

Introdução: Para se verificar o sentido do amor, podemos notar sua significação nas mais diversas manifestações: amor da família, amor ao dinheiro, amor ao mundo, amor a Deus, amor ao próximo. Sempre queremos o objeto amado, e esse sempre preocupa a nossa atenção.

I. O amor é essencial para o progresso de um noivado

Verificamos que as 4 coisas que Paulo reprova como não tendo valor sem o amor, são todas coisas que engrandecem a pessoa, são coisas que enaltecem o egoísmo, nutrem um amor próprio exagerado, mas nunca podem substituir o verdadeiro amor.

II. O amor tem qualidades distintas:

2.1. As negativas: não inveja, não leviano, não orgulho, não desconfiado.

2.2. As positivas: longanimidade, benignidade, amor à verdade, tolerância, confiança, esperança, paciência.

III. O verdadeiro amor pode durar para sempre

A transformação completa das nossas circunstâncias, condição, poderes, acabará com muitas coisas apreciadas e hoje necessárias, podendo, em certas circunstâncias, extinguir o amor entre o casal. O amor de Deus (ágape) nunca se extingue e se o amor do casal for sempre regado com carinho e respeito, pode passar por lutas e provações, pode enfrentar dilemas e terríveis circunstâncias, mas não passa. A paixão é efêmera, o amor, se bem nutrido, pode perdurar para sempre.

Conclusão: Os noivos percebem a importância do verdadeiro amor? Os noivos procuram desenvolver as qualidades distintas do amor? Estão preparados para começar essa jornada, cujo objetivo é a concretização final desse amor no casamento?

8.10 COLAÇÃO DE GRAU

A colação de grau ou culto de formatura é uma grande oportunidade para se dar graças a Deus pela vitória alcançada pelos formandos. Como qualquer outra cerimônia, a colação de grau possui as suas características próprias. O pastor deve comparecer bem apresentável, mas de uma forma que não chame a atenção para si próprio. É importante que haja muita música alegre e agradável durante a programação.

a) Numa colação de grau é importante sempre começar com o Hino Nacional Brasileiro, o qual é cantado por todos os presentes em **úníssono**, e tocado por uma banda especialmente convidada para tal.

b) Declara-se aberta a solenidade de formatura, mencionando a turma, o ano, o curso, etc.

c) Apresenta-se as autoridades presentes, convidados especiais, diretoria da entidade e corpo docente.

d) Prossegue-se com cânticos, leitura bíblica propícia ao momento e oração.

e) Palavra do orador da turma, o qual deve ser informado antecipadamente a respeito da limitação de seu tempo, entre 10 a 15 minutos.

f) Canta-se um hino e a palavra estará com o paraninfo da turma.

g) Após a palavra do paraninfo deve haver mais uma música especial ou congregacional e em seguida faz-se a entrega dos certificados ou diplomas.

h) A solenidade é concluída com uma palavra de agradecimento a todos e uma oração a Deus.

8.10.1 MODELO DE PROGRAMA DE FORMATURA

1. Processional
2. Hino Nacional Brasileiro
3. Abertura solene e composição da mesa
4. Hino congregacional
5. Leitura bíblica responsiva - Salmo 100
6. Oração de gratidão
7. Música especial
8. Discurso do orador da turma

9. Cânticos
10. Discurso do paraninfo
11. Música especial
12. Colação de grau e entrega dos diplomas
13. Compromisso dos formandos
14. Hino congregacional
15. Oração de consagração
16. Homenagens especiais
17. Agradecimentos e bênção apostólica
18. Recessional

Há, entretanto, cultos de gratidão pela formatura dos membros da igreja, mas que não são propriamente uma **Colação de Grau**. É muito comum que, pessoas que se formam nos mais diversos cursos e que têm a sua formatura na **Escola**, solicitar um culto de louvor a Deus pela aquisição dessa dádiva dos céus. É uma ótima oportunidade para agradecer a Deus pelas bênçãos recebidas, bem como para evangelizar. A mensagem deve ser de Gratidão a Deus, com um certo cunho evangelístico, pois muitos parentes e amigos do(s) formando(s) serão convidados. Um modelo de **Culto** para essa ocasião seria:

1. Prelúdio
2. Palavras introdutórias
3. Música inspirativa
4. Leitura bíblica
5. Oração de gratidão pela formatura
6. Palavra de um professor ou representante da escola (se possível)
7. Cânticos
8. Mensagem

9. Música inspirativa
10. Oração consagratória
10. Poslúdio

8.10.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto: 1 Coríntios 1.18 a 25

Tema: Contraste entre as sabedorias divina e humana

Introdução: A sabedoria humana é assaz fundamental em muitas circunstâncias da vida. Entretanto, sem a sabedoria divina, a sabedoria humana é considerada por Deus como sendo loucura.

I. Como procedem as pessoas sábias deste mundo

1.1. Buscam sinais.

1.2. Buscam sabedoria.

1.3. Vêem a sabedoria de Deus como sendo escândalo e loucura.

II. Como procedem os sábios segundo Deus

2.1. reconhecem a mensagem da cruz como sendo o poder de Deus

2.2. Reconhecem que é uma sabedoria superior.

2.3. Reconhecem que sem ela, estão perdidos e quase nada podem fazer.

2.4. Reconhecem que devem tê-la como padrão em suas vidas.

III. A eficácia da sabedoria segundo Deus

3.1. É supra superior à sabedoria dos homens.

3.2. Destrói a sabedoria dos sábios.

3.3. Aniquila a inteligência dos inteligentes.

3.4. Salva os que crêem.

Conclusão: Qual o valor que o ouvinte dá à sabedoria segundo Deus? Qual o significado que tem a cruz de Cristo para cada um? Além de procurar a sabedoria humana, devemos ter a sabedoria divina conosco, pois com ela jamais seremos confundidos.

Esboço 2

Texto: Gênesis 25.27-34

Tema: Uma escolha muito mal feita

Introdução: Quando alguém está se formando, todos os olhares de parentes e conhecidos estão voltados para ele. A pergunta é: como se sucederá o tal formando? Como ele aplicará todos os recursos adquiridos em seu curso? A história de Esaú é a história de alguém que tinha muitas habilidades, capacidades, muito conhecimento, mas que não atingiu às altas possibilidades de seu começo. Por isso, sua vida não foi o que poderia ter sido, e esse é o caso de muitos.

I. O caráter de sua escolha

1.1. Preferiu o presente ao futuro: o mundo, o lucro material.

1.2. Preferiu o sensual ao espiritual.

1.3. Preferiu o visível ao invisível.

II. As causas da sua escolha

- 2.1. Falta de profundidade de caráter.
- 2.2. Falta de disciplina.
- 2.3. Falta de dedicação a Deus.
- 2.4. Falta de discernimento das coisas.

III. As conseqüências da sua escolha

- 3.1 Não teve como voltar atrás.
- 3.2 Perdeu uma oportunidade imperdível.
- 3.3 Teve de se contentar com uma vida medíocre.
- 3.4 Sua escolha de vida o fez uma pessoa infeliz.

Conclusão: Que tipo de escolha cada formando fará? Que estilo de vida terá? Quais os valores que terão prioridade em sua vida: os materiais, o lucro ou a vida do próximo?

8.11 LANÇAMENTO DE PEDRA FUNDAMENTAL

Um momento de grande importância para uma igreja é o lançamento de pedra fundamental, pois é um testemunho vivo do progresso da obra de Deus. Além de ser um costume em nossas igrejas, é uma oportunidade que temos de cultuar a Deus e motivar os fiéis a se interessarem pela construção. É também um momento de exercitar a fé nas promessas de Deus.

O lançamento da pedra fundamental não exige um programa minucioso, mas deve ser levado a efeito com muita alegria expressa nos louvores a Deus, nos testemunhos, e nas mensagens apresentadas. O trabalho todo não deve ser demorado. Deve-se convidar para a solenidade as autoridades locais e as igrejas vizinhas. O programa deve ser preparado com antecedência e poderá ter a seguinte forma:

a) Oração inicial, onde se agradece a Deus pelo evento e se pede ao Senhor que abençoe a solenidade.

b) Hino (s) ou cânticos próprios para o ato. Os hinos devem ser alegres, triunfantes e cantados com todo vigor e entusiasmo.

c) Leitura Bíblica apropriada para o momento. Um texto mui apropriado para o momento é Gênesis 28.20 a 22. Outros textos usados são: 2 Crônicas 3; 2 Crônicas 6.39-40; Ageu 1.12-14 e Números 2.18.

d) Dá-se oportunidade para corais, conjuntos, solos, que podem ser intercalados com testemunhos, histórico e planejamento para a construção.

e) O oficiante entregará um rápido sermão, incentivando o povo para a obra que Deus quer levantar naquele local.

f) Após o cântico de um hino congregacional ou música especial, convida-se as pessoas que estão escaladas para que coloquem no devido local a pedra previamente preparada. Para tornar o ato mais solene e significativo, a cavidade pode ser feita na hora. Assim que se põe a pedra na cavidade, é importante que seja feita uma oração, entregando todo o futuro da obra nas mãos de Deus.

g) É muito oportuno se promover uma contribuição para o levantamento da obra, após o lançamento da pedra fundamental, o que deve ser avisado com antecedência nos cultos dominicais para que o povo venha preparado. Esse é um momento quando as pessoas da igreja estão entusiasmadas e um levantamento de oferta sempre dá bons resultados nesses momentos.

h) Após o recolhimento das ofertas, o que deve ser feito ao som de uma música alegre e vibrante, o oficiante trará suas palavras conclusivas, apelando ao povo de Deus para se imbuir de corpo e alma nesse empreendimento.

Deve-se agradecer a todos os presentes e despedir o povo com a bênção apostólica.

8.11.1 ESBOÇO DE PROGRAMA

1. Oração de gratidão
2. Cânticos de louvor
3. Leitura bíblica
4. Música especial
5. Testemunho
5. Hino
6. Palavra da maior autoridade civil presente ou seu representante
7. Histórico e planejamento da construção
8. Música especial
9. Mensagem
10. Hino
11. Lançamento da pedra fundamental
12. Oração de consagração da obra
13. Hino - recolhimento de oferta especial
14. Palavras finais de gratidão
15. Oração final e bênção apostólica

8.11.2 ESBOÇOS DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto : Gênesis 28.18 a 22

Tema: A coluna de Betel

Introdução: Existem certos momentos cruciais na vida das pessoas: escolha da profissão, casamento, nascimento de um filho, etc. Na vida da igreja também há um momento importantíssimo: o lançamento da pedra fundamental de seu templo.

I. Características de uma Igreja em construção:

- 1.1. Trabalhadora (Jacó levantou-se bem cedo).
- 1.2. Limitada, mas persistente (Jacó usou uma pedra por travesseiro).
- 1.3. Busca a unção do alto (significado do azeite).
- 1.4. Pede a ajuda e o socorro do alto para a nova jornada (se Deus for comigo).
- 1.5. O Senhor sempre é seu Deus.
- 1.6. Tem por objetivo o edificar uma casa para Deus.

II. Provisão de Deus na nova empreitada

- 2.1. Deus abençoa de forma abundante a igreja que é trabalhadora.
- 2.2. Deus infinito e ilimitado fortalece e dá condições à igreja limitada.
- 2.3. A igreja é ungida por Deus para realizar a sua obra.
- 2.4. O Senhor sempre se faz presente na igreja.
- 2.5. Deus se agrada de uma igreja que se esforça em edificar uma casa para seu louvor.

Conclusão: Jacó foi muito mais abençoado do que imaginava. Deus foi fiel para com ele em tudo o que ele queria. Sua gratidão a Deus foi um coração contrito, sempre pronto a ofertar suas dádivas ao Senhor.

Esboço 2

Texto: Mateus 7.24-28

Tema: Uma construção bem sucedida

I. Uma construção bem sucedida tem pessoas sábias em seu comando

- 1.1. Pessoas sábias que ouvem a orientação de Deus.
- 1.2. Pessoas sábias que praticam a orientação de Deus.

II. Uma construção bem sucedida tem características próprias.

- 2.1. O alicerce espiritual é Cristo.
- 2.2. Há um planejamento coerente com as realidades.
- 2.3. Há uma disposição da parte de todos em ajudar sacrificialmente.
- 2.4. Há união de todos para um objetivo comum.

III. Uma construção bem sucedida enfrenta as dificuldades do caminho

- 3.1. As tempestades econômicas.
- 3.2. A provação das idéias divergentes.
- 3.3. A tentação do desânimo.

Conclusão: Quando a igreja como um todo se prontifica a edificar-se, as portas do inferno não prevalecem e o resultado é uma casa sólida, firme, não apenas fisicamente, mas espiritualmente.

8.12 DEDICAÇÃO DO TEMPLO

Outro momento de grande importância para uma igreja é a inauguração do templo religioso. Além de ser um testemunho vivo do progresso da obra de Deus, o culto tem por finalidade agradecer ao Senhor pela vitória alcançada e suplicar a Deus as suas incontáveis bênçãos para que sejam plenamente realizados os propósitos para os quais a obra foi feita.

O culto deve ser realizado com muita alegria expressa nos louvores a Deus, nos testemunhos e nas mensagens apresentadas. Deve-se convidar para a solenidade as autoridades locais e as igrejas vizinhas. O programa não deve ser longo e deve ser preparado com antecedência, podendo ter a seguinte forma:

- a) Todo o povo se reúne na frente do edifício, com a porta principal do santuário fechada.
- b) No horário já estabelecido, o ministro inicia o culto com oração.
- c) O oficiante diz, em breves palavras, sobre a finalidade do ajuntamento e se cantam alguns louvores ou um hino.
- d) O oficiante lê um texto das Escrituras, o qual deve ser próprio para a ocasião. É neste momento que se lê ou se recita o texto bíblico que o pastor deve desatar a fita simbólica que está atravessada na porta principal. Um texto bom para esse momento é Isaías 26.2. Outro texto a ser usado é 2 Crônicas 6.39-40.
- e) Todos deverão adentrar o templo com louvores a Deus, na seguinte ordem: pastor da igreja, autoridades e convidados especiais, demais pastores, corais, bandas e por fim o público em geral.

f) Quando todos já estiverem no interior do templo, faz-se a oração inaugural que deve ser feita pelo próprio pastor da igreja.

g) Apresenta-se as autoridades presentes, os pastores e se saúda os demais visitantes.

h) É justo que se faça alusão aos serviços prestados pelas pessoas e equipes que contribuíram para o êxito do trabalho. Além de ser uma recomendação bíblica, isso anima os que participaram e incentiva outros a fazerem o mesmo.

i) Pode-se dar a oportunidade para a maior autoridade para fazer uso da palavra. É importante que não se fragueie a palavra a todas autoridades e pastores presentes, pois isso pode demorar muito e fugir ao propósito do culto.

j) É sempre importante ter música intercalando os diversos momentos do culto.

k) A mensagem deve ser proferida pelo próprio pastor da igreja. O sermão deve ser propício para o momento e não deve ser longo, pois nessa ocasião não se deve dilatar descomedidamente o tempo de duração do culto.

l) Ao terminar, deve-se dar uma palavra de agradecimento aos que atenderam ao convite e vieram à inauguração e despedir o povo com a bênção apostólica.

8.12.1. ESBOÇO DE PROGRAMA

1. Oração
2. Palavras introdutórias
3. Leitura bíblica
4. Rompimento da fita simbólica
5. Entrada de todos ao santuário com cânticos de adoração
6. Oração de consagração do templo a Deus

7. Apresentação das autoridades civis e religiosas
8. Música especial
9. Gratidão às equipes de trabalho da construção
10. Histórico da construção
11. Hino de gratidão
12. Palavra da maior autoridade presente ou de seu representante
13. Música especial
14. Mensagem
15. Hino
16. Agradecimentos
17. Oração final e bênção apostólica

8.12.2 ESBOÇO DE MENSAGENS

Esboço 1

Texto: 2 Crônicas 7.11-16

Tema: O Deus do Templo

Introdução: As dificuldades enfrentadas durante todo o percurso, os momentos difíceis, as encruzilhadas e as peças pregadas por uma construção.

L O templo construído é a casa de Deus

- 1.1. Para oração.
- 1.2. Para comunhão.
- 1.3. Para proclamação.
- 1.4. Para ajuda aos necessitados.
- 1.5. Para a glória de Deus.

II. Deus está presente em seu santo templo

2.1. Para ouvir as orações de seus filhos.

2.2. Para abençoar seus filhos.

2.3. Para curar suas dores e enfermidades.

2.4. Para salvar o perdido pecador que Dele se aproxima.

III. Uma etapa é finda, mas outra começa

3.1. Boa parte do esforço era concentrado na construção.

3.2. As forças agora se unem para a evangelização, ação social e missões.

3.3. A responsabilidade da igreja é maior porque Deus a tem abençoado.

3.4. A igreja não pode parar, pois Deus nunca pára, pelo contrário, seus olhos e ouvidos sempre estarão atentos à esse lugar.

Conclusão: Se a igreja for grata ao Senhor pela grande vitória alcançada e andar nos caminhos do Senhor, Deus é fiel e sempre estará pronto a ouvir e atender as necessidades de seus filhos deste lugar.

Esboço 2

Texto: Ageu 2.1-9

Tema: A glória de Deus que enche o Templo

Introdução: Apresentar o contexto histórico do templo construído na época de Ageu

I. O que não é a glória de Deus no templo:

1.1. Sua grandeza (era menor que o de Salomão)

- 1.2. Sua beleza (era inferior ao de Salomão)
- 1.3. Seu luxo (era inferior ao de Salomão)
- 1.4. Seu custo (inferior ao de Salomão)

II. O que é a glória de Deus no templo:

- 2.1. É a força que vem de Deus.
- 2.2. É o trabalho do povo de Deus.
- 2.3. É a presença atuante de Deus.
- 2.4. É o poder de Deus que abala.
- 2.5. É a consciência de seu povo que tudo provém de Deus.

Conclusão: A glória de Deus enchia o novo templo e a promessa de Deus era que sua glória estaria muito mais presente que no templo anterior, mesmo que esse templo fosse bem inferior ao oponente templo de Salomão. O que faz dum templo consagrado não é a sua beleza exterior, mas o coração quebrantado e contrito de seu povo que o busca e o adora em espírito e em verdade.

8.13 CULTO DE ANIVERSÁRIO

Existem certos momentos em que as pessoas da igreja querem e precisam agradecer a Deus. Momentos como, por exemplo, a compra de uma casa, a restauração da saúde de um membro da família, alguém da casa passou no vestibular ou foi promovido no emprego. São situações particulares em que a igreja tem um espírito de gratidão a Deus pela bênção alcançada pela família e é uma hora oportuna para se transmitir a palavra de Deus.

Um momento bem especial é o aniversário de uma pessoa. É um excelente momento para um culto de grati-

dão à Deus, onde se passa ao aniversariante conselhos bíblicos e básicos para a fase de sua vida e, ao mesmo tempo, pode-se testemunhar a amigos e parentes do grande amor de Deus. O local para a celebração do culto pode ser o templo, mas o local mais recomendado seria a casa do aniversariante, ou um outro local apropriado em comum acordo entre a família e o pastor. O pastor deve instruir os pais quanto à elaboração do programa e ao cenário do local, para que não haja excessos que transformem o culto em um evento social apenas. O culto deve durar em torno de uma hora, não mais do que isso, para que não seja cansativo e fuja ao propósito que é, acima de tudo, a glória de Deus.

No início do programa o oficial explicará a todos que se trata de um culto em agradecimento a Deus pelo aniversário de _____. Esse momento deve ser belo, criativo, mas singelo. O ministro deverá proferir algumas palavras introdutórias e mencionará a pessoa do aniversariante, destacando sua vida cristã e sua iniciativa em celebrar um culto a Deus junto com familiares e amigos. Os hinos cantados nessa ocasião devem ser alegres, cânticos jovens que falam de gratidão a Deus, que falem de novos propósitos na vida de uma pessoa. Todas as apresentações que tomarem parte do culto devem ter uma cópia do programa em mãos para que saibam o momento exato em que atuarão. É conveniente saber de antemão, o conteúdo dos hinos e a procedência das músicas que serão apresentadas. O aniversariante poderá também tomar parte no culto, se quiser, através de uma leitura bíblica, poesia, música na companhia de amigos ou outra atividade que seja capaz de realizar.

Nesse tipo de culto não se pode ter ofertório. Esse ato é só cabível em cultos normais da igreja. A mensagem deve ser curta, objetiva e enfatizar-se á o tema central de toda mensagem bíblica que é o evangelho de Jesus Cristo. Ao término do culto, o público se coloca de pé e o aniversariante de joelhos e nesse momento o pastor fará uma oração de agradecimento a Deus e intercederá pela sua vida. O ato final deve ser a bênção apostólica que pode ser proferida assim: “O amor de Deus, a graça do Senhor Jesus, e a comunhão do Espírito Santo seja com _____ e todos os filhos de Deus, desde agora e para todo o sempre”.

8.13.1 ESBOÇO DE ORDEM DE CULTO

11. Prelúdio
12. Palavras introdutórias
13. Música inspirativa
14. Leitura bíblica
15. Oração de gratidão
16. Cânticos
17. Mensagem
18. Música inspirativa
19. Oração consagratória
20. Processional

8.13.2 ESBOÇO DE MENSAGEM

Texto: Salmo 139

Tema: O dom da vida reflete a Grandeza de Deus

Introdução: O que é a vida? Como as pessoas encaram a vida? como o aniversariante encara a vida? O ser humano que ao longo de sua vida reflete sobre a grandeza de Deus sempre será uma vida bem sucedida.

I. Devemos refletir sobre a Grandeza de Deus, reconhecendo sua onisciência

- 1.1. Ele conhece nossa vida ativa e inativa.
- 1.2. Ele conhece todos os nossos pensamentos.
- 1.3. Ele conhece o nosso modo de vida.
- 1.4. Ele conhece nossa vida antes de nascermos e também nosso futuro.
- 1.5. Ele conhece tudo a fim de nos proteger.

II. Devemos refletir sobre a grandeza de Deus, admitindo sua onipresença

- 2.1 Ele está em seu trono, nos céus.
- 2.2 Ele pode ir até o Seol.
- 2.3 Ele está nas extremidades do mar.
- 2.4 Ele está nas nuvens escuras.
- 2.5 Ele está em todos os lugares a fim de nos ajudar, guiar e sustentar.

III. Devemos refletir sobre a grandeza de Deus, louvando sua onipotência

- 3.1 No seu poder de criar.
- 3.2 Pelas obras maravilhosas que tem feito.

IV. Devemos refletir sobre a grandeza de Deus, consagrando nossa vida a Ele

- 4.1 Deixando que ele sonde e revele nossos pecados.
- 4.2 Deixando que ele nos guie pelo caminho certo.

Conclusão: Ao se comemorar um aniversário, notamos o grande valor da vida e paramos para pensar na grandeza de Deus. Ao olhar para este Salmo devemos perceber a grandeza de Deus e, assim, teremos total confiança para dedicarmos a Ele a nossa vida. Se entregarmos a Deus a nossa vida, com certeza, ele dará um rumo certo a ela.

CAPÍTULO IX



A IGREJA E OS LÍDERES EXTRA-BÍBLICOS

Em o Novo Testamento encontramos várias funções já abordadas nesse livro. Mas com o progresso e o avanço da igreja e dos tempos atuais, há a necessidade de determinadas funções que não existiam naquela época. Por exemplo, para o registro da igreja em cartório como pessoa jurídica precisa-se de uma diretoria composta, normalmente, por presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários e, primeiro e segundo tesoureiros. Além dessas funções temos os líderes dos mais diversos departamentos, como por exemplo, Educação Religiosa, Música, Evangelismo, Missões, Escola Bíblica Dominical, Sociabilidade, Assistência Social, deficientes e assim por diante. Há, também, os professores da Escola Bíblica Dominical e assim por diante.

O número das mais variadas funções e dos líderes vai variar de igreja para igreja, bem como de denominação para denominação. As necessidades e as possibilidades da igreja local, bem como sua realidade, é que determinarão o número de funções e de líderes necessários à execução do trabalho da igreja para que esta se desenvolva de forma salutar.

9.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DE UM LÍDER

Precisa-se estabelecer alguns critérios para a escolha dos obreiros da igreja. Entre outras características, deve-se destacar o seguinte:

- a) O líder deve ser um cristão genuíno, ativo e comprometido com o Reino de Deus.
- b) O líder precisa ter uma vida moral condizente com os padrões bíblicos.
- c) O líder deve ser um bom mordomo de sua vida e seus talentos, devendo ser um dizimista fiel.
- d) O líder precisa ser uma pessoa leal ao Pastor, aos companheiros, à igreja e à sua denominação.
- e) O líder deve ter as habilidades necessárias para exercer a sua função.

9.2 TEMPO DE SERVIÇO

Qual o tempo ideal para a permanência de um líder em seu cargo? Isso vai depender da própria pessoa e da igreja. Se o líder sabe corresponder à confiança da igreja, ele certamente poderá ficar vários anos no seu cargo. Outros literalmente tomam posse da função que exercem, esquecendo-se que não são os donos da obra ou da função, prejudicando os demais que também podem ter o privilégio e a oportunidade de servir a Cristo e à igreja. O ideal é que a permanência em qualquer cargo eclesiástico deve ter a duração de um ano, podendo a pessoa ser reeleita para a função, caso a igreja assim o quiser. Mesmo que uma pessoa possua excelentes qualidades para exer-

cer determinada função, ela não deve permanecer no cargo por muitos anos pelas seguintes razões:

- a) Sempre que não há renovação por muito tempo, a receptividade à novas idéias e perspectivas sempre fica prejudicada.
- b) Não havendo renovação de liderança, não ocorre o surgimento de novos valores.
- c) A permanência de muitos líderes num mesmo cargo, por vários anos, faz com que a igreja se petrifique em termos de programa e atuação.

9.3 O (A) SECRETÁRIO (A) DA IGREJA

Toda a igreja precisa ter um ou dois secretários para compor a diretoria. Muitas vezes, escolhe-se alguém que tem amizade com todos, é brincalhão, ou simplesmente porque é jovem, ou outro motivo qualquer. As pessoas esquecem que muito do progresso da igreja depende do trabalho zeloso de um bom secretário. Se o secretário não é eficiente em sua função, ele não será um bom auxiliar para a igreja e o seu Pastor; pelo contrário, só trará problemas e complicações. Um bom secretário precisa ter as seguintes qualificações, além das já anunciadas acima:

- a) Precisa ter boa redação.
- b) Precisa escrever legivelmente e saber trabalhar com o computador.
- c) Precisa ter boa educação e maturidade cristã.
- d) Precisa ser zeloso pelo seu trabalho sempre pontual às reuniões, pois é aquele que registra o que acontece nas reuniões e assembléias da igreja.

Quanto às suas atribuições, o secretário da igreja tem as seguintes responsabilidades:

a) Redigir as atas das assembléias da igreja, sejam estas reuniões regulares, extraordinárias ou solenes. As atas devem ser redigidas em livro próprio para esse fim e devem ser sempre assinadas por ele. Quando aprovadas, deve cuidar para que o presidente as assine imediatamente após a provação, evitando assim, problemas futuros.

b) Anotar sempre as decisões tomadas nas reuniões da diretoria e os encaminhamentos dos assuntos para a assembléia, pois se houver dúvida, se tem anotado o que ficou discutido e decidido.

c) Expedir toda a documentação da igreja, tais como, carta de transferência, solicitação de carta de transferência, convites, comunicações e cartas em geral.

d) Manter sempre atualizado o movimento estatístico dos membros da igreja.

e) Zelar pelo fichário da igreja, atualizando sempre as informações sobre cada membro da igreja.

O segundo secretário da igreja deve sempre auxiliar o primeiro em suas atividades e substituí-lo em suas faltas e impedimentos. O segundo secretário deve sempre ter a oportunidade de auxiliar e de servir, pois assim estará sempre aprendendo, podendo vir a assumir a função no futuro.

9.4 O (A) SECRETÁRIO (A) DE TEMPO INTEGRAL DA IGREJA

Quando uma igreja possui um determinado número de membros considerável e tem alcançado grande progresso, é mister que haja um (a) secretário (a) de tempo integral. Esse (a) secretário (a) não deve ser confundido com o secretário de atas, sendo cargos que funcionam completamente separados um do outro. Essa pessoa terá as seguintes funções:

- a) Zelar de documentos e de tudo o que for importante para a igreja. Deve arquivar cartas, boletins, documentos, certificados, etc.
- b) Responder as cartas que forem enviadas à igreja e que são de sua alçada. Para tal atividade, deve sempre ser assessorada pelo Pastor.
- c) Ser responsável pelo boletim da igreja.
- d) Zelar da correspondência do Pastor.
- e) Enviar cartões de aniversário, casamentos e de outras datas importantes, para os membros da igreja.
- f) Manter atualizado o rol de membros da igreja, sempre registrando os batismos, entradas e saídas de membros, funerais e casamentos, etc.
- g) Providenciar as cartas de transferência, enviando-as às igrejas competentes.
- h) Preparar os relatórios da igreja para as assembléias da igreja.
- i) Ajudar o Pastor com sua agenda.

9.5 O (A) TESOUREIRO (A) DA IGREJA

Esse é um cargo de importantíssimo valor e de tremenda responsabilidade e a pessoa a desempenhar tal função precisa ser uma pessoa que tenha noções de contabilidade, boa educação, fiel aos trabalhos e às reuniões da igreja e dizimista.

As funções básicas de um tesoureiro é ¹:

- a) Receber o dinheiro vindo de várias fontes, distribuindo-os entre os diversos fins, de acordo com o estipulado pela igreja.
- b) Depositar na conta da igreja a entrada de dízimos e ofertas.
- c) Assinar os cheques com o Pastor ou a pessoa indicada para tal fim pela igreja.
- d) Participar na elaboração do plano financeiro da igreja.
- e) Ter sempre consigo o material (envelopes de contribuição) para fornecer aos membros da igreja.
- f) Ajudar na criação de campanhas de contribuição e mordomia da igreja.
- g) Manter os livros da tesouraria sempre em ordem.

O segundo tesoureiro da igreja deve sempre auxiliar o primeiro em suas atividades e substituí-lo em suas faltas e impedimentos. O segundo tesoureiro deve sempre ter a oportunidade de auxiliar e de servir, pois assim estará aprendendo a função, podendo vir a assumir a função no futuro.

¹ FERREIRA, E. S. Manual da igreja e do obreiro. Rio de Janeiro : JUERP, 1993.

CAPÍTULO X



A IGREJA COMO PESSOA JURÍDICA

Embora se aceite que a regra de prática e fé é o Novo Testamento, a maioria das igrejas evangélicas sabem que estão sujeitas às leis do país onde se encontram. De acordo com as leis brasileiras, todas as entidades religiosas, para poderem exercer suas atividades, são obrigadas a tornarem-se pessoa jurídica, a fim de que sejam reconhecidas pela lei e tenham sua existência legal.

10.1 O ESTATUTO DA IGREJA

O estatuto é um documento escrito, registrado em cartório, o qual integra todos os princípios pelos quais a igreja se governa ou regula os seus atos. As vantagens de se ter um estatuto são enormes, sendo estes os principais:

- a) Dá a igreja e ao Pastor a maneira pela qual os diversos assuntos serão tratados, dentro da democracia.
- b) Dá os meios de se proceder na solução dos diversos problemas que porventura venham a surgir.
- c) Define as mais diversas áreas de responsabilidade.

d) Dá a base para uma uniformidade de governo eclesiástico.

Para se elaborar um estatuto é necessário nomear uma comissão, a qual poderá adotar o modelo que é dado neste livro, fazendo obviamente as adaptações à realidade, objetivos e condições da igreja local ou da denominação à que pertence. Depois de elaborado pela comissão, precisa ser aprovado numa sessão extraordinária da igreja, previamente marcada para este fim. Após aprovado, o estatuto precisa ser registrado para que tenha os efeitos legais.

10.2 MODELO DE ESTATUTO*

ESTATUTO DA IGREJA

CAPÍTULO I

Denominação, Sede, Natureza e Fins

Art. 1º - A igreja, organizada em ____ / ____ / ____, sediada a Rua, na cidade de onde tem seu foro, é uma sociedade religiosa, sem fins lucrativos, com número ilimitado de membros.

Art. 2º - A igreja, doravante designada por igreja, neste estatuto, tem por fim cultuar a Deus, estudar a Bíblia, divulgar o Evangelho de Jesus Cristo, praticar a beneficência, ensinar e praticar a educação religiosa, e tratar de todos os assuntos relativos às suas finalidades, que contribuam

*Modelo criado a partir de exemplos de várias igrejas. Deve ser redigido de acordo com a realidade estrutural administrativa da denominação.

para o progresso da causa denominacional e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra.

Art. 3º - A igreja é soberana em suas decisões e não está subordinada a qualquer outra igreja ou entidade (se este for o caso da denominação). Reconhece somente a Jesus Cristo como seu único cabeça e suprema autoridade e, para seu governo em matéria de fé, culto, disciplina e conduta, rege-se pela Bíblia e adota o documento denominado (declaração doutrinária da denominação, credo ou outro).

Art. 4º - A igreja poderá criar outras entidades que serão regidas por estatutos próprios, os quais não poderão colidir com os termos deste estatuto.

Art. 5º - A igreja poderá adotar um “Regimento Interno”, que entrará em vigor na data de sua aprovação em Assembléia Extraordinária.

CAPÍTULO II

Dos Membros da igreja

Art. 6º - A igreja compõe-se de pessoas que aceitam voluntariamente sua doutrina e disciplina, sem distinção de sexo, raça, nacionalidade ou condição social, por ela recebidas em Assembléia, nos seguintes casos:

- a) Pública profissão de fé e batismo.
- b) Carta de transferência de outra igreja da mesma fé, ordem, disciplina e doutrina.
- c) Reconciliação.

d) Aclamação: pessoas oriundas de igreja da mesma fé, ordem, disciplina e doutrina, em casos excepcionais, que não tenham carta de transferência; ou, pessoas oriundas de outras denominações evangélicas que confessem Jesus Cristo como Salvador e Senhor pessoal, que tenham sido batizadas por imersão e em nome da Trindade, examinando cada caso e que sejam conhecidas da igreja, pelo prazo de seis meses.

Art. 7º - As pessoas de que trata o artigo acima só poderão ser admitidas por voto unânime da Assembléia.

Parágrafo Único - Será dispensado a unanimidade quando os votos contrários não forem justificados.

Art. 8º - A saída de membros da igreja obedecerá a um dos seguintes motivos:

- a) Falecimento.
- b) Concessão de cartas de transferências para outra igreja da mesma fé, ordem, disciplina e doutrina.
- c) Exclusão, por solicitação do interessado ou por iniciativa da igreja.

Art. 9º - São direitos do membro da igreja:

- a) Participar de todas as reuniões, sessões e demais atividades da igreja.
- b) Votar e ser votado para qualquer cargo da administração.
- c) Recorrer à igreja em defesa de seus direitos ou de outrem.

Art. 10 - São seus deveres:

- a) Regrar a sua conduta para com a igreja e seus membros, coletiva e individualmente, de acordo com a Bíblia e este estatuto.
- b) Participar das reuniões de culto a Deus, oração, estudo bíblico, pregação do evangelho, etc.
- c) Desempenhar fielmente os cargos e comissões que lhe forem confiados, pela igreja, ou suas organizações.

Art. 11 - Estarão sujeitos às penas de admoestaçāo e/ou exclusão sumária, aplicados pela igreja em Assembléia e por maioria dos votos de membros presentes:

- a) Os que de qualquer modo prejudicarem os trabalhos do culto religioso, os créditos da igreja ou a sua doutrina.
- b) Os que procederem na sua vida pública ou privada contrariamente aos ensinos, princípios ou moral do Evangelho.
- c) Os que abandonarem a igreja ou dela se afastarem sem qualquer comunicação ou notícia pelo tempo de doze (12) meses consecutivos.

Art. 12 - Qualquer membro que entender ter sido excluído injustamente poderá pedir assento em Assembléia, tendo antes se entendido com a Diretoria, para se defender ou pedir uma comissão especial para o seu caso. A igreja atenderá ou não a tal pedido.

CAPÍTULO III

Da Administração

Art. 13 - A administração dos negócios e do patrimônio da igreja será exercida por uma diretoria composta da seguinte forma:

- a) Um Presidente que poderá ser o Pastor da igreja.
- b) Primeiro e segundo vice-presidentes.
- c) Primeiro, segundo e terceiro secretários.
- d) Primeiro, segundo e terceiro tesoureiros.

Parágrafo Único - A diretoria será sempre composta de membros da igreja.

Art. 14 - O mandato da diretoria é anual, iniciando em 1º de janeiro, estendendo-se até 31 de dezembro, exceto o do Pastor.

Parágrafo Único - O Pastor da igreja exercerá o seu cargo até que, por qualquer motivo, se exonere ou seja exonerado, ocasião em que a Assembléia providenciará a eleição de outro para substituí-lo.

Art. 15 - Compete à diretoria, em harmonia com a igreja:

- a) Cumprir e fazer cumprir este estatuto e seu Regimento Interno.
- b) Organizar os livros necessários a toda escrituração da igreja;
- c) Zelar pelo patrimônio e por todos os bens da igreja.

Art. 16 - São deveres e atribuições do Presidente:

- a) Representar a igreja judicial ou extra-judicialmente.
- b) Ter voto de desempate nas Sessões Plenárias.
- c) Assinar todas as atas das Sessões da igreja.
- d) Superintender toda a administração.
- e) Abrir, movimentar e encerrar depósitos e contas em estabelecimentos de crédito, juntamente com o tesoureiro, mediante autorização da igreja.
- f) Apresentar o relatório anual ou qualquer outro que for necessário.
- g) Convocar as Assembléias da Igreja e as reuniões da Diretoria e de Obreiros-Líderes, presidindo-as.
- h) Admitir e demitir empregados “Ad Referendum” da Assembléia.
- i) Assinar com o 1º Tesoureiro, escrituras de compra e venda, hipotecas e cessões, contratos, sempre mediante autorização da igreja.

Art. 17 - São deveres e atribuições do primeiro e segundo vice-presidente, observada a precedência, substituir o Presidente nos impedimentos ocasionais temporais.

Art. 18 - São deveres e atribuições do primeiro secretário:

- a) Redigir e assinar todas as atas das Sessões da igreja.
- b) Organizar a correspondência da igreja.
- c) Assinar a correspondência da igreja.
- d) Escriturar e manter em dia o rol de membros da igreja.

Art. 19 - São deveres e atribuições do segundo e terceiro secretário, observada a precedência, auxiliar o primeiro secretário e substituí-lo em seus impedimentos.

Art. 20 - São deveres e atribuições do primeiro tesoureiro:

- a) Receber os valores da igreja.
- b) Escriturar o livro da tesouraria da igreja.
- c) Efetuar os pagamentos autorizados pela igreja.
- d) Apresentar o relatório da tesouraria na Assembléia, mediante apresentação de balancete, extrato bancário e saldo porventura em seu poder.
- e) Abrir, movimentar e encerrar depósitos, e contas-correntes em estabelecimento de crédito, juntamente com o Presidente mediante aprovação da igreja.
- f) Assinar com o Presidente escrituras de compra e venda, hipotecas e cessões, contratos, sempre mediante autorização da igreja.

Art. 21 - São deveres e atribuições do segundo e terceiro tesoureiros, auxiliar o primeiro tesoureiro e, observada a precedência, substituí-lo em seus impedimentos.

Art. 22 - A diretoria reunir-se-á sempre que o exijam os interesses da igreja.

Art. 23 - A igreja poderá, a qualquer tempo, suprir lugares vagos que ocorram na diretoria.

Art. 24 - A igreja poderá criar na sua Estrutura Orgânica tantos Departamentos quantos sejam necessários ao desenvolvimento do seu trabalho.

Art. 25 - Os membros da diretoria, bem como os da Comissão de Exame de Contas, não serão remuneradas pelo exercício de suas funções.

Parágrafo Único - O Pastor receberá sustento, não pelo exercício do cargo de Presidente da igreja, mas em decorrência das funções Pastorais que exerce.

Art. 26 - São órgãos de Assessoramento da Administração:

- a) O Conselho Diaconal.
- b) O Conselho de Obreiros Líderes.
- c) O Conselho de Planejamento e Coordenação.
- d) A Comissão de Planejamento Financeiro.
- e) A Comissão de Acompanhamento de Estudantes do Ministério.
- f) A Comissão de Indicações.
- g) A Comissão de Programas Especiais.
- h) A Assessoria de Comunicações Sociais.
- i) Assessoria Jurídica.

CAPÍTULO IV

Das Assembléias

Art. 27 - A Assembléia Geral da Igreja é constituída por seus membros, e é o seu poder soberano.

Parágrafo Primeiro - A igreja se reunirá em Assembléia Ordinária, mensalmente, e em Assembléia Extraordinária, quando necessário e em duas Assembléias Ordinári-

as Magnas, realizadas no último trimestre do ano, sendo a primeira para eleição da diretoria, e a segunda para eleição dos cargos dos departamentos e comissões e demais órgãos da administração.

Parágrafo Segundo - As Assembléias Extraordinárias serão convocadas, pelo menos, com oito dias de antecedência, constando da convocação os assuntos a serem tratados, exceto no caso da reforma do presente estatuto, cujo prazo será de 30 dias.

Parágrafo Terceiro - As deliberações só terão validade quando aprovadas em Assembléia e pela maioria dos membros presentes.

Parágrafo Quarto - As Assembléias só poderão ser convocadas pelo Presidente ou Vice-Presidente quando em exercício da Presidência.

Parágrafo Quinto - Para movimento de membros, exceto disciplina, a igreja terá Assembléias extraordinárias, quando necessário.

Art. 28 - As Assembléias funcionarão com qualquer número de presentes, exceto:

- a) Na Assembléia que tenha de eleger, demitir ou julgar qualquer acusação grave contra o Pastor.
- b) Na Assembléia em que se tenha de tratar sobre a alienação de qualquer bem móvel e imóvel da igreja.
- c) Na Assembléia que vise a reforma do presente estatuto.

Parágrafo Único - Com referência aos incisos deste artigo, o quorum será de dois terços dos membros da igreja na primeira convocação. A maioria absoluta na segunda convocação, decorridos oito dias da primeira convocação, com qualquer número na terceira convocação, decorridos trinta minutos da segunda convocação.

Art. 29 - Assembléias solenes, sem caráter administrativo, poderão ser realizadas para registros de acontecimentos especiais como ordenação ao ministério, celebração de batismos, comemorações históricas, etc.

Art. 30 - Para orientação de suas Assembléias a igreja adota as Regras Parlamentares adotadas pela denominação.

CAPÍTULO V

Do Patrimônio

Art. 31 - Os fundos patrimoniais da igreja são constituídos de:

a) Dízimos e contribuições de seus membros ou ofertas de quaisquer pessoas, desde que sua origem e finalidades estejam de acordo com os termos deste estatuto, por deliberação da Assembléia e será aplicado dentro do território nacional.

b) Donativos e legados em dinheiro, títulos, bens móveis, imóveis e semoventes, existentes ou que venham a existir, e só poderão ser utilizados na realização de seus fins, no território nacional.

Art. 32 - Qualquer aquisição de bens patrimoniais, feita por organizações ou departamentos da igreja ou em seu nome, constituindo tal organização pessoa jurídica ou não, terá que ser autorizada pela igreja, e serão automaticamente incorporados ao patrimônio desta.

Art. 33 - Os membros não participam do patrimônio da igreja e não respondem solidária nem subsidiariamente pelas obrigações desta, que também não responde solidária nem subsidiariamente pelas obrigações de seus membros, inclusive do Presidente.

Art. 34 - Em caso de cisão por motivo de ordem doutrinária, o patrimônio da igreja ficará com o grupo que, independentemente de seu número, permanecer fiel à denominação, conforme o texto deste estatuto, podendo ser nomeado um concílio de arbitramento composto de seis pastores, no exercício do pastorado das igrejas da denominação, mais o Presidente Estadual da denominação ou quem ele designar, que será o Presidente do Concílio.

Art. 35 - Caso a igreja venha a ser dissolvida, os seus bens passarão à denominação, resguardados os direitos de terceiros.

CAPÍTULO VI

Disposições Gerais

Art. 36 - Considerando a igreja que um determinado assunto é de natureza grave, poderá estabelecer, para este caso específico, um critério pelo qual, os votos de crianças membros da igreja, que não tenham atingido uma determinada idade não sejam computados.

Art. 37 - A não ser em caso fortuito ou de calamidade pública, as Assembléias da Igreja só serão válidas quando realizadas na sua sede.

Art 38 - Os casos omissos no presente estatuto, serão decididos pela Assembléia geral da Igreja.

Art. 39 - Este estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

10.3 O REGIMENTO INTERNO

O Regimento Interno da Igreja é um documento auxiliar do Estatuto e se compõe de regras ou praxes secundárias e terciárias que a própria igreja estabelece para dar efeito ao seu estatuto. Se a igreja não quiser, não precisa adotar um Regimento Interno, mas se o adotar, este deve estar sempre em sintonia com o estatuto e jamais pode contrariá-lo.

10.4 MODELO DE REGIMENTO INTERNO*

REGIMENTO INTERNO DA IGREJA

TÍTULO I

Das Finalidades e Estrutura Orgânica

CAPÍTULO I

Das Finalidades

Art. 1º - De acordo com os arts. 5º e 24 do Estatuto da igreja..... , o presente “Regimento Interno”, estabelece a estrutura de organização, as competências e funções dos órgãos, dirigentes e colaboradores, bem como orientações gerais, para a administração e funcionamento da igreja.

Art. 2º - A igreja..... é uma sociedade religiosa, sem fins lucrativos, com número ilimitado de membros e tem por fim cultuar a Deus, estudar a Bíblia, divulgar o Evangelho de Jesus Cristo, praticar a beneficência, ensinar e praticar a educação religiosa e, tratar de todos os assuntos que contribuam para o progresso da causa denominacional e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra.

Art. 3º - A igreja é soberana em suas decisões e não está subordinada a qualquer outra igreja ou entidade. Reconhece somente a Jesus Cristo como seu único cabeça e suprema autoridade e, para seu governo em matéria de

*Modelo criado a partir de exemplos de várias igrejas. Deve ser redigido de acordo com a realidade estrutural administrativa da denominação.

fé, culto, disciplina e conduta, rege-se pela Bíblia e adota o documento denominado (Declaração doutrinária da denominação, credo ou outro).

Art. 4º - A igreja compõe-se de pessoas regeneradas pela fé em Jesus Cristo, batizadas, recebidas em Assembléia e que aceitam sua doutrina e disciplina, sem distinção de sexo, raça, nacionalidade ou condição social.

CAPÍTULO II

Da Estrutura Orgânica

Art. 5º - A estrutura técnica e administrativa da igreja comprehende:

I - Órgãos de Deliberação e Direção Superior e de Assessoramento.

1 - ASSEMBLÉIA GERAL

1.1 - Comissão de Exame de Contas

2 - Diretoria da igreja que comprehende:

2.1 - Presidente

2.1.1. - Escritório

2.2 - 1º Vice-Presidente

2.3 - 2º Vice-Presidente

2.4 - 1º Secretário

2.5 - 2º Secretário

2.6 - 3º Secretário

2.7 - 1º Tesoureiro

2.8 - 2º Tesoureiro

2.9 - 3º Tesoureiro

- 3 - Conselho Diaconal.
- 4 - Conselho de Planejamento e Coordenação.
- 5 - Conselho de Obreiros Líderes.
- 6 - Comissão de Indicações.
- 7 - Comissão de Planejamento Financeiro.
- 8 - Comissão de Acompanhamento de Estudantes do Ministério.
- 9 - Comissão de Programas Especiais.
- 10 - Assessoria de Comunicação Social.
- 11 - Assessoria Jurídica.

II - Órgãos de Apoio Administrativo e Financeiro.

1- DIRETORIA GERAL DE ADMINISTRAÇÃO

- 1.1 - Departamento de Finanças.
 - 1.1.1 - Divisão de Escrituração.
 - 1.1.2 - Divisão de Controle de Tesouraria.
- 1.2 - Departamento de Patrimônio.
- 1.3 - Departamento de Audiovisuais.
- 1.4 - Departamento de Recursos Humanos.
- 1.5 - Departamento de Serviços Gerais.
 - 1.5.1 - Divisão de Zeladoria.
 - 1.5.2 - Divisão de Ornamentação.
 - 1.5.3 - Divisão de Viaturas.
 - 1.5.4 - Divisão de Segurança.
 - 1.5.5 - Divisão de Compras.
 - 1.5.6 - Divisão de Cantina.
- 1.6 - Departamento de Obras e Reparos.
 - 1.6.1 - Divisão de Tesouraria da Construção.

III - Órgãos de Execução.

2 - DIRETORIA GERAL DE EVANGELISMO E MISSÕES

2.1 - Departamento de Evangelização de Deficientes.

**2.1.1 - Divisão de Evangelização de Deficientes
Auditivos.**

**2.1.2 - Divisão de Evangelização de Deficientes
Visuais.**

2.2 - Departamento de Evangelismo.

2.2.1 - Divisão de Concentrações.

2.2.2 - Divisão de Equipamentos.

2.2.3 - Divisão de Literatura e Panfletagem.

2.2.4 - Divisão de Cadastro de Interessados.

2.2.5 - Divisão de Visitação Evangelística.

2.2.6 - Divisão de Culto nos Lares.

2.2.7 - Divisão de Evangelização em Duplas.

2.2.8 - Divisão de Promoções Especiais.

2.3 - Departamento de Integração e Batismos.

2.3.1 - Divisão de Conselheiros.

2.3.2 - Divisão de Recepção de Novos Membros.

2.3.3 - Divisão de Batismos.

2.4 - Departamento de Expansão Missionária.

2.4.1 - Divisão de Congregações.

2.4.2 - Divisão de Mutirões Missionários.

3 - DIRETORIA GERAL DE EDUCAÇÃO E TREI- NAMENTO CRISTÃO

3.1 - Departamento do Culto Infantil.

3.2 - Departamento de Recepção e Introdução.

3.3 - Departamento de Sociabilidade.

**3.3.1 - Divisão de Excursões, Retiros e Acampa-
mentos.**

- 3.3.2 - Divisão de Congraçamentos.
- 3.3.3 - Divisão de Esportes.
- 3.4 - Departamentos de Educação Religiosa.
 - 3.4.1 - Escola Bíblica Dominical.
 - 3.4.2 - Escola de Treinamento.
 - 3.4.3 - Escola de Missões.
 - 3.4.4 - Divisão de Membros.
 - 3.4.5 - Divisão de Equipamentos Didáticos.
 - 3.4.6 - Divisão de Berçário.
 - 3.4.7 - Divisão de Preparo Espiritual.
 - 3.4.8 - Divisão de Células.
- 3.5 - Departamento de Assistência Social.
 - 3.5.1 - Divisão de Saúde.
 - 3.5.2 - Divisão de Cursos.
 - 3.5.3 - Divisão de Orientação.
 - 3.5.4 - Divisão de Beneficência.
- 3.6 - Departamento de Música.
 - 3.6.1 - Divisão de Coros.
 - 3.6.2 - Divisão de Solistas e Grupos Vocais.
 - 3.6.3 - Divisão de Músicos e Instrumentos.
 - 3.6.4 - Divisão de Instrução Musical.
- 3.7 - Departamento de Cultura e Artes.
 - 3.7.1 - Divisão de Biblioteca e Documentação.
 - 3.7.2 - Divisão de Artes.
- 3.8 - Departamento da Juventude.

TÍTULO II

Da Competência dos Órgãos

CAPÍTULO I

Da Assembléia Geral

Art. 6º - À **Assembléia Geral** compete:

- I - Deliberar sobre todos os assuntos pertinentes à igreja.
- II - Dirimir dúvidas sobre a interpretação do Estatuto ou do Regimento Interno, bem como sobre os casos omissos.

Da Comissão de Exame de Contas

Art. 7º - À **Comissão de Exames de Contas** compete:

- I - Atuar no exame de exatidão das contas da Tesouraria e de todos os órgãos que movimentem valores, prestando seu relatório diretamente à Assembléia, por escrito, tomando por base o orçamento e deliberações da igreja.

CAPÍTULO II

Da Diretoria

Art. 8º - À **Diretoria** compete:

- I - Cumprir e fazer cumprir o Estatuto e este Regimento Interno.
- II - Organizar os livros necessários a toda escrituração da igreja .
- III - Zelar pelo patrimônio e por todos os bens da igreja.

Do Presidente

Art. 9º - Ao Presidente compete:

I - Dirigir, orientar, coordenar e supervisionar todas as atividades da igreja, devendo ser informado, previamente quanto a promoções não programadas no calendário anual da igreja.

II - Convocar e dirigir as Assembléias.

III - Representar a igreja ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente.

IV - Assinar as atas das Assembléias depois de aprovadas.

V - Assinar com o 1º Tesoureiro, escrituras de compra e venda, hipotecas, cessões, contratos, sempre mediante autorização da igreja.

VI - Movimentar com o 1º Tesoureiro, contas em estabelecimentos bancários.

VII - Servir como Presidente ex-ofício de todos os órgãos e organizações da igreja.

VIII - Dirigir os cultos e ofícios especiais, casamentos, funerais, etc..

IX - Convidar pregadores e conferencistas para ocasiões especiais, devendo ser consultado previamente quanto a convites a oradores por parte das organizações para eventuais promoções.

X - Prestar toda assistência espiritual aos membros da igreja, quer na saúde quer na doença, visitando, orientando e compartilhando de suas necessidades e desempenhar todas as funções ministeriais conforme a Bíblia.

XI - Encaminhar e supervisionar a aplicação de disciplina aos membros faltosos.

XII - Responsabilizar-se pela publicação do Boletim Dominical e supervisionar quaisquer outras publicações da igreja.

XIII - Representar a igreja nas assembléias convencionais da denominação, sempre com despesas pagas.

XIV - Prestar relatório anual, por escrito, das atividades da igreja em assembléia regular ou extraordinária;

XV - Como extensão do seu ministério poderá participar de atividades denominacionais e atender convites para a realização de séries de conferências ou campanhas, desde que não prejudiquem as atividades da igreja, devendo sempre informar à mesma, com antecedência.

XVI - Admitir e demitir empregados "Ad Referendum" da Assembléia.

Parágrafo único: Os artigos VIII a XV só se aplicam quando o Presidente for o Pastor da igreja.

Art. 10 - Ao Escritório compete:

I - Executar todos os trabalhos de digitação da igreja.

II - Zelar pela preservação de documentos da igreja.

III - Arquivar documentos e correspondência recebidas e expedidas.

IV - Executar outros trabalhos burocráticos e esses sob a coordenação direta do Pastor da igreja.

Art. 11 - Aos 1º e 2º Vice-Presidentes compete:

I - Substituir, observada a precedência, o Presidente nos seus impedimentos ocasionais ou temporais, ressalvada a alínea "a" do Art. 16 do Estatuto.

Art. 12 - Ao 1º Secretário compete:

- I - Redigir e assinar todas as atas das Sessões da igreja.
- II - Organizar a correspondência da igreja e assiná-la.
- III - Manter atualizado o rol de membros da igreja.

Art. 13 - Aos 2º e 3º Secretários compete:

- I - Substituir o 1º Secretário, observada a precedência e substituí-lo em seus impedimentos.

Do 1º Tesoureiro.

Art. 14 - Ao 1º Tesoureiro compete:

- I - Receber os valores da igreja.
- II - Escriturar o livro da tesouraria da igreja.
- III - Efetuar os pagamentos autorizados pela igreja
- IV - Apresentar na Assembléia, o relatório da Tesouraria, mediante balancete do movimento financeiro.
- V - Abrir, movimentar e encerrar contas em estabelecimentos bancários juntamente com o Presidente mediante aprovação da igreja.
- VI - Assinar com o Presidente da igreja, escrituras de compra e venda, hipotecas, cessões, contratos, sempre mediante autorização da Assembléia.

Dos 2º e 3º Tesoureiros.

Art. 15 - Aos 2º e 3º Tesoureiros compete:

- I - Auxiliar ao 1º Tesoureiro, observada a precedência e substituí-lo em seus impedimentos.

CAPÍTULO III

Do Conselho Diaconal

Art. 16 - Ao Conselho Diaconal compete:

I - Atuar com o Pastor, no estudo de assuntos gerais e emergenciais da igreja.

II - Encaminhar ao conselho de planejamento e coordenação, assuntos ligados ao Ministério Pastoral, inclusive sustento.

III - Participar de escalas de serviços semanais e mensais, reunir-se sob a direção do Pastor, antes dos cultos e atuar no recolhimento de dízimos e ofertas e na celebração da Ceia do Senhor.

IV - Apoiar o Pastor na assistência aos membros da igreja.

CAPÍTULO IV

Do Conselho de Planejamento e Coordenação

Art. 17 - Ao Conselho de Planejamento e Coordenação compete:

I - Reunir-se na semana seguinte da eleição para os cargos dos departamentos, comissões, assessorias, divisões, etc, com todos os dirigentes eleitos, para elaborar e aprontar até o dia 5 de dezembro, o calendário anual da igreja.

II - Reunir-se com a Comissão de Planejamento Financeiro para auxiliar esta comissão a elaborar a proposta orçamentária da Igreja para o exercício seguinte, que conte-

rá os programas, planos de ação e projetos e atividades, devendo estar pronto até o dia 5 de dezembro.

III - Reunir-se sempre que necessário para planejar, coordenar e avaliar o desenvolvimento dos programas, planos de ação e projetos e atividades dos vários órgãos da estrutura orgânica da igreja, com vistas ao perfeito aproveitamento das possibilidades espirituais, humanas e materiais, para levar a igreja ao completo desempenho de suas funções, evitando as superposições.

IV - Sugerir o preenchimento de cargos vagos durante o ano.

V - Levar ao Conselho de Obreiros Líderes, após estudo, os pleitos do Conselho Diaconal e demais órgãos integrantes da Estrutura orgânica da Igreja.

CAPÍTULO V

Do Conselho de Obreiros

Art. 18 - Ao Conselho de Obreiros compete:

I - Avaliar o cumprimento de todos os projetos e atividades da igreja.

II - Receber os pareceres do Conselho de Planejamento e Coordenação.

III - Oferecer subsídios para a solução de eventuais problemas.

IV - Elaboração da agenda para as Assembléias da Igreja, juntamente com o Pastor.

CAPÍTULO VI

Da Comissão de Indicações

Art. 19 - À Comissão de Indicações compete:

I - Estudar a atuação dos ocupantes dos cargos da administração da igreja e propor à Assembléia os nomes para ocupar os cargos no exercício subsequente.

II - Indicar sempre que possível, para cargos técnicos os membros portadores dos respectivos títulos, ou que possuam vivência prática no assunto.

CAPÍTULO VII

Da Comissão de Planejamento Financeiro

Art. 20 - À Comissão de Planejamento Financeiro compete:

I - Elaborar a proposta orçamentária, em acordo com o Conselho de Planejamento e Coordenação, tendo o assessoramento do Departamento de Finanças;

II - A proposta orçamentária será semestral e reajustada sempre que houver reajuste do salário mínimo ou mudança expressiva da arrecadação, ou outro evento econômico-financeiro;

III - A proposta orçamentária estima a receita e fixa a despesa e será elaborada a partir dos programas e sub-programas do Conselho de Planejamento e Coordenação e projetos e atividades dos demais órgãos que serão entregues ao Conselho no prazo solicitado.

- IV - Autorizar despesas não previstas;
- V - Elaborar Plano de Contas compatível com as necessidades de controle econômico-financeiro e orçamentário, que será obedecido pelo Departamento de Finanças.
- VI - Outras atividades inerentes à sua função.

CAPÍTULO VIII

Da Comissão de Programas Especiais

Art. 21 - À Comissão de Programas Especiais compete:

I - Planejar e coordenar as programações das comemorações especiais da igreja como: dias das mães, dos pais, das crianças, do Pastor, aniversário da igreja, Natal, Páscoa e outras que lhe forem atribuídas. Seu trabalho será desenvolvido junto às várias organizações da igreja, que na pessoa de seus presidentes e diretores são seus assessores, visando a unidade e uniformidade nas referidas comemorações, podendo solicitar de qualquer destes ou de outros para a consecução dos seus objetivos.

II - Providenciar hospedagem, alimentação e transporte para convidados especiais da igreja.

CAPÍTULO IX

Da Comissão de Acompanhamento de Estudantes do Ministério

Art. 22 - À Comissão de Acompanhamento de Estudantes compete:

I - Selecionar e orientar candidatos ao Ministério, segundo os “Critérios para Recomendação de Membros da Igreja às Instituições de Ensino Teológico e para Concessão de Bolsas de Estudos” a seguir:

1. Os irmãos interessados em cursarem instituições de ensino teológico encaminharão pedidos por escrito à igreja, com antecedência mínima de noventa dias do início do ano letivo.

2. Os pedidos serão estudados pela Comissão, sob a orientação do Pastor da igreja, a qual encaminhará parecer à Assembléia.

3. Os candidatos deverão preencher os requisitos básicos e indispensáveis:

- Comprovada experiência de conversão e chamada.
- Amadurecimento na vida cristã e firmeza doutrinária.
- Serem batizados no mínimo há dois anos.
- Demonstrarão amor pelos perdidos.
- Estarem integrados nas atividades da igreja.
- Possuírem capacidade de liderança e espírito de cooperação.
- Serem dizimistas fiéis.
- Demonstrarão uma vida de íntima comunhão com Deus.
- Terem um bom testemunho cristão.

4. Os irmãos que não preencherem os requisitos acima, deverão passar um ano em experiência objetivando sua recomendação pela igreja.

5. Para os irmãos que se tornarem membros da igreja por carta de transferência e para os irmãos que se recon-

ciliarem, será exigido vinculação mínima de 12 (doze) meses, e a comprovação dos requisitos acima.

6. A igreja ao recomendar os candidatos não se responsabiliza, diretamente, pelo apoio financeiro.

7. A igreja concederá apoio financeiro somente a estudantes que trabalhem com a igreja e que solicitarem esse apoio.

8. A Comissão, juntamente com o Pastor, estudará o apoio financeiro individualmente.

9. A continuação do apoio financeiro dependerá dos seguintes pontos:

- Do aproveitamento dos estudos.
- Dos aspectos da vida acadêmica.
- Dos aspectos da vida espiritual.
- Da sua cooperação com a igreja.

10. Os estudantes deverão apresentar, semestralmente, um relatório de suas atividades à Comissão, referente à sua vida acadêmica e eclesiástica.

11. Os estudantes atuarão sob a orientação do Pastor da igreja, que procurará integrá-los, de acordo com as necessidades do trabalho.

12. As recomendações serão avaliadas anualmente.

13. Todos os acadêmicos de Teologia deverão apresentar as informações necessárias à Comissão, bem como participar das reuniões para as quais forem convidados.

14. A igreja também recomendará (às Instituições de Ensino Teológico) os irmãos que desejarem aprimorar seus conhecimentos teológicos, com o objetivo de melhor servir o Senhor, mesmo que não possuam uma vocação específica para o pastorado ou para missões.

15. Os casos omissos serão estudados pela Comissão, sob a orientação do Pastor, a qual os encaminhará à igreja.

CAPÍTULO X

Da Assessoria de Comunicação Social

Art. 23 - À Assessoria de Comunicação Social compete:

I - Planejar, coordenar, executar e avaliar as atividades de Comunicação Social no âmbito da igreja.

II - Promover a divulgação interna e externa dos trabalhos da igreja através de: Boletim dominical e outras publicações.

III - Divulgação através dos jornais, rádio, televisão e internet.

IV - Cuidar da sinalização gráfica da igreja e da programação visual, inclusive quadros de avisos e murais.

V - Auxiliar o Conselho de Planejamento na impressão e distribuição do Relatório Anual.

VI - Elaborar um programa de relações públicas.

CAPÍTULO XI

Da Assessoria Jurídica

Art. 24 - À Assessoria Jurídica compete:

I - Ajudar a igreja no encaminhamento de assuntos jurídicos e aos membros carentes como extensão de sua ação social, dentro de suas possibilidades.

CAPÍTULO XII

Da Diretoria Geral de Administração

Art. 25 - À Diretoria Geral de Administração compete:

- O planejamento e organização, a direção, a coordenação e o controle das atividades de administração de pessoal, patrimônio de bens móveis e imóveis, financeira, contábil, de material, transportes e comunicações administrativas e apropriação de custos. Terá Departamentos e Divisões, com as competências seguintes:

Art. 26 - Ao Departamento de Finanças compete:

I - Coordenar toda a escrituração da igreja, que será feita através do contador ou escritório de contabilidade.

II - Cuidar da execução orçamentária, controlando-a.

III - Auxiliar o Tesoureiro e a Comissão de Planejamento Financeiro, observando o seguinte:

1. A receita da igreja será constituída de dízimos e ofertas dos seus membros ou de terceiros, cuja origem seja compatível com os princípios do evangelho e constituirão donativo cuja restituição não poderá ser reclamada a qualquer título e só poderá ser aplicada na consecução dos seus fins no território nacional.

2. A movimentação dos recursos da igreja será por intermédio da Tesouraria Única, por onde deverão tramitar os dízimos, ofertas regulares, ofertas missionárias e quaisquer outros valores arrecadados.

3. Os dízimos e ofertas serão levantados, como ato de adoração, nos cultos dominicais, matutinos e noturnos, através de envelopes individuais, como também por meio do gazofilácio.

4. Uma comissão especial de contagem de valores, indicada pelo Departamento Geral de Administração procederá a contagem e conferência de todos os valores recolhidos nos cultos e gazofilácio transferido-os ao Tesoureiro da igreja, mediante recibo.

5. A Tesouraria da igreja encerrará o movimento mensal no último dia do mês.

6. As ofertas missionárias serão levantadas por intermédio das organizações ligadas ao programa de educação religiosa, assessoradas pelos professores da E.B.D. que encaminhará os valores imediatamente, após receberê-los, à Comissão de Contagem, que os transferirá à Tesouraria da igreja.

7. Obediência ao orçamento anual, elaborado pela Comissão de Planejamento Financeiro e aprovado pela Assembléia, provisionando o funcionamento harmonioso e equilibrado da igreja e de suas organizações internas.

8. As missões e Divisão de Obras e Reparos e Serviços gerais terão tesourarias auxiliares efetuando as despesas autorizadas pela igreja, dentro de critérios estabelecidos, encaminhando, mensalmente, toda a documentação e livros para os competentes registros pela Tesouraria da igreja.

9. Será proibido qualquer tipo de levantamento de recursos financeiros para fins especiais por organizações internas, missões, membros da igreja ou pessoas estranhas, sem autorização expressa da Assembléia, ouvida a Comissão de Planejamento Financeiro.

10. Toda a arrecadação será depositada nos bancos

autorizados, no primeiro dia útil seguinte ao seu recebimento.

11. Será vetado à igreja receber doações Governamentais.

Art. 27 - À Divisão de Escrituração compete:

- Executar toda a escrituração contábil da igreja.

Art. 28 - À Divisão de Controle e Tesouraria compete:

I - Executar todos os pagamentos e recebimentos da igreja.

II - Manter o controle de todas as despesas e receitas de acordo com o planejamento financeiro.

III - Fazer o controle orçamentário e patrimonial

Art. 29 - Ao Departamento de Patrimônio compete:

I - Promover o cadastramento periódico e anual dos bens móveis e imóveis da igreja.

II - Controlar os bens patrimoniais, inclusive quanto aos responsáveis por sua utilização.

III - Processar a avaliação dos bens existentes, bem como das depreciações cabíveis.

IV - Propor a venda de materiais, obsoletos ou imprestáveis, observando as resoluções pertinentes.

V - Fornecer subsídios ao órgão próprio de contabilidade para a escrituração do movimento patrimonial da igreja.

VI - Organizar e manter atualizado o cadastro dos

bens móveis e imóveis, proceder à sua avaliação periodicamente, em função das suas características e das condições vigentes de preços.

VII - Proporcionar subsídios para normalização de tombamento, classificação, levantamento, inscrição e baixa de bens.

VIII - Promover, na forma da legislação em vigor, a realização de seguros de bens móveis e imóveis, visando a resguarda e a preservar a integridade do seu patrimônio.

IX - Exercer outras atividades pertinentes à sua área de competência e observar o seguinte:

1. O patrimônio da igreja será constituído de doações, legados, bens móveis e imóveis que serão registrados em seu nome e só poderão ser utilizados na consecução dos seus fins no território nacional.

2. A administração da igreja manterá rigoroso controle, através de inventário patrimonial, dos bens móveis e imóveis e sua conservação, dentro das finalidades que motivarem a sua aquisição.

3. Nenhum pertence da igreja poderá ser retirado de suas dependências, a qualquer título, sem a expressa autorização do Presidente, ou do Assistente Administrativo, devendo ser assinado termo de responsabilidade para assegurar a sua devolução em perfeito estado de conservação.

4. A transferência de imóveis, por doação às Igrejas-Filhas, só poderá acontecer, no mínimo, um ano depois da organização da respectiva igreja, observadas as seguintes exigências:

- a) Solicitação expressa da igreja em assembléia, com a respectiva cópia da ata, assinado pelo Presidente e Secretário.
- b) Comprovada a capacidade jurídica da igreja, mediante apresentação de estatuto registrado e cartão do CNPJ do Ministério da Fazenda.
- c) Inclusão no texto da escritura de doação de “Cláusula de garantia” que assegure a utilização exclusiva dos imóveis para fins religiosos, dentro dos princípios denominacionais.
- d) A inobservância da “Cláusula de Garantia” implicará no retorno da propriedade à igreja doadora, sem nenhum tipo de indenização por benfeitorias feitas no imóvel.

5. A aquisição, alienação ou hipoteca de bens móveis e imóveis só poderá acontecer com a expressa autorização da Assembléia, de conformidade com o estatuto.

6. Será vedado à igreja receber doações governamentais.

7. Os membros da igreja não participam como proprietários do seu patrimônio.

8. A qualquer momento o diretor do Departamento poderá verificar se os bens móveis sob responsabilidade de outros departamentos estão sendo bem cuidados, e se estão sendo usados dentro das finalidades estatutárias.

Art. 30 - Ao Departamento de Audiovisuais compete:

I - Operar os sistemas audiovisuais da igreja e mantê-los em perfeito funcionamento.

II - Fazer escala do pessoal para operar os sistemas.

III - Testar com antecedência o sistema para detecção e correção de defeitos.

IV - Observar o seguinte: todos os aparelhos e equi-

pamentos da igreja só poderão sair para conserto ou outra finalidade, com autorização por escrito do responsável, com visto do Presidente ou do Assistente Administrativo.

Art. 31 - Ao Departamento de Recursos Humanos compete:

I - Manter atualizadas as anotações nas carteiras profissionais e nos livros de registro de empregados.

II - Pronunciar-se nos pedidos de férias e outros benefícios.

III - Receber e controlar a escala de férias em acordo com o Presidente.

IV - Elaborar os dados para confecção da folha de pagamentos.

V - Exercer outras atividades inerentes à sua área de competência.

Art. 32 - Ao Departamento de Serviços Gerais compete:

- Planejar, coordenar e comandar os serviços de zeladoria, ornamentação, viaturas, segurança, compras e cantina em perfeita harmonia e sob a supervisão do Presidente da igreja.

Art. 33 - À Divisão de Zeladoria compete:

I - Executar os serviços de limpeza e vigilância das dependências, móveis e utensílios da igreja.

II - Terá cargos remunerados de zelador de acordo com as necessidades de serviço e de acordo com a legislação em vigor.

III - O zelador obedecerá o seguinte contrato:

Contrato entre zelador e igreja:

Fica determinado que, para conveniência da igreja e do zelador, será preparado um contrato de trabalho dentro das exigências das leis trabalhistas, podendo ser rescindido, desde que não sejam observadas as cláusulas de contrato em tese descritas neste regimento a saber:

Atribuições do zelador:

- Limpar o assoalho, varrer, esfregar, aspirar o pó do chão e dos tapetes, passar pano e encerar com a necessária freqüência para garantir a limpeza de todas as dependências da igreja. Estar sempre alerta com relação à segurança das pessoas.
- Limpar as portas e janelas de vidro conforme a necessidade.
- Esvaziar os cestos de papéis usados e colocá-lo à disposição dos veículos de limpeza urbana.
- Limpar e espanar as paredes, tabiques, móveis e guarnições conforme a necessidade. Retirar teias de aranha e poeira dos cantos superiores e do teto.
- Lustrar móveis e letreiros, lubrificar dobradiças.
- Cuidar para que os ventiladores ou ar condicionado estejam em perfeito estado e ligá-los ou desligá-los conforme a temperatura ambiente. Economizar quanto possível no funcionamento destes.
- Ligar e desligar as lâmpadas. Economizar é a palavra de ordem. Manter suprimento de velas e lampiões a gás para o caso de falta de energia.
- Manter os encanamentos e outras instalações em perfei-

to funcionamento, e informar ao Diretor de Serviços Gerais qualquer problema.

- Examinar os botijões de gás regularmente para assegurar suprimento de combustível.

- Assinar contrato de locação quando for residir em imóvel da igreja comprometendo-se a cumprir as cláusulas acima sob pena de perder a locação, além do emprego.

- Fica proibido peremptoriamente o zelador trabalhar em qualquer serviço fora de seu horário estipulado em contrato de trabalho.

- Manter os banheiros limpos, esterilizados e agradáveis.

- Conservar o berçário limpo, esterilizado, incluindo camas, roupa de cama, brinquedos assim por diante.

- Manter os suprimentos necessários no depósito da zeladoria, nos banheiros e na cozinha:

- Sapóleo, vassouras, bombas desobstruidoras, sabão, toalhas, papel higiênico, cestos de papéis usados, etc.

- Mudar móveis, arranjar salas de aula e auditório para as atividades de educação religiosa. Desmanchar escritos esquecidos nos quadros de giz.

- Observar o calendário de atividades com referência às reuniões da igreja e fazer os preparativos necessários para todas essas ocasiões bem como para acontecimentos extraordinários como casamentos, funerais e outros.

- Prestar serviço no caso de festas ou reuniões de grupos externos em que haja necessidade.

- Preparar o batistério para os cultos batismais. Esvaziá-lo e limpá-lo quando necessário.

- Colocar água nas flores do santuário. Dispor delas como conveniente.

- Manter em estado limpo e agradável as áreas livres da igreja.
- Durante o período de construção, ajudar no que for possível, sem prejudicar suas obrigações principais.
- Anotar irregularidades no caderno para isto destinado.
- Abrir e fechar o templo nos horários de trabalhos.
- Não hesitar em apresentar sugestões. Estar alerta pra informar ao diretor sobre necessidades ou queixas.

Normas Gerais

- Não emprestar material algum da igreja sem o consentimento do Presidente ou do diretor de serviços gerais.
- Não fazer qualquer pagamento ou empréstimo sem autorização por escrito do diretor de serviços gerais, Pastor ou diretor do Departamento de Planejamento e Controle Financeiro.
- Não abrigar pessoas desconhecidas. Não conceder hospedagem a pessoas e ou grupos sem autorização expressa do Diretor do Departamento de Serviços Gerais.
- O zelador terá sua mesa de trabalho juntamente com o telefone, em local designado pelo Diretor de Serviços Gerais, onde estará a disposição dos interessados.
- Restaurar a aparência do santuário após os cultos, endireitando os hinários e Bíblias nos escaninhos, removendo boletins esquecidos, coletando os papéis do chão.
- Retirar dos quadros de aviso anúncios desatualizados. Desmanchar escritos feitos nas paredes e avisar o diretor de serviços gerais no caso de aparecimento freqüente desses escritos.
- Estar atento para os primeiros sinais de perigo de destruição de móveis e equipamentos, como: lasca de

madeira arrebitada em móveis, descoseduras em cortinas, parafusos frouxos.

- Substituir lâmpadas queimadas e interruptores falhos quando necessário e fazer outros pequenos reparos e manutenção.

- Saber manejar as mangueiras nas caixas de incêndio e examinar sempre se elas estão em boas condições de funcionamento.

- Saber manejar o extintor de incêndio no caso de este se manifestar.

- Não permitir o uso do telefone a não ser em casos de emergência. O usuário que utilizar o DDI ou DDD ficará com a responsabilidade de pagar a taxa.

Art. 34 - À Divisão de Ornamentação compete:

I - Ornamentar o santuário de acordo com as necessidades do culto a ser realizado.

II - Executar outras atividades dentro de sua área de competência.

Art. 35 - À Divisão de Viaturas compete:

- Manter em bom estado as viaturas da igreja, obedecendo as seguintes normas:

1. Finalidades

1. Servir ao trabalho de evangelização da igreja, envolvendo locomoção de pessoas para cultos domiciliares, pontos de pregação e congregações, divulgação de demais esforços que resultem na expansão do programa evangelístico.

2. Poderá ser utilizada no serviço social mantido pela igreja.

3. Sem prejuízo da evangelização, as viaturas poderão ser utilizadas para outras atividades da igreja, a critério e sob a supervisão do Pastor.

2. Critério de utilização

1. As viaturas deverão atuar, sob a coordenação do Departamento de Evangelismo, para programações evangelísticas, a quem competirá estudar cada programação.

2. Só poderão ser dirigidas por um motorista habilitado, comprovadamente capaz e responsável.

3. A utilização de qualquer viatura será solicitada em função das necessidades do trabalho, com a devida antecedência.

4. Prioritariamente, as viaturas servirão às atividades evangelísticas da igreja. Para a sua utilização em outras áreas, de acordo com os itens 1.2 e 1.3, estará sob a coordenação do Pastor. Na sua ausência ou impedimento, o Assistente Administrativo estará responsável por esses casos.

5. O Departamento de Evangelismo apresentará previamente à igreja seu planejamento de trabalho com o envolvimento das viaturas.

6. As viaturas serão guardadas na igreja e jamais devem ficar sem a cobertura de uma companhia de seguros.

7. A manutenção será feita por verba orçamentária, mediante apresentação de comprovantes de despesas, seguindo as normas existentes no Departamento de Finanças.

8. O Departamento de Serviços Gerais sob a orientação do Pastor, indicarão os responsáveis a quem caberão a tarefa da direção e conservação dos veículos em questão.

8.1 - Na emergência de impossibilidade dos responsáveis pela utilização das viaturas, será indicado um outro a critério do Pastor da igreja.

3. Responsabilidade

1. Manter a documentação dos veículos em perfeita ordem e jamais devem ficar sem a cabertura de uma companhia de seguro.

2. Em hipótese alguma, ultrapassar a velocidade de 80km, permitida em lei, ou 60km, dentro do perímetro urbano. Proibido furar sinal vermelho e passar acima da velocidade em lombadas eletrônicas.

3. No caso de multas, será responsabilizado o condutor do veículo.

4. Em hipótese alguma, transferir a responsabilidade da direção de veículo a outra pessoa.

5. Não ultrapassar a lotação em hipótese alguma.

6. Manter a viatura em perfeitas condições de funcionamento, incluindo troca de óleo, revisões, lavagens, etc...

7. Caberá ao Assistente Administrativo e o Diretor de Patrimônio a observância destes critérios de responsabilidade.

8. Os casos omissos serão resolvidos pelos Diretores de Evangelismo e Serviços Gerais, com o Pastor.

Art. 36 - À Divisão de Segurança compete:

I - Planejar e coordenar e executar toda a segurança física dos membros e visitantes da igreja.

II - Promover dentro do possível o serviço de vigilância e segurança de todos os bens móveis da igreja e dos seus membros e visitantes.

III - Promover a vigilância dos automóveis dos membros e visitantes da igreja.

IV - Em caso de sinistros, comunicar-se com as entidades competentes (bombeiros) e providenciar o início do combate a fogo com os equipamentos disponíveis.

Da Divisão de Compras

Art. 37 - À Divisão de Compras compete:

I - Promover cadastro de fornecedores da igreja.

II - Fazer tomada de preços de materiais ou serviços solicitados pelo Assistente Administrativo.

III - Comprar de acordo com as normas estabelecidas os materiais que forem autorizados.

IV - Executar outras atividades dentro de sua área de competência.

Art. 38 - À Divisão de Cantina compete:

I - Fornecer lanches etc, nos horários e dias de semana estabelecidos pela igreja.

II - Mensalmente prestará contas ao Departamento de Serviços Gerais a quem é vinculada, que encaminhará a Comissão de exame de contas.

Art. 39 - Ao Departamento de Obras e Reparos compete:

- Planejar e fiscalizar obras e reparos aprovados pela igreja, inclusive das congregações.

Da Divisão de Tesouraria da Construção

Art. 40 - À Divisão de Tesouraria da Construção compete:

I - Escriturar e controlar todos os recebimentos e pagamentos das obras.

II - Fazer pagamentos dos materiais, obras e serviços prestando contas mensalmente ao Departamento de Finanças.

CAPÍTULO XIII

Da Diretoria Geral de Evangelismo e Missões

Art. 41 - À Diretoria Geral de Evangelismo e Missões compete:

- Planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades ligadas ao programa externo de evangelização e missões da igreja, coordenando as atividades de seus departamentos e estimulando todos os membros na realização da obra de evangelização e missões, nas adjacências do bairro, por toda a cidade e em quaisquer outras localidades, onde se abrirem oportunidades efetivas, cumprindo o “ide” de Jesus. Terá Departamento e Divisões com as competências seguintes:

Art. 42 - Ao Departamento de Evangelização de deficientes compete:

- Planejar, coordenar e executar a evangelização de cegos, surdo-mudos etc...

Art. 43 - À Divisão de Evangelização de deficientes auditivos compete:

- Executar a evangelização de surdo-mudos.

Art. 44 - Ao Departamento de Evangelismo compete:

- Executar as atividades ligadas ao programa externo da evangelização.

Art. 45 - À Divisão de Concentrações compete:

- Planejar, organizar, coordenar e estimular a realização de cultos evangelísticos em logradouros públicos.

Art. 46 - À Divisão de Equipamentos compete:

- Planejar e operar os equipamentos necessários para o apoio à Divisão de Concentrações, especialmente o sistema de som portátil.

Art. 47 - À Divisão de Literatura e Panfletagem compete:

- Coordenar a aquisição e distribuição externa de literatura evangelística, fornecendo-a também às demais organizações e membros da igreja.

Art. 48 - À Divisão de Cadastro de Interessados compete:

- Manter um cadastro atualizado de pessoas interessadas no Evangelho que desejam visitas, através do cartão de visitantes, que será distribuído nos cultos.

Art. 49 - À Divisão de Visitação Evangelística compete:

- Visitar as pessoas interessadas no evangelho.

Art. 50 - À Divisão de Culto nos Lares compete:

- Planejar e coordenar a realização de cultos nos lares de membros da igreja e de pessoas interessadas no evangelho.

Art. 51 - À Divisão de Evangelização em Células compete:

- Planejar e coordenar essa modalidade de evangelização.

Art. 52 - À Divisão de Promoções Especiais compete:

I - Coordenar a realização de séries de conferências e/ou campanhas, providenciando, cartazes, faixas, convites e divulgações, através dos meios de comunicação disponíveis.

II - Atuar em programas evangelísticos em escolas, hospitais, presídios e canteiros de obras de empresas construtoras.

III - Coordenar a realização de excursões evangelísticas, simpósios, institutos de evangelismo e cursos para pregadores leigos.

Art. 53 - Ao Departamento de Integração e Batismos compete:

- Planejar e coordenar a assistência e orientação aos novos convertidos e recuperação de excluídos.

Da Divisão de Conselheiros

Art. 54 - À Divisão de Conselheiros compete:

I - Assistir aos recém convertidos em trabalhos internos ou externos, anotando em ficha própria suas decisões.

II - Visitar para apoiar os recém convertidos e recuperação de excluídos.

III - Esta Divisão estará sempre sob a coordenação do Pastor da igreja ou de alguém por ele designado.

Art. 55 - À Divisão de Recepção de Novos Membros compete:

- Dar assistência e orientação aos novos convertidos, através de reuniões, visitações e encaminhamento às classes de doutrinamento, acompanhando o seu desenvolvimento até estarem prontos para o batismo.

Art. 56 - À Divisão de Batismos compete:

- Orientar os candidatos ao batismo, preparando-os com a devida antecedência, mantendo em perfeita ordem, os vestiários, roupas, toalhas, etc.
- Haverá setores masculino e feminino.

Art. 57 - Ao Departamento de Expansão Missionária compete:

I - Planejar e coordenar os trabalhos fixos e existentes, missões e frentes missionárias, visando a consolidação e abertura de novas frentes em locais estratégicos, onde haja possibilidade de implantação de novas Igrejas.

II - Sugerir a aquisição de propriedades para a construção de templos ou aluguel de salões.

CAPÍTULO XIV**Da Diretoria Geral de Educação Cristã****Art. 58 - A Diretoria Geral de Educação Cristã**

- Planejar e coordenar o programa de Educação Cristã da Igreja através dos organismos de ensino e treinamento, a fim de capacitar melhor o crente para “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Terá Departamentos e Divisões com as competências seguintes:

Art. 59 - Ao Departamento do Culto Infantil compete:

- Planejar, coordenar e ministrar o culto dominical para crianças de 2 a 9 anos de idade.

Art. 60 - Ao Departamento de Recepção e Introdução compete:

I - Orientar os membros e visitantes para a entrada no salão de cultos.

II - Encaminhar os retardatários para os lugares vagos.

III - Retirar pessoas inconvenientes ou que tenham mal súbito no salão encaminhando neste caso ao ambulatório ou a um hospital.

IV - Proceder a entrega do cartão de visitantes de 1^a vez que será preenchido à entrada do templo pelos mesmos, devendo os cartões serem entregues ao Pastor para o anúncio da presença.

Art. 61 - Ao Departamento de Sociabilidade compete:

I - Planejar e coordenar as excursões, intercâmbios, retiros e acampamentos da igreja.

II - Assessorar as organizações da igreja neste mister;

III - Promover e estimular eventos esportivos.

Art. 62 - À Divisão de Excursões, Retiros e Acampamentos compete:

- Organizar e coordenar as excursões, intercâmbios, retiros e acampamentos da igreja.

Art. 63 - À Divisão de Congraçamento compete:

- Planejar e coordenar os intercâmbios com outras Igrejas da mesma fé e ordem e os lanches, almoços ou jantares de confraternização da igreja.

Art. 64 - À Divisão de Esportes compete:

I - Planejar e coordenar eventos esportivos.

II - Promover o interesse dos jovens pelo esporte, como forma de aprimoramento corporal e espiritual, enfatizando o altruísmo e o sentido de equipe nas disputas.

Art. 65 - Ao Departamento de Educação Religiosa compete:

I - Coordenar e manter o programa de Educação Cristã da Igreja em harmonia com os setores envolvidos no assunto: Escola Bíblica Dominical, Escola de Treinamento, Sociedade Feminina Missionária, Sociedade Masculina Missionária.

II - Examinar currículos propostos pela Denominação e, quando necessário, elaborar outros que atendam às exigências da igreja.

III - Planejar simpósios, seminários e reuniões periódicas de adestramento, visando capacitar a liderança envolvida na área de educação cristã.

IV - Prover material didático e pedagógico (revistas, giz, apagadores, publicações, computadores, impressoras, etc).

V - Promover campanhas de mordomia, supervisionar a observância da fidelidade dos membros da igreja na prática da mordomia no que se refere a dízimos e ofertas;

VI - Promover cursos de preparação para o casamento e encontros de casais.

VII - Assessorar o Departamento de Evangelismo e Missões na integração dos novos convertidos, através de classes de doutrinas.

VIII - Promover a realização de Colônia de Férias, na sede, nas missões e frentes missionárias, em cooperação com o Departamento de Evangelismo:

IX - Supervisionar a distribuição dos membros da igreja, pelas várias organizações internas, de acordo com a sua faixa etária.

X - Promover campanhas missionárias.

Art. 66 - Escola Bíblica Dominical

- Cuidar da ministração do ensino bíblico, visando a edificação dos crentes, envolvendo todas as faixas etárias, e da evangelização dos seus alunos não crentes. Terá as seguintes divisões:

Principiantes, 4 e 5 anos; Primários, 6 a 8 anos; Juniores, 9 a 11 anos; Adolescentes, 12 a 17 anos; Jovens, após 18 anos; Adultos (após o casamento ou depois de 35 anos de idade); Divisão de Doutrina para novos crentes.

Art. 67 - Escola de Treinamento

- Cuidar da ministração da educação cristã, procurando aplicar os ensinos bíblicos à prática, no desenvolvimento de talentos e adestramento dos membros da igreja, atingindo todas as faixas etárias, obedecendo às seguintes divisões:

União de Juniores, 9 a 11 anos; União de Adolescentes, 12 a 17 anos; Uniões de Mocidade, após 18 anos; União Integração, composta de unionistas recém-casados, até 33 anos de idade; União de Adultos, a partir de 33 anos, podendo participar casados, de menor faixa etária.

Art. 68 - Escola de Missões

- Cultivar no espírito missionário e cooperar com o trabalho da igreja através de seus vários grupos e organizações.

Art. 69 - À Divisão de Membros compete:

I - Supervisionar todo trabalho de movimento de membros da igreja.

II - Manter cadastro atualizado de todos os membros da igreja para distribuição por faixa etária na EBD e outras organizações.

III - Trabalhar em comum acordo com os Secretários da igreja.

Art. 70 - À Divisão de Equipamentos Didáticos compete:

- Prever e prover material didático e pedagógico (revistas, apostilhas, livros, mapas, quadros de giz, flanelógrafos, retroprojetores, microcomputadores, impressoras, etc.) para as organizações.

Art. 71 - À Divisão de Berçário compete:

Responsabilizar-se pela manutenção do berçário durante o funcionamento das atividades regulares e especiais da igreja, mantendo em perfeita ordem os seus equipamentos, bem como implantando um fichário de crianças e respectivos pais. O Diretor dessa divisão fará escala de responsáveis para o atendimento semanal.

I - Manter em funcionamento o berçário da igreja para crianças até 3 anos.

II - Fazer escala de responsável para o atendimento semanal.

Art. 72 - Ao Departamento de Assistência Social compete:

Planejar o trabalho assistencial, primordialmente dos membros da igreja e de outros necessitados como expressão de amor e objetivo de evangelização.

Art. 73 - À Divisão de Saúde compete:

I - Fazer escala do médico de plantão durante os cultos semanais, e de enfermeiro.

II - Divulgação de campanhas de vacinação.

III - Encaminhar pessoas necessitadas aos hospitais.

Art. 74 - À Divisão de Cursos compete:

- Coordenar a realização de cursos profissionalizantes, alfabetização de adultos e outros ao seu alcance.

Art. 75 - À Divisão de Orientação compete:

I - Ajudar no encaminhamento de pessoas a asilos, orfanatos, creches, etc.

II - Informar quanto à possibilidade de empregos, concursos públicos e assistência jurídica, etc.

Art. 76 - À Divisão de Beneficência compete:

- Coordenar a distribuição de roupas, alimentos, agasalhos, dentro de suas disponibilidades e o atendimento de funerais de pessoas carentes.

Art. 77 - Ao Departamento de Música compete:

I - Coordenar o programa musical da igreja.

II - Coordenar a aquisição de materiais, partituras, instrumentos e uniformes.

III - Organizar biblioteca especializada em partituras.

IV - Dar orientação e iniciação musical, cultivar o cântico congregacional, assessorar os coros, conjuntos, solistas, e instrumentistas no desempenho de suas funções.

V - Coordenar as escalas para os cultos semanais e ocasiões especiais.

Art. 78 - À Divisão de Coro compete:

I - Coordenar os coros existentes, apoiando os seus respectivos dirigentes e maestros.

II - Incentivar o surgimento de novos grupos corais.

Art. 79 - A Divisão de Grupos e Solistas Vocais
compete:

I - Coordenar os solistas, duplas, trios, quartetos etc.

II - Incentivar o surgimento de novos talentos.

Art. 80 - A Divisão de Músicos e Instrumentos
compete:

I - Coordenar os pianistas, organistas e outros músicos
da igreja além dos regentes.

II - Fazer escala dos músicos e regentes para os cultos.

III - Coordenar o uso dos instrumentos e zelar pela sua
conservação.

IV - Incentivar a criação de grupos e solistas instru-
mentais.

Art. 81 - À Divisão de Instrução Musical compete:

I - Ministrar cursos de canto, regência, teoria musical,
piano, órgão etc.

II - Incentivar o surgimento de novos talentos.

III - Promover concertos e festivais de música sacra.

Art. 82 - Ao Departamento de Cultura e Artes com-
pete:

I - Promover e estimular a realização de atividades cul-
turais e artísticas da igreja.

- II - Assessorar as organizações nas suas programações do setor.
- III - Promover comemorações de datas cívicas.
- IV - Organizar e manter uma biblioteca com centro de documentação.
- V - Manter representantes junto aos órgãos de publicações Evangélicas.

Art. 83 - À Divisão de Biblioteca e documentação compete:

- I - Organizar e manter uma biblioteca com um centro de documentação.
- II - Incentivar uma boa leitura e pesquisa bíblica.

Art. 84 - À Divisão de Artes compete:

- I - Seleção e exibição de filmes que contribuam para o aprimoramento espiritual e cultural dos crentes.
- II - Selecionar e ensaiar peças teatrais para evangelização ou recreação cristã.
- III - Promover exposições culturais.
- IV - Incentivar a arte de escrever e declamar poesias.

Art. 85 - Ao Departamento da Juventude compete:

- I - Planejar e Coordenar todos os trabalhos da mocidade, no sentido de aproveitar a energia e competência dos jovens, para a expansão do reino de Deus na terra, através da igreja.
- II - Organizar o Culto Jovem.
- III - Promover a integração dos jovens.

Da Divisão de Culto Jovem

Art. 86 - À Divisão de Culto Jovem compete:

- I - Planejar e dirigir o Culto Jovem.
- II - Ganhar jovens para Cristo através do testemunho de que o jovem pode realizar-se nos trabalhos e divertimentos Cristãos.
- III - Organizar o “grande encontro jovem anual!”

TÍTULO III

Dos Dirigentes e seus Colaboradores

CAPÍTULO ÚNICO

Dos Dirigentes e seus Colaboradores

Art. 87 - Os cargos integrantes da estrutura da igreja serão dirigidos:

- I - À Presidência da Assembléia pelo Pastor da Igreja, quando este for o presidente.
- II - À Comissão de Exame de Contas, por um relator, um vice-relator e no mínimo três vogais.
- III - À Diretoria da igreja:

- 1) Por um Presidente, que poderá ser o Pastor da igreja, e mais os seguintes membros:
 - 2) 1º e 2º Vice-Presidentes; 1º, 2º e 3º Secretários e 1º, 2º e 3º Tesoureiros.

IV - O Escritório, por um Auxiliar administrativo e Auxiliares de Escritório Remunerados.

V - O Conselho Diaconal, por um Presidente e um Vice-Presidente e demais diáconos.

VI - O Conselho de Planejamento e Coordenação, por um Presidente que será sempre o 1º Vice-Presidente da igreja; um Vice-Presidente, e membros que são, os Diretores-Gerais, o relator da Comissão de Planejamento Financeiro, os Diretores dos Departamentos de Evangelismo, Educação Religiosa, Serviços Gerais e Obras e Reparos. Todas as demais comissões, Assessorias, Departamentos, Divisões e organizações da igreja são seus Assessores, podendo ser convocados para colaborar.

VII - O Conselho de Obreiros Líderes, por um Presidente, que é o Pastor da igreja; um Vice-Presidente, e membros que são: os Presidentes de Conselhos, Relatores das Comissões permanentes ou temporárias, Assessores-chefes, Diretores Gerais, Diretores de Departamentos, Diretores de Divisões e Presidentes ou líderes das organizações da igreja e Diretores da igreja.

VIII - A Comissão de Indicações, por um relator, um Vice-Relator e no mínimo 5 vogais.

IX - A Comissão de Planejamento Financeiro por um Relator, um Vice-Relator e no mínimo 3 vogais.

X - A Comissão de Acompanhamento de Estudantes do Ministério, por um relator, um vice, e no mínimo 3 vogais.

XI - A Comissão de Programas Especiais, por um relator, um vice e no mínimo 3 vogais.

XII - A Assessoria de Comunicação Social, por um Assessor-Chefe e Assessores.

XIII - A Assessoria Jurídica, por um Assessor-Chefe e Assessores.

XIV - As Diretorias Gerais, por um Diretor Geral e um Subdiretor Geral, em cada uma delas.

XV - Os Departamentos, por um Diretor, um Vice-Diretor e tantos Assessores quantos sejam necessários, exceto nos Departamento de Música e Serviços Gerais, que serão dirigidos respectivamente, por um “Ministro de Música” e um “Assistente Administrativo”, ambos os cargos, remunerados. O Diretor do Departamento de Finanças será sempre o 1º Tesoureiro da igreja.

XVI - As Divisões, por um Diretor, um Vice-Diretor e tantos adjuntos quantos sejam necessários, exceto a Divisão de Zeladoria que será dirigida por um “zelador”, remunerado, ou quantos sejam necessários. Na Divisão de Escrituração haverá um contador remunerado.

XVII - A Escola Bíblica Dominical seguirá os seus manuais e procedimentos já adotados.

XVIII - O Departamento de Serviços Gerais será dirigido por um Assistente Administrativo, com as seguintes características e atribuições:

1. Características

1. O cargo de Assistente Administrativo será função de confiança do Pastor da igreja, a quem competirá indicá-lo, entre membros da igreja, o qual permanecerá no exercício de suas atividades, enquanto bem servir, a critério do Pastor ou até quando vier a exonerar-se.

2. Na indicação do Assistente administrativo, o Pastor ouvirá o Conselho de Planejamento e Coordenação.

3. O Assistente Administrativo será remunerado e, poderá dedicar tempo integral ou parcial, de acordo com as necessidades da igreja, e em conformidade com a legislação vigente.

4. O Assistente Administrativo trabalhará sob a orientação e em perfeita harmonia com o Pastor da igreja.

5. No impedimento eventual do Pastor da igreja, o Assistente Administrativo, estará sob a orientação do seu substituto legal.

2. Atribuições

1. Zelar pelos bens móveis e imóveis da igreja, pagamento de impostos e taxas, reparos e inventário do patrimônio.

2. Responsabilizar-se pelas viaturas da igreja, de acordo com critérios estabelecidos, exceto o veículo pastoral.

3. Responsabilizar-se por compras da igreja, devidamente autorizadas e das organizações internas, conforme verbas orçamentárias.

4. Auxiliar a Tesouraria da igreja, efetuando pagamentos, depósitos bancários e outros serviços relacionados, na medida das necessidades.

5. Acompanhar o andamento de processos e documentos externamente.

6. Supervisionar e coordenar as divisões de zeladoria, ornamentação, viaturas, segurança, compras e cintina.

7. Atuar, em quaisquer outros setores de acordo com as necessidades do trabalho.

TÍTULO IV

Das Eleições para os Cargos da Estrutura Orgânica

CAPÍTULO I

Das Eleições para os Cargos da Estrutura Orgânica

**Art. 88 - Para o preenchimento dos cargos que se
rão ocupados mediante eleições nas Assembléias Mag-
nas, a Comissão de Indicações seguirá o seguinte:**

**I - Indicará à Assembléia nomes para os cargos da
Diretoria da igreja, exceto para os de Presidente, quan-
do este for sempre o Pastor, e pessoal do Escritório.**

**II - Indicará à segunda Assembléia Magna nomes
para os cargos de:**

**1. Relatores e Vice-Relatores das Comissões, exceto
para a de indicações que será escolhida pela Assembléia.**

**2. Assessores-Chefes; Subdiretores Gerais; Diretores
e Vice-Diretores dos Departamentos; Diretores e Vice-
Diretores das Escolas Bíblica Dominical, de Treinamento
e de Missões e Superintendentes das Superintendências de
Adultos, Jovens, Adolescentes, Juniores e Infantil. Exce-
tuam-se os Diretores do Departamento de música e Ser-
viços Gerais.**

**III - Os nomes eleitos apresentarão à igreja, através da
Comissão de Indicações, os nomes dos componentes res-
tantes da estrutura orgânica, para homologação, da se-
guinte forma:**

1. Os Assessores-Chefes, os Assessores; os Diretores de Departamentos e Vice-Diretores, os seus respectivos Assistentes e os respectivos Diretores e Vice-Diretores de Divisões e respectivos Adjuntos, exceto da Divisão de Zeladoria; os Superintendentes das Superintendências da Escola Bíblica Dominical, os secretários etc; e as classes os seus professores e substitutos; os relatores de Comissões e Vice-Relatores os seus respectivos vogais.

CAPÍTULO II

Da Eleição de Pastor

Art. 89 - O Pastor será eleito de acordo com o Estatuto, observada as seguintes providências:

a) Vago o cargo, o Vice-Presidente dentro de, no máximo, 90 (noventa) dias, convocará uma Assembléia Extraordinária, para constituição de uma Comissão de Sucessão Pastoral, composta de 15 (quinze) membros, indicando seu relator.

b) A Comissão se instalará, imediatamente, após a sua constituição e trabalhará, em submissão ao Espírito Santo, apontando e recebendo sugestões de nomes de Pastores, comprovadamente capazes.

c) Concluído o trabalho de seleção, a comissão encaminhará à consideração da igreja um único nome, resultante da escolha da Comissão.

CAPÍTULO III

Da Eleição de Diáconos

Art. 90 - Quando se fizer necessário o aumento do número de Diáconos, o Conselho Diaconal sob a presidência do Pastor da igreja se constituirá em Comissão de Indicação, que encaminhará nomes à consideração da Assembléia, que preencham os seguintes requisitos:

- a) Que sejam dizimistas, de, no mínimo dois anos.
- b) Que sejam integrados na vida da igreja.
- c) Que apresentem comprovado amadurecimento na vida cristã com, no mínimo, cinco anos de batizados.
- d) Que demonstrem espírito de ação, iniciativa, liderança e cooperação.
- e) Que apresentem verdadeiro testemunho cristão.
- f) Que tenham excelente relacionamento familiar.
- g) A igreja poderá reconhecer como diáconos, membros que venham por carta de transferência e que, na igreja de procedência estavam no exercício do diaconato.

CAPÍTULO IV

Das Disposições Gerais

Art. 91 - Serão observadas ainda as seguintes disposições gerais:

- h) As Organizações Missionárias elegerão os líderes de suas organizações filhas.

i) Os conjuntos corais elegerão as suas diretorias e regentes, sendo estes permanentes, enquanto bem servirem ou se exonerarem.

j) Na composição dos Departamentos, será evitada, se possível a indicação de um mesmo nome para mais de um Departamento.

k) Todas as organizações, ao elegerem as suas respectivas diretorias encaminharão os nomes eleitos para ratificação da igreja.

l) Os Membros dos Departamentos e Comissões que faltarem a mais de três reuniões, sem justificativa, serão substituídos.

m) No caso de vacância de cargos, o Conselho de Planejamento e Coordenação indicará à igreja, nomes para o devido preenchimento.

n) Os casos omissos serão decididos pelo Conselho de Planejamento e Coordenação.

TÍTULO V

Das funções, atribuições e qualidades dos dirigentes e colaboradores e das substituições

CAPÍTULO I

Das Funções e Atribuições dos Dirigentes e Colaboradores

Art. 92 - A todos os dirigentes e colaboradores incumbem, entre outras, as seguintes atribuições:

I - Cumprir e fazer cumprir o Estatuto e este Regimento Interno.

II - Planejar, coordenar, controlar, comandar e executar suas atribuições compatibilizadas com a competência do órgão a que pertencem.

III - Prestar aos órgãos competentes dentro da estrutura, todo o apoio solicitado.

IV - Zelar por todos os objetos e valores sob sua guarda, prestando contas aos órgãos competentes.

V - Ajudarem-se mútua e altruisticamente, para a consecução de todas as tarefas e encargos.

CAPÍTULO II

Das Qualidades dos Dirigentes e Colaboradores

Art. 93 - No provimento dos cargos, sempre que possível, observar-se-á a correlata formação.

CAPÍTULO III

Das Substituições

Art. 94 - Serão substituídos em suas faltas e impedimentos:

I - A Diretoria da igreja conforme o Estatuto.

II - Os Presidentes de Conselhos, pelos Vice-Presidentes.

III - Os Diretores Gerais, pelos Subdiretores Gerais.

IV - Os Relatores de Comissões, pelos Vice-Relatores.

V - Os Assessores-Chefes pelo Assessor que indicar.

VI - Os Diretores de Departamentos, pelos Vice-Diretores.

VII - Os Diretores de Divisões, pelos Vice-Diretores.

VIII - Os Presidentes de Organizações, pelos Vice-Presidentes.

TÍTULO VI

Das Orientações Gerais

CAPÍTULO I

Dos Critérios para a Utilização das Dependências da igreja

Art. 95 - Serão observados os seguintes critérios para a utilização das dependências da igreja:

1. Para a realização de quaisquer atividades não previstas no Calendário de Atividades, a direção da igreja deverá ser informada com antecedência mínima de 02 dias, quando se tratar de organizações internas da própria igreja. Quando se tratar de entidades externas, as solicitações terão que vir com antecedência mínima de uma semana, a fim de que sejam providenciadas as instalações adequadas e responsáveis pela manutenção do prédio.

2. O Santuário é destinado, especificamente, aos cultos de adoração ao Senhor. Para a sua utilização em quaisquer outros fins como casamentos, formaturas, cultos gratulatórios, e outros, os interessados deverão fazer a solicitação, preenchendo um formulário apropriado, detalhando dias, horários e participações especiais, com antecedência mínima de 90 dias, cabendo ao Pastor da igreja ou ao seu substituto legal decidir sobre sua viabilidade, desde que não interfira com a programação já estabelecida.

3. Serão observados, rigorosamente, os horários estabelecidos previamente para o início e término das programações, que não deverão ultrapassar às 22:30 h, exceto programação especial determinada pela Diretoria da igreja.

4. Quaisquer imprevistos que impeçam o cumprimento dos horários deverão ser, imediatamente, comunicados à Igreja. A tolerância, em caso de atraso, será de até 30 minutos do horário previsto no convite, após o que os convidados serão informados do ocorrido, para as providências cabíveis.

5. As cerimônias serão oficiadas preferencialmente, pelo Pastor da igreja ou por um outro oficiante a convite dos noivos.

6. Os integrantes das cerimônias, inclusive familiares, acompanhantes e testemunhas deverão comparecer trajados com decoro.

7. A atividade profissional de fotografia e filmagem é permitida na cobertura de casamentos ou outros eventos. Os profissionais devem trajar-se adequadamente.

8. As recepções de casamentos, aniversários e outras devem ser evitadas. Se realizadas, os interessados pagarão uma importância de 50% do salário mínimo, para auxiliar o custeio da limpeza.

9. O pagamento dessa taxa não isenta os responsáveis pelas recepções de responderem por eventuais prejuízos decorrentes, como quebra de equipamentos ou objetos de uso da cantina.

10. A utilização de cantina deverá ser precedida de entendimentos com a direção da igreja para evitar-se distribuição deficiente de comestíveis, refrigerantes etc., bem como para assegurar a sua qualidade, a fim de que eventuais falhas não venham a ser atribuídas à própria igreja.

11. Só deverá ocorrer uma recepção no mesmo dia, exceto para recepções em horários diferentes, com tempo suficiente à preparação para os dois acontecimentos.

12. Os responsáveis pelas recepções devem cientificar aos profissionais contratados para esse fim que é terminantemente proibido fumar e ingerir bebidas alcoólicas nas dependências da igreja, inclusive nos sanitários.

13. Os serviços de apoio às solenidades como música, sonorização, decoração, serão oferecidos, sob coordenação dos órgãos credenciados nas respectivas áreas.

14. As músicas deverão ser condizentes com o ambiente do culto e, preferencialmente, deverão ser previamente do conhecimento do Departamento de Música e do Pastor da igreja.

15. As despesas de ornamentação correrão por conta dos interessados na realização das cerimônias, mas os serviços serão supervisionados pela divisão de ornamentação.

16. Velórios de membros da igreja poderão ser realizados em suas dependências, exceto no salão de cultos, onde, excepcionalmente, a igreja pode realizar cultos fúnebres. Coincidindo com programações normais, haverá todo esforço em compatibilizá-la, a fim de que não haja prejuízo para as programações já estabelecidas. Velórios de familiares de membros da igreja também poderão ser realizados.

17. Não serão permitidas cerimônias de caráter ecumênico, podendo haver a co-participação de pastores ou representantes habilitados de outras Igrejas evangélicas, a critério do Pastor.

18. Na realização de congressos, institutos, etc., a matéria a ser tratada não poderá contrariar os princípios da igreja e a participação de conjuntos musicais deverá ser precedida de autorização do Departamento de Música e do Pastor da igreja.

19. Os instrumentos da igreja só poderão ser utilizados pelas pessoas responsáveis, autorizadas pelo Departamento de Música.

CAPÍTULO II

Dos Critérios para Ordenações ao Ministério

Art. 96 - Serão observados os seguintes critérios para ordenação ao Ministério:

- A igreja promoverá a ordenação de candidatos (as) ao Santo Ministério, obedecendo os seguintes requisitos e critérios:

1. Os candidatos deverão ter preparo, no mínimo, correspondente ao 3º grau.
2. Comprovada vocação de chamada e formação teológica conveniente, por Faculdade Teológica ou Seminário.
3. Comprovada vivência cristã, com no mínimo 5 anos de batizado.
4. Comprovada demonstração de iniciativa, liderança, espírito de cooperação e amor à Causa.
5. Comprovada firmeza doutrinária, à luz da Bíblia e da Denominação.
6. Excelente relacionamento familiar.
7. As solicitações para ordenações serão encaminhadas pelo Pastor, juntamente com o Diaconato, à consideração da igreja.
8. A igreja, promoverá ordenações de candidatos (as)

ao ministérios, para prover necessidades do seu próprio trabalho.

9. A igreja promoverá ordenações de obreiros ao ministério, atendendo solicitações de outras Igrejas da mesma fé e ordem, para o desempenho de pastorados ou de outras funções que, comprovadamente, justifiquem o ato de ordenação.

10. As ordenações serão realizadas em duas etapas com no mínimo 30 dias de diferença: a primeira para o exame dos candidatos e a segunda para o ato solene de ordenação.

11. O Concílio será convocado com, no mínimo, 30 dias de antecedência, devendo o convite ser dirigido às Igrejas da mesma fé e ordem, à Ordem dos Ministros da denominação e às entidades denominacionais por carta e através de Jornais e Órgãos Denominacionais.

TÍTULO VII

Das Disposições Finais

CAPÍTULO ÚNICO

Das Disposições Finais

Art. 97 - Serão ainda observadas as seguintes disposições finais:

1. O Boletim Dominical é o veículo oficial da igreja, por meio do qual são feitos os avisos e comunicações, e terá como responsável o Pastor da igreja ou pessoa por ele designada.

2. Quaisquer outras publicações periódicas ou esporá-

dicas só poderão circular, mediante expressa aprovação da igreja e sob a supervisão do Pastor.

3. Nenhuma publicação, impressos, cartazes ou volantes poderão ser distribuídos no templo ou em suas dependências sem a permissão do Pastor e, no caso de seu impedimento, por seu substituto imediato.

4. A igreja é apolítica, não tem cor partidária, nem permitirá qualquer tipo de propaganda partidária nas suas dependências.

5. Só poderão participar em atividades e funções na igreja em suas várias organizações, aqueles que forem efetivamente, seus membros. No casos de grupos corais, poderão participar de ensaios, aqueles irmãos, cujas cartas de transferências estejam sendo aguardadas. Exceções serão feitas para filhos de crentes, até 12 anos, que poderão atuar em coros graduados e nas organizações internas, e para seminaristas ou acadêmicos de Teologia que trabalhem com a igreja e, por circunstâncias alheias à sua vontade, não possam transferir suas cartas, que poderão atuar em funções para as quais forem designados pela igreja.

6. Os domingos não serão utilizados para quaisquer tipos de atividades de caráter social ou recreativo, quer na sede ou em intercâmbios, retiros e excursões.

7. Para a melhor coordenação e execução trabalho, a igreja adotará um Calendário Anual de Atividades, contendo toda a sua programação.

8. Normas e regulamentos complementares poderão ser votados pela igreja, ficando os mesmos como anexos a esse Regimento Interno e Manual de Atribuições e Orientações Gerais.

9. As organizações internas, coros, missões e demais órgãos, para participarem de programações externas, não

previstas no Calendário de Atividades, deverão receber autorização da igreja em Assembléia. Não havendo tempo hábil para encaminhamento, o Pastor julgará quanto à urgência e oportunidade e autorizará ou não.

10. Durante os cultos não poderá haver nenhuma reunião.

11. Cada órgão da estrutura da igreja deverá apresentar ao Conselho de Planejamento e Coordenação a estimativa de seus gastos durante o ano, e a finalidade dos mesmos dentro de projetos ou atividades.

12. As Despesas não previstas pelos órgãos no orçamento deverão ser encaminhadas à Comissão de Planejamento Financeiro com a antecedência de 15 dias para estudo.

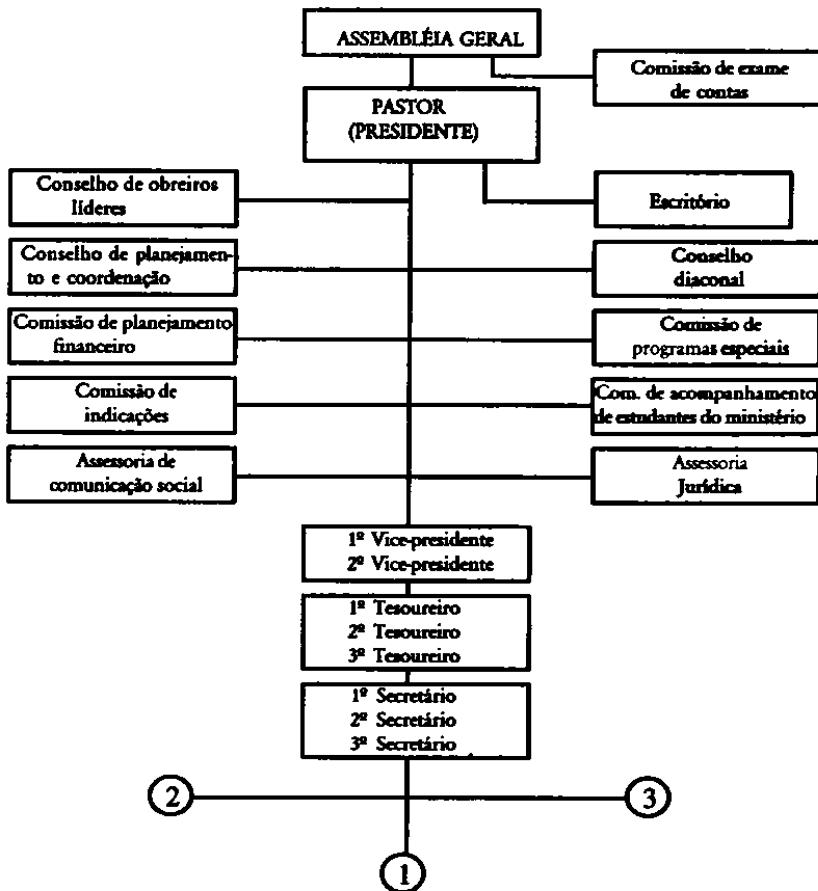
13. A igreja adotará, como seu ano fiscal, o período de janeiro a dezembro.

14. Os departamentos e organizações prestarão relatórios de suas atividades à igreja, por intermédio do Conselho de Planejamento e Coordenação.

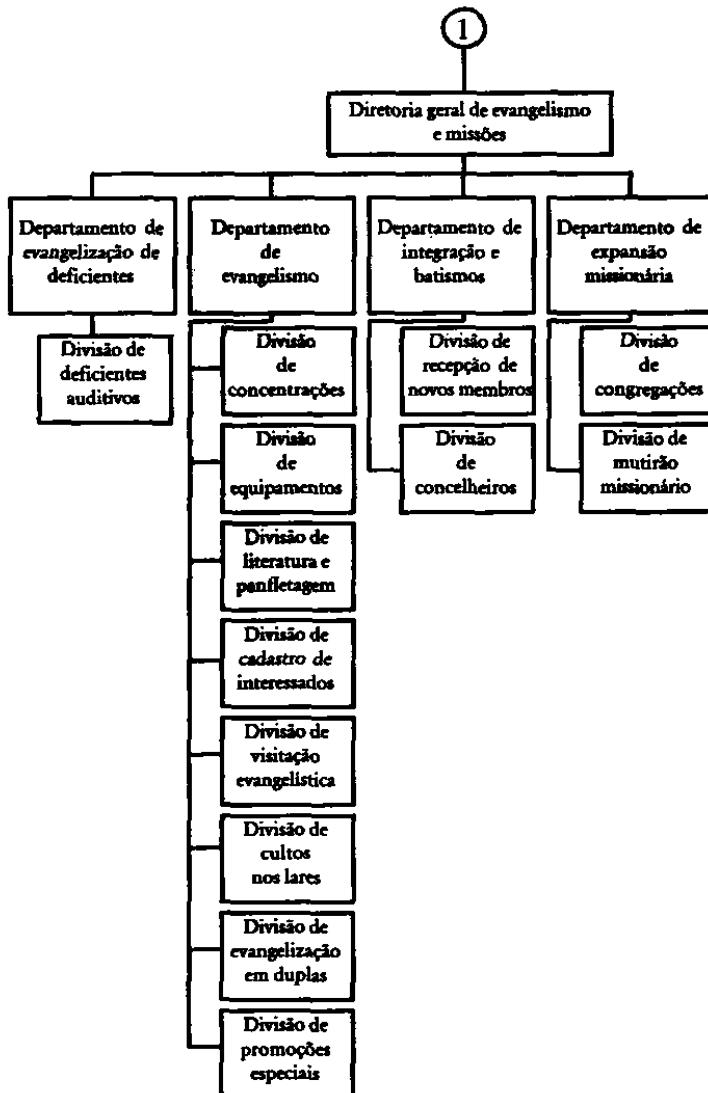
15. Os casos omissos serão apreciados pela Assembléia.

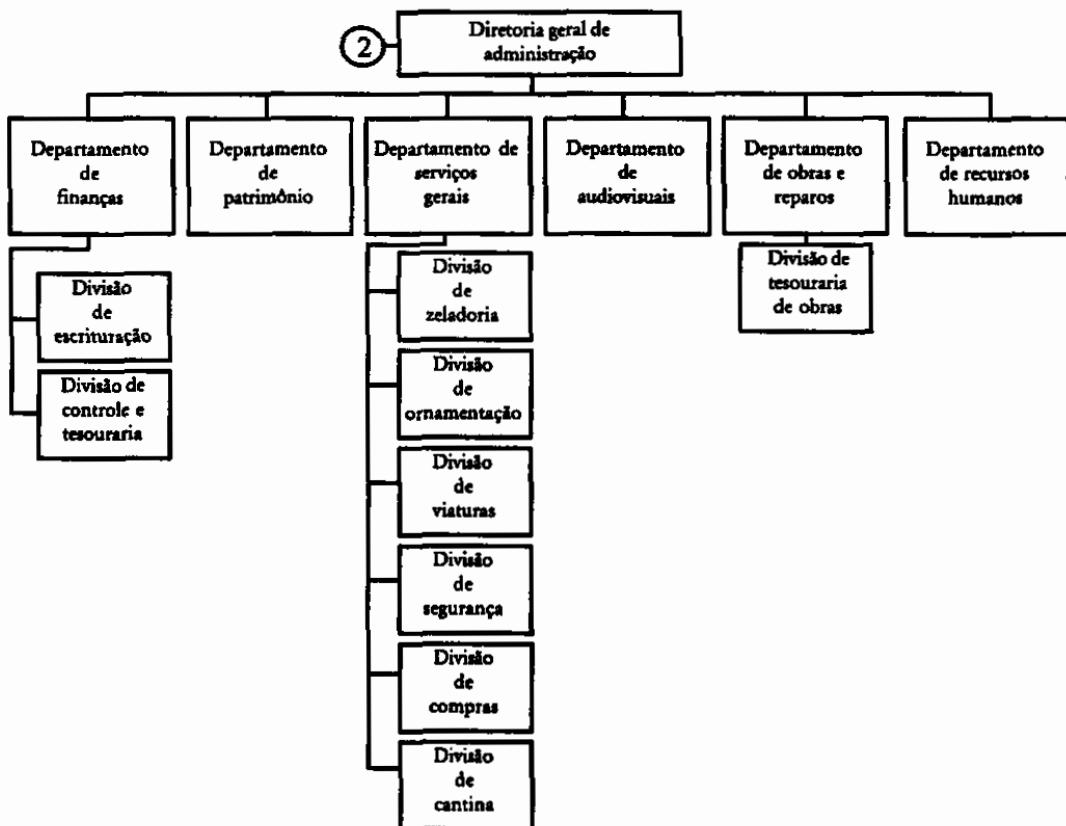
Art. 98 - Este Regimento Interno entrará em vigor em _____ / _____ / _____, e somente poderá ser reformado por deliberação da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, na forma prevista no Estatuto.

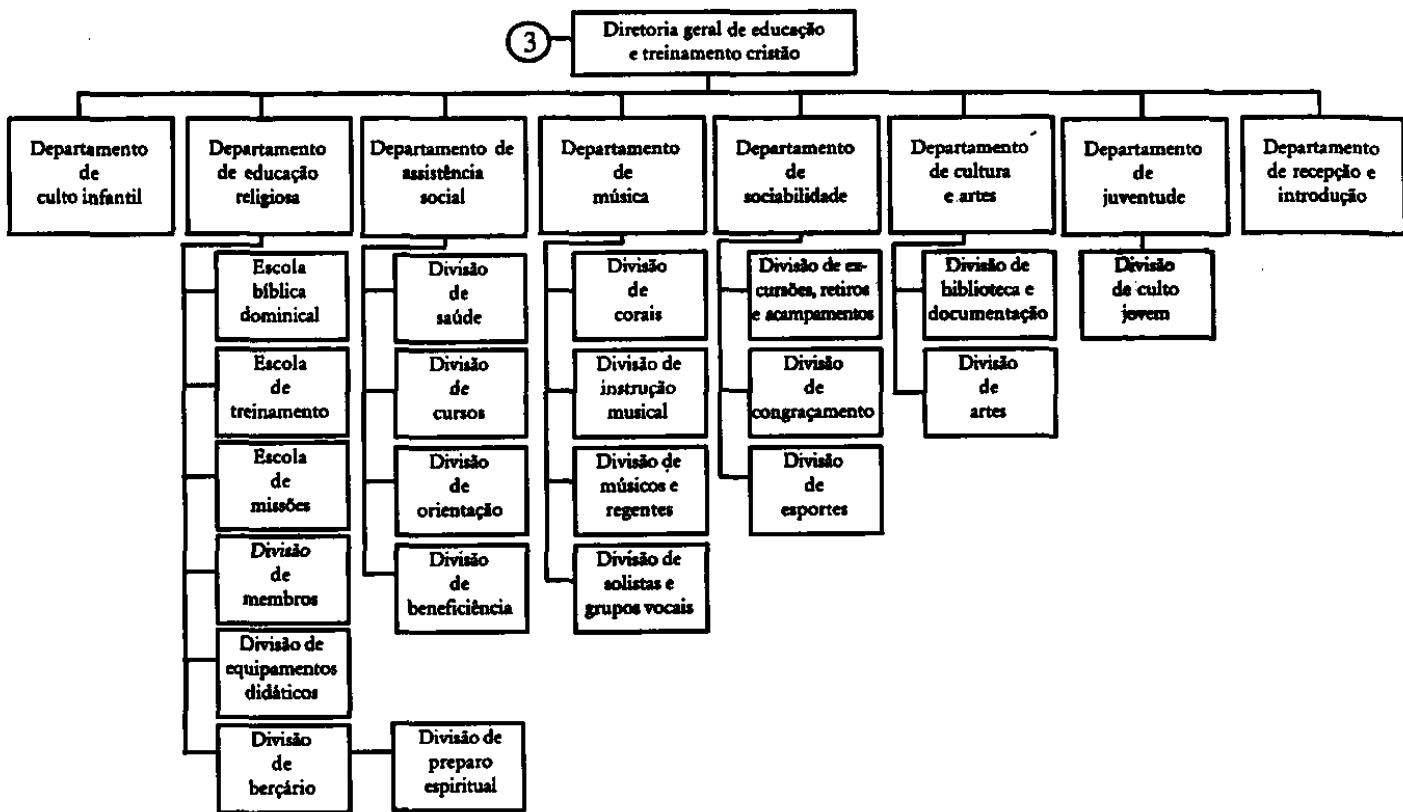
10.5 MODELO DE ORGANOGRAMA*



*Modelo criado a partir de exemplos de várias igrejas.







10.6 A DECLARAÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA

As igrejas são totalmente isentas de pagamento de imposto de renda. Entretanto, o fato de gozar desta imunidade não as isentam de prestar declaração. É obrigatório prestar a declaração de renda anualmente. Há um formulário especial da Receita Federal, exclusivamente preparado para as entidades jurídicas que gozam dessa isenção. Qualquer dúvida, a administração da Igreja deve consultar o site da receita na internet, fazer o download do programa, ou adquirir o formulário diretamente da Receita Federal.

Ao fazer isso, a Igreja estará cooperando com o governo e cumprindo com o seu dever. O objetivo do governo ao exigir a Declaração de Renda da Igreja é verificar os pagamentos que foram feitos a terceiros, pois estes não são isentos de pagar imposto de renda. O órgão competente do governo, após verificar a declaração fornecida pela Igreja, melhora a sua fiscalização e evita que haja sonegação do imposto de renda por parte de terceiros.

10.7 A INSCRIÇÃO DO PASTOR NO INSS

O pastor, de acordo com as leis brasileiras, não pode ter carteira assinada. Entretanto, ele deve inscrever-se no INSS como contribuinte autônomo. A Igreja não pode deixar de cuidar dessa situação, pois ela pode ser prejudicada posteriormente. A Igreja deveria pagar o INSS de seu pastor. Para inscrever-se junto ao INSS, o pastor deve apresentar-se à Agência do INSS com sua Carteira de Identidade e apresentar à autoridade competente a Declaração do Exercício do Pastorado. Essa Declaração pode ser fornecida

em papel timbrado pelo presidente da Ordem dos Pastores de sua denominação e de seu Estado, ou pela própria Igreja.

10.8 O ORÇAMENTO DA IGREJA

Há muitas igrejas que não fazem um orçamento, nem sabem o que é isso. Conseqüentemente, não conseguem apresentar um plano eficiente para o cumprimento de seus objetivos e propósitos. É lamentável perceber que muitas igrejas não vêem que o programa e o trabalho da Igreja estão diretamente ligados ao seu orçamento.

Quando a Igreja prepara o seu orçamento, ela mostra a si mesma quais as suas prioridades e o que ela está fazendo para evangelizar a sua cidade, seu estado, seu país e o mundo. É no orçamento que se revela onde está o coração da Igreja - se em Missões, se na área Social, se em construções, etc. Para se preparar o orçamento é preciso:

- a) Nomear com antecedência uma comissão que represente todas as organizações da Igreja.
- b) A comissão deve analisar as contribuições atuais, fazendo uma comparação com o potencial financeiro da Igreja.
- c) Incluir cada organização da Igreja no orçamento.
- d) Ampliar a visão evangelístico-social-missionária. A cada novo orçamento se deve prever uma porcentagem cada vez maior para evangelismo e missões, até que se atinja um índice ideal para este fim. Esse avanço é fator de estímulo para a Igreja.
- e) A comissão deve apresentar o orçamento para a Igreja, para a sua votação.

10.9 MODELO DE ORÇAMENTO*

1. Entradas

A. Dízimos.....
B. Ofertas Missionárias.....
C. Ofertas para Construção.....
D. Ofertas para Ação Social.....
TOTAL DE ENTRADAS.....

2. Saídas

1.1. EVANGELISMO

Série de Conferências.....
Literatura.....
Concentrações.....
Estudos Especiais.....
Programa de Rádio.....
Programa de TV.....
Evangelismo Eletrônico.....
Outros.....
TOTAL.....

1.2. MISSÕES

Congregações - despesas com obreiros.....
Congregações - despesas com aluguéis.....
Congregações - despesas com água, luz, telefone.....
Congregações - despesas com reformas e construções.....

*Modelo criado a partir de exemplos de várias igrejas.

Contribuição Denominacional.....
Ofertas para Juntas e Órgãos Missionários.....
TOTAL.....

1.3. PROGRAMA DA IGREJA LOCAL

Sustento dos obreiros.....
Despesas com água, luz e telefone dos obreiros.....
INSS dos obreiros.....
Zeladoria.....
Organizações internas.....
Assistência Social.....
Despesas com impressos: boletins, jornais, etc.....
Marketing e propaganda.....
Despesas de escritório e correio.....
Biblioteca.....
Bolsas de estudos para Obreiros.....
Manutenção do Patrimônio.....
Luz, Água, Telefone, Gás, etc.....
Impostos e Seguros.....
Internet.....
Equipamentos.....
Reformas.....
TOTAL

TOTAL GERAL DE SAÍDA

Deve ser ressaltado que num orçamento, o valor da saída deve ser igual ao valor de entrada, para que não haja desequilíbrio nas finanças.

10.10 CONTRATO DE LOCAÇÃO DE IMÓVEL

É importante que a Igreja faça um contrato de locação com seu zelador ou outro assalariado que venha a residir em um imóvel da Igreja. Nesse contrato de locação deve-se cobrar um aluguel mensal, cujo valor deve ser inserido no salário do funcionário. Esse procedimento é fundamental, pois assim fazendo, a Igreja estará se resguardando de futuros aborrecimentos, quando da rescisão de contrato, onde muitas pessoas exageram na cobrança de seus direitos, vindo a trazer enormes problemas financeiros para a Igreja. Esse pode ser o modelo de contrato³:

CONTRATO DE LOCAÇÃO DE IMÓVEL, FIRMADO ENTRE AS PARTES ABAIXO QUALIFICADAS

Por este instrumento particular, de um lado como LOCADOR a IGREJA EVANGÉLICA LUZ NAS TREVAS, inscrita no CNPJ 81.915.636/0001-99, com sede a Rua dos Nazarenos, 1021, Jardim das Neves, Curitiba, Paraná, representada pelo seu pastor JOÃO TUPINAMBÁ CUSTÓDIO DE LINHARES, e o LOCATÁRIO, Sra. MARCIANA MATILDE WINFRIED, portadora do R.G. 12.948.211-9 e CIC 521.199.433-00, mediante as condições que reciprocamente, aceitam, a saber:

1. O prazo deste contrato é por TEMPO INDETERMINADO, coincidindo com a rescisão do con-

³ Os nomes e endereços inseridos nesse modelo são totalmente fictícios. Qualquer semelhança que possa surgir com algo real será pura e mera coincidência.

trato de trabalho, data em que o LOCATÁRIO se compromete a entregar o imóvel completamente livre e desocupado independentemente de aviso ou notificação.

2. O aluguel mensal é de R\$ 10,00 (Dez Reais). O aluguel mensal será reajustado anualmente, conforme acordo entre as partes, limitando-se à legislação vigente na época.

3. O aluguel deverá ser compensado a título de aluguel moradia.

4. O LOCATÁRIO declara receber o imóvel em perfeito estado, obrigando-se ainda:

a) A manter o imóvel, objeto de moradia, no mais perfeito estado de higiene, conservação e limpeza, para assim o restituir, quando findo ou rescindido o contrato de trabalho entre as partes.

b) Efetuar todas as obras e reparos de que necessite a coisa locada, excetuados os que digam respeito a sua própria estrutura, correndo por conta as despesas correspondentes, devendo ainda, trazer em estado de conservação e limpeza, as pinturas, aparelhos sanitários, portas, fechaduras, trincos, vidraças, lustres, instalações elétricas, torneiras e quaisquer outros acessórios ou componentes do imóvel.

c) Não utilizar pregos que possam danificar as paredes, ficando responsável, em qualquer caso, pelos danos causados.

5. Toda e qualquer benfeitoria, modificação ou transformação feita no imóvel pelo LOCATÁRIO, deverá ser precedida de autorização por escrito do LOCADOR, ficando incorporada a coisa locada, sem di-

reito de indenização ou retenção. O LOCADOR, se assim o desejar, poderá exigir que o LOCATÁRIO reponha tudo no estado anterior.

6. O LOCATÁRIO não poderá sublocar, ceder ou emprestar, parcial ou totalmente, o imóvel locado, nem transferir este contrato sem prévio consentimento por escrito do LOCADOR.

7. Compromete-se o LOCATÁRIO, a fazer chegar nas mãos do LOCADOR os avisos e comunicações, oficiais ou não, que digam respeito à coisa locada, sob pena de responder pelos danos que causar sua disidio, independentemente de qualquer outra compensação que neste ato se estipula para fim geral ou especial.

8. O LOCATÁRIO faculta desde já ao LOCADOR, ou a qualquer representante seu ou de seu procurador, vistoriar o imóvel, quando assim o entender conveniente. Igual faculdade fica assegurada em caso de ser posto à venda o imóvel, observados os preceitos legais, caso em que as visitas serão realizadas, por não mais de três vezes por semana, no período das 8.00 às 10.00 e das 14.00 às 18.00 horas.

9. Em caso de desapropriação, parcial ou total, do Imóvel, a locação será considerada rescindida, não cabendo ao LOCADOR o pagamento de nenhuma indenização.

10. Nenhuma intimação do Poder Público será motivo para que se opere a rescisão do presente contrato, salvo precedendo vistoria judicial que prove a imprestabilidade absoluta da coisa locada para fins que se destina.

11. Obriga-se o LOCATÁRIO a cumprir e fazer cumprir as normas do REGULAMENTO INTERNO

DO EDIFÍCIO DA IGREJA, que faz parte integrante do presente contrato.

12. O imóvel será usado pelo LOCATÁRIO exclusivamente para fins RESIDENCIAIS da Sra. MARCIA-NA MATILDE WINFRIED e sua família.

13. A parte que infringir qualquer das cláusulas deste contrato pagará a outra a multa correspondente a QUA-TRO VEZES O VALOR LOCATIVO MENSAL, devi-do na época em que se verificar a infração, sempre devida integralmente, qualquer que seja o tempo decorrido na vigência do prazo, com a faculdade, para a parte inocente de exigir o cumprimento do contrato ou de considerá-lo rescindido. O pagamento da multa estipulada nesta cláu-sula não exime o LOCATÁRIO de efetuar o pagamento dos aluguéis e encargos vencidos, nem de ressarcir os da-nos porventura causados no imóvel.

14. Todas as despesas decorrentes deste contrato cor-reão por conta exclusiva do LOCATÁRIO.

15. Ficam asseguradas ao LOCADOR, todos os di-reitos e vantagens conferidos pela Lei em vigor ou que, na vigência e após o término do prazo deste contrato se-jam promulgados.

16. Verificada a desocupação do imóvel, ficarão o LOCATÁRIO e seus fiadores obrigados a ressarcirem ao LOCADOR das despesas com consertos reparos e per-tences inutilizados ou extraviados, causados no imóvel, até o valor de 6 (seis) aluguéis vigentes na ocasião, inde-pendentemente de vistoria judicial.

17. No caso de venda, promessa de venda, ou ces-são de direitos, o LOCATÁRIO, tem preferência para adquirir o prédio locado, em igualdade de condições com terceiro, devendo-lhe o proprietário dar-lhe conhecimen-

to do negócio, mediante notificação judicial ou comprovadamente efetuada, estes na forma do Art. 24 e parágrafos, do primeiro ao sexto da Lei 6649 de 16 de maio de 1979.

Assim, justos e contratados, assinam o presente contrato de aluguel moradia.

LOCADOR

LOCATÁRIO

1^a TESTEMUNHA

2^a TESTEMUNHA

10.11 RELAÇÃO DE DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA REGISTRO DE EMPREGADOS

1. Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS)
2. 1 Foto 3 X 4 (atualizada)
3. Fotocópia de R. G.
4. Fotocópia do C.P.F.
5. Fotocópia do Título de Eleitor
6. Exame Médico Admisional
7. Certidão de Nascimento de filhos até 14 anos
8. Endereço Completo
9. Função
10. Salário
11. Se casado, fotocópia de certidão de casamento
12. Horário de Trabalho
13. Tempo de experiência (30, 60, 90 dias)

No caso de rescisão de contrato de trabalho:

1. Com menos de um ano, pode ser feito na Igreja; contudo exigindo o exame médico demissional.
2. Com mais de um ano, a rescisão deverá ser feita no sindicato de classe ou no ministério do trabalho, nunca esquecendo do exame médico demissional.

CAPÍTULO XI

III

OS DEPARTAMENTOS E A PROGRAMAÇÃO DA IGREJA*

Cada igreja tem sua forma de trabalhar no que tange às suas responsabilidades. Uma das formas mais profícias de realizar a obra é a criação de departamentos pela igreja, os quais são uma maneira de mais pessoas estarem envolvidas no reino de Deus e, ao mesmo tempo, desenvolverem os seus dons. Obviamente, cada igreja pode e deve possuir quantos departamentos quiser ou lhe convier, mas os que relacionamos aqui parecem ser os mais comuns entre as igrejas:

11.1 DEPARTAMENTO DE EVANGELISMO E MISSÕES

O departamento de evangelismo tem por objetivo estabelecer estratégias para a evangelização dos perdidos e a integração dos mesmos na igreja. Os líderes desse departamento devem ser pessoas envolvidas com o evangelismo e o discipulado dos novos crentes.

O departamento deve estudar e estabelecer os métodos de evangelização pessoal, em grupo e em massa. É preciso levar em conta a realidade da igreja local, pois nem

*Este capítulo é criado à partir de estudos de várias igrejas que possuem ótima estrutura em seus departamentos.

sempre a aplicação de certos métodos desenvolvidos em algumas igrejas podem dar certo em todas as demais. Cada igreja possui as suas características próprias. Deve também, envolver toda a igreja na execução desse planejamento.

Algumas igrejas possuem o trabalho de evangelismo e missões trabalhando juntos, outras possuem dois departamentos distintos. O departamento de missões se preocupa mais com a atuação externa da Igreja, planejando, fundando e estruturando congregações; também se preocupa com a obra missionária em outras cidades, no demais estados e no exterior.

11.2 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

Esse departamento tem a função de estruturar todo o programa de educação religiosa da igreja. Procura não apenas atingir seus membros, mas também toda a coletividade. Todo o planejamento de educação religiosa deve ser elaborado a partir das necessidades de seus membros, levando-se em conta todas as possibilidades da igreja em termos de espaço físico, tempo, liderança e objetivos a serem alcançados.

É muito comum os programas de educação religiosa se tornarem um fim em si mesmo. Isso deturpa a própria educação cristã, pois o objetivo dos mais variados programas que existem, é o alcance das pessoas, dos crentes, suas necessidades, seu crescimento cristão. Por isso os diversos programas são apenas um meio para se atingir o objetivo que é preparar e fortalecer o povo de Deus.

Os líderes desse departamento devem ser pessoas ligadas à área de educação e com larga experiência na

área pedagógica, tais como: professores, supervisores e orientadores educacionais, educadores religiosos, seminaristas e estudantes de teologia.

11.3 DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL

Esse departamento tem por objetivo cuidar das necessidades sociais de seus membros e da comunidade. Devem fazer parte desse departamento pessoas como médicos, enfermeiros, dentistas, assistentes sociais e psicólogos. O departamento deve sentir quais são as maiores necessidades dos membros e da comunidade próxima da igreja, a fim de estabelecer um programa coerente com tais necessidades.

Pode-se usar o edifício da igreja, com seu espaço físico, com suas acomodações, para atingir as necessidades das pessoas. Pode-se ter atendimento médico, dentário e psicológico na igreja, ou comprar um ônibus equipado com essas atividades, para atingir as pessoas da vizinhança da igreja.

Outra atividade bastante usada pelas igrejas é o lançamento de cursos na igreja para o aprendizado das pessoas, tais como: inglês, alfabetização, primeiros socorros, informática, etc. São cursos que ajudam o membro da igreja e também o interessado e faz com que as pessoas vejam a igreja com outra visão: não daquela que explora e toma dinheiro das pessoas, como é o caso de algumas igrejas, mas como aquela que está preocupada em servir à comunidade através de programas especiais.

11.4 DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Esse departamento deve elaborar e coordenar todo o trabalho musical na igreja. Isso se refere não somente à parte musical nos cultos, mas também os congressos e institutos de música, classes de música, escalas de regentes, instrumentistas e coros, manutenção de instrumentos, provisão de música para os programas especiais, ensaios, etc. Deve também ser responsável por todo o material musical da igreja, como hinários, instrumentos, becas, partituras, etc.

Devem fazer parte desse departamento todas as pessoas diretamente ligadas à música na igreja, tais como regentes, pianistas, organistas, instrumentistas em geral, eleitos pela igreja ou pelo pastor, dependendo do regime da igreja.

11.5 DEPARTAMENTO DE FINANÇAS

É uma área importantíssima na igreja, que se não for bem cuidada pode ser motivo para dissensões, confusão e até divisão. Se for muito bem cuidada, haverá progresso, fortalecimento material e muita bênção para toda a comunidade. Esse departamento possui uma responsabilidade muito grande, pois é de sua área elaborar o orçamento anual da igreja, planejar as campanhas financeiras, estipular alvos para ofertas, compra de material para a construção (quando não há uma comissão responsável para isso) e para todo o trabalho da igreja.

Além disso, quando não houver uma Comissão de Exame de Contas, deve supervisionar, periodicamente,

o dinheiro que está sob guarda do tesoureiro e ajudá-lo a solucionar os problemas que porventura encontre no desempenho de suas funções. Devem ser indicadas para esse departamento pessoas que tenham experiência nessa área: contadores, bancários, empresários, ou seja, pessoas que entendam do assunto para que possam lidar com o mesmo.

Quando se fala em parte financeira, o orçamento da igreja é algo extremamente importante, haja vista que o mesmo está diretamente ligado ao programa e ao trabalho da igreja. Há igrejas que, por incrível que pareça, não possuem um orçamento, nem sabem o que é isso. É importante que o maior número de pessoas da igreja participe na elaboração e aprovação do orçamento para determinar a finalidade do emprego do dinheiro entregue à igreja, evitando assim, a necessidade de poucos tratarem dos negócios da igreja.

A tesouraria da Igreja também precisa do orçamento para se orientar. O tesoureiro não tem direito de gastar nenhum centavo fora do orçamento ou sem a autorização da igreja. Para se preparar o orçamento da igreja, é preciso nomear uma comissão representativa de todas as organizações da igreja. A comissão deverá incluir cada organização da Igreja no orçamento, porque ele reflete a visão de toda igreja. Devem ser incluídos no orçamento unificado da igreja os fins com os quais ele gasta o dinheiro. O orçamento deve prever uma percentagem importante para missões e evangelismo, pois o avanço missionário é fator de estímulo para a igreja.

11.6 DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA

Esse departamento deve assistir à igreja diante de suas responsabilidades e questões jurídicas. Tudo o que é exigido pela lei e pelo governo será de incumbência desse departamento. Nesse departamento devem atuar pessoas que tenham um conhecimento na área tais como advogados, juízes, escrivães e escriturários. Esse departamento poderá se encarregar também em dar assistência às famílias da igreja em suas questões jurídicas.

11.7 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Esse departamento cuida dos programas de rádio, televisão, publicações impressas, Internet, etc. Esse departamento deve ser constituído por pessoas que sejam capazes de se comunicar bem, elaborar programas de edificação e evangelização através dos meios de comunicação. A esse departamento também está ligado a aparelhagem de som, microfones, videocassetes, projetores de filmes, etc. Entretanto, pode-se dividir esse departamento em dois, caso a igreja seja muito grande e haja necessidade de subdividir as tarefas: aí teríamos o Departamento de Comunicação e o Departamento de Som.

11.8 DEPARTAMENTO DE INTRODUTORES

Este departamento trata da recepção e introdução dos visitantes e de toda a congregação no santuário. Devem fazer parte desse departamento pessoas simpáticas, comuni-

cativas, extrovertidas e que gostem muito de gente. Os introdutores funcionam quase que como um cartão postal da igreja. Se o visitante for bem recebido logo na entrada, ele já está inclinado a gostar de tudo o que acontece durante o culto; o contrário também é verdadeiro.

11.9 DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO

A responsabilidade desse departamento é conservar toda a construção e propriedades da igreja. Reformas, pintura, consertos, tudo o que se refira a edifícios, prédios, é de responsabilidade desse departamento.

11.10 DEPARTAMENTO DE ORNAMENTAÇÃO

É de responsabilidade desse departamento a ornamentação do santuário para a realização dos cultos dominicais e cultos especiais. Também pode ser o departamento responsável pela confecção de painéis alusivos às ênfases mensais ou trimestrais da Igreja.

11.11 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Esse departamento supervisiona o arquivo de membros e os registros de ata da igreja, com o objetivo de conservar em dia os vários dados que formarão a história da igreja. Tem a obrigação de arquivar todas as publicações da igreja, programas, boletins, lembranças de organizações e festividades, além de documentar todos os acontecimentos da igreja. Também deve o departamento elaborar um histórico anual para ser apresentado ao final de cada ano.

11.12 DEPARTAMENTO DE CONSTRUÇÃO

Em época de construção muitas igrejas elegem uma comissão de pessoas preparadas para que sejam as responsáveis pela compra do material, contratação de pessoal, além de supervisionar todo o trabalho de construção. Quando termina a construção, automaticamente esse departamento deixa de existir.

11.13 CALENDÁRIO ANUAL DE ATIVIDADES

Algo que é de grande valia para a Igreja local é o chamado Calendário Anual de Atividades. Essa importância se verifica por dois fatores básicos: em primeiro lugar, ele prevê, com bastante antecedência, todos os eventos e atividades anuais da Igreja; em segundo lugar, ele apresenta de forma completa o que será executado pela Igreja durante o ano eclesiástico.

Um Calendário Anual da Igreja deve conter também os seguintes elementos:

- a) As atividades regulares e as atividades especiais da Igreja durante o ano eclesiástico.
- b) Uma palavra do pastor à Igreja.
- c) A relação da diretoria da Igreja.
- d) A relação das diretorias dos departamentos e organizações da Igreja.
- e) As metas a serem atingidas pela Igreja durante o ano eclesiástico.
- f) O orçamento anual, já aprovado pela Igreja.

g) A relação nominal e, se possível for, o endereço, o telefone, o e-mail e a data de aniversário dos membros da Igreja.

h) Estatuto e Regimento Interno da Igreja, bem como as Regras Parlamentares.

11.14 MODELO DE UM CALENDÁRIO ANUAL

O objetivo do autor não é apresentar um modelo de calendário completo, haja vista que as igrejas são diferentes, possuem ênfases diferentes e a programação varia de igreja para igreja e de denominação para denominação. Há igrejas que possuem suas reuniões denominacionais e estas devem constar no calendário anual. Outras datas importantíssimas a serem observadas são: o aniversário da Igreja, o aniversário das organizações e o aniversário do pastor. Abaixo temos um modelo não complexo, extremamente simples de um calendário Anual de Atividades.

ATIVIDADES REGULARES

1. ATIVIDADES DOMINICAS:

8.00 h - Reunião de Oração

9.00 h - Escola Bíblica Dominical

10.30 h - Culto Matutino

13.00 h - Programa de TV

15.00 h - Programa Radiofônico

18.00 h - Culto Vespertino

2. ATIVIDADES SEMANAIS:

Segunda-feira:

19.00 h - Reunião de Oração

Terça feira:

9.00 às 12.00 h - Aconselhamento Pastoral

14.30 h - Reunião das Mulheres

1.00 h - Reunião dos Homens

Quarta-feira:

14.00 h - Aconselhamento Pastoral

19.00 h - Culto de Pregação

Quinta-feira:

9.00 às 12.00 h - Aconselhamento Pastoral

14.00 às 20.00 h - Visitação Pastoral

Sexta-feira:

19.00 - Culto dos Adolescentes

Sábado:

15.00 - Ensaio do Conjunto Jovem

17.30 - Ensaio do Coral

19.30 - Culto dos Jovens

3. ATIVIDADES MENSais:

Primeiro Domingo: Realização de Batismos

Segundo Domingo: Celebração da Ceia do Senhor

Terceiro Domingo: Assembléia Regular da Igreja

Terceiro Sábado do mês: Reunião da Liderança da Igreja

Quinto Domingo: Cultos sob a responsabilidade das organizações da Igreja

ATIVIDADES ESPECIAIS

Janeiro - Ênfase: Consagração

01 - Pic-nic dos Jovens e adolescentes

19 - Aniversário do Pastor

Fevereiro - Ênfase: Mordomia

13-15 - Congresso de Mordomia

Dia

25-28 - Retiro de Carnaval

Março - Ênfase: Missões

Primeira Semana - Semana de Oração Pró-Missões

Segundo Domingo - Dia de Missões: Programação Especial

Terceira Semana - Culto nos Lares

Abril - Ênfase: Escola Bíblica Dominical

Série de Conferências Durante a Semana Santa

Último Domingo - Dia Especial da E.B.D:
Programação Especial

Maio - Ênfase: Lar

Primeiro Domingo - Dia dos Filhos

Segundo Domingo - Dia das Mães

Terceiro Domingo - Dia da Família

Quarto Domingo - Dia do Lar

Junho - Ênfase: IntegraçãoSegundo domingo - Dia do PastorQuarto domingo - Culto da Centésima Ovelha**Julho - Ênfase: Literatura Cristã**Segunda Semana: Colônia de FériasTerceira Semana: Semana de Estudos Bíblicos**Agosto - Ênfase: Mocidade**Primeira Semana - Cultos de OraçãoSegunda Semana - Série de Conferências (promovida pelos jovens)Segundo Domingo - Dias dos Pais**Setembro - Ênfase: Pátria**Domingo que antecede o dia 07 - Culto CívicoSegunda Semana - Semana de Oração pela PátriaQuarta Semana - Semana da Ação Social e da Solidariedade**Outubro - Ênfase: Criança**Segunda Semana: Semana da CriançaDia 12 - Dia Especial das CriançasÚltimo domingo - Cantata Especial das Crianças**Novembro - Ênfase: Vocação**Primeira Segunda Feira - Dia Mundial de OraçãoTerceiro Domingo - Dia Especial de Educação TeológicaDia 26 - Aniversário da IgrejaÚltimo final de Semana - Série de Conferências pelo aniversário da Igreja

Dezembro - Ênfase: Reconsagração

Segundo Domingo - Programação Especial pelo Dia da Bíblia

Cultos Especiais - Formaturas

Dia 24 - Programação Especial de Natal

Dia 31 - Vigília de Oração

11.15 RELATÓRIOS ANUAIS

Uma forma do pastor e da igreja terem uma visão panorâmica de como foram realizados os trabalhos durante os 365 dias do ano é através dos relatórios anuais, prestados à Igreja. Além disso, os relatórios anuais servem para estímulo e edificação do pastor e da Igreja e, é uma grande fonte para o preparo da história da Igreja.

11.15.1 O RELATÓRIO PASTORAL

O relatório pastoral é um excelente meio da igreja verificar o trabalho do pastor e, ao mesmo tempo, serve para acalmar o ânimo daqueles que pensam que o pastor passou o ano todo sem realizar quase nada. Esses são os elementos principais que devem constar no relatório do pastor:

- a) Pregações realizadas
- b) Visitas e suas modalidades, tais como: visitas evangelísticas, visitas aos enfermos, etc.
- c) Cultos
- d) Palestras
- e) Cerimônias de casamento

- f) Cerimônias fúnebres
- g) Cerimônias de bodas de prata
- h) Cerimônias de bodas de ouro
- i) Celebração de batismos
- j) Celebração da Ceia
- k) Reuniões de diretoria da Igreja
- l) Reuniões denominacionais
- m) Presença em Congressos, Seminários e Convenções
- n) Sessões administrativas
- o) Audiências
- p) Conferências evangelísticas ou teológicas
- q) Campanhas
- r) Entradas e saídas de membros

Obviamente, poderá haver outros detalhes no relatório do pastor, mas os acima são os principais. Para que esse relatório seja fidedigno e exato, é necessário que o pastor anote diariamente em sua agenda ou diário todos os fatos que ocorrem na vida eclesiástica e pastoral. Quando o relatório é preparado dá para se notar quanta coisa foi realizada, em quantas atividades o pastor se envolveu, não apenas em nível local, mas no Estado, no país e no mundo.

11.15.2 O RELATÓRIO DOS DEPARTAMENTOS

É importante que todos os departamentos apresentem seu relatório por escrito, para que a Igreja tenha condições de averiguar a eficiência e eficácia de cada um. Esse relatório dos departamentos pode ser elabora-

do pelo pastor ou por uma comissão por ele presidida. Nesse relatório deve-se publicar as diretorias das organizações. Nesse relatório cada organização apresenta as suas atividades realizadas, suas conquistas, suas dificuldades e seu relatório. Se há membros que se destacaram nos departamentos, deve-se fazer uma menção positiva. Fotos e fitas de vídeos podem ser acoplados ao relatório das organizações.

O relatório da tesouraria é também fundamental pois a Igreja pode ter uma visão do que ocorreu durante todo o ano. Gráficos, quadros comparativos e similares são de fundamental importância nesse relatório. Ao se ter uma visão geral de como a igreja investiu no ano findo, poder-se-á em reuniões próprias para isso, deliberar sobre possíveis mudanças no orçamento da igreja.

CAPÍTULO XII



A VIDA PASTORAL

12.1 SUA VIDA PARTICULAR

A questão fundamental na vida do pastor é a sua espiritualidade. Ele tem muitas responsabilidades na igreja e na vida de sua congregação e deve ter uma vida espiritual sadia e frutífera, caso contrário, estará fadado ao insucesso. O pastor é alguém que tem responsabilidades espirituais para com sua própria pessoa, sua família, sua igreja e sociedade. A razão principal do fracasso de tantos obreiros é a sua falta de espiritualidade.

Para se alcançar uma vida espiritual plena, é necessário que o pastor se entregue diariamente ao estudo da palavra de Deus. A Bíblia Sagrada é a fonte de alimento para si mesmo e para as pessoas da igreja. Quando se descuida do estudo da Palavra de Deus, abre-se caminho para a derrota, para o fracasso, para o pecado e para a destruição de seu ministério. As grandes personalidades cristãs, as quais tiveram um grande sucesso, sempre estiveram em contato vivo com a palavra de Deus. Basta citar homens como Agostinho, Lutero, Calvino, Moody, Whitefield, Wesley, Jorge Müller e Billy Graham, dentre tantos outros.

Outra grande ferramenta que o pastor tem à sua disposição diariamente é a oração. A oração é a alavanca das vitórias em todas as batalhas. É através dela que confessamos a Deus nossos pecados, nossas falhas, nossas negligências, nossos pecados. É através dela que intercedemos pelo povo que está sob a nossa responsabilidade. Através dela apresentamos a Deus as nossas necessidades, nossas angústias, nosso sofrer. Através dela também adoramos a Deus, exaltamos seu santo nome, mantemos uma comunhão profunda com o Altíssimo. A Bíblia sempre apresenta homens vitoriosos como sendo homens de oração e de profunda comunhão com Cristo.

Outro aspecto de importância fundamental é a sexualidade do pastor. Por ocupar uma posição de destaque é natural que muitas mulheres se sintam atraídas por ele. Muitas delas vivem infelizes no casamento idealizando um marido perfeito. Então, pensam que o pastor é perfeito ou quase perfeito! É necessário, portanto, que o pastor cultive bem o seu casamento e procure viver o mais feliz possível com sua esposa para que as tentações não lhe atinjam a alma.

O pastor deve sempre cultivar bons pensamentos a fim de que sua mente esteja sempre ocupada com coisas boas. Uma mente suja, lasciva, com desejos libidinosos e sensuais é a chave para uma vida moral promíscua, para o adultério e a fornicação. O pastor que chega a concretizar um adultério e venha a ser descoberto, terá arrumado para si um ponto muito negativo em seu ministério que, dependendo do caso, pode nunca mais se levantar ou tornar seu ministério profícuo como antes. Portanto, o pastor deve ter os olhos abertos, a mente pura e o coração voltado para Deus e sua família.

Ligado com o assunto acima está a família pastoral. Seu lar deve ser inteiramente consagrado a Deus. Sua esposa deve ser uma mulher cristã, compromissada com Jesus, que verdadeiramente ame ao seu marido e que o auxilie em seu trabalho. Ela deve ser dedicada, humilde, zelosa, fiel, perseverante e constante ajudadora de seu marido. Auxiliar o marido não quer dizer que ela vá fazer tudo na igreja, mas que sirva ao Senhor com os dons que Dele recebeu. É comum que muitas igrejas façam um estereótipo da esposa do pastor e exigir que ela desenvolva algumas funções, tais como: música, Escola Dominical, Sociedade de Senhoras e assim por diante. Isso pode ser um crime contra a personalidade da esposa do pastor. Ela não tem de fazer tudo, nem fazer aquilo que algumas pessoas acham que ela deve fazer, mas sim, atuar nas áreas em que ela tem preparo ou seja eficiente.

O lar do pastor deve ser um exemplo para os demais lares da igreja. Em seu lar devem imperar a ordem, a paz, a harmonia, o trabalho e a santidade. É interessante notar também que muitas igrejas fazem um estereótipo de “filho de pastor” e exigem uma santidade exagerada ou um comportamento de adulto para os filhos adolescentes do pastor. Eles são filhos normais como os demais filhos da igreja. Devem ser exemplo, mas não se deve cobrar aquilo que foge à normalidade. Eles não são beatificados, são seres humanos comuns, normais, como os demais. O pastor deve educar os filhos no temor do Senhor e deve ser um exemplo para eles em termos de espiritualidade, moralidade e idoneidade.

Uma outra área em que o pastor deve ser um exemplo é na área das finanças. Infelizmente tem crescido muito o número dos pastores que estão se destruindo e trazendo

desastre para o corpo de Cristo por causa de questões financeiras. O pastor deve ser um mordomo de tudo aquilo que recebe de Deus e da Igreja. Alguns não são dizimistas fiéis. Como pode um pastor solicitar aos membros que cooperem, que dizimem, se eles mesmos não participam financeiramente com a igreja? Outros atuam como verdadeiros mercenários. Exigem altos salários ou quando se transferem de igreja, o fazem por questões salariais. Outros fazem de sua igreja um “bico”, um local para poderem aparecer, sem votar o amor e o trabalho que ela merece.

Há outros pastores que não pagam suas dívidas e isso tem sido um péssimo exemplo. Há lugares em que pastor não tem direito a crédito, exatamente pelos maus exemplos que passaram pela cidade ou região. O pastor deve evitar contrair dívidas. Mas se o fizer, deve resgatá-la no prazo combinado. Obviamente que há imprevistos, doenças, mas sempre se deve andar com os gastos previstos dentro do orçamento. O pastor não deve ser desorganizado financeiramente, nem ficar comprando coisas além do seu orçamento financeiro, pois isso trará complicações futuras.

Outra coisa a se evitar é a utilização de dinheiro da igreja em negócios pessoais. Isso acontece principalmente quando o pastor controla as finanças da igreja. Aí é que vem a tentação. Para atender uma necessidade imediata, um imprevisto, ou para acertar seus negócios, ele lança mão do dinheiro da igreja, esperando devolvê-lo o mais cedo possível. A tentação sempre aparece novamente e ele vai cada vez mais lançando uma quantia maior e os degraus de sua destruição estão sendo galgados. Quem peca nessa parte, perde o respeito e a consideração dos outros. Quem peca nessa área, fica marcado para um vida toda e, provavelmente, nunca se levantará para ser o líder que era antes.

12.2 SUA CLÍNICA PASTORAL E VISITAÇÃO

Uma das grandes tarefas do pastor é aconselhar. O aconselhamento pastoral tem sido de grande valia no ministério pastoral. O ministério vocacional exige que o pastor tenha o Dom do aconselhamento. Quando o pastor sabe usar com sabedoria o aconselhamento, é muito bem sucedido no ministério. Bradbury, citado por Ferreira, afirma que o pastor deve ter consciência de que este ministério pertence àqueles que procuram o bem-estar das pessoas, objetivando compreender seus problemas e orando por elas e pelos problemas que surgem. Com o aconselhamento, ele terá a oportunidade de ajudar a “curar os quebrantados de coração” e a dar vida espiritual àqueles que estejam como uma brasa que não mais apresenta calor. Com a brisa de um aconselhamento legítimo, calcado na Bíblia, a vida que se achava como que inativa, volta a ter utilidade, volta a ter calor indispensável a uma vida cristã real. Os angustiados recorrem ao conselho pastoral por não encontrarem solução para o seu drama. Os que querem se casar e estão com certas dúvidas também pedem ajuda ao pastor. Os que perdem emprego ou têm uma grande desilusão na vida também clamam por ajuda. Muitos procuram ao pastor solicitando ajuda com referência aos negócios, à vocação, aos problemas conjugais, problemas sentimentais.¹

Jesus Cristo realizou a maior parte de Sua grandiosa obra com indivíduos. Ele tinha carisma para atrair as multidões e muitas vezes o fez, mas Ele empreendeu tempo investindo em indivíduos. Em contrapartida, as pessoas estão tremendamente necessitadas e querem conversar parti-

¹ FERREIRA, E. S. Manual da Igreja e do Obreiro. Rio de Janeiro : JUERP, 1993.

cularmente com conselheiros completamente dignos de confiança. Elas possuem determinados problemas de personalidade que são semelhantes a certos abcessos ruinosos que precisam de ser drenados para fora do organismo para que este obtenha alívio. Então, o conselheiro cristão pode e deve fazer sondagens dentro das mentes perturbadas, aliviando-as da opressão causada por sentimentos reprimidos, que atuam como fatores negativos, danosos e, em alguns casos, pecaminosos.

Há bons motivos para que o pastor desempenhe a função de conselheiro. Os quatro principais são:

a) A ministração de conselhos imita o ministério que Cristo realizou na terra. É só comparar o grande número de entrevistas que Cristo teve com o número de sermões que Ele proferiu às multidões.

b) A ministração de conselhos multiplica o número de amigos. Quanto mais o pastor comprehende o seu povo e este se apercebe de seu diligente empenho, amplia-se e aprofunda-se o círculo de amizades.

c) A ministração de conselhos robustece a Igreja. Quando se estabelece o devido equilíbrio da ministração de conselhos com outros aspectos da atividade do pastor, toda esta atividade se tornará mais eficaz e isto significa um conseqüente fortalecimento a comunicar-se ao conjunto inteiro da organização da Igreja.

d) A ministração de conselhos determina que os pastorados se façam mais longos. Com um ministério mais semelhante ao de Cristo, maior número de amigos e as igrejas mais fortalecidas, fazem-se mais apreciavelmente longos os pastorados.

Um fator importante a ser considerado é que há um maior número de pessoas que sofrem aflições por causa de perturbações mentais e emocionais do que daquelas que sofrem de enfermidades físicas. Um número considerável dos que vivem a se queixar de precária saúde física tem, na verdade, perturbações que são mais de ordem mental em sua origem. Muitas preocupações, que são, quase sempre, desnecessárias, causam úlceras, gastrites, câncer, hipertensão, doenças cardíacas e assim por diante. Outras vezes, atrás dos distúrbios mentais se encontram velados os distúrbios espirituais. Em alguns casos os conceitos religiosos inexatos resultam na ansiedade mental e esta, por seu turno, dá origem a distúrbios físicos, os quais o paciente pode confundir como sendo a dificuldade principal.

O ministro cristão conta com uma ajuda que a maioria dos psiquiatras, psicólogos e médicos não conta ou não emprega. Ele tem um conhecimento mais exato a respeito de Deus, a respeito do amor de Deus, do perdão e da graça de Cristo. Tem, também, conhecimento do mais digno alvo proposto a todas as aspirações humanas. Possui o poder da oração como instrumento para aplicar o auxílio sobre-humano à solução dos males que afligem a humanidade.

Há aqueles que procuram o pastor pedindo conselhos na área espiritual. A verdade é que aqueles que procuram salvação nem sempre se exprimem de modo tão claro, sendo necessário, portanto, que o pastor penetre nos desejos reais do consulente. Uma busca muito grande nessa área vem do grupo de estudantes, os quais vivem em ambientes ateístas e de pessoas que zombam do evangelho. Os estudantes cristãos muitas vezes se acham desassistidos, pois a maioria dos colegas e dos professores ou professam o ate-

ísmo ou são contra o cristianismo. O dever do pastor é ouvir os seus estudantes, fazendo-lhes sugestões que concoram para a manutenção do auto-respeito do estudante e de sua fé religiosa e dar encorajamento e confiança aos mesmos para que enfrentem a tais pessoas com dignidade cristã.

Outros jovens há que se apresentam diante do pastor pedindo conselhos sobre sua vocação. O pastor deve estar preparado com sugestões bem atuais quando se fizer necessário. Há excelentes livros que tratam da orientação vocacional e o pastor pode se valer deles para seu próprio aprendizado e para sugerir a leitura aos seus jovens. Há determinados líderes que se encontram em várias ocupações e profissões usualmente dispostos a discutir a respeito de seu trabalho com os jovens interessados.

Uma área muito procurada em aconselhamento é sobre o casamento. Tanto noivos que estão se preparando para ingressarem no matrimônio quanto pessoas que possuem casamentos problemáticos ou falidos irão procurar ajuda pastoral. Quanto ao conselho pré-nupcial deve-se destacar que ele é uma necessidade absoluta. Os jovens precisam de conselhos pré-nupciais e as questões que devem ser discutidas são as seguintes: a fé religiosa dos noivos, as origens das famílias, o ambiente social, os dotes físicos, o nível de educação, os interesses culturais, as preocupações recreativas, a compatibilidade de gênios e os ajustamentos econômicos.²

Quanto aqueles que possuem problemas em seu casamento, o conselheiro deve procurar ler bons livros sobre o casamento e o lar cristão. Com isso ele estará cada vez mais

² ANDERSON, S. E. *Cada pastor um conselheiro*. Rio de Janeiro: Casa Publidiadora Batista, 1963. p.32.

habilitado para auxiliar, acompanhar e aconselhar famílias ou casais que estejam passando por momentos de infelicidade. Palestras, pregações, convidados especiais e grupos de casais que se reúnem para discutir sobre assuntos comuns de matrimônio são alguns exemplos de como se pode fortalecer os laços familiares dos membros das igrejas. O pastor deve perceber quando um casamento não vai bem e tentar ajudar o casal. Às vezes o casal não procura o pastor; então o pastor deve procurá-lo: É melhor ajudar o quanto antes, pois depois de uma certa altura as coisas ficam sobremaneira difíceis.

A separação e o divórcio aumentam assustadoramente em nossos dias. O divórcio não é da vontade absoluta de Deus. A ordem de Deus sempre foi o casamento; o divórcio é permissão divina, por causa da dureza do coração dos homens. Não se pretende aqui fazer uma análise teológica e bíblica sobre o assunto, apenas passaremos algumas orientações para o conselheiro quando se deparar com esse tipo de problema. Alguns fatores que levam à separação:

- a) Casamento sem a devida preparação.
- b) Infidelidade de um dos cônjuges ou de ambos.
- c) Egoísmo.
- d) Independência econômica das mulheres.
- e) Infância infeliz.
- f) Cônjuges emocionalmente imaturos.
- g) Diferenças culturais e religiosas.
- h) Desajustamentos sexuais.
- i) Casamentos forçados.
- j) Residir com parentes, especialmente com os pais.
- k) Embriaguez, uso de drogas ou vida desocupada.

O conselheiro deve descobrir quais os motivos maiores que estão levando o casal à separação ajudá-lo em suas dificuldades, sempre apresentando o perdão como o grande atenuante nas dificuldades.

Outro problema dentro dessa área relaciona-se com aquelas pessoas que já possuem uma certa idade e vivem solteiras ou sozinhas. Esse tipo de pessoas possui problemas que lhe são peculiares, alguns dos quais muito sérios e difíceis. Essas pessoas necessitam de uma sólida amizade na qual possam confiar e da qual possam haurir o almejado alento para as suas situações particulares.

Há dentro da área de aconselhamento pessoas que se encontram em situação financeira embaraçosa. Muitos perdem bens ou propriedades por causa de acidente, incêndio, desemprego ou por enfermidade na família. O pastor deve ajudar de alguma forma os que estão passando por dificuldades financeiras. O pastor deve orar pela pessoa que está em dificuldade, pregar mensagens relacionadas ao assunto e dar provas de simpatia e palavras de encorajamento que podem ser ministradas junto com observações acerca das aves dos céus, que não semeiam nem colhem. Se o pastor goza da confiança de seus membros, ele pode chegar como amigo e indagar como a pessoa está passando financeiramente. Assim sendo, seus membros terão boa disposição em discutir sobre suas finanças, orar e buscar uma saída para o problema. Normalmente as igrejas possuem um fundo de Beneficência para ajudar os membros que estejam em dificuldade. Alguns casos poderão ser beneficiados, outros casos receberão ajuda de pessoas amigas e irmãs em Cristo, as quais, condoídas, sentem o desejo e a obrigação de ajudar.

Outro fator importantíssimo no relacionamento individual com os membros da igreja é a visitação. O pastor precisa aprender a arte da visitação. Obviamente que em grandes centros urbanos ela não é tão exigida quanto no interior, mas mesmo assim, ela contribui para o fortalecimento dos crentes, contribui para o progresso da igreja e enriquece as experiências do pastor. Claro que em igrejas grandes o pastor não pode visitar demais e descuidar do púlpito e de outras atividades importantes. Do outro lado, não dá para descuidar dessa importante atividade pastoral. As visitas não são feitas somente a lares, mas também aos hospitais, presídios, escolas e assim por diante.

Existem vários tipos de visitas. Os mais comuns são:

- a) Fortalecer os enfraquecidos na fé.
- b) Consolar famílias que perderam algum ente querido.
- c) Confortar e orar pelo membro que se acha enfermo.
- d) Trazer algum interessado à igreja.
- e) Evangelizar.
- f) Atender uma necessidade social.
- g) Promover uma amizade maior com a família visitada.

Há uma certa ética na visitação e o pastor deve respeitá-la, portando-se com muita sabedoria. Algumas dicas importantes são:

- a) É melhor ouvir que falar. Alguns perdem o controle e acabam por falar coisas comprometedoras. É interes-

sante ouvir do membro suas idéias, suas necessidades, suas dúvidas. O pastor já fala “demais” na igreja e no púlpito; agora é hora de ouvir o povo.

b) Deve-se guardar sigilo absoluto das confidências que são feitas.

c) Deve-se buscar um horário em que a família toda esteja em casa, principalmente o marido. Não é aconselhável o pastor homem visitar um mulher quando o marido não está em casa. O mesmo acontece com a pastora: ela não deve visitar quando a esposa não está em casa;

d) Deve-se dirigir a conversa em tornos de assuntos espirituais. Claro que outros assuntos são importantes, mas dependendo da motivo da visita, os assuntos espirituais têm a preferência. O pastor deve orar, ler a Bíblia, aconselhar, dirimir dúvidas e assim por diante.

Na visita, o pastor deve diagnosticar o problema, apresentar a solução e a terapêutica correta. A visitação deve ser feita com toda a sabedoria; caso contrário, o visitado terá a mesma decepção que se observa nos doentes que vão aos consultórios médicos e voltam desanimados.

12.3 AJUDANDO O PASTOR NO ACONSELHAMENTO - TEXTOS POR ASSUNTOS

Aborto - Salmos 139.13,14.

Administração do tempo - Romanos 13.11-14; 2 Tessalonicenses 2.6-12; Tiago 4.13-17; e, 1 Pedro 4.1-11.

Adultério - Hebreus 13.4; Romanos 13.8-10; 1 Coríntios 7.1-5; 1 Tessalonicenses 4.1-8; e, Provérbios 6.32.

Aflição - 2 Coríntios 1.3-4; 2 Coríntios 4.7-18; Filipenses 4.4-9; 1 Pedro 5.1-11.

Afrontas - Romanos 12.17-21; Mateus 18.15-22; Efésios 4.31,32; e, Colossenses 3.1-17.

Alcoolismo - Efésio 5.18; Romanos 13.11-14; Gálatas 5.13-26; e, Tito 2.1-5.

Amizades prejudiciais - Salmos 1.1; Provérbios 1.10-15; 1 Coríntios 15.33; 2 Coríntios 6.15.

Amor ao próximo - 1 Pedro 1.22-23; Mateus 22.34-40; 1 João 3.16-18.

Anti-semitismo - Colossenses 3.11; Efésios 2.14.

Atribulado - Salmos 37.5; Salmos 50.15; João 16.33.

Batalha Espiritual - Efésios 1.15-23; Efésios 6.10-18; Tiago 4.6,7; Colossenses 1.13; 1 Pedro 5.8-10.

Batismo - Mateus 28.18-20; Atos 2.37-47; Atos 6.1-4; 1 Coríntios 12.12,13.

Bíblia - 2 Pedro 1.20-21; 2 Timóteo 3.16-17; Hebreus 4.12-13; 1 Pedro 1.24.25.

Conflitos com os outros - Romanos 12.17-18; 1 Coríntios 6.1-11; Filipenses 2.1-11; Colossenses 3.15-17.

Controle da Língua - Efésios 4.29; Tiago 3.1-12; 1 Pedro 3.8-12.

Culpa pelo pecado - 1 João 1.8-9.

Crises - Salmos 32.8; Salmo 94; Isaías 55.6-9.

Depressão - Filipenses 4.16,17; 2 Coríntios 1-3-11; Efésios 4.25-32; 1 João 1.5; 1 João 2.2.

Descontentamento - 1 Timóteo 6.6-10; Filipenses 4.10-20; Hebreus 13.5-6; Tiago 4.1-10.

Dificuldades - 2 Coríntios 4.17-18; 2 Timóteo 3.10-17; Tiago 1.2-8; 1 Pedro 5.7.

Direção de Deus - Tiago 1.5-8; 2 Timóteo 3.14-17; Colossenses 3.1-17; Hebreus 13.17.

Disciplina de Deus - 1 Coríntios 11.17-32; Hebreus 12.3-12; Apocalipse 2-3.

Disciplina na Igreja - Mateus 18.15-22; 1 Coríntios 5.9-13; 2 Coríntios 2.5-11; Gálatas 6.1.

Divisão na Igreja - 1 Coríntios 3.1-9; Efésios 4; Filipenses 2.

Divórcio e Repúdio - Mateus 5.31-32; Mateus 19.1-12; Marcos 10.1-12; 1 Coríntios 7.10-16.

Egoísmo - Filipenses 2.4; 1 Coríntios 10.24; 2 Coríntios 5.15; 1 João 3.16-18.

Excesso de trabalho - Marcos 6.30-32; 1 Tessalonicenses 4.11-12; 2 Tessalonicenses 3.6-15.

Finanças - 2 Coríntios 9.8; Mateus 6.24-34; 2 Coríntios 8; 2 Coríntios 9; Filipenses 4.10-20.

Filhos - Efésios 6.4; Marcos 10.13-16; Provérbios 22.6; 2 Timóteo 3.15-17.

Fraqueza - Hebreus 4.14-15; Tiago 5.16; Salmo 27.

Homossexualismo - Romanos 1.25-27; 1 Coríntios 6.9-11; Tiago 1.13-18.

Idade Avançada - Isaías 40.31; Salmo 70; Salmo 90.

Impaciência - 2 Pedro 1.5-7; Gálatas 6.9; Hebreus 6.11-12; Tiago 5.7-10.

Indiferença - João 13.34,35; Hebreus 10.19-35; 1 João 4.7-21; Apocalipse 2.1-7.

Ingratidão - 1 Tessalonicenses 5.18; Efésios 1.3-14; Filipenses 4.6-9; Colossenses 1.3-8.

Imoralidade - 1 Coríntios 7.8,9; 1 Coríntios 6.18-20; 1 Tessalonicenses 4.1-12; Hebreus 13.4.

Insônia - Salmo 3.4,5; Salmo 121; Provérbio 3.24.

Intranqüilidade - João 14.27; 2 Coríntios 4.7-18.

Jugo desigual - 2 Coríntios 6.14,15.

Materialismo - Mateus 6.19-21; 1 Timóteo 6.7-8.

Mentiras - Efésios 4.25; Atos 5.1-11; 1 Timóteo 4.1-5.

Mundanismo - João 17.14-18; Tito 2.11.15; Tiago 4.1-12.

Obediência aos Pais - Lucas 2.51,52; Efésios 6.1-4; 2 Timóteo 3.

Oração - Mateus 7.7-12; Mateus 6.5-18; Tiago 4.1-12; 1 João 3.21-24.

Orgulho - Romanos 12.16; Romanos 12.3; João 13.1-20; Filipenses 2.1-18.

Triste, desanimado, abandonado - Josué 1.9; Mateus 11.28-30; João 14.

12.4 SUA ÉTICA³

O pastor deve ter alguns princípios que norteiem sua vida. Ele deve ser um exemplo para aqueles a quem procura liderar e servir. Sendo assim, ele deve em sua conduta pessoal:

³ Essas orientações são extraídas, em sua maioria, do Código de Ética do Ministro Batista.

- a) Cultivar uma vida devocional sadia, lendo diariamente a Bíblia e orando.
- b) Esforçar-se para conservar-se física e emocionalmente em condições de realizar a obra a qual foi chamado.
- c) Ser justo para com a família e dar a ela o tempo e a consideração que merece.
- d) Fazer o possível para viver dentro de seu orçamento, sendo pontualíssimo no pagamento de seus compromissos financeiros, sendo honesto em qualquer transação financeira.
- e) Progredir intelectualmente através de leituras, estudos e cursos.
- f) Não ter amor desordenado ao dinheiro.
- g) Ser um exemplo nas conversas e atitudes.
- h) Evitar envolver-se emocionalmente com pessoas do sexo oposto.
- i) Evitar a aquisição de literatura, filmes e revistas obscenas.
- j) Manter um relacionamento saudável com o seu cônjuge.

O Pastor também deve manter um bom relacionamento com a igreja a que está servindo. Ele possui enormes responsabilidades para com ela. Dentre todas, podem ser destacadas as seguintes:

- a) Usar conscientemente o tempo.
- b) Entregar mensagens que representam o melhor de seus esforços.
- c) Pregar sempre as convicções, nunca as dúvidas.
- d) Tratar as pessoas com amor e diplomacia.

- e) Manter espírito cristão para com pessoas de outras denominações.
- f) Não ser demasiadamente exigente para com os líderes e as pessoas da igreja.
- g) Não ser intransigente em seus pontos de vista, exceto em questões fundamentais da fé cristã.
- h) Não violar segredos que lhe forem confiados.
- i) Ser imparcial no pastorado.
- j) Evitar, na medida do possível, qualquer identificação com partidos políticos.
- k) Não deixar o pastorado, sem conhecimento prévio da igreja.
- l) Não se ausentar da igreja sem notificá-la ou sem sua autorização.
- m) Jamais usar o dinheiro da igreja para fins pessoais, mesmo com o intuito de repô-lo brevemente.

Outro aspecto importante é o relacionamento do pastor com os seus colegas. Aqui deve-se ter um cuidado tremendo, pois a inveja, o orgulho e a soberba podem destruir o ministério pastoral tanto seu próprio quanto de outros. Algumas orientações básicas são:

- a) Não criticar, sem amor, sem necessidade e sem conhecimento, os colegas de ministério, muito menos o pastor que o antecedeu na igreja.
- b) Evitar freqüentes visitas e contatos com a igreja de onde se retirou.
- c) Não subestimar colegas que tenham feito curso abreviado de teologia ou nenhum curso.
- d) Não subestimar colega por causa de preconceito racial.

- e) Ter atitude respeitosa com os colegas, especialmente os mais idosos.
- f) Ao discordar dos colegas, fazê-lo com elegância e amor.
- g) Cooperar com os colegas na medida do possível.
- h) Jamais fazer proselitismo, especialmente de membros de igreja dos colegas.
- i) Não se intrometer em assuntos da igreja do colega;
- j) Não aceitar convites para realizar casamentos ou dirigir cerimônias fúnebres na igreja de um colega ou de membros de sua igreja, exceto em casos de emergência;
- k) Estar sempre pronto a receber conselhos e repreensão, seja de colegas de ministério, seja de irmãos leigos, toda vez que a conduta for repreensível;
- l) Não passar adiante nenhuma notícia desabonadora a respeito de um colega, sem estar absolutamente certo da veracidade do rumor. Mesmo que a notícia seja verdadeira, não a divulgar como mexeriqueiro.
- m) Não ter inveja do ministério fecundo do colega; pelo contrário, orar para que Deus continue a abençoá-lo.
- n) Prover uma oferta a qualquer colega que for convidado para pregar em sua igreja; lembre-se: ele tem despesas de locomoção e boa vontade para vir pregar.

12.5 SEUS LIVROS

As Sagradas Escrituras fazem muitas referências a livros. A Bíblia mesmo é o livro por excelência e há várias recomendações à obrigação de se ler. Em 2 Timóteo 4.13 o autor afirma: "Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os

pergaminhos.” O que se depreende dessa passagem é que o autor das Pastorais os estimava muitíssimo. A leitura é para o espírito o que pão é para o corpo. A leitura alimenta, nutre, fortifica e ilumina o pensamento para que a visão espiritual seja ampliada.

Deve haver uma relação muito íntima entre o pastor e os livros. O pastor deve ser uma pessoa que deve se aplicar à leitura de bons livros por diversas razões:

a) Para seu crescimento: Mais do que qualquer outra pessoa, o pastor deve procurar aumentar dia-a-dia, seu cabedal cultural e espiritual. Ele não deve, em hipótese alguma, ficar confiado só no que aprendeu na época de estudante de teologia ou daquilo que aprendeu há anos atrás. O pastor deve procurar cursos de reciclagem, em nível de pós-graduação e correlatos. O pastor que estuda e que lê está muito mais capacitado para enfrentar os problemas modernos e a oferecer à sua igreja subsídios para enfrentar as vicissitudes da vida.

b) Para ter maiores oportunidades: Quanto mais preparo tiver o obreiro, maiores serão as oportunidades que se lhe aparecerão. Dois grandes exemplos bíblicos são Moisés e o apóstolo Paulo. Devido ao seu preparo, Moisés pôde realizar a tão nobre tarefa que Deus lhe entregara. Ele era instruído em toda a sabedoria dos egípcios (Atos 7.22). O apóstolo Paulo foi o homem que recebeu esmerada educação, como ninguém na época neotestamentária. É fácil notar, por exemplo, os ensinos profundos e abrangentes sobre os mais variados assuntos. Isso porque era um homem apegado à leitura e aos estudos. Obviamente, nada vale a leitura e o estudo sem a santa inspiração de Deus, mas Deus sempre trabalha com aquilo que temos, nunca

com aquilo que não temos. Outro dado é que Deus releva a nossa incapacidade, mas nunca a nossa preguiça. Aquilo que precisamos fazer, devemos fazer. É, portanto, imprescindível a aplicação à leitura e ao estudo para termos maiores oportunidades de servir no Reino de Deus.

c) Para ter uma influência maior na sociedade: O ministro religioso deve estar com o pensamento à frente daqueles que o cercam. O pastor que sempre estuda terá mais facilidade em estender a sua liderança na igreja e fora dela. Com isso, ele será sempre respeitado pelos bons estudos, boas palestras e ótimas mensagens que traz ao povo. Ele é alguém habilitado para falar em conferências, aniversários, casamentos, debates, simpósios, seminários e assim por diante. Suas mensagens sempre terão novidade, originalidade e força. Isso fará dele uma pessoa com tremenda influência nas pessoas, não somente na igreja, mas também fora dela.

Entretanto, ser uma pessoa aplicada aos estudos e à leitura não é tarefa fácil. Ainda mais que o pastor é alguém voltado ao povo, com inúmeros compromissos e a tendência é de relaxar com a leitura. Há determinados fatores que inibem a leitura e precisa-se tomar cuidado com elas:

a) Falta de tempo: O maior empecilho para a leitura é a famosa falta de tempo. Há tempo para tudo; pelo menos tenta-se arrumar tempo. Mas, para a leitura, quase nunca se tem tempo. Os pastores devem manter uma disciplina acirrada para que haja tempo para a leitura. Os membros da igreja precisam ser educados em aprender a saber quando não telefonar ao pastor. Muitos membros de igreja possuem a idéia que pelo fato de pagarem os seus pastores, eles estão 24 horas por dia disponíveis para deveres trivi-

ais, que poderiam ser feitos por outras pessoas, ou então, postergados.

b) Preguiça: Isso não é incomum; infelizmente é uma triste realidade: há pastores que não lêem por pura preguiça. Gastam o tempo em tudo, menos na leitura. A preguiça mental leva o pastor ao descrédito. A preguiça é a mãe de todos os vícios. Cada tipo de trabalho ou profissão tem os seus instrumentos. O ministério pastoral tem os seus instrumentos: os livros.

c) Falta de recursos financeiros: Há muitos pastores e obreiros que gostariam muito de se aplicar à leitura. Entretanto, as condições financeiras não os favorecem. Na maioria dos casos, o pastor nem ganha o suficiente para manter a sua prole alimentada ou com as condições básicas de sobrevivência. E, as igrejas, muitas vezes, não se importam com isso, achando muitas vezes que um livro na mão do pregador é objeto de luxo, bastando a Bíblia e o Hinário nas mãos, nada mais. As igrejas precisam entender que ao ajudar o pastor a formar boa biblioteca e dar tempo aos estudos, os resultados serão para as próprias igrejas como orvalho e chuva sobre as plantações, que as fazem crescer e frutificar no tempo próprio.

12.6 BIBLIOGRAFIA BÁSICA DO PASTOR⁴

Esta seria uma bibliografia básica do pastor no que tange ao seu trabalho pastoral. Obviamente, existe muito mais literatura, especialmente na área teológica, mas no que diz respeito às questões eclesiásticas, acredita-se ser essa uma boa bibliografia para uso do pastor. A ordem apresentada

⁴ A maioria das sugestões vieram da Revista Administração Eclesiástica.

de cada referência bibliográfica é a seguinte: a) nome do livro; b) nome do autor; c) editora. Não se pretende dar a referência completa de cada livro, pois ficaria extremamente extensa essa parte do livro.

I - ADMINISTRAÇÃO PESSOAL

1. *Os Sete Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*, Covey, Best Seller.

2. *Se você Não tem Tempo Para Fazer Direito, Quando Achará Tempo Para Fazer de Novo?*, Mayer, Record.

3. *Outra Reunião?*, Neto, COP Editora.

4. *Planejamento Descomplicado*, Sloma, Círculo do Livro.

5. *Estratégias do Pensamento*, Wood, Círculo do Livro.

6. *Como Aprender Mais - Desenvolva Suas Capacidades Potenciais*, Dudley, Círculo do Livro.

7. *Um "Toc" na Cuca - Técnicas Para Quem Quer Ter Mais Criatividade na Vida*, Scatamacchia, Cultura Editora.

II - VERSÕES BÍBLICAS

1. *Versão Revisada*, IBB

2. *Revista e Atualizada*, SBB

3. *Linguagem de Hoje*, SBB

4. *Bíblia Vozes*, Vozes

5. *Bíblia de Jerusalém*, Paulinas

6. *Bíblia Pastoral*, Paulinas

7. *Bíblia - Tradução Ecumênica*, Loyola

8. *Bíblia Loyola*, Loyola

III - DICIONÁRIOS BÍBLICOS, CÂNON E INTRODUÇÕES BÍBLICAS

1. *Manual Bíblico*, Halley, Vida Nova.
2. *Dicionário Bíblico*, Davis, JUERP.
3. *O Novo Dicionário da Bíblia*, Vida Nova.
4. *Examinais as Escrituras*, 6 vols., Baxter, Vida Nova.
5. *Atlas da Bíblia*, Paulinas.
6. *Pequeno Atlas Bíblico*, Dowley, Mundo Cristão.
7. *Quadros Cronológicos do Velho Testamento*, Walton, Imprensa Batista Regular.
8. *A Bíblia, Fato ou Fantasia?*, Drane, Bom Pastor.
9. *Versões da Bíblia, Por Que Tantas Diferenças?*, Ekdahl, Vida Nova.
10. *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita*, Beekman e Callow, Vida Nova.
11. *A Bíblia Scofield, Ligeira Avaliação*, Ribeiro, Luz Para o Caminho.
12. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, Boice, Vida Nova.
13. *Como Nos Veio a Bíblia?*, Goodspeed, Metodista.
14. *A Bíblia - Palavra de Deus ou Palavra de Homens?*, Wolff, Moltmann e Bohren, Sinodal.
15. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*, Rost, Paulinas.
16. *Qumrã*, Pouilly, Paulinas.
17. *Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto*, Shanks, Imago.
18. *A Comunidade de Qumran e a Igreja do Novo Testamento*, Schelke, Paulinas.
19. *Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*, Orrú, Vida Nova.
20. *A Importância da Literatura Apocalíptica*, Rowley, Paulinas.

21. *Concordância Bíblica Exaustiva*, Jacobs e Vilela.

IV - LÍNGUAS BÍBLICAS

1. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*, Hollenberg e Budde, Sinodal.
2. *Noções de Hebraico Bíblico*, Mendes, Vida Nova
3. *Estudos do Vocabulário do Antigo Testamento*, Mitchel, Vida Nova.
4. *Estudos na Bíblia Hebraica*, Bacon, Vida Nova.
5. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico Português*, Kirst, Sinodal e Vozes.
6. *Noções do Grego Bíblico*, Rega, Vida Nova.
7. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*, Rienecker e Rogers, Vida Nova.
8. *Léxico do NT Grego/Português*, Gingrich e Danker, Vida Nova.
9. *Estudos do Vocabulário do Novo Testamento*, Pinto e Metzger.
10. *Gramática Sintática do Grego do NT*, LaSor, Vida Nova.

V - COMENTÁRIOS BÍBLICOS

1. *O Novo Comentário da Bíblia*, Vida Nova.
2. *A Coleção Introdução e Comentário*, da Vida Nova e Mundo Cristão. São de diversos autores. Os volumes são vermelhos (ou vinho) para os livros do Antigo Testamento e azuis para o Novo Testamento.
3. *Gênesis 1-11 - A Humanidade em Sua Origem*, Cimosa, Paulinas.
4. *Os Patriarcas - Gênesis 12-36*, Michaud, Paulinas.
5. *A Fraternidade Que Salva - Gênesis 37-50*, Bonora, Paulinas.

6. *Gênesis*, Dattler, Paulinas.
7. *Jacó e Nós*, Krinetzki, Paulinas.
8. *Comentários de vários livros do Antigo Testamento escritos pelo Pr. Antonio Neves de Mesquita*-JUERP.
9. A coleção “*Como Ler o Livro de...*”, Paulinas. São livretes que trazem uma visão panorâmica de cada livro da Bíblia, mostrando sua estrutura e sua teologia. Boa parte deles resvala para o campo social e para a teologia da libertação, mas fornecem uma excelente visão global de cada livro da Bíblia.
10. *Levítico e Números*, Cimosa, Paulinas.
11. *Estudando o Livro de Levítico e a Epístola aos Hebreus*, Turnbull, Casa Editora Presbiteriana.
12. *Rute*, Mesters, Metodista, Vozes e Sinodal.
13. *A Mensagem de Rute*, Atkinson, ABU.
14. *Rute*, Every-Clayton, Missão e Encontrão.
15. *Ester, a Mulher Que Enfrentou o Palácio*, Gallazzi, Metodista, Vozes e Sinodal.
16. *Neemias e a Dinâmica da Liderança Eficaz*, Barber, Vida.
17. *Neemias: Um Profissional a Serviço do Reino*, Freston, ABU.
18. *O Deus Indisponível*, Heinem, Paulinas (excelente estudo sobre Jó).
19. *Jó*, Terrien, Paulus.
20. *Caminhos da Sabedoria*, Mouser, JUERP (estudos em Provérbios).
21. *A Mensagem de Eclesiastes*, Kidner, ABU.
22. *Quando Tudo Não é o Bastante*, Kushner, Nobel (estudos em Eclesiastes; o autor é um rabino).
23. *Coélet*, Ravasi, Paulinas (estudos em Eclesiastes).
24. *Muito Além da Futilidade*, Hubbard, Missão (estudos em Eclesiastes).

25. *Isaías 1-39*, Croatto, Metodista, Sinodal e Vozes.
26. *O Livro de Isaías*, Barros, Metodista.
27. *O Livro da Consolação de Israel e os Profetas da Volta do Exílio (estudos em Isaías 40-66 e Esdras, Neemias e os pós-exílicos)*, Steiman, Paulinas.
28. *A Justiça Social nos Profetas*, Sicre, Paulinas.
29. *Os Profetas e os Livros Proféticos*, VV. AA., Paulinas.
30. *Profetas I, Isaías e Jeremias*, Schökel e Diaz, Paulinas.
31. *Profetas II, Ezequiel, Profetas Menores, Daniel e Outros*, Schökel e Diaz, Paulinas.
32. *Jeremias, o Testemunho de um Mártil*, Boggio, Paulinas.
33. *Jeremias*, 3 vols., Kirst, Igreja Evangélica de Confissão Luterana.
34. *Jeremias, Seu Ministério, Sua Mensagem*, Plampin, JUERP.
35. *Ezequiel, Um Sacerdote Profeta*, Monari, Paulinas.
36. *O Profeta Ezequiel*, Asurmendi, Paulinas.
37. *A Mensagem de Daniel*, Wallace, ABU.
38. *A Estátua e a Pedra*, Litz, JUERP (estudo sobre Daniel).
39. *Os Profetas Menores*, Feinberg, Vida.
40. *Justiça e Esperança Para Hoje - A Mensagem dos Profetas Menores*, Pape, ABU.
41. *Os Profetas Menores*, Kunstman, Concórdia.
42. *A Mensagem de Oséias*, Kidner, ABU.
43. *A Mensagem de Amós*, Motyer, ABU.
44. *Amós - Textos Selecionados*, 2 vols., Kirst, Igreja Evangélica de Confissão Luterana.
45. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações, Sofrimento, Protesto e Esperança*, Bonora, Paulinas.
46. *Obadias e Sofonias, Nossos Contemporâneos*, Coelho Filho, JUERP.

47. *Jonas, Nossa Contemporânea*, Coelho Filho, JUERP.
48. *Atualidade de Miquéias, Um Grande Profeta Menor*, Maillot e Leliévre, Paulinas.
49. *Miquéias, Nossa Contemporâneo*, Coelho Filho, JUERP.
50. *Do Temor à Fé*, Lloyd-Jones, Vida (estudo em Habacuque).
51. *Habacuque, Nossa Contemporâneo*, Coelho Filho, JUERP.
52. *Ageu e Malaquias*, Wolf, Vida.
53. *Ageu*, Schwantes, Metodista, Sinodal e Paulinas.
54. *Ageu, Nossa Contemporâneo*, Coelho Filho, JUERP.
55. *Malaquias, Nossa Contemporâneo*, Coelho Filho, JUERP.
56. *A Bíblia - Mateus, Chouraqui, Imago* (é uma tradução literal feita por Chouraqui). Além de Mateus, ele traduziu todo o Pentateuco, Cantares e os quatro evangelhos. A tradução literal é muito boa porque ajuda a “ver” o que está sendo dito. Há boas notas de rodapé, também.
57. *O Evangelho de S. Marcos*, Myers, Paulinas.
58. *Comentário ao Evangelho de S. Marcos*, Battaglia, Uricchio, Lancellotti, Vozes.
59. *Marcos*, Hurtado, Vida Nova.
60. *O Evangelho Segundo Marcos*, Schniewind, União Cristã.
61. *Comentário ao Evangelho de S. Lucas*, Boccali e Lancellotti, Vozes.
62. *A Teologia de Lucas*, Pikaza, Vozes.
63. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, Dodd, Paulinas.
64. *O Evangelho Segundo João*, Pack, Vida Cristã.
65. *João*, Michaels, Vida.
66. *O Prólogo do Quarto Evangelho*, Feuillet, Paulinas.

67. *O Evangelho de S. João*, Mateos e Barreto, Paulinas.
68. *A Mensagem de Atos*, Stott, ABU.
69. *Atos dos Apóstolos*, Neves, C. Editora Presbiteriana.
70. *Atos dos Apóstolos*, Erdman, C. Editora Presbiteriana.
71. *A Mensagem de Romanos 5-8*, Stott, ABU.
72. *Como Ser Cristão Sem Ser Religioso*, Ridenour, Mundo Cristão.
73. *A Carta aos Romanos*, Cranfield, Paulinas.
74. *A Mensagem de 1Coríntios*, Prior, ABU.
75. *Coríntios Fala Hoje*, Oliver, Missão.
76. *Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios*, Erdman, C. E. Presbiteriana.
77. *Segunda Epístola aos Coríntios*, Comblin, Metodista, Sinodal e Vozes.
78. *A coleção de Martin Lloyd-Jones sobre Efésios*, da PES.
79. *A Mensagem de Efésios*, Stott, ABU.
80. *A Epístola aos Efésios Alexander*, Casa da Bíblia.
81. *Efésios*, Hendriksen, C. E. Presbiteriana.
82. *Filipenses*, Hendriksen, C. E. Presbiteriana.
83. *Alegrai-vos No Senhor*, Shedd, Vida Nova (um estudo em Filipenses).
84. *Filipenses*, Weingäertner, Missão e Encontrão.
85. *Filipenses*, Bruce, Vida.
86. *A Epístola de Paulo aos Colossenses*, Penisi e Bost, Vida Cristã.
87. *1 e 2 Timóteo*, Weingäertner, Missão e Encontrão.
88. *Tu, Porém, A Mensagem de 2 Timóteo*, Stott, ABU.
89. *Depois do Sacrifício - Estudo Prático da Carta aos Hebreus*, Lighfoot, Vida Cristã.
90. *Epístola aos Hebreus*, Lighfoot, Vida Cristã.
91. *A Carta aos Hebreus*, Dattler, Paulinas.

92. *Tiago, Nossa Contemporâneo*, Coelho Filho, JUERP.
93. *As Epístolas de Pedro*, Cothenet, Paulinas.
94. *A Primeira Epístola de Pedro*, Barth, Sinodal.
95. *Apocalipse, Arquitetura em Movimento*, Ellul, Paulinas.
96. *Apocalipse*, Vanni, Paulinas.
97. *A Mensagem do Apocalipse*, Stott, ABU.
98. *Apocalipse de João*, Erdman, C. E. Presbiteriana.
99. *Análise Escatológica do Apocalipse de João*, Silva, sem editora.
100. *A Soberania de Deus na História - A Mensagem e Significado do Apocalipse*, MacDowell, JUERP.
101. *A Mensagem do Apocalipse - Digno é o Cordeiro*, Summers, JUERP.

VI - INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO E TEOLOGIA DO AT

1. *O Tempo Que Se Chama Hoje*, Guen, Paulinas.
2. *Antigo Testamento, Porta do Evangelho*, Monloubou, Paulinas.
3. *Para Entender o Antigo Testamento*, Bettancourt, Santuário.
4. *OMundo do Antigo Testamento*, Packer, Tenney e White Jr., Vida.
5. *Merece Confiança o Antigo Testamento*, Archer, Vida Nova.
6. *A História de Israel*, Schultz, Vida Nova.
7. *História de Israel*, Bright, Paulinas.
8. *Bíblia - Antigo Testamento*, Wolff, Paulinas
9. *Abraão*, Collin, Paulinas.
10. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Zahar (ed.) Zahar.
11. *Guia Conciso do Judaísmo*, Rosenberg, Imago.

12. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*, Schlesinger, Paulinas.
13. *O Culto do Antigo Testamento - Sua Relevância Para os Cristãos*, Santos, Vida Nova.
14. *Povo, Terra e Deus*, Wright, ABU.
15. *Profetismo*, V. AA. Sinodal.
16. *A Fé em Israel*, Rowley, Paulinas.
17. *O Pentateuco*, Hoff, Vida.
18. *Profecia: Fato ou Ficção* - Daniel na Cova dos Críticos, McDowell, Candeia.
19. *O Profetismo - Das Origens à Época Moderna*, Asurmendi, Paulinas.
20. *O Judaísmo Tardio - História Política*, Paul, Paulinas.
21. *Teologia do Antigo Testamento*, Westerman, Paulinas.
22. *Teologia do Antigo Testamento - Questões Fundamentais no Debate Atual*, Hasel, JUERP.
23. *Teologia do Antigo Testamento*, Kaiser, Vida Nova.
24. *Teologia do Velho Testamento*, Crabtree, JUERP.
25. *Profetas Ontem e Hoje*, Lohfink, Paulinas.
26. *O Antigo Testamento e Jesus Cristo*, Westernann, Paulinas.
27. *Povos e Nações do Mundo Antigo - Uma História do Velho Testamento*, Mesquita, JUERP.
28. *Mensagens do Antigo Testamento Para Nossos Dias*, Kellet, JUERP.
29. *Antropologia do Antigo Testamento*, Wolff, Loyola.

VII - PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO

1. *O Período Interbíblico*, Tognini, Louvores do Coração.
2. *O Que é Intertestamento*, Paul, Paulinas.

VIII - INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO E TEOLOGIA DO NT

1. *Introdução ao Novo Testamento*, Crabtree, JUERP.
2. *Merece Confiança o Novo Testamento?*, Bruce, Vida Nova.
3. *O Mundo do Novo Testamento*, Dana, JUERP.
4. *Jerusalém no Tempo de Jesus - Pesquisas da História Econômico-Social no Período Neotestamentário*, Jeremias, Paulinas.
5. *O Pai-Nosso: A Oração do Senhor*, Jeremias, Paulinas.
6. *A Mensagem Central do Novo Testamento*, Jeremias, Paulinas.
7. *O Sermão da Montanha*, Jeremias, Paulinas.
8. *Isto é o Meu Corpo*, Jeremias, Paulinas.
9. *O Fundador do Cristianismo*, Dodd, Paulinas.
10. *Teologia do Novo Testamento*, Jeremias, Paulinas.
11. *Teologia do Novo Testamento*, Ladd, JUERP.
12. *Síntese Teológica do Novo Testamento*, Kümmel, Sinodal.
13. *Teologia dos Milagres de Jesus*, Santos, JUERP.
14. *O Evangelho da Redenção*, Conner, JUERP.
15. *Dicionário de Teologia do NT*, 4 vols., Vida Nova.

IX - TEOLOGIA SISTEMÁTICA

1. *Dicionário de Teologia*, 6 vols., Loyola.
2. *Encyclopédia Histórico-Teológica*, 3 vols., Vida Nova.
3. *Encyclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, 6 vols. Champlin e Bentes, Candeia.
4. *Esboço de Teologia Sistemática*, Langston, JUERP.

5. *Conheça a Verdade*, Milne, ABU.
6. *Conciso Dicionário de Teologia Cristã*, Erickson, JUERP.
7. *A História das Doutrinas Cristãs*, Berkhof, PES.
8. *Vocabulário de Deus*, Packer, Fiel.
9. *A Justiça da Fé*, Iwand, Sinodal.
10. *A Solidariedade da Raça - O Homem em Adão e em Cristo*, Shedd, Vida Nova.
11. *Teologia dos Princípios Batistas*, Landers, JUERP.
12. *O Evangelho Segundo Jesus*, MacArthur Jr., Fiel.
13. *Nossa Suficiência em Cristo*, MacArthur, Jr., Fiel.
14. *A Vida diária nos Tempos de Jesus*, Daniel-Rops, Vida Nova.
15. *Teologia das Religiões*, Teixeira, Paulus.
16. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã - Origem e Desenvolvimento*, Kelly, Vida Nova.
17. *Teologia dos Reformadores*, George, Vida Nova.
18. *Manual de Teologia Sistemática*, Zacarias Severa, A. D. Santos.
19. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal*, Stanley Horton, CPAD.
20. *O Batismo Bíblico e a Trindade*, Olson, CPAD.
21. *Quem é Deus*, Silva, CPAD.
22. *Teologia Sistemática de Finney*, Finney, CPAD.
23. *Doutrinas Bíblicas*, Horton, CPAD.
24. *O Tabernáculo e a Igreja*, Almeida, CPAD.
25. *A Cruz de Cristo*, Stott, Vida.
26. *Fundamentos de Teologia Cristã*, Keeley, Vida.
27. *A Bíblia que Jesus Lia*, Yancey, Vida.

X - SOFRIMENTO, MAL, ENFERMIDADES

1. *O Problema do Sofrimento*, Lewis, Mundo Cristão
2. *Por Que Sofrer?*, Gestenberger e Scharage, Sinodal.
3. *O Enigma do Mal*, Wenham, Vida Nova.
4. *Mal em Bem*, Vassão, Luz Para o Caminho.
5. *Doença, Universalidade, Benefícios e Obrigações*, Ryle, PES.
6. *O Mal, Um Desafio à Filosofia e a Teologia*, Ricoeur, Papirus.
7. *Cristo e o Sofrimento Humano*, Jones, Vida.
8. *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas*, Kushner, Círculo do Livro (um estudo em Jó, feito por um rabino).
9. *O Bem e o Problema do Mal*, Stella, Metodista.
10. *Mal, o Lado Sombrio da Realidade*, Sanford, Paulinas.
11. *Deus Quer o Sofrimento?*, Zuchetto, Paulinas.

XI - ESCATOLOGIA

1. *Opções Contemporâneas na Escatologia*, Erickson, Vida Nova.
2. *O Milênio - O Que Não É, O Que É*, Fletcher, Missões Unidas.
3. *O Pré-Milenismo Dispensacionalista a Luz do Amilenismo*, Schaly, JUERP.
4. *Milênio, Significado e Interpretações*, Clouse, Luz Para o Caminho.
5. *Depois da Morte*, Voke, ABU.
6. *Morte, Jüngel*, Sinodal.
7. *A Vida Futura Segundo o Novo Testamento*, Gourges, Paulinas.
8. *Morte e Vida na Bíblia*, Marchadour, Paulinas.
9. *A Segunda Vinda - Uma Análise do Pós-*

tribulacionismo, Silva, Vida Nova.

10. *Breve História da Escatologia Cristã*, Schaly, JUERP.
11. *Vida Para Além da Morte*, Boff, Vozes.
12. *Onde Estão os Mortos?*, Humbard, sem editora.
13. *Esperança e Escatologia*, Lepargneur, Paulinas.
14. *Israel no Fim dos Tempos*, Jaffin, Candeia.
15. *O Que Jesus Ensina Sobre o Fim do Mundo?*, Mussner, Paulinas.
16. *E Depois... Vida ou Nada? - Ensaio Sobre o Além*, Aubert, Paulus.
17. *Imortalidade*, Shedd e Piaratt (eds.), Vida Nova.
18. *A Escatologia do Novo Testamento*, Shedd, Vida Nova.
19. *A Vida no Além*, Summers, JUERP.
20. *A Bíblia e o Futuro*, Hoekema, Cultura Cristã.

XII - TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

1. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*, 2 vols., Mondin, Paulinas.
2. *Os Teólogos da Libertação*, Mondin, Paulinas.
3. *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*, Hordern, JUERP.
4. *Teologia da Libertação*, Guimarães, JUERP.
5. *Jesus, o Libertador*, Sander, Sinodal.
6. *Libertação da Teologia*, Segundo, Loyola.
7. *Teologia da Libertação*, Gutiérrez, Vozes.
8. *Antropologia Teológica*, Mondin, Paulinas.
9. *Igreja, Carisma e Poder*, Boff, Vozes.
10. *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*, Boff, Ática.
11. *Protestantismo e Repressão*, Alves, Paulinas.
12. *Da Esperança*, Alves, Papirus.

13. *A Gestação do Futuro*, Alves, Papirus.
14. *O Suspiro dos Oprimidos*, Alves, Paulinas.
15. *O Enigma da Religião*, Alves, Vozes.
16. *Dogmatismo e Tolerância*, Alves, Paulinas.
17. *Fé Cristã e Ideologia*, VV. AA., Unimep e Metodista.

XIII - ÉTICA EM GERAL

1. *Desafios Éticos*, VV. AA., Conselho Federal de Medicina.
2. *Decisões de Vida e Morte*, Orr, Schiedemayer e Biebel, JUERP.
3. *Projeto de Ética Mundial*, Küng, Paulinas.
4. *Excelentíssimos Senhores*, Amorese, Ultimado.
5. *Fé Bíblica e Crise Brasileira*, Freston, ABU.
6. *Pornografia, Uma Resposta Cristã*, Court, Vida Nova.
7. *Aborto*, Wilke e Sra., Paulinas.
8. *Ética Cristã*, Silva, JUERP.
9. *Ética da Decisão*, Forell, Sinodal.
10. *O Que é Aborto*, Prado, Brasiliense.
11. *O Que é Contracepção*, Kloetzel, Brasiliense.
12. *O Que é Ecologia*, Lago e Pádua, Brasiliense.
13. *Cristãos Ricos em Tempos de Fome*, Sider, Sinodal.
14. *A Ética dos Dez Mandamentos*, Reifler, Vida Nova.

XIV - FILOSOFIA E FILOSOFIA DA RELIGIÃO CRISTÃ

1. *Fundamentos da Filosofia - Ser, Saber e Fazer*, Cotrim, Saraiva.
2. *Filosofando, Aranha e Martins*, Editora Moderna.
3. *A Ateísmo Moderno*, Siegmund, Loyola.
4. *Ateísmo*, Leite Filho, JUERP.

5. *O Existencialismo*, Foulquié, DIFEL.
6. *O Que é Existencialismo*, Penha, Brasiliense.
7. *Tenor e Tremor*, Kierkegaard, Ediouro.
8. *O Cristianismo no Banco dos Réus*, Chapman, Vida Nova.
9. *Filosofia e Fé Cristã*, Brown, Vida Nova.
10. *A Morte da Razão*, Schaeffer, Fiel.
11. *O Mundo de Sofia*, Gaarder, Cia. Das Letras.
12. *Desafio da Pós-Modernidade*, Faus, Paulinas.
13. *Dicionário de Filosofia*, Russ, Scipione.
14. *Curso de Filosofia*, 3 vols., Mondin, Paulinas.
15. *Introdução à Filosofia*, Mondin, Paulinas.
16. *Entendendo as Religiões Seculares*, McDowell e Stewart, Candeia.
17. *Entre a Vida e a Morte*, Efferding, Abba.
18. *A Sabedoria da Filosofia*, Abbagnano, Vozes.
19. *Paidéia*, Jaeger, Herder.
20. *Introdução à Filosofia - Uma Perspectiva Cristã*, Geisler e Feinberg, Vida Nova.
21. *História da Filosofia Cristã*, Boeherner e Gilson, Vozes.
22. *O Pensamento Medieval*, Inácio e Lucca, Ática.
23. *Filosofia da Religião*, Zillies, Paulinas.
24. *Ateísmo*, Leite Filho, JUERP.
25. *Deus, Sonho ou Realidade?* Zanini, Loyola.
26. *Introdução ao Pensamento Filosófico*, VV.AA., Loyola.

XVI - APOLOGÉTICA

1. *Todos os livros de Francis Schaeffer*, publicados por editoras diversas.
2. *101 Perguntas Que as Pessoas Mais Fazem Sobre Jesus*, Stewart, JUERP.
3. *103 Perguntas Que as Pessoas Mais Fazem Sobre Deus*, Stewart, JUERP.
4. *Evidência que Exige um Veredito*, McDowell, Candeia.
5. *Quebra-Cabeças - Perguntas Difíceis Que os Cristãos Fazem*, Neff (org.), Mundo Cristão.
6. *Fim de Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-Modernidade na Igreja*, Gondim, Abba.
7. *Apologia da Fé Cristã*, Almeida, CPAD.
8. *Sete Mitos Sobre o Cristianismo*, Larsen, Vida.
9. *Darwin e Sua Macacada*, Hill, Vida.
10. *Todos os livros da série “Conhecendo”*, publicados pela A.D. Santos Editora.

XVII - DONS ESPIRITUAIS

1. *O Que é Pentecostalismo*, Rolim, Brasiliense.
2. *Quebrando as Maldições Hereditárias*, Rodovalho, Koinonia.
3. *Conhecendo a Congregação Cristão do Brasil*, Milton, A. D. Santos Editora.
4. *Novos Limiares da Fé*, Hagin, Graça Editorial.
5. *O Espírito Santo na Bíblia, na História, na Igreja*, Harbin, JUERP.
6. *A Blasfêmia Contra o Espírito Santo (ou o Pecado Imperdoável)*, Pereira Filho, C. E. Presbiteriana.
7. *O Dom de Línguas e de Profecias*, Nogueira, Cultura Cristã.

8. *Problemas da Renovação Carismática*, Oliveira, edição do autor.
9. *Teologia do Espírito Santo*, Bruner, Vida Nova.
10. *O Espírito Santo Hoje*, Santos, Missão Presbiteriana no Brasil.
11. *Os Carismáticos*, MacArthur Jr., Fiel.
12. *Movimento Moderno de Línguas*, Gromacki, JUERP.
13. *O Espírito Santo*, Graham, Vida Nova.
14. *As Manifestações do Espírito Santo*, Schaly, JUERP.
15. *O Espírito Santo no Livro de Atos*, Dana, JUERP.
16. *O Espírito Santo na Experiência Cristã*, Grane, JUERP.
17. *O Triplo Segredo do Espírito Santo*, McConkey, JUERP.
18. *A Verdadeira Obra do Espírito*, Edwards, Vida Nova.
19. *O Evangelho da Nova Era*, Gondim, Abba.
20. *Cristianismo em Crise*, Romeiro, Mundo Cristão.
21. *Evangélicos em Crise*, Hanegraaff, CPAD.
22. *Supercrentes*, Romeiro, Mundo Cristão.
23. *A Crise de Integridade*, Wiersbe, Vida.
24. *O Dedo de Deus ou os Chifres do Diabo?*, Pieratt, Vida Nova.
25. *O Evangelho da Prosperidade*, Pieratt, Vida Nova.
26. *O Espírito Santo*, Purim, JUERP.
28. *Pentecostais no Brasil - Uma Interpretação Sócio-Religiosa*, Rolim, Vozes.
29. *O Avivamento Pentecostal*, Horton, CPAD.
30. *O Que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo*, Horton, CPAD.
31. *Nos Domínios do Espírito*, Souza, CPAD.

XVIII - SEITAS E RELIGIÕES

1. *O Caos das Seitas*, Baalen, Imprensa Batista Regular.
2. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*, Mather e Nichols, Vida.
3. *Todos os livros de Tácito da Gama Leite Filho*, editados pela JUERP.
4. *As Novas Seitas*, Woodrow, Paulinas.
5. *Religiões da Humanidade*, Piazza, Loyola.
6. *O Lótus e a Cruz - Hinduísmo e Cristianismo*, Cintra, Paulinas.
7. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, 6 vols. Eliade, Zahar.
8. *O Catolicismo Romano Através dos Tempos*, Perez, JUERP.
9. *Catolicismo: Verdade ou Mentira*, A. D. Santos, A. D. Santos.
10. *Conheça as Marcas das Seitas*, Breese, Fiel.
11. *A Morte de um Guru*, Maharaj, Vida Nova e Esperança.
12. *Seria Cristão o Mormonismo?*, Frase, Imprensa Batista Regular.
13. *Conhecendo o Islamismo*, Abdala, A. D. Santos.
14. *Quem São Eles?*, Routh, JUERP.
15. *A Ioga Diante da Bíblia*, Dossmann, Ação Bíblica do Brasil.
16. *O Abalo do Adventismo*, Paxton, JUERP.
17. *Religiões Mundiais*, Landers, JUERP.
18. *A Verdade Sobre o Sábado*, Milton, A. D. Santos.
19. *Conhecendo a Astrologia e as Ciências Adivinhatórias*, Milton, A. D. Santos.
20. *Conhecendo as Doutrinas dos Mórmons*, Silva, A. D. Santos.

21. *Conhecendo o Esoterismo e o Ocultismo*, Milton, A. D. Santos.
22. *Símbolos da Nova Era*, Milton, A. D. Santos.
23. *Seitas: Heresias do Nossa Tempo*, Martins, A. D. Santos.
24. *Perigos Ocultos da Nova Era*, Milton, A. D. Santos.
25. *Conhecendo os Testemunhas de Jeová*, Vera Lauer, A. D. Santos.
26. *Nova Era: Enigma de Satanás*, Xavier, A. D. Santos.
27. *Como Entender a Nova Era*, Martin, Vida.
28. *Como Entender a Pós-Modernidade*, Ayres, Vida.
29. *Desmascarando as Seitas*, Romeiro, CPAD.
30. *Quebra de Maldição*, Lima, CPAD.

XIX - ESPIRITISMO, OCULTISMO E DEMONISMO

1. *Cultos Afros: Umbanda, Quimbanda e Candomblé*, Milton, A. D. Santos.
2. *Conhecendo a Astrologia e as Ciências Adivinhatórias*, Milton, A. D. Santos.
3. *Conhecendo o Esoterismo e o Ocultismo*, Milton, A. D. Santos.
4. *Espiritismo*, Milton, A. D. Santos.
5. *As Vidas Imaginárias de Shirley MacLaine*, Smith, Vida.
6. *O Que é o Vale do Amanhecer À Luz da Bíblia*, Souza, sem indicações.
7. *O Que é Espiritismo*, Jacintho, Brasiliense.
8. *O Que é Umbanda*, Birman, Brasiliense.
9. *Orixás, Caboclos e Guiás*, Macedo, Universal Produções.
10. *Maçonaria e Fé Cristã*, Horrel, Mundo Cristão.
11. *Reencarnação ou Ressurreição*, Snyder, Vida Nova.

12. *O Mundo, a Carne e o Diabo*, Shedd, Vida Nova.
13. *O Adversário*, Bubeck, Vida Nova.
14. *Deus, Espíritos e Magia Num Contexto Africano*, Graf. Loyola.
15. *Reencarnação, Geisler e Amano*, Mundo Cristão.
16. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec, Federação Espírita Brasileira.
17. *Os Fatos Sobre OVNIS e Outros Fenômenos Sobrenaturais*, AnKerberg e Weldon, Chamada da Meia-Noite.
18. *Entendendo o OCULTO*, McDowell e Stewart, Candeia.
19. *Nova Era - Um Perigo Para os Católicos*, Rath, Edições Louva-a-Deus.
20. *Candomblé e Umbanda - O Desafio Brasileiro*, Cintra, Paulinas.
21. *Macumba - Cultos Afro-Brasileiros*, CNBB Leste 1, Paulinas.

XIX - HISTÓRIA DA IGREJA E DO PROTESTANTISMO

1. *As Catacumbas de Roma*, Scott, CPAD.
2. *Os Bagby do Brasil*, Harrison, JUERP.
3. *Protestantismo no Brasil Monárquico*, Ribeiro, Pionneira.
4. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, Mendonça e Velasques Filho, Loyola.
5. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, Ribeiro, Casa Editora Presbiteriana.
6. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, Vieira, Editora da Universidade de Brasília.
7. *Antonio Teixeira de Albuquerque*, Oliveira, edição da autora.

8. *As Cruzadas Inacabadas*, Azevedo, Gêmeos.
9. *Heróis Cristãos*, 2 vols., VV. AA., União Feminina.
10. *Cronologia da História Eclesiástica*, Williams, Vida Nova.
11. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, 10 vols., González, Vida Nova.
12. *João Calvino Era Assim*, Halsema, Casa Editora Presbiteriana.
13. *Lutero*, Lessa, Casa Editora Presbiteriana.
14. *Martim Lutero*, Funck-Bentano, Vecchi.
15. *A Atualidade dos País da Igreja*, Benoit, Aste.
16. *Documentos da Igreja Cristã*, Bettenson, Aste.
17. *O Cristianismo Através dos Séculos*, Cairns, Vida Nova.
18. *Uma história Ilustrada do Cristianismo*, Gonzáles, Vida Nova.
19. *História da Igreja Cristã*, Walker, Aste.

XX - HERMENÊUTICA, HOMILÉTICA E COMUNICAÇÃO

1. *Mensagens de Poder*, Silva, 2 volumes, A. D. Santos.
2. *Pregando Com Poder*, Santos, 6 volumes, A. D. Santos.
3. *Temário do Pregador*, Silva, 3 volumes, A. D. Santos.
4. *Socorro! Tenho Que Preparar Um Sermão*, Augusto, A. D. Santos.
5. *Homilética, a Eloquência da Pregação*, Silva, A. D. Santos.
6. *Como Ordenar as Idéias*, Boaventura, Ática.
7. *Técnicas de Comunicação Escrita*, Blikstein, Ática.
8. *Rudimentos da Homilética*, Kirst, Paulinas.
9. *Pregação no Espírito*, Kinlaw, Betânia.
10. *O Púlpito Criativo*, Gonçalves, JUERP.
11. *A Pregação Bíblica*, Robinson, Vida Nova.

12. *A Técnica da Comunicação Humana*, Penteado, Pioneira.
13. *Comunicação de Massa e Desenvolvimento*, Schramm, Bloch.
14. *Você Quer Falar Melhor?*, Bloch, Bloch.
15. *Anatomia da Comunicação*, Thompson, Bloch.
16. *Como Preparar Mensagens Bíblicas*, Braga, Vida.
17. *Como Estudar a Bíblia*, Braga, Vida.
18. *Prega a Palavra*, Lachler, Vida Nova.
19. *O Sermão Eficaz*, Crane, JUERP.
20. *A Exegese e Suas Falácias*, Carson, Vida Nova.
21. *Estudo Bíblico Exegético*, Ramsey, JUERP.
22. *A Interpretação Bíblica*, Zuck, Vida Nova.
23. *Hermenêutica*, Lund e Nelson, Vida.
24. *Hermenêutica*, Virkler, Vida.
25. *Cristãos Usando os Meios de Comunicação Social - Telehomilética*, Brose, Paulinas.
26. *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita*, Beekman e Callow, Vida Nova.
27. *Pregando Sobre os Problemas da Vida*, Perry e Sell, JUERP.
28. *Como Obter Êxito na Comunicação do Evangelho*, Jardim, Vida.
29. *Como Preparar Sermões*, Dantas, CPAD.
30. *Esboços de Sermões e Estudos Bíblicos*, Oliveira, CPAD.

XXI - DEVOCIONAL

Não apresentamos aqui a literatura experiencial, aquela produzida por quem teve uma experiência ou uma “visão” única e pessoal de Deus. Os livros alistados são obras de conteúdo mais elevado.

1. *O Que Significa Amar a Deus*, Colson, Betânia.
2. *A Morte e a Vida Além da Morte*, Graham, Mundo Cristão.
3. *Tempestade à Vista*, Graham, Vida.
4. *Mundo em Chamas*, Graham, Record.
5. *O Deus de Toda Consolação*, Smith, Vida.
6. *Três Passos Para a Frente*, Dois para Trás, Swindoll, Record.
7. *Quem Precisa de Deus*, Kushner, Imago (estudos por um rabino, em Salmos).
8. *Todos os livros de Tozer*, editados pela Mundo Cristão.
9. *Diálogo Com Deus*, Kennedy, JUERP.
10. *A Cruz de Cristo*, Stott, Vida.
11. *O Conhecimento de Deus*, Packer, Mundo Cristão.
12. *Avivamento*, Lloyd-Jones, PES.
13. *Sincero, Mas Errado*, Lloyd-Jones, Fiel.
14. *Por Que Prosperam os Ímpios?*, Lloyd-Jones, PES.
15. *Pai Nossa*, Amaral, CPAD.
16. *Conforto Que Vem da Cruz*, Bergman, JUERP.
17. *Preparado Para a Batalha*, Tippit, JUERP.
18. *O Fator Oração*, Tippit, JUERP.
19. *Coração Ardente*, Tippit, JUERP.
20. *Digno de Adoração*, Tippit, Vida.
21. *Se Deus Já Sabe, Por Que Orar?*, Kelly, Cultura Cristã.
22. *Oração*, Hallesby, C. E. Presbiteriana.
23. *Na Beira do Abismo*, Akins, JUERP.
24. *Titanic: O Naufrágio da Soberba*, Alves, A. D. Santos.
25. *Torturados por amor a Cristo*, Wumbrand, A. D. Santos.
26. *O Mago da Nova Era*, Arlindo Alves, A.D. Santos.

XXII - IGREJA E VIDA PASTORAL

1. *Recomendações aos Jovens Pastores e Teólogos*, Thielicke, SETE e Sepal.
2. *A Igreja em Peregrinação*, Dusilek, Horizontal.
3. *A Igreja Rumo ao Ano 2000*, Steuernagel, Missão e V. Mundial.
4. *Novos Ministros Para Uma Nova Realidade*, D'Araújo Filho, Sião.
5. *À Igreja, Com Carinho*, Coelho Filho, Missão.
6. *A Serviço do Reino*, Steuernagel (ed.), Missão e V. Mundial.
7. *O Grito dos Pobres na Cidade*, Grigg, Missão.
8. *Igreja: Forma e Essência*, Getz, Vida Nova.
9. *Igrejas Amigáveis e Acolhedoras*, Barna, Abba.
10. *A Missão da Igreja*, Steuernagel (org.), Missão.
11. *Igreja, Lugar de Vida*, Mendes, Betânia.
12. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, W. AA., ABU.
13. *As Igrejas do Novo Testamento*, MacDaniel, JUERP.
14. *Igreja Pessoa Jurídica - Registro e Controle*, Pereira, JUERP.
15. *Ultrapassando Barreiras*, Horrel (ed.), Vida Nova.
16. *Os Novos Movimentos Transconfessionais e as Igrejas*, Sinodal.
17. *Adoração na Igreja Primitiva*, Martin, Vida Nova.
18. *Disciplina na Igreja*, Shedd, Vida Nova.
19. *A Igreja: o Povo de Deus*, Shelley, Vida Nova.
20. *Igreja, Corpo Vivo de Cristo*, Stedman, Mundo Cristão.
21. *A Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina*, Assmann, Vozes.
22. *O Pastor Aprovado*, Baxter, PES.
23. *O Perfil do Pastor*, Ferreira, Âncora d'Alma.

24. *Igreja Com Propósito*, Warren, Vida.
25. *A Prática do Desenvolvimento Natural da Igreja*, Schwarz, Esperança.
26. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*, Schwarz, Esperança.

XXIII - EVANGELISMO E MISSÕES

1. *A Coleção Lausanne*, 10 vols, da ABU.
2. *A Evangelização do Brasil - Uma Tarefa Inacabada*, VV. AA. ABU.
3. *Evangelização Na Igreja Primitiva*, Green, ABU.
4. *Evangelismo Total*, Ferreira, JUERP.
5. *Estratégias Para o Crescimento da Igreja*, Wagner, Sepal.
6. *Integração Segundo o Novo Testamento*, Moore, JUERP.
7. *Evangelização Dinâmica*, Walker, Vida.
8. *A Igreja Local e Missões*, Queiroz, Vida Nova e COMIBAM.
9. *A Teologia do Evangelismo*, Autrey, JUERP.
10. *O Plano Mestre de Evangelismo*, Coleman, Mundo Cristão.
11. *Como Seguir a Jesus*, Jones, JUMOC.
12. *Missões na Bíblia*, Carricker, Vida Nova.
13. *A Transformação da Cidade*, Linthicum, Missão.
14. *O Desafio da Evangelização do Mundo - Uma Contribuição Metodológica*, Dayton, Visão Mundial.
15. *Cidade de Deus, Cidade de Satanás*, Linthicum, Missão.
16. *Como Implantar Igrejas*, Visão Mundial.
17. *Planejamento Estratégico*, Campanha, Vida.

XXIV - EDUCAÇÃO RELIGIOSA, TREINAMENTO, LIDERANÇA

1. *Teologia da Educação Cristã*, Richard, Vida Nova.
2. *Teologia do Ministério Pessoal*, Richards e Martin, Vida Nova.
3. *Cartilha Para Líderes*, Ford, JUERP.
4. *Igreja Ensinadora*, George, Luz Para o Caminho.
5. *Bases Para a Educação Cristã*, Armstrong, JUERP.
6. *Quem é Você no Corpo de Cristo?* Knight, Luz Para o Caminho.
7. *Orientando Jovens no Estudo Bíblico*, Howse, JUERP.
8. *O Uso da Preleção No Ensino e Treinamento*, Ford, JUERP.
9. *As Sete Leis do Ensino*, Gregory, JUERP.
10. *O Uso da Discussão em Grupo no Ensino e Treinamento*, Ford, JUERP.
11. *Como Ensinar a Bíblia*, Coleman, JUERP.
12. *Ensainando Para Transformar Vidas*, Hendricks, Betânia.
13. *Você Acredita em Escola Dominical?*, Gagliard, Jr., VINDE.
14. *Liderança Cristã, A Arte de Crescer com as Pessoas*, Dusilek, JUERP.
15. *Os Fundamentos da Educação Religiosa*, Sisemore, JUERP.
16. *O Ministério Educativo da Igreja*, sem indicação de autor, JUERP e Visão Mundial.
17. *Ensainando Com Êxito na Escola Dominical*, Pearlman, Vida.
18. *Como Tornar o Ensino Eficaz*, Ayres, CPAD.
19. *Escola Dominical*, Gilberto, CPAD.
20. *Manual da Escola Dominical*, Gilberto, CPAD.

21. *Manual de Ensino Para o Educador Cristão*, Gangel & Hendricks.

XXV - PSICOLOGIA DA RELIGIÃO, PASTORAL, FAMÍLIA E ACONSELHAMENTO

1. *Psicologia da Religião*, Rosa, JUERP.
2. *Quando Alguém Que Você Ama Está Morrendo*, Kopp, JUERP.
3. *Conselheiro Capaz*, Adams, Fiel.
4. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*, May, Vozes.
5. *Homossexualismo - Abordagens Cristãs*, VV. AA, Eirene do Brasil.
6. *Isto Não é Amor*, Carnes, Nova Cultural.
7. *Interação Humana*, Bolt e Myers, Vida Nova.
8. *Homossexualismo, Doença ou Perversão?*, Almeida, Vida.
9. *Incesto, Que Fazer Para Evitá-lo?*, D'Araújo Filho, Vida.
10. *Suicídio, Para Que Viver?* Almeida, Vida.
11. *Morte e Suicídio*, VV. AA., Vozes.
12. *Não Tenha Medo de Ter Medo*, Osborne, Ediouro.
13. *Aprenda a Viver Bem Com Deus e Com Seus Impulsos Sexuais*, Lutzer, Betânia.
14. *As Variedades da Experiência Religiosa*, James, Cultrix.
15. *Problemas da Família Moderna*, Rosa, JUERP.
16. *Controlando a Tv-Mania*, Perrotta, JUERP.
17. *Transar ou Não Transar?* Leoto, Abba.
18. *Conflitos da Juventude*, Nunes, JUERP.
19. *Vencendo as Crises*, Kizziar, Sepal.
20. *O Cristão Na Meia-Idade*, White, JUERP.
21. *Cuidado Pastoral em Horas de Crise*, Young, JUERP.
22. *Conflitos Humanos e Soluções Divinas*, Souza, JUERP.
23. *Relacionar-se na Família*, Souza, JUERP.
24. *Orientação Existencial do Adolescente*, Schipani, Metodista.

25. *Sexo e Adolescência*, Tiba, Ática.
26. *Vença o Medo e a Depressão*, Woorsley, Cultrix.
28. *As Alegrias do Envelhecer*, Janis, JUERP.
29. *Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico*, Crabb Jr., Refúgio.
30. *Dinheiro, Sexo e Poder*, Foster, Mundo Cristão.
31. *O Homem à Procura de Si Mesmo*, May, Vozes.
32. *Poder e Inocência*, May, Zahar.
33. *Sexo e Poder*, Mantega, Brasiliense.
34. *A Família Total*, Hindson, JUERP.
35. *Desenvolvimento da Personalidade*, Smith, McGraw-Hill do Brasil.
36. *Um Mito Moderno Sobre Coisas Vistas No Céu*, Jung, Vozes

XXVI - PARAPSICOLOGIA

1. *Mistérios e Realidades Deste e Do Outro Mundo*, Mello, Civilização Brasileira.
2. *Curandeirismo: Um Mal ou um Bem?* Quevedo, Loyola.
3. *A Face Oculta da Mente*, Quevedo, Loyola.
4. *Vida Sem Morte?* Jacobson, Círculo do Livro.
5. *Os Misteriosos Fenômenos da Psiquê Humana*, Vasiliev, Paz e Terra.

12.7 VISITA AOS ENFERMOS

Já vimos anteriormente que os membros da igreja esperam que seus pastores os visitem. Muito mais importante é a visita pastoral aos enfermos da igreja ou parentes de membros que estejam doentes. É importante esse tipo de visitação pois o pastor ou alguém da igreja pode oferecer a compaixão e a ajuda espiritual de que necessitam. Um pastor apático ou indiferente à dor alheia não é um representante digno daquele que levou nossas enfermidades e nos contempla com olhos de eterna compaixão.

Ao visitar o enfermo, o pastor estará ajudando-o a aproximar-se de Deus ou talvez, aprender a lição que está sendo ensinada mediante a enfermidade. Entretanto, o pastor deve tomar cuidado para não censurar os seus doentes, culpando-os ou ligando a enfermidade a algum pecado específico. Além disso, nunca se deve censurar os membros que recorrem aos médicos, mas deve ensinar-lhes a sempre confiar no Grande Médico, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

ALGUMAS DICAS PARA A VISITA AOS ENFERMOS:

- a) Ser breve: os doentes precisam de descanso.
- b) Fazer poucas perguntas: os enfermos estão fracos.
- c) Aproximar-se do doente com rosto complacente e com palavras ternas e bondosas.
- d) Evitar contar experiências de mortes ou fazer comparações com os casos de pessoas que já morreram.
- e) Não deixar transparecer nenhuma impressão negativa referente à condição física do enfermo.

- f) Atender o enfermo principalmente na área espiritual.
- g) Ler um trecho da Bíblia que seja confortador, usando tom suave na voz.
- h) Orar com fé pedindo a bênção divina sobre o enfermo.

O pastor deve visitar os enfermos e aflitos e tratar de incutir em seus corações textos bíblicos para serem usados pelo Espírito Santo. Deve instruir o enfermo e prepará-lo para receber sua cura pela fé e deve orar pelo enfermo confiando que Deus é poderoso para curar a pessoa. É conveniente unir-se a pessoas de fé a fim de orar pelos enfermos. Entretanto, nunca censurar alguém que não é curado, nem tampouco dizer que não teve fé suficiente para receber tal benefício. Jamais deixar transparecer que, se alguém é curado foi por causa da oração do Pastor; ou, se não foi curado, é porque a falha está no doente que não teve fé. Deve-se, acima de tudo, respeitar a soberana vontade de Deus para cada um de nós. Há muitas vezes que a vontade de Deus é diferente daquilo que imaginamos ou queremos.

ALGUNS TEXTOS APROPRIADOS PARA A LEITURA DURANTE UMA VISITA A UM ENFERMO:

- | | | |
|------------|--------------------|-----------------|
| - Salmo 23 | - Salmo 91 | - Lucas 4.16-21 |
| - Salmo 34 | - Salmos 107.17-21 | - João 10.1-10 |
| - Salmo 40 | - Isaías 53 | - João 14.1-14 |
| - Salmo 46 | - Mateus 8.16-17 | |
| - Salmo 90 | - Mateus 11.28-30 | |



CONCLUSÃO

Verifica-se que a função pastoral é por demais rica e abrangente. O ministro de Cristo possui uma vasta área de atuação, desde a função administrativa, passando pelas funções pastorais como pregação, estudos, cultos e cerimônias especiais, realização das ordenanças ou sacramentos e assim por diante. Também possui o ministro a tarefa de cuidar, aconselhar e visitar o seu rebanho.

No mundo presente é mister que o pastor seja cada vez mais bem preparado. Para tanto, ele precisa de subsídios que venham a enriquecer o seu cabedal de informações para que ele possa realizar eficazmente a sua nobre tarefa que é ajudar no crescimento do Reino de Deus. As Igrejas estão cada vez mais exigentes em termos de expectativas. Com isso, o ministro precisa não apenas ser um bom pregador, mas precisa também ser um bom administrador, uma pessoa de visão e que tenha a capacidade de desenvolver um bom ministério nas mais diversas áreas. Ou então, que a Igreja disponha de uma equipe de especialistas, cada qual cuidando de uma determinada área. Mesmo assim, é preciso que o ministro se aprofunde cada vez mais, trazendo enriquecimento às pessoas a quem pastoreia ou dirige.

Com o alto crescimento do número de evangélicos no Brasil e o surgimento cada vez maior de novas igrejas, muitos se tornam pastores e ministros com muita rapidez, devido à necessidade do momento. Tais pessoas não tiveram tempo suficiente para analisar todos os ângulos do ministério cristão. Assim sendo, orienta-se tais pastores que tenham a capacidade de estudar cada vez mais, se aprofundando no conhecimento de seu trabalho, para que possam realizar um profícuo ministério.

Por outro lado, há aqueles que após terminarem o seu curso num Seminário ou numa Faculdade Teológica, nunca mais se preocuparam com determinadas áreas do pastorado. Algumas escolas teológicas enfatizam por demais a teoria, a filosofia e às vezes não dão a devida ênfase na questão prática do ministério. Ou talvez, quando estudaram, não viram certos aspectos com aquela importância necessária. Isso tudo faz com que o pastor tenha dúvidas em determinados momentos com relação às coisas práticas do ministério pastoral.

O resultado que se tem visto no meio evangélico é uma gama diversificada de práticas pastorais, algumas delas chegando ao ponto de serem perigosas e nocivas ao próprio evangelho de Cristo Jesus. Muitas dessas práticas surgiram devido à falta de conhecimento dos próprios líderes quanto ao assunto. Outras vezes é a própria tradição que fala mais alto e se faz as coisas repetidas, não por haver um embasamento bíblico ou teológico, mas simplesmente, porque a denominação vem praticando por algumas gerações. Isso precisa mudar e só se muda quando se toma conhecimento do que é melhor, do que é correto e do que é salutar tanto para a Igreja como instituição quanto para a Igreja como Corpo de Cristo.

Minha oração é que Deus abra a visão das Igrejas e dos pastores para que juntos, possamos realizar um ministério eficiente e eficaz, com a visão celestial dada por Deus, a fim de que o Reino de Deus cresça sadio e uniforme; e, que muitas vidas sejam orientadas num caminho melhor. Que Deus dê pastores e ministros religiosos que sejam sábios, que sejam inteligentes, homens e mulheres de visão, com tremenda capacidade de pastoreio. Quanto mais os ministros de Cristo forem hábeis em todo o seu proceder, muito mais crescimento sadio encontraremos na Igreja de Cristo Jesus.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Jay E. *O conselheiro capaz*. São Paulo : Fiel, 1977.

AGUILERA, J. M. *Dinamizando a Igreja para cumprir a grande comissão*. São Paulo : ABBA, 1995.

ANDERSON, S. E. *Cada pastor um conselheiro*. Rio de Janeiro: Casa Publidiadora Batista, 1963.

BANCROFT, E. H. *Teologia elementar*. 4 ed. São Paulo : Batista Regular, 1983.

BARNA, G. *Igrejas amigáveis e acolhedoras*. São Paulo : Abba Press, 1997.

BERKHOFF, L. *Teologia sistemática*. Campinas : Luz Para o Caminho, 1990.

BRINER, B. *Os métodos de administração de Jesus*. São Paulo : Mundo Cristão, 1997.

BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1943.

CARVALHO, A. V. *Planejando e administrando as atividades da igreja*. São Paulo : Exodus, 1997.

CHAMPLIN, R. N. & BENTES J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo : Candeia, 1995. Vol.6.

CHIAVENATO, I. *Iniciação à administração geral*. São Paulo : Makron Books, 1994.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral*. São Leopoldo : Sinodal, 1987

COLLINS, G. R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo : Vida Nova, 1995.

_____. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. São Paulo : Vida Nova, 1993.

CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. Rio de Janeiro : CPF, s.d.

CRANE, J. D. *El sermon eficaz*. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1985.

DUSILEK, N. G. *Liderança cristã: a arte de crescer com as pessoas*. Rio de Janeiro : Juerp, 1996.

ENGESTROM, T. W. *Como se forma um líder cristão*. Lisboa : Publicações Cristãs, 1981.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo : Vida Nova, 1997.

ESTRADA CUESTA, L. *Manual para ministros.* El Paso : Casa Bautista de Publicaciones, 1981.

FARIA, N. M. *Introdução à administração.* Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 1979.

FARRIS, E. J. *Como tratar das exclusões.* Curitiba : Realidade Cristã, 1988.

FERREIRA, E. S. *Manual da igreja e do obreiro.* Rio de Janeiro : JUERP, 1993.

HISCOX, Edward T. *The new directory for Baptist churches.* Philadelphia : Judson, 1984.

HODGE, Charles. *The church and its policy.* London: Thomas Nelson and Sons, 1978.

KEYES, L. *Crescimento equilibrado na igreja local.* São Paulo : Sepal, 1995.

MAY, Rollo. *A arte do aconselhamento psicológico.* Petrópolis : Vozes, 1982.

MILNE0, Bruce. *Conheça a verdade.* São Paulo : ABU, 1987.

MIRANDA, C. *Manual de crescimento da igreja.* São Paulo : Vida Nova, 1994.

OLIVEIRA, T. R. *Manual de cerimônias*. Rio de Janeiro : CPAD, 1985

PEARLMAN, M. *Manual do ministro*. São Paulo : Editora Vida, 1985.

PIEPER, Franz. *Christian dogmatics*. St. Louis : Concordia, 1953. Vol.3.

PURIM, R. *A igreja de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro : Juerp, 1980.

ROBERTSON, A. T. *A vida de Jesus*. Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1948.

ROSA, M. A. *Do púlpito*. 2.ed. Curitiba : Descoberta, 1999.

SEVERA, Zacarias A. *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba : A D Santos, 1999.

SHEDD, R. *Disciplina na Igreja*. São Paulo : Vida Nova, 1995.

SILVA, Hylarino D. *O batismo nas águas*. Curitiba : A. D. Santos, 1998.

STONER, J. A. F. & FREEMAN, E. R. *Administração*. Rio de Janeiro : Prentice-Hall, 1985.

STROBEL, L. *Como alcançar aqueles que rejeitam a Deus e à igreja.* São Paulo : Vida, 1992.

STRONG, A. H. *Systematic Theology.* Philadelphia : ABP, 1907.

THIESSEN, Henry C. *Palestras em teologia sistemática.* São Paulo : IBR, 1987.

MANUAL DO PASTOR

e da Igreja



Neste livro o autor apresenta o melhor e mais atualizado
MANUAL DE PRÁTICA PASTORAL.

Tudo o que um pastor ou líder precisa saber para iniciar, organizar, administrar e conduzir uma igreja; nas áreas: eclesiástica, litúrgica ou legal; encontrando subsídios detalhados.

Nada foi esquecido. Este é um livro indispensável para Seminários Teológicos e grande aliado para o dia-a-dia do pastor.

O *Manual do Pastor e da Igreja* ajudará você a executar com sucesso a missão que Deus lhe confiou.

O AUTOR: Jaziel Guerreiro Martins é formado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, Mestre em Teologia pela Universidade de Birmingham, Inglaterra, e é doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor em Faculdades de Teologia desde 1987, leciona nas áreas de Teologia, História, Novo Testamento, Religiões e Seitas. É casado com Esther e possui duas filhas: Hadassa e Alana.

ISBN 85-7459-066-5



9 788574 590660